

BENEDITO CELSO

ADAMASTOR

Benedito Celso

ADAMASTOR

EDITORA
pontocom

SÃO PAULO • 2019

Copyright © 2019 Benedito Celso

Preparação: Sérgio Holanda
Revisão: Dalka Castanheira e André Gattaz
Diagramação: André Gattaz
Capa: Helena Phillip

EDITORA PONTOCOM

CONSELHO EDITORIAL

José Carlos Sebe Bom Meihy

Muniz Ferreira

Pablo Iglesias Magalhães

Zeila de Brito Fabri Demartini

Zilda Márcia Grícoli Iokoi

COORDENAÇÃO EDITORIAL

André Gattaz

Livro disponível para download legal e gratuito em

WWW.EDITORAPONTOCOM.COM.BR

CATALOGAÇÃO NA FONTE (CIP)

C394 Celso, Benedito
Adamastor / Benedito Celso. – São Paulo :
Editora Pontocom, 2019.

332 p. ; 21 cm

ISBN: 978-65-5049-000-3

1. Romance brasileiro I. Título.

CDD B869.3

CDU 821.134.3(81)

*A meus filhos Alessandro, Rodrigo e Fábio,
doce continuidade do amor que os gerou*

Sumário

PRIMEIRO CENÁRIO	11
SEGUNDO CENÁRIO	59
TERCEIRO CENÁRIO	105
QUARTO CENÁRIO	161
QUINTO CENÁRIO	195
SEXTO CENÁRIO	231
SÉTIMO CENÁRIO	277
OITAVO CENÁRIO	305

À Irene,
O que eu tenho em você sou apenas eu
e sinto sua vontade gritando o amor que tem para dar.
O que sou eu tenho em você:
o começo de um mundo íntimo
e o descansar de um amor obtido como se fosse tudo.
Minha vontade esbarrando nos limites do que é você.
Adormecendo em seu sono e acordando enamorado.
Perdendo-me em você para encontrá-la em mim
saciado de vida, enquanto a realidade inexiste
entre os bondes enfileirados.
O que sou em você é antes em mim um encontro
sem palavras
do que o tartamudear dos perdidos entre si.
E não será bastante encontrar-me a cada instante em que
em sendo você não formos tudo senão só nós.

Tuliano Anjos Couto

PRIMEIRO CENÁRIO

*Há uma sentinela na escotilha do tempo
porque hoje é o dia da renúncia.
Há uma chave desaparecida do portão de algum quintal
porque há a intenção de um grito.
Desde que o homem se fez homem conhece-se a audácia,
mas hoje é o dia da renúncia.
Há uma sentinela na retina dilatada dos audaciosos
e uma mordaza à frente da verdade pontiaguda,
Por isso os acenos deixaram de ter sentido
E o homem renunciou à tentativa
E fez-se isolado entre os homens,
Adormecido na nascente,
Como um gigante da história aposentado.*

I

O ano de 1964 começara assim, com ares doentios e inseguros, como que fraquejando no desenho do contorno de sua realidade. Tempos incertos e nublados. A cidade a ele se descortinava em toda sua extensão, desde o centro às mais distantes periferias, e ainda que se vissem inocentes sorrisos de uma juventude alienada, pairava sobre ela uma incerteza incomodante que fazia com que os homens andassem trôpegos por atalhos não costumeiros, remoendo dúvidas sobre um amanhã não claramente apregoado ou sobre um hoje não bem definido. Alguma coisa estranha parecia inquietá-los durante o caminhar pelos cantos e becos e aquela incerteza os incomodava nas conversas mantidas nas praças. Era como se tudo tivesse que ser feito meio às pressas ainda que não houvesse compromisso nenhum que os apressasse. Olhavam de esguelha para os lados suspeitando até de si próprios, importunados por pensamentos que iam e vinham trazendo-lhes maior inquietude.

As noites não eram recomendáveis para jornadas prolongadas e a volta mais cedo para casa era como se fosse uma forma de refugiar-se sem saber exatamente de quê. Havia uma espécie de receio pelo que poderia acontecer amanhã ou depois. Uma inquietante espera pelo que não era bem conhecido, ou uma cansativa busca pelo que nem bem se sabia o quê. Carregavam as dificuldades de dias vencidos cuja espiral inflacionária rapidamente consumia o minguado salário antes que o custoso mês acabasse, acompanhadas tão só por uma desbotada esperança de que dias melhores pudessem vir. Nas esquinas e nos bares esticavam conversas

descompromissadas, inventavam estórias inverossímeis, contavam piadas velhas, falavam de futebol e de mulheres e iam-se embora aos tropeções depois de gastarem os últimos trocados. Tais eram o contentamento e a importância de estarem juntos pelo tempo que lhes fosse permitido, que eles se despediam uns dos outros como se nos dias seguintes não fossem mais reencontrar-se às mesmas horas e nos mesmos lugares para manter a mesma conversa fiada. Não havia certeza de nada, tudo o que poderia acontecer no amanhã era incerto. Chegavam para os encontros necessitados de um bom bate-papo, de boas risadas e com ânimo de ali ficarem soltos, livres de si mesmos e da vida, mas por vezes saíam calados e com a mesma ânsia de falar e de ouvir, como se nesses encontros nada houvesse sido dito ou ouvido.

Os dias da cidade grande, chamada de Adamastor por Anjos Couto, o cadete da Força Pública, prosseguiam com o mesmo burburinho incessante que lhes era habitual, num movimento que mais lembrava o acelerado ritmo de filmes do cinema mudo. Mas não era um tempo do passado, parado e morto; era um momento presente, atual, dentro do agora, assim vívido, no qual inexplicavelmente as pessoas descontraíam-se, até mesmo em minúsculos ambientes. Ainda que por dias custosos, era preciso continuar vivendo, aceitando seu passar da forma como podiam e do jeito que dava. Precisavam acreditar nas previsões otimistas que ouviam, porque isso era uma espécie de consolo para a desesperança, ao mesmo tempo em que temiam a possibilidade de que tudo aquilo em que acreditavam jamais pudesse vir a acontecer ou ser verdade.

A promessa de congelamento de preços dos produtos alimentícios, então prometida pelo Governo Federal, ficara para depois do Carnaval, reafirmando a tradição informal de

que o ano só começa após as folias de Momo. Nesse ano só o Carnaval veio, temporariamente, anestesiar a população.

Em cada recanto da cidade respirava-se um anseio por mudanças não bem sabidas nem conscientemente premeditadas, enquanto o povo deixava-se ir sem saber exatamente por onde ou para quê. Era como se estivesse à deriva, num mar revolto, e não conseguisse definir por si mesmo qual a direção a ser tomada para lutar pela sua sobrevivência. Como se necessitasse de um guia ou condutor que o levasse a mudar ou reformar o mundo. Era uma época em que tudo a seu redor reclamava transformações que fariam com que cada vez mais ficasse difícil distinguir o que era apenas um sonho, dentro da realidade que o abatía. Volta e meia esse povo deixava-se levar por impulsos instantâneos, às vezes porque não tinha alternativas. Povo assim torna-se fácil de ser manipulado e conduzido, seja pelos que visam à derrubada de um governo, seja pelos que anseiam pela perduração de um mando bem ao gosto de governantes totalitários.

Movimentos populares começavam a se multiplicar por diversos países vizinhos com reivindicações semelhantes, nem sempre pacíficas. Instigavam-se as massas para que ocorresse um levante popular. Principalmente entre os menos instruídos, eram muitos os que se faziam catequizadores revolucionários, de esquerda ou de direita, que os induziam a acreditar que estavam tomando a direção certa ao se engajarem numa luta tida e dita como sendo por dias melhores na vida.

No princípio de fevereiro desse ano um grupo guerrilheiro de inspiração maoísta, que mais tarde daria origem ao *Sendero Luminoso*, estimulou camponeses exaltados a invadirem terras improdutivas de fazendas no Peru, provocando a decretação do estado de sítio naquele país. Em quase toda

a América do Sul o ambiente social e político era um palco propício para golpes militares, com o surgimento de políticas populistas que provocariam intervenções domésticas das forças armadas.

No Brasil intensificava-se a propaganda anticomunista e tanto a crise econômica quanto a instabilidade política e social faziam com que o país se avizinhasse de turbulências, enquanto atravessava um grave período de incertezas. Candidatos a líderes buscavam posicionar-se à frente de holofotes, para tornarem-se conhecidos das multidões. A Guerra Fria alimentava a pregação contra o perigo vermelho sob o indisfarçado patrocínio dos Estados Unidos

A tecnologia, ainda que capenga, espantou o mundo quando um satélite americano chegou às proximidades da lua, embora suas câmeras tivessem falhado e não transmitido fotos. Muitos duvidaram que isso fosse verdade, (até hoje alguns duvidam que o homem tenha chegado à Lua).

Os Beatles invadiram a América e a onda da *beatlemania* começou, com a chegada dos quatro garotos de Liverpool em solo americano. O *ié-ié-ié* passou a ser a trilha sonora de um tempo e época em que muito se falava em paz, mas que era uma paz armada com a polarização entre as forças da OTAN e os países integrantes do Pacto de Varsóvia. Na Indochina, a guerra do Vietnã, oficialmente travada entre o Vietnã do Norte, apoiado pela União Soviética, e o Vietnã do Sul, apoiado pelos Estados Unidos, entrava em seu nono ano sem nenhuma perspectiva de fim próximo.

Os meios de comunicação desenvolviam intensas campanhas contra os projetos de reformas do governo local, tido como adepto dos regimes fechados da China e de Cuba. Era o prolapado *perigo vermelho*, que as forças armadas diziam ser preciso conter. O clero, o empresariado e setores políticos

diversos organizavam-se em marchas com o propósito de depor um governo com tendências esquerdistas. A finalidade dessas marchas era mobilizar a maior quantidade possível de participantes civis para dar respaldo popular e facilitar aos militares a deflagração de um movimento de derrubada do Presidente, com apoio dos políticos e da sociedade organizada.

Patrocinado pela CIA, Padre Peyton veio ao Brasil com o claro objetivo de pregação anticomunista e de contribuição para os preparativos de um golpe militar, lançando o lema de que “Família que reza unida permanece unida”. Sua doutrina veio ao encontro do discurso de uma direita radical, segundo a qual os comunistas iriam acabar com a família e, portanto, deveriam ser insuflados os movimentos populares contra o governo. Veio ser a semente da qual germinariam outras grandes *Marchas*, sempre contrárias às propostas de reformas anunciadas pelo Presidente João Goulart no comício de 13 de março, realizado em frente ao prédio da Central do Brasil no Rio de Janeiro.

Manifestos eram distribuídos ao povo pedindo seu afastamento em face da “ameaça comunista”. Jornais como *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã* e *Diário de Notícias* pregavam abertamente a deposição do Presidente e os maiores financiadores do movimento eram notadamente as grandes oligarquias, além das multinacionais e do próprio governo estadunidense. Elevava-se em muito a temperatura política, inclusive pela suspeita de que o Presidente estaria se preparando para dar um golpe e instalar no país uma ditadura de esquerda, a ditadura do proletariado.

Sob tensão e inquietude, nos quartéis acendia-se o estopim de uma revolução contando com o apoio dos grandes proprietários rurais, da burguesia industrial paulista, de

grande parte das classes médias urbanas e do setor conservador e anticomunista da Igreja Católica.

Oficiais do Exército e das forças militarizadas estaduais eram enviados ao exterior para frequentarem cursos de curta duração no Panamá e nos Estados Unidos, onde recebiam treinamento e especialização necessários à avaliação, adaptação e instituição de novos processos e, principalmente, uma doutrinação para garantia da vigência do sistema capitalista ao modelo norte-americano, além de treinamento de técnicas essenciais para ações contrarrevolucionárias no combate ao comunismo.

De outro lado, militantes de esquerda seguiam para Cuba para breves cursos de capacitação militar e preparação para fazer uma revolução armada aqui no país. Sucediãem-se prontidões nos quartéis ante a menor hipótese de insurreição popular. Até mesmo os cadetes da Escola de Oficiais da Força Pública viriam a dormir com seus fuzis ao lado da cama como se com isso estivessem prontos para e em condições de enfrentar o “inimigo”.

II

Na Escola de Oficiais o recém incorporado cadete Anjos Couto, com apenas 20 anos, principiava, a duras penas, o enfrentamento de um severo regime interno, passando a ter suas primeiras e grandes decepções com relação à vida na caserna. O ingresso no mundo militar não constava de seus planos iniciais quando veio para a capital, e teve que optar por ele por questões de conveniência, mas a adaptação a esse meio enfrentava resistências pessoais e enormes dificuldades.

A rígida disciplina impunha-lhe até mesmo a incômoda imobilidade do corpo, proibidos os gestos e anuladas as expressões corporais com as quais não lhe era permitido dirigir-se a seus superiores hierárquicos. Obrigado a permanecer em posição de sentido enquanto falava, esse fato o fazia sentir-se como um ridículo boneco de engonço. O *slogan* era o de que em tudo deveriam preponderar a disciplina e a hierarquia, binômio indissolúvel que se sobrepunha à naturalidade do comportamento, à espontaneidade de ser, à criatividade e, sobretudo, à liberdade de pensar o contrário. Tinha que aderir a princípios como os de que “ordem não se discute, cumpre-se” ou de que “manda quem pode e obedece quem tem juízo”.

Seus superiores hierárquicos exibiam poses de deuses intocáveis postados no alto de um falso Olimpo, a quem os subordinados deviam reverência e de quem se devia guardar regulamentar e respeitosa distância como entre as castas hindus. Ele apenas os suportava sem aprender a admirá-los, muito menos a aspirar vir um dia a possuir suas dragonas, divisas ou estrelas. Havia entre esses e ele uma incomensurável

disparidade que os tornava inconciliáveis. A eles obedecia porque era um subordinado e porque isso lhe era imposto. Os reles cadetes tinham que parar nas escadas ou nos corredores, para permitir que os majestosos passassem livres sem nada que os interrompesse ou incomodasse, a levantar-se quando por eles passasse um oficial. Era proibido estender a mão para cumprimentá-los antes que eles assim o fizessem, se o quisessem.

Pelos cantos do quartel ouvia-se a história de um comandante que, quando caminhava pelo pátio, interpelou um descuidado cadete para que viesse retirar de sua frente um “enorme tronco” que impedia sua passagem. O obstáculo que atravancava o caminhar desse comandante nada mais era do que um minúsculo palito de fósforo que displicentemente havia sido jogado por alguém no cimentado pátio interno do quartel. Em tudo havia um exacerbado gosto pelo exagero, inclusive quanto à autoridade da qual estavam investidos os oficiais superiores.

Os civis eram tratados como “paisanos” numa referência que continha conotação altamente pejorativa, como se esses pertencessem a uma casta inferior, nascidos não da cabeça, mas da sola dos pés dos deuses. O quartel era tido como um templo sagrado onde se dizia cultivar a honestidade, onde era exigido um rigoroso decoro militar e onde devia preponderar sobretudo a verdade. Tais conceitos e valores eram apenas evocados e difundidos como sendo exclusivos, não chegando a ser uma verdade absoluta nem necessariamente harmônicos ou condizentes com a realidade do mundo lá fora ou com a liberdade e a democracia. A educação castrense e o currículo escolar exageradamente militarizado impunham aos jovens cadetes uma pérfida e enganosa noção de que eles integravam uma elite que estaria acima dos homens comuns, dos

“paisanos”, e isso os distanciava em muito daquela realidade. No fundo era perceptível que os militares pareciam gostar de enganarem a si próprios, buscando manter um padrão de comportamento, uma postura e uma aparência que lhes convinham para continuar acreditando estarem eles acima dos comuns mortais e serem eles superiores ao tempo. Viviam num mundo à parte, distanciado e irreal, criado por eles próprios como se só deles fosse.

Ao cadete Anjos Couto só era possível observá-los à distância, numa discreta e silenciosa análise. Manifestar-se sobre isso, nunca! Pouco ou quase nada da Escola de Oficiais despertava sua curiosidade ou seu interesse – muito pelo contrário, tudo afastava-o dali, se não física, pelo menos mentalmente.

Iniciado o curso, Anjos Couto passou a receber em sala de aula as folhas esparsas de apostilas de matérias diversas, organizadas voluntariamente por um colega que se dispusera a mimeografá-las e a distribuí-las, porém tão só as recebia amontoando-as desordenadamente em seu armário e recusando-se a lê-las, porque seu conteúdo não despertava nele o menor interesse. Quando faltava espaço para acomodá-las simplesmente as jogava fora, atirando-as num tambor de lixo que havia no fundo do quartel. Matérias como a de PIC (Proteção Individual e Coletiva) eram a preparação para uma guerra imaginária, com ensinamentos sobre como construir trincheiras em manobras de campanha ou como preparar acantonamentos que pudessem ser utilizados como área de recuperação da tropa. O estudo de Topografia guardava tão só uma nuance interessante à medida em que instruía como interpretar mapas militares, cartografia, e como localizar no solo um ou outro ponto neles indicado, utilizando-se de cálculos para determinar a longitude e a latitude. Sua utilidade,

contudo, era ultrapassada. A Ordem Unida diária visava o condicionamento da obediência coletiva, com a padronização de movimentos e uma pretendida anulação da identidade individual. Nada mais era do que uma exaustiva repetição de idas, paradas e vindas pelo pátio interno sem chegar a lugar nenhum e para o que tão só importavam a cadência, o alinhamento e a cobertura dos integrantes do pelotão, exigências máximas por ocasião dos desfiles da Escola em datas festivas. A Educação Física padecia da falta de métodos e não raras vezes suas aulas eram transformadas em futebol de lama numa área encharcada. As aulas de Armamento eram um repetitivo desmontar e montar de armas obsoletas, um trabalho manual nunca apreciado pelo cadete Anjos Couto e que exigia dele a obrigação de memorizar nomes das muitas pecinhas das armas manuseadas.

Embora gostasse de cavalgar, porque tivera sua primeira infância na zona rural, dando-se muito bem nas aulas de Equitação e nunca se importando em ser o primeiro a escolher o melhor cavalo do Destacamento da Escola (como muitos de seus colegas o faziam, antecipando-se para pegar para si o mais dócil deles), tinha instrutores desbocados que pela sua grosseria justificavam serem eles da arma de cavalaria. As aulas teóricas de Hipologia lhes eram enfadonhas e julgadas inúteis, com a nomenclatura das diversas partes do corpo de um cavalo. Também a isso jamais dava a menor importância.

O ensino de técnicas e da prática de policiamento urbano contava apenas com a isolada dedicação de um velho instrutor, um coronel à beira de sua passagem para a reserva, muitas vezes ridicularizado pelos demais componentes do corpo docente da Escola, que viam nesse instrutor e nessa matéria uma inadequada aproximação com a sociedade civil, o que era julgado inconveniente e dispensável na formação

militar dos cadetes. O que compensava, para Anjos Couto, eram as poucas aulas de Português, dadas por um inteligentíssimo professor civil, estimulador da boa leitura e quem sistematicamente cobrava composições literárias sobre temas os mais diversos, tecendo, sobre essas, alongadas e procedentes considerações. Outras eram algumas aulas de matérias jurídicas por ele julgadas úteis e pelas quais Anjos Couto procurava interessar-se. Sua leitura preferida, porém, era outra, e para tanto encomendava livros de autores a um calvo senhor que semanalmente montava pequena banca ao lado do pátio da Escola. Vistas na banca por alguns oficiais instrutores, suas encomendas chegaram a causar estranheza, porque era inusitado o fato de algum cadete interessar-se por literatura.

Durante as aulas em sala, Anjos Couto fingia estar prestando detida atenção ao que dizia o instrutor, enquanto escrevia cartas à namorada Irene, com letras miúdas e oblíquas, aproveitando o espaço entre as linhas das folhas de seu caderno, de forma a só por ele serem legíveis. Simulava ser um aluno atento fazendo anotações escolares. Alheio a quase tudo à sua volta, de quando em vez ausentava-se mentalmente da sala de aula para embarcar em imaginários voos pelos céus de sua Adamastor ou pelos longínquos ares de sua distante Cruz das Almas, sendo-lhe difícil admitir que fosse pertencente àquele meio.

No mundo lá fora, a grande cidade teimava em se vestir de uma naturalidade ensaiada e, passivamente, deixava escorrer seus dias fazendo de conta estar vivendo tempos normais, quando na verdade havia nuvens escuras no céu e uma insegurança latente a fazê-la receosa do que poderia acontecer nos dias do amanhã.

Estava-se nas semanas anteriores à dita Revolução de 31 de março.

III

No começo desse mês, o novato cadete Anjos Couto ainda não tinha recebido seus uniformes, mas participava das instruções com sua calça jeans, tênis preto e camiseta branca com mangas curtas, incorporado e submisso a todo o rigor militar que o enfadava. As poucas semanas até então passadas na Escola já tinham sido o bastante para enjoá-lo desse regime que não oferecia nenhuma significativa motivação para acomodá-lo ali.

Taciturno e ensimesmado, ia aos poucos tornando-se um estranho e diferenciado elemento dentro de um ambiente por ele considerado inóspito. Não conseguia fazer novos amigos e Piquerobi e Jambeiro, os únicos com os quais se dera bem e que o acompanharam de perto ao longo de todo o período dos exames de seleção, passaram a compor outras turmas e não ocupavam o mesmo alojamento. Sempre que possível, tentava estar com um ou com o outro, sentando-se à mesma mesa do rancho durante o café da manhã, almoço ou jantar, ou nos poucos intervalos livres em que aguardavam a formatura no pátio. Não tardaria a isolar-se ou a ser isolado pelos demais companheiros por recusar-se a participar das brincadeiras noturnas, muitas vezes deixando seu alojamento, para dormir sozinho debruçado em seu travesseiro posto sobre a carteira da sala de aula. O isolamento era seu último refúgio. Recolhia-se lá para distanciar-se da balburdia promovida no alojamento e dos propositais esbarrões que davam em sua cama com a nítida intenção de importuná-lo.

Sozinho e em silêncio sentia-se melhor para ler seus livros ou escrever longas cartas para a namorada Irene, até

que o sono o dominasse e, como sempre ocorria, antes de adormecer enlevar-se com imagens as mais confusas que apareciam no fundo escuro de seus olhos fechados, procurando decifrá-las quando era possível. Eram imagens de cavalos indóceis, correndo atabalhoadamente em direções dispersas pelos verdes e livres campos de sua infância em Inhaúma; as de borboletas esvoaçantes com belíssimas asas coloridas em seus voos irregulares como se pretendessem driblar-se a si mesmas; as de uma criança chorando na janela de casa como se houvesse sido abandonada pelos pais que prometeram voltar logo; a da face de uma mulher bonita que o fazia lembrar-se de Irene, a menina de sorriso feliz que o encantara; as de um pequeno urso que se preparava para dormir; as de um minúsculo escaravelho, ou rola-bosta, buscando se aninhar entre folhas secas caídas no chão; as de caminhos indefinidos e intermináveis que levavam a um lugar do sem fim; as de alguém procurando um canto para se esconder, como se perseguido por bandoleiros; as de um tirano uniformizado no alto de um púlpito, gesticulando muito e brandando um inflamado discurso sem ter à sua frente nenhum ouvinte interessado no que ele dizia, ou as imagens de um grupo de homens de mentes vazias com suas risadas doentias e sarcásticas. Quem sabe estivesse ele à procura de si mesmo e desejasse encontrar-se entre tantas imagens confusas, pois ele próprio buscava a razão de sua existência entre muitas coisas e lugares que não lhe eram aprazíveis.

Outras vezes, à noite, quando sozinho em sua sala de aula, sentia-se asfixiado com as muitas palavras que tinha para dizer sem ter a quem dizê-las. Todos os seus bolsos ficavam cheios de palavras e, ainda que fossem banais ou desprezíveis, elas precisavam ser ditas para seu desabafo. Por isso escrevia, escrevia e escrevia, para depois rasgar folhas e folhas de

seu caderno com muito do que havia escrito. Travava consigo mesmo uma conversa reservada durante a qual sentia-se detentor de um poder que ele próprio se dava e de uma liberdade agasalhada em seu íntimo que lhe permitiam dizer tudo o que pensava sobre a vida e sobre o mundo a seu redor, embora cuidasse de se precaver destruindo vestígios de tudo o que pensara e escrevera. Receava ter seus pensamentos descobertos, por saber que jamais seriam corretamente compreendidos pelos militares que dele se acercavam, principalmente às vésperas de uma possível revolução armada. E já nesse tempo não era só o jovem cadete Anjos Couto quem devia ser cauteloso com a revelação de suas ideias. Tudo recomendava o cuidado na exposição de pensamentos, porque certamente o movimento militar que se avizinhava viria amordaçar os audaciosos.

Outras tantas vezes Anjos Couto sentia-se vencido por moinhos de vento como se não mais adiantasse lutar e, bem ao contrário, devesse entregar-se ao Deus dará, desistindo das tentativas de provar sua verdade, ou até mesmo de continuar acreditando ter sido ela realmente uma verdade. Havia momentos em que se deixava levar por uma vontade de abdicar do futuro que antes era seu, mas que, de repente, via-se transformado em um passado, em coisas perdidas que não mais lhe pertenciam ou passavam a estar fora de seu alcance.

Deixava de cultivar fantasias em seus sonhos, despindo seu pijama de liberdade para retomar a armadura com que lhe vestiam e cair na dura e seca realidade que o envolvia. Sua incessante procura de explicações para a existência das coisas e dos seres acabava por cansá-lo, culminando por tombá-lo inerte, num desolado deserto de razões onde nem mesmo o tempo queria ser seu amigo. Logo o tempo, que era ao que procurava creditar todas as razões e explicações de seus

desencontros. Não temia a solidão em si nem ela o abatia porque jamais ela lhe fora triste. Era uma forma de escapismo, como escolha pessoal de fugir da angústia que representavam suas relações pessoais na vida aquartelada. Habitara-se a ela e, portanto, podia continuar, relutante, a ser conduzido, sem poder escolher por si mesmo o caminho de seu livre querer.

Gostaria de poder dirigir o tempo a bordo de uma biga romana em direção ao pórtico de chegada, num tropel de cavalos da história, sem se importar com queda em suas idas e vindas, pois nesse caso ele sabia que uma possível queda seria tão só a resultante de um impulso dado por seus próprios esforços e não por ação de terceiros. Fazia concha com as mãos sobre o rosto, fechava os olhos, refletia sobre as muitas imagens que lhe apareciam naquele fundo escuro. Admitia ser provável que mais cedo ou mais tarde essa sua opção pelo isolamento pudesse provocar sua eliminação do curso, para o que, aliás, não seriam necessários grandes motivos. Mas não era essa a consequência com a qual se importava ou o que mais o incomodava.

O que de perto o enfadava era não poder possuir-se a si próprio, não poder ser dono de sua vontade e ter que estar imerso num ambiente tedioso, cheio de coisas às quais dava mínima importância. Sentia-se deslocado, um estranho no ninho, desdenhando as regras e normas que buscavam lhe impor. Excetuados os momentos em que lia seus livros ou escrevia cartas a Irene, seus dias eram insossos e vazios de sentido, vistos sempre com um olhar de indiferença ou de alheamento. Na intimidade de seu ser, não queria continuar pertencendo a esse ambiente militar, pelo que resistia o quanto podia ao fato de o estarem conduzindo dentro dele sob veladas ameaças de um condicionamento. Passavam-se os dias numa inalterabilidade entediante.

IV

Ainda no começo de um dia de março, antes do café da manhã, Anjos Couto viu um grande ônibus da Colsan ser estacionado no centro do pátio interno da Escola, como se fosse um atrevido invasor. Nesse dia, os novatos alunos não seguiram direto para a primeira aula em sala, sendo todos encaminhados em fila indiana em direção a esse ônibus para doação de sangue. Esse veio a ser um dia diferente e marcante na vida de Anjos Couto. Embora entre os novos cadetes houvesse menores de 18 anos, o fato de serem pertencentes à Força Pública dispensava autorização especial para essa doação, vez que afastada a condição de menoridade, nem sendo preciso aduzir que estavam simplesmente cumprindo ordens diretas.

Um a um entrava e saía do ônibus e de cada um deles coletavam-se 450g de sangue, sem nenhum questionamento que insinuasse discriminação arbitrária em matéria de compensação, orientação sexual, política, religiosa ou de qualquer outra índole. A doação era “voluntária”, porém não permitida a abstenção. Ao final, só um dos cadetes veio a ter reação após sua doação, talvez decorrente de ansiedade anterior ou de queda de pressão. No momento de sua saída do ônibus, um pelotão de alunos veteranos fazia *ordem unida* no pátio e porque todo cadete era obrigado a se posicionar imóvel, em pé, até que uma tropa completasse a passagem à sua frente, ele sofreu tonturas e desmaiou solenemente em posição de sentido, batendo a cabeça no cimentado do pátio. Imediatamente socorrido pelos colegas, recuperou-se por si mesmo e prosseguiu com suas obrigações normais, sem

que a seu caso viesse a ser dada maior importância. Nos dias seguintes, ele passou a sofrer chacotas dos companheiros pelo que foi considerado uma fraqueza e por ter caído duro, não escapando de receber, em função disso, o jocoso apelido que a partir de então lhe foi dado: *Durinho*.

Uma semana depois desse fato três dos cadetes doadores de sangue foram chamados à Formação Sanitária Regimental da Escola (FSR) para serem entrevistados por um capitão-médico. Entre esses estava Anjos Couto, tão ansioso por saber por qual razão havia sido chamado, quão espantado por se ver dentro da pequena enfermaria, antes por ele não conhecida. Não se sentira doente nem havia sofrido qualquer lesão que reclamasse atendimento médico, daí porque não formulava a menor ideia de porque fora chamado e estava ali. Aguardou disciplinadamente o demorado atendimento individual dos dois primeiros colegas que saíram cabisbaixos, sem lhe dirigir palavra, e quando chamado por último ainda não sabia a razão de estar lá. À frente do capitão-médico, um afável oficial com cara de bons amigos e que dispensava aos cadetes um tratamento liberal bem diferente dos oficiais combatentes, Anjos Couto permaneceu em pé, imóvel como era devido, passeando seu olhar interrogativo pelos objetos e móveis existentes na sala da enfermaria, como se devesse ficar conhecendo melhor e gravar na memória a sua disposição, enquanto o médico-militar manuseava algumas pastas de arquivo que estavam sobre sua pequena mesa. Esperou que lhe fosse dada a devida permissão para sentar-se e para ouvir dele o motivo de sua convocação.

Sem se apressar e mantendo um tom de voz baixo e respeitoso o capitão-médico esclareceu que todo o material recolhido pela Colsan havia sido submetido a exames de tipagem sanguínea, sorologia e teste do ácido nucleico com

vistas à detecção de hepatite B e C, sífilis e doença de Chagas, finalizando com a informação de que tinha havido recusa do aproveitamento de seu sangue. Nada que até então assustasse o jovem cadete Anjos Couto, mantida apenas a expectativa de que logo lhe fosse dado a conhecer o real motivo dessa recusa. Iniciou-se então um diálogo seco.

– De onde você é?

– De Cruz das Almas, senhor.

– Você morou em zona rural?

– Sim senhor. Até meus nove anos.

– Lá na zona rural onde morou você chegou a ver ou conhecer um bichinho chamado de “chupança”?

– Sim senhor. Tinha muitos.

– Você foi picado algumas vezes por esse bichinho?

– Não sei, Senhor.

Cessado o questionamento seguiu-se um silêncio pesado que tomou conta da pequena enfermaria. Ouviam-se dali tanto a conversa na sala ao lado quanto a firme cadência de um pelotão que a essa hora fazia ordem unida no pátio, sob os gritos de comando de um tenente que pelo tom metálico de sua voz ganhara o apelido de *Araponga*.

Não se calcula o tempo que perdurou esse silêncio. Anjos Couto viu o capitão-médico baixar a cabeça e tornar a examinar lentamente alguns dos muitos papéis contidos numa pasta, até deter-se em um deles. Sem voltar os olhos diretamente para ele, esse capitão informou, tão friamente quanto possível, que no exame feito pela Colosan havia sido detectada em seu sangue a presença do *trypanosoma cruzi*, indicativo da doença de Chagas e que, por essa razão, ele teria que ser novamente submetido a exames laboratoriais no Hospital Militar. Se viesse a ser confirmada a presença dessa doença, fatalmente ele seria desligado da Escola.

Só após dizer isso é que o capitão-médico levantou a cabeça e fitou um Anjos Couto estarrecido, vacilante e pálido de espanto, como que necessitando de uma parede para se encostar embora estivesse sentado. Isso se dava não exatamente pela possibilidade de seu desligamento, mas pela doença anunciada. Ele sabia do que se tratava, pois aprendera no ginásio que o parasita provinha da “chupança” ou “barbeiro”, inseto de hábitos noturnos que picava as pessoas enquanto essas dormiam ou depositava suas fezes em outros animais contaminando-os também.

Em seus tempos de estudante recebera informação de que a doença de Chagas evolui ao longo dos anos, tornando-se crônica e desenvolvendo no contaminado alterações cardíacas que podem levá-lo à morte súbita. Lembrou-se de que pela manhã, na casa de seus pais no sítio de Inhaúma, não eram raras as vezes em que a mãe Ordália varria porções desses insetos mortos. Possivelmente teria sido picado por um deles ou ingerido alimentos mal cozidos contaminados pelas fezes do parasita, principalmente a carne de porco.

Contudo, em sua infância nunca ouvira dizer que alguém tivesse morrido em decorrência dessa doença. Quase todos os mortos de sua vida morreram de repente, quando não de mordida de cobra cascavel, de queda do cavalo, afogados, ou então foram suicidas que ingeriram formicida Tatu ou soda cáustica misturada com guaraná. Todos os seus parentes próximos eram longevos e sempre viveram ou ainda vivem no mesmo ambiente em que ele passou sua primeira infância, ultrapassando os oitenta anos, como seus avós Izidoro, Calimério e Turmalina ou como seu pai Coutinho, que beira os sessenta sem nenhum reclamo de doença a não ser fraqueza das pernas e um cansaço que naturalmente a idade lhe impõe. Nem mesmo sua avó Constância morrera antes dos

setenta, ela que durante toda a vida sofrera problemas de saúde pelo mau funcionamento do aparelho circulatório que provocava inchaço em suas pernas. Só Sabino, o prestativo mulato que por longo tempo foi ajudante de seu pai no sítio de Inhaúma, morreu cedo aos 36 anos de idade. Ele dormia num pequenino e desarrumado aposento anexado ao paiol, feito de troncos de madeira onde, por certo, proliferavam *chupanças*. Num amanhecer foi encontrado morto sem nunca se saber ao certo qual fora a causa de sua morte. Disseram que ele morreu porque havia chegado sua hora, assim como morrem os predestinados, descansando da vida ainda que a vida não os tenha cansado.

A notícia de que poderia estar com a doença de Chagas foi recebida como um soco na boca do estômago que fez com que Anjos Couto momentaneamente ficasse sem palavras, incapaz de manifestar-se sobre o que ouvira do capitão-médico ou sobre o que lhe fora ordenado fazer na manhã do dia seguinte. Essa notícia obrigou-o a sair de si mesmo fazendo com que ele se deixasse levar por um voo imaginário, para retornar aos livres campos e lugares amplos de sua meninice, para reencontrar-se com a criança que fora.

Num repente, assomaram-lhe tantas lembranças, que essas devem ter ocupado um tempo muito maior do que o intervalo de silêncio que novamente pousara naquela enfermaria. Anjos Couto nunca soubera ser portador de nenhuma doença, por mais natural que ela pudesse ter sido em sua infância ou na adolescência. Nem tosse comprida, nem gripe forte, nem anemia, nem asma, alergia ou bronquite. Por uma só vez foi levado ao hospital para submeter-se a uma cirurgia de extração do apêndice, mas, como lhe disseram os médicos naquela ocasião, isso não devia ser considerado como sendo uma doença. Sua mãe dizia que ele sempre teve saúde

de ferro, suportando chuva fria e fina sem apanhar nenhum resfriado. Agora teria que enfrentar uma doença, mas desde logo aprontava-se para não se deixar abater nem ser vencido por ela.

Essa má notícia teria que ser transformada em algo contra o que ele, com certeza, encontraria meios adequados para suplantar. Os pensamentos voltaram-se para seu provável desligamento da Escola, o que de certa forma passou a ser encarado como sendo nada mais, nada menos do que sua devolução ao mundo dos homens livres e que poderia conduzi-lo a novos tempos, nos quais certamente lhe seria permitido reiniciar uma procura e ir por caminho que ele mesmo escolhesse.

Não antevia um fim nesse fato, antes disso já o imaginava como podendo e devendo ser um recomeço. Julgava ser capaz de esquecer todo o tempo em que chegara a ser pertencente à Escola e vivera no quartel, acreditando ser capaz de apagá-lo da memória como se não tivesse existido, para reiniciar uma busca por caminhos que sempre pretendia trilhar dentro de sua gigante Adamastor, como se só agora nela tivesse desembarcado. Com a cabeça baixa deixou a enfermaria sabendo apenas que deveria cumprir a ordem recebida de ir ao Hospital Militar na manhã seguinte para coleta de amostra de seu sangue, não podendo nem devendo deixar-se vencer pela notícia de ser possuidor de uma possível doença. Prosseguiria com a vida como se nada de mal lhe tivesse ocorrido e apenas caminhando e seguindo ao encontro do sol da manhã até que não houvesse mais manhã nem sol.

V

No dia seguinte, sem tomarem o café matinal e ainda vestindo suas roupas civis, seguiram os três cadetes para o Hospital Militar, cumprindo a ordem médica de lá se apresentarem para a coleta de novas amostras de sangue. Ao longo do percurso, nenhuma palavra sobre o que havia motivado a ida de cada um e a nenhum deles foi dado saber do porquê da reprovação do sangue do outro. Todos guardavam consigo um particular segredo, ninguém falando de seu caso pessoal, enquanto juntos e com a mesma finalidade deixavam-se ir. Anjos Couto seguia imerso em pensamentos flutuantes que iam para lugares bem mais distantes do que o destino daquele ônibus. Como de costume, ele nunca se entregava por inteiro ao lugar onde estava. Sentou-se isolado num banco logo atrás de seus dois companheiros e sentiu-se como se com eles não estivesse.

Ia calado e sozinho consigo mesmo, pouco se importando em ouvir ou saber sobre o que conversavam seus colegas da frente. Pensava apenas em saber de si mesmo nos dias do amanhã evitando voltar seus pensamentos para a anunciada possibilidade de ser portador de uma doença, preferindo fixar-se tão somente na ideia de que, muito embora essa não fosse uma boa notícia, ela poderia estar chegando para alterar o rumo de sua vida e, pretendidamente, de uma forma benéfica, ou seja, excluí-lo da Escola. Quem sabe isso não seria de todo ruim? Encostou sua cabeça no vidro da janela do ônibus e lançou um olhar lânguido sobre os muitos lugares que desfilavam por ali, lugares que já lhe eram conhecidos e que para ele significavam liberdade. Apesar de ainda estar

tomado de uma certa preocupação em face do que lhe fora anunciado, procurava encarar com relativa naturalidade esse acontecimento, não sem que começasse a sentir uma inquietante vontade de desembarcar bem antes do destino daquele ônibus e furtar-se à submissão aos exigidos novos exames.

Por instantes e na velocidade do vento, veio-lhe à mente a aloucada ideia de que talvez fosse melhor evadir-se dali, não cumprir a ordem do capitão-médico, não mais acompanhar seus companheiros, não comparecer ao hospital e sair por aí andando livremente pelas ruas de sua Adamastor, sem nenhum destino ou compromisso de ida ou de volta e sem se preocupar com a confirmação ou não do diagnóstico anunciado. De que lhe adiantaria confirmar? Isso era o que menos lhe importava. Recordou-se de que ainda na condição de candidato, no primeiro dia dos exames seletivos, fora colhida uma amostra de seu sangue para exames laboratoriais e que se naquela época não chegou ele a ser eliminado da seleção era de se concluir que aquele primeiro exame não tinha acusado a presença de nenhuma doença parasitária. Por que só agora deu resultado positivo? Seria confirmado aquele ou o recente exame feito pela Colsan? E afora seu desligamento da Escola o que mudaria com a confirmação desse último resultado? Intimamente, repetia para si mesmo que essa não era a consequência que mais o incomodava.

O que só um pouco o preocupava era a possibilidade de um encurtamento de sua vida por força da doença anunciada, o que lhe causava um certo desassossego e parecia lhe trazer uma maior pressa de viver intensamente cada um dos minutos de seus dias. Adorava a vida e queria vivê-la, porém a seu modo, ansiando ainda mais prosseguir na busca de seus ideais na liberdade de ser. Não seria sua culpa se viesse a ser excluído da Escola e nem teria ele que justificar nada à sua

família ou a quem quer que seja. E tudo isso deveria ocorrer em questão de poucos dias, só lhe restando esperar.

Após comparecer ao Hospital e fornecer nova amostra de seu sangue, retornou ao quartel sem imaginar qual poderia ser o resultado desse novo exame. Seu isolamento só fez aumentar. Aquietou-se por noites seguidas para dormir sozinho em sua sala de aula, não querendo estar nem falar com ninguém. Crescia sua indiferença a tudo o que existia naquela Escola, sua revolta em face de um enquadramento físico e mental que o afetava, e sentia uma necessidade cada vez maior de deixá-la antes que ela o atasse de vez. Por força do anúncio da possível doença e como se fosse morrer amanhã, escreveu uma longa e perturbadora carta à Irene, sem explicitar o exato motivo da intranquilidade que transmitia, o que a deixou profundamente angustiada. Suas palavras soaram delirantes e confusas nas seis folhas de uma carta dolorida:

...quero apagar do tempo e do espaço das paredes todos os cais e portos nos quais ancorei. Deixar-me ficar triste, mas que seja pela última vez. Que minh'alma soluce e que desembeste meu corpo numa fuga alucinada. Deixar-me morrer sob as flexões dos verbos que eu já fui em todos os plurais de meus sonhos perdidos. Quero a visão nascida na Espanha com seus barcos a vela para sair em busca do que não conheço nem sei. Quero ouvir o cântico inaudível das horas que morrem no colo de meus dias vazios. Renascer entre linhas ansiosas e seguir adiante ainda que sem sentido, porém não mais entre aspas ou molduras. Quero nascer de novo num

domingo de noite bonita com brisa gostosa e com estrelas chovendo luz. Até hoje só tenho sido o futuro das coisas mais diversas que as flexões dos sonhos me acordaram. Hoje não quero mais deixar que nada me flexione. É questão de vida ou de morte para quem quer renascer.

Anjos Couto estava dominado por uma desesperança e cada vez mais latejava em seu peito um forte desejo de deixar a Escola. Dia a dia reduzia seu interesse em ouvir um instrutor insolente, que chegara a ser capaz de confessar em sala que também ele não gostava nem um pouco da matéria que estava sendo forçado a lecionar, mas que os alunos seriam obrigados a aprendê-la, gostando ou não gostando dela. Lastimava-se ter que continuar ouvindo um velho e ultrapassado coronel, apresentado como sendo um professor de Pedagogia, mas quem de professor ou pedagogo tinha nada. O vozeirão troante desse coronel impunha-se na sala tornando apenas passivos os alunos, que eram compelidos a ouvi-lo sem que de suas lições pouco se aproveitasse.

Lembrou-se de que em uma de suas aulas esse coronel-instrutor trouxera para a sala um documento que havia sido elaborado por ele e anteriormente encaminhado ao Comando da Escola, através do qual solicitara permissão para ausentar-se da capital com destino a Cruz das Almas, e mesmo não tendo citado o nome do autor leu-o em voz alta como exemplo de como não devia ser escrita uma “parte” – documento usado para solicitar alguma providência ou para comunicar um fato ocorrido. Anjos Couto reconheceu ser seu aquele documento e a contragosto dedicou raivosa atenção aos comentários proferidos por esse coronel-instrutor.

A formalidade documental exigida na Escola era por demais tacanha, obrigada a utilização da segunda pessoa do plural (“solicito-vos” ou “comunico-vos”), devendo estar no primeiro e numerado parágrafo a objetiva solicitação ou a expressada comunicação de um fato e no segundo parágrafo a curta justificativa do pedido ou a resumida narrativa do que estava sendo comunicado. Toda e qualquer inovação ou alteração da ordem dessa rígida fórmula documental era imediatamente reprovada. Embora nesse seu primeiro documento Anjos Couto, sem o saber, tivesse utilizado o respeitoso pronome de tratamento V. Sa. que gramaticalmente encaminhava o texto para a terceira pessoa do singular, ele o havia iniciado não com o “solicito”, mas com alguns “considerandos” sobre o que iria ser solicitado e só no segundo parágrafo é que expusera o objeto requerido. Por tal “grave incorreção” viu seu documento tornar-se, sob o ponto de vista desse troante coronel, num clássico exemplo de como não deveria ser escrita uma “parte”. Encaramujou-se silenciado e (*em pensamento*) deu de ombros a tudo que ouvia, não se considerando incidente em erro e desprezando por completo os comentários desse instrutor.

Seus dias continuaram, sem lhe trazer maior preocupação relativa ao futuro resultado do novo exame de sangue, ainda que este viesse a confirmar ser ele portador da doença de Chagas. Sua permanente expectativa era tão só a de que esse resultado chegasse logo para dar motivo à sua exclusão da Escola. Aguardava ansioso o momento em que poderia ser chamado e notificado sobre seu desligamento, pois se confirmada aquela doença ele seria imediatamente excluído do curso, como lhe dissera o capitão-médico. Essa sim, seria a grande alteração em sua vida. Em suma, depois do baque inicial que lhe causara, aquela noticiada doença passara para

um segundo plano, não mais era motivo para preocupação, tornando-se nada mais nada menos do que a motivação para sua dispensa e não um problema em si mesma. Recomeçaria sua vida como se a ele nada de mal tivesse ocorrido, podendo reorientar seu destino e em outras searas tomar novo rumo, com a livre escolha do caminho que melhor lhe aprouvesse.

Menos de uma semana depois, quando numa formatura matinal, Anjos Couto ouviu serem chamados os nomes dos dois companheiros que com ele tinham sido encaminhados ao Hospital Militar. Viu-os deixando seus respectivos pelotões com passos indecisos e semblantes abatidos. Assim como ele, possivelmente aqueles dois cadetes já soubessem ou imaginassem por quais razões estavam recebendo a ordem para saírem fora de forma e se dirigirem ao gabinete do comandante. Anjos Couto teve exata noção de que esse era aquele tão aguardado momento em que também ele seria chamado e isso não poderia ser um mero pressentimento. Era quase uma certeza. Mantendo os olhos fixados no tenente que comandava seu pelotão esperou pela chamada de seu nome, mas nessa manhã isso não se deu, não sendo chamado para notificação do resultado do exame de seu sangue ou por força de qualquer outro motivo. Frustrado, supôs que talvez o exame de laboratório ainda não tivesse sido concluído por requerer repetições de novos testes a serem aplicados e que, senão naquele momento, possivelmente à tarde ou quem sabe no dia seguinte, viria a ser notificado sobre seu desligamento ou informado de que o resultado dera negativo deixando de existir o esperado motivo para sua exclusão.

Ao longo desse dia todos os alunos da Escola souberam e comentaram o desligamento daqueles dois companheiros, porém sem que ninguém viesse a saber por qual exata razão isso se dera. Especulava-se ter sido por questões de saúde, o

que as autoridades da área médica tratavam com necessária reserva.

Dia seguinte, quando os dois cadetes não mais estavam formados no pátio e na leitura diária do Boletim Interno da Escola, ouviu-se a nota oficial de seus desligamentos, citados seus nomes e os enquadramentos em artigo e parágrafo contidos no Regulamento Interno do Centro de Formação e Aperfeiçoamento (CFA). Anjos Couto sequer se interessou em saber do que tratavam aquelas citadas previsões regulamentares. Limitou-se a aguardar ser ele o próximo a ser chamado para seu desligamento.

Com o passar dos dias sem que isso viesse a ocorrer, a cada formatura sentia-se cada vez mais frustrado por não ser chamado para deixar seu pelotão. Aumentava a dúvida sobre se viria ou não a ser desligado e isso lhe causava enorme ansiedade. Não se encorajava a ir até a enfermaria para pedir informações ao capitão-médico sobre o resultado de seus exames de sangue, por julgar ser essa uma atitude descabida e inconveniente, vez que era do comando da Escola a obrigação de responder sobre isso sem por ele ser provocado. Nada lhe restava fazer senão continuar aguardando pelo que por ele era esperado, deixando escorrerem seus dias e sem nenhum entusiasmo prosseguir vivendo do jeito que podia, aumentada sua angústia por estar num meio ao qual não queria continuar pertencendo.

Mais uma semana seguiu-se sem nenhuma informação sobre o resultado daqueles exames, sequer sendo dito terem eles sido feitos, concluídos ou não. Até mesmo a expectativa de que uma notícia sobre eles pudesse chegar no dia seguinte começou a esmaecer. Anjos Couto, mesmo inadaptado àquele meio e ainda inconformado com sua obrigada permanência na Escola, recebeu as peças de um uniforme para uso

interno: gandola, cinto de lona, calça, japona, bico-de-pato, bibico, coturnos, botas, culotes, calções, tênis e camisetas; de um outro completo uniforme de passeio ou de trânsito: sapatos, calça, cinto de couro, camisas, gravata, túnica e um quepe azul, e de um pesado uniforme de gala azul marinho: calça com friso lateral vermelho, túnica abotoada até o colarinho, talim, quepe branco e uma pelerine, apesar de que, quando fardado, experimentasse a sensação de que cada vez menos se sentia como um soldado engajado, obrigado a bater conti-nências a superiores todas as vezes que com esses se encontrasse dentro ou fora do quartel.

Sucediam-se as noites de isolamento em sala de aula, onde se recolhia para ler seus livros ou para escrever cartas a Irene. Dia após dia aumentava sua vontade de sair o quanto antes daquele quartel ainda que tivesse, por iniciativa própria, que pedir sua exclusão do curso. Essa hipótese adveio de uma ideia nova nascida da frustrante espera pelo seu desligamento, ou por não chegar a seu conhecimento nenhum resultado de seu exame de sangue.

Para Anjos Couto essa era uma alternativa exequível e considerada válida, que ele passou a alimentar silenciosamente, pretendendo encaminhar ao comandante da Escola, nos formais termos devidos, uma parte com pedido nesse sentido. Um pedido de baixa. Ensaiou como justificativa a informação de que não conseguia se adaptar ao regime interno da Escola e não tinha a menor intenção de seguir a carreira militar, tudo o que era a mais plena e absoluta verdade. Seu comandante, um agressivo e desbocado capitão da arma de cavalaria, por certo teria que acatar de pronto esse seu pedido e imediatamente adotaria as providências para que ele viesse a ser excluído, liberando-o para ir-se embora dali. Aliás, destaque-se, o comandante demonstrava ter um

gosto todo especial para excluir alunos pelos mais simples ou banais motivos, nem sempre justos, como o de enquadrá-los disciplinarmente por transitar com uma pequena bolsa azul comprada do Centro Acadêmico e dentro da própria Escola, facilmente identificável como sendo daquela Unidade da Força Pública. Para ele um cadete jamais poderia andar com bolsas a tiracolo por considerar ser esse um comportamento absolutamente incompatível com a postura militar. Nem bolsa a tiracolo, nem guarda-chuva. Todavia a venda dessas bolsas dentro da Escola continuava tacitamente permitida ou porque o comandante parecia fazer vistas grossas a um comércio interno, ficando os novos cadetes forçados ou induzidos a comprá-las por pressão dos veteranos integrantes da Diretoria daquele Centro Acadêmico e pela anunciada facilidade de que poderiam pagá-las só quando recebessem seus primeiros vencimentos.

Assim, decidido a não continuar na Escola, Anjos Couto minutou cuidadosamente uma parte contendo seu pedido de baixa, tendo tido a preocupação de compô-la exatamente sob a forma e termos recomendados, posta na segunda pessoa do plural, e não sem antes submetê-la à apreciação e à aprovação de um experiente colega de turma, oriundo da tropa, para só depois protocolá-la. Esse colega era um ex-sargento que havia sido instrutor na Escola de Formação de Sargentos e quem sempre estava disposto a orientar os novatos alunos em questões relacionadas com a burocracia interna. Sua apreciação era por demais importante porque Anjos Couto não queria que a menor incorreção formal do documento pudesse frustrar seu propósito causando o indeferimento de seu pedido.

Foi no período da manhã de uma quinta-feira, logo no início do expediente, que ele protocolou esse seu documento,

calculando que o ato oficial de sua exclusão deveria estar sendo publicado no Boletim Interno do dia seguinte, quando então lhe seria permitido deixar a Escola e viajar para Cruz das Almas aproveitando o final de semana.

Para tanto iniciou desde cedo os primeiros preparativos dessa viagem, acomodando alguns de seus menores pertences na bolsa do Centro Acadêmico, seus livros e roupas civis em uma pequena mala e supôs poder deixar em seu armário todas as peças de uniformes recentemente recebidas, a maioria das quais sequer chegou a ser usada por ele. Nessa manhã assistiu normalmente as aulas, porém já se sentia outro e de forma bem diferente. Estava descontraído e até mesmo disposto a observar detalhes que antes não tinham merecido dele a menor atenção, como o empenho de um jovem tenente-instrutor em trazer para a sala de aula um retroprojektor com bem cuidadas e didáticas transparências. Deu-se conta de que nesse dia ele se tornara cordato com o que ouvia e não mais estava sendo o severo crítico que se tornara, porque já começava a se imaginar livre das amarras que o retinham ali.

Esse deveria ser seu penúltimo dia na Escola depois de nela ter permanecido por pouco mais de um mês. Imaginou que no expediente do dia seguinte seria chamado para sair fora de forma, seria ouvida a leitura do Boletim Interno contendo a nota oficial de sua exclusão a pedido, pegaria seus poucos pertences – se possível iria despedir-se de Piquerobi e Jambeiro – e finalmente deixaria a Escola, não mais sendo obrigado a suportar a rotina de seus dias entediantes. Nessa quinta-feira Anjos Couto não escreveu carta a Irene porque supunha que no dia seguinte estaria embarcando para Cruz das Almas para se encontrar com ela no sábado. Era tudo no que pensava.

VI

Depois de almoçar no rancho, e pela primeira vez comer pimentão verde recheado de carne moída, coisa de que antes não gostava, aproveitou o intervalo entre os períodos de aulas ultimando seus preparativos para deixar a Escola. Acomodadas em seu armário eram muitas as esparsas e desordenadas folhas soltas de apostilas mimeografadas e ele teve dúvidas se as deixaria ali ou as jogaria fora, porque a forma como estavam denunciaria que ele não as tinha lido, tanto que sequer por ele haviam elas sido ordenadas. Mas, por que deveria preocupar-se com isso, quando não mais estaria submetido às rígidas normas regulamentares da Escola? Resolveu então que as deixaria no armário assim como estavam porque elas de nada lhe serviriam e porque deveria sair dali levando apenas o que antes era seu, pretendendo inclusive não levar consigo nenhuma lembrança de que ali estivera. Antecipava a agradável sensação que iria ter, imaginando como lhe seria apazível sair caminhando livre pelo portão principal da Escola para reencontrar-se com sua Adamastor sempre pronta para acolhê-lo na liberdade de ser e de estar. Não pensava em retornar de vez à Cruz das Almas, muito menos em abandonar os sonhos de se fazer por aqui. Inicialmente voltaria à pensão de Dona Rita, na Vila Boreal, onde se alojava seu irmão e com cuja ajuda poderia contar. Estava seguro de que seria capaz de conseguir um emprego que lhe permitisse permanecer e subsistir em sua cidade grande e retomar seu objetivo de ingressar numa faculdade de Direito ou numa escola de Jornalismo, o que sempre tinha sido e continuava sendo seu anseio de futuro.

Enquanto cuidava de dar uma pequena ordem nas poucas coisas que deveriam ficar em seu armário, vieram-lhe à mente as duas vezes em que – ainda na condição de candidato – tentara esquivar-se do ingresso nessa Escola deixando, deliberadamente, de comparecer aos locais de provas e só não tendo sido eliminado naqueles dias porque essas provas acabaram sendo suspensas. Dessa feita, porém, nada poderia impedir seu retorno à vida civil. Foi o que lhe assegurou seu colega o ex-sargento e então cadete Cesar Leite. Tratava-se de um pedido de desligamento com expressa manifestação de vontade, por razões absolutamente cabíveis e procedentes, de forma clara, correta e irrevogável. Nenhum aluno poderia ser forçado a continuar no curso depois que oficialmente tivesse ele manifestado seu desejo de deixá-lo. Foi exatamente isso o que lhe dissera o cadete Cesar Leite sobre o encaminhamento e as consequências de seu pedido de baixa.

Anjos Couto já podia, portanto, imaginar-se liberto, como nos tempos de sua adolescência, quando caminhava pelas ruas de Cruz das Almas e traçava seus próprios caminhos de idas e de vindas, decidindo por si mesmo quando, como e por onde seguir. Esforçou-se para manter a mesma naturalidade com que vinha se portando até esse dia, evitando falar ou sorrir à toa para não demonstrar que aguardava a boa nova que deveria chegar no dia seguinte.

Deixou o alojamento e seguiu descontraído para a formatura do início da tarde no pátio, quando pouco se importou de sofrer duas novas anotações em seu caderno de conduta, feitas pelo tenente que procedia a revista e examinava um a um os integrantes de seu pelotão. Esse oficial observou que a fivela de seu cinto não estava lustrada tão bem como devido e que seus cabelos não tinham sido recentemente cortados. Anjos Couto até ensaiou um sorriso recolhido ao ser

anotado, pouco se importando com isso e julgando que ali se dava importância demasiada a detalhes insignificantes e pouco valor ao que deveria ser julgado como importante.

Pouco antes de serem liberados para seguirem para suas respectivas salas de aula ouviu-se uma inesperada ordem do capitão que comandava o dispositivo formado.

– Cadete Anjos Couto, fora de forma! O Comandante quer falar com você.

Menos de seis horas haviam se passado desde o momento em que Anjos Couto protocolara sua parte, de sorte que ele não esperava ser chamado tão rapidamente para um encontro particular com o comandante, apesar de ter desde logo deduzido que o motivo dessa chamada estava diretamente relacionado com aquele seu pedido de baixa. Até então estava confiante de que seu documento houvera sido corretamente composto e que havia deixado claros tanto o que pedia quanto as razões de seu pedir. Contudo, passou a temer que pudesse ter havido nele alguma incorreção antes não observada ou ocorrido algum fato novo que pudesse provocar seu indeferimento.

Seguiu sozinho até o mezanino do quartel, onde ficava o gabinete do comandante, andando lentamente como se nada devesse apressá-lo. Postou-se à frente da porta do gabinete do comandante, de onde podia avistá-lo sentado atrás de uma enorme mesa como se por ela estivesse protegido e ali deixou-se ser visto por ele. Os instantes de espera tornavam-se angustiantes enquanto Anjos Couto o observava ao fundo assinando alguns papéis, separando outros e a ele parecendo que aquele comandante da Escola pouco se importava com o cadete que podia ser visto parado à frente de sua porta, aguardando por ele ser recebido. Via-o diariamente por ocasião da formatura matinal, quando a tropa formada prestava

continência ao coronel comandante do Centro. Lá estava o cavalariano entre os demais oficiais perfilados, podendo ser identificado à distância com suas botas impecavelmente lustradas, seu culote e um rebenque nas mãos que o tornava ainda mais ameaçador.

Não voltara a falar aos alunos depois daquela desastrosa saudação do primeiro dia, mas sempre era visto ao largo com seu olhar desafiante à procura de uma vítima entre os que lhe eram subordinados. Anjos Couto iria estar com ele particularmente pela primeira vez sem imaginar como seria o diálogo a ser travado entre eles, recordando-se de que, quando os novos alunos apresentaram-se nesse quartel, no final de janeiro, esse desbocado comandante tinha sido sua primeira grande decepção quando o ouviu proferindo um discurso obsceno.

Era um capitão da arma de cavalaria, mal-humorado, licencioso e useiro de palavras chulas, costumeiramente mantendo uma postura ameaçadora e uma agressividade sem par no tratamento com os alunos da Escola de Oficiais. Não lhe ocorreu a ideia de que sua convocação pudesse ter alguma relação com o resultado do exame de sangue que estivera, até então, sendo ansiosamente aguardado. Ligava-a diretamente a seu pedido de baixa pelo imediatismo dessa convocação.

Passaram-se três ou quatro minutos antes que Anjos Couto fosse autorizado a entrar e, por ser obrigatório, fazer sua regulamentar apresentação, tendo tido ele todo o cuidado de executá-la da forma mais correta possível para evitar que o encontro se iniciasse com uma admoestação. Mantendo-se sentado atrás da enorme mesa que lhe servia como muralha protetora, sem olhar de frente para Anjos Couto e tendo nas mãos a parte – imediatamente reconhecida como sendo o documento que ele protocolara pela manhã – as primeiras

palavras desse comandante mostraram desde logo que o encontro não seria nada amistoso.

– “Tuliano” é você? Quem é que te deu esse nome besta?

– Sim, senhor. Foram meus pais, senhor – respondeu Anjos Couto, enquanto (só em pensamento) retrucou que o primeiro nome desse comandante também era um nome besta: Gumercindo.

– Que é que tá havendo com você, pra pedir baixa, seu merdinha?

– Nada, senhor. Apenas eu acho que não vou me adaptar aqui e gostaria de deixar a Escola, se o senhor me permitir – disse Anjos Couto com voz branda, procurando ser o mais educado possível.

Levantando a cabeça e fitando direta e agressivamente os olhos do cadete à sua frente, com a arrogância de quem não respeita o próximo e se julga o dono do mundo, o comandante blasfemou quase aos gritos.

– Você não acha nada e nem sabe de nada. Como é que você fala que não vai se adaptar aqui se você só chegou aqui há pouco mais de um mês? Isso aqui não é um colégio de freiras, não! Essa é uma escola de machos. Aqui você vai aprender a ser homem. O que é que você está pensando, seu moleque? Que pode sair daqui na hora que lhe dá na telha? O que é que você tá querendo?

– Quero ir embora, senhor – respondeu Anjos Couto, baixando um pouco mais a voz e pretendendo trazer o diálogo para um plano educado.

– Mas você não vai sair daqui assim sem mais nem menos só porque você quer. A Corporação investiu em você, deu seus uniformes, te dá comida, alojamento e te paga um bom salário e você tem que corresponder ao que você está

recebendo. Eu te aviso que se você sair agora você vai ter que pagar por tudo o que você já recebeu da Escola. Você sabia disso, seu estrume?

– Não, senhor, eu não sabia – respondeu Anjos Couto, já se imaginando vencido.

– Pois então fique sabendo que não é assim, fácil, fácil, que você vai sair daqui com as mãos abanando do jeito que você entrou e como se não devesse nada. Se você sair agora você vai ter que ressarcir o Estado por todas as despesas que ele já teve com você.

– Quer dizer que eu não posso deixar a Escola, senhor?
– ousou perguntar Anjos Couto.

– Sabe de uma coisa, seu bostinha? Quer ver só o que é que eu vou fazer com esse seu pedido de baixa?

Dizendo isso o comandante tomou da folha única da parte que Anjos Couto redigira e encaminhara e bem à sua frente rasgou-a por diversas vezes fazendo-a em pedacinhos de papel que em seguida foram jogados num recipiente de lixo que havia ao lado de sua mesa. Depois disso passou várias vezes a palma de uma mão sobre a palma da outra a sugerir que a questão estava encerrada, concluindo com voz mais baixa, porém mantido o mesmo tom ameaçador.

– Escuta bem o que vou te dizer, tampinha. Isso aqui não é casa da Maria Joana onde você entra e sai quando dá na sua telha. Além disso é muito cedo pra você dizer que não vai se adaptar aqui. Sua parte foi pro lixo e se você bobear você também vai, tá sabendo? Você vai continuar aqui até quando eu quiser, tá ouvindo? Quem decide se você sai ou se você fica sou eu, tá entendendo? Cai fora e pode voltar pro seu pelotão. Tá dispensado!

Ainda imóvel, uma vez tendo se mantido em posição de sentido à frente do comandante e atingido por seu

comportamento agressivo, Anjos Couto sentiu uma ira quase incontrolável a ruborizar-lhe a face. Na velocidade de um segundo passou pela sua cabeça um pensamento maluco de que ele deveria afrontar aquela besta-fera; demonstrar que não o temia e que não iria continuar a suportar seus chilingues de poder; de que poderia responder de maneira tão deseducada e insultuosa quanto ele; de que poderia mostrar que era capaz de enfrentá-lo e recusar-se a cumprir a ordem de voltar para seu pelotão, tudo o que provocaria ali mesmo e naquele exato instante sua expulsão da Escola por ato de insubordinação, coisa que seria bem ao gosto daquele despótico comandante e nada mal para quem queria mesmo deixar a Escola. Mas Anjos Couto respirou fundo e enquanto o olhava com disfarçado desprezo conseguiu se conter para optar por uma postura mais prudente, nada mais fazendo do que pedir licença para se retirar e seguir em direção à sua sala de aula, não exatamente em nome de nenhuma disciplina militar, mas em nome de uma educação que ele tinha e que não fora dali que recebera.

Seu colega, o cadete Cesar Leite, havia lhe afirmado que o pedido de baixa era irretratável e que o comandante teria que receber e acatar, mas não foi isso que se deu. Pelo visto o que predominou foram a vontade e o mando de um comandante arrogante, talvez porque o desligamento de um aluno só pudesse dar-se quando a iniciativa do ato fosse só e tão só dele próprio e não de quem a ele ousasse se antecipar. Quem sabe esse comandante, do alto de sua prepotência, tenha se sentido usurpado em seu poder de mando e decisão, desafiado por um reles cadete que tomou uma medida que ele supunha só a ele competir tomar? Um privilégio de autoridade e poder que tinha que ser só seu. Para Anjos Couto isso parecia ter se tornado claro a partir da frase que ele ouvira

desse comandante e que lhe deu conta de que ele teria que permanecer na Escola, ou seja, “...continuar aqui até quando eu quiser...”, em suas exatas palavras. Dessa sua fala podia ser deduzido que era de sua indelegável autoridade estabelecer as circunstâncias, os motivos, o dia e a hora em que alguém devesse ou pudesse ser excluído da Escola. Era de se concluir que esse comandante devia imaginar serem só dele o poder maior e a exclusiva competência para encontrar e definir as razões pelas quais um aluno pudesse ou devesse ser desligado da Escola. Eram suas as conveniências e a oportunidade e essas só por ele podiam ser estabelecidas, de maneira que um cadete não poderia ousar decidir sequer pela sua própria baixa antes que sobre isso ele próprio deliberasse. Seria um atrevimento e assim deve ter sido sob seu julgar, porque seus subordinados só eram livres para fazer o que ele mandava e proibidos de fazer o que ele fazia.

Enquanto retornava à sala de aula, caminhando cabisbaixo e lentamente pelos corredores então vazios, sem cruzar com nenhum outro aluno ou oficial instrutor porque a essa hora todos estavam em salas, Anjos Couto sentiu-se, pela primeira vez, vencido numa luta desigual, e com a sensação de que cada vez mais estava se tornando um prisioneiro condenado a suportar os reveses que a Escola lhe impunha, ao mesmo tempo em que via aumentadas as dificuldades de sair dela em face do que lhe dissera o comandante. Sequer podia calcular se o primeiro pagamento que só iria receber no começo de abril seria suficiente para cobrir as aludidas despesas que o Estado teria tido com ele.

Com o fracasso dessa sua tentativa não poderia requerer seu desligamento pela segunda vez, o que só lhe fazia restar como alternativa uma provocada expulsão, bem ao gosto daquele arbitrário comandante. Sua saída da Escola era algo

muito mais sério do que a simples fuga de um adolescente que se rebela contra a vontade dos pais e abandona a casa paterna. Todavia não podia deixar de considerar que a expulsão de uma escola militar seria um fato que poderia manchar seu nome e no futuro vir a lhe ser prejudicial. Lembrou e tornou a se lastimar pelo fato de o Hospital Militar não ter dado uma resposta confirmando ser ele portador da doença de Chagas com o que teria sido imediatamente desligado do curso assim como o foram aqueles seus dois companheiros, sem nenhum confronto, sem polêmicas e sem culpas. Por que o resultado de seu exame de sangue ainda não lhe tinha sido anunciado? Continuava supondo que o Hospital Militar deveria ter a obrigação de informar sobre isso ao comando da Escola, independentemente de qual tivesse sido o resultado. Assim, num repente, Anjos Couto mudou a direção em que seguia e porque ainda tinha algum tempo livre antes da segunda aula da tarde decidiu ir até a enfermaria para perguntar ao capitão-médico sobre o caso, já que depois de todo esse ocorrido não mais considerava ser essa uma atitude descabida ou inconveniente.

Iria jogar sua última cartada. Se viesse a ser cobrado o resultado do Hospital Militar e com isso ficasse confirmada sua doença, ele voltaria a se encontrar com o comandante e esse reencontro então se daria sob novas circunstâncias, que lhe seriam francamente favoráveis, porque seu desligamento estaria imposto pelas normas vigentes na Escola, enquadrado em artigo e parágrafo do Regulamento Interno do Centro de Formação e Aperfeiçoamento, tudo o que impediria aquele comandante de retomar seus arroubos totalitários e o forçaria a excluí-lo. Se por outro lado viesse a saber que aqueles exames deram um resultado negativo, então só lhe restaria abandonar de vez a hipótese de sua saída por motivo de

doença. Mas de qualquer forma ainda mantinha um fio de esperança.

Na enfermaria encontrou-se apenas com um auxiliar do capitão-médico, que àquela hora estava ausente do quartel e que, segundo lhe foi informado, só retornaria ao final do expediente. Àquele cabo-enfermeiro Anjos Couto expôs seu caso de forma reduzida, indagando como poderia obter o resultado de seus exames de sangue. Embora atencioso e prestativo, o enfermeiro esclareceu não poder dar nenhuma informação a respeito por não ser de sua competência, sugerindo que ele retornasse ao final da tarde para tratar desse assunto diretamente com o capitão-médico chefe da enfermaria. Outra vez Anjos Couto sentiu-se frustrado, embora dispondo-se a voltar no final do dia para o mesmo fim. Dali, seguiu para a sala quando já havia terminado a primeira aula da tarde, chegando ainda a tempo de ver no canto esquerdo da lousa a anotação que antes fora feita pelo Chefe de Turma e que justificava sua ausência. Ali estavam escritos seu nome e o destino conhecido: *Anjos Couto - falando com o Comandante.*

Nenhum colega se aproximou dele para perguntar sobre o que conversara com o comandante ou qual tinha sido a razão de sua convocação, fosse porque sua saúde não recomendava nenhuma amistosa abordagem, fosse porque poucos ou quase nenhum de seus colegas de classe se interessassem pelo que com ele se passara. Anjos Couto sentou-se em sua carteira no fundo da sala e ali se manteve aquietado durante as aulas seguintes, só pensando em retornar à enfermaria para encontrar-se com o capitão-médico. A ideia de deixar a Escola transformava-se numa necessidade latente e não lhe dava descanso, a tal ponto fixada em sua mente, que cada vez menos ele conseguia ouvir o que era dito em sala pelos instrutores. Só seus pensamentos pareciam ser audíveis,

por latejarem fortes a ponto de fazer com que ele chegasse a rezear pudessem ser desvendados pelos que estavam por perto, como o menino Augusto conseguia fazer nos tempos de sua adolescência.

Surpreendeu-se ao lembrar de Augusto, o menino com impigens no rosto que costumeiramente o abordava e o acompanhava pelas ruas de Cruz das Almas, às vezes a seu contragosto, e que tinha a incrível capacidade de adivinhar seus pensamentos, demonstrando saber de tudo o que com ele ocorria ou até mesmo sendo capaz de antecipar o que com ele iria acontecer. O que lhe diria hoje aquele seu inteligente amigo imaginário sobre os desencontros pelos quais estava passando? Veio-lhe à mente também o fato de que no dia em que foi até o Quartel General e efetuou sua inscrição como candidato aos exames seletivos para o ingresso nessa Escola e quando retornava à pensão de Dona Rita, juntamente com seu irmão, pareceu ter ouvido de Augusto o sussurrar de uma dramática advertência: “não vá por aí!”. Mas naquele dia ele não deu a mínima importância para aquele instintivo aviso e mais por necessidade ou por conveniência momentânea acabou decidindo ao contrário: “vou por aqui”. Talvez naquele dia o menino Augusto o estivesse prevenindo quanto ao desacerto da decisão que estava tomando, antecedendo os desencontros que ele teria com a realidade que o aguardava.

E não foram poucos esses desencontros e as decepções que Anjos Couto passaria a ter desde o dia em que pela primeira vez, ainda na condição de candidato, adentrou esse quartel. A desagradável recepção que a ele foi dada no alojamento pelos cadetes veteranos; as fracassadas tentativas de sua pretendida eliminação prévia quando, por duas vezes, deixou de comparecer aos locais e dias de provas tentando

provocar, deliberadamente, sua eliminação, o que só não ocorreu porque naqueles dias as provas não foram realizadas; o corte de duas das mais difíceis provas visando a beneficiar um sobrinho do coronel Diretor de Ensino da Corporação e que acabou, indiretamente, por beneficiá-lo (*ou, contrariamente à sua vontade, a impedir sua eliminação*); a suspensão do caráter seletivo das provas escritas finais, tornadas meramente classificatórias, o que resultou para Anjos Couto, sem que ele assim aspirasse, a matrícula num curso que, no fundo, no fundo, ele não almejava frequentar e, por fim, o repudiável discurso proferido pelo comandante quando da primeira apresentação coletiva dos novos alunos. Tudo transcorrera como se desde o dia de sua inscrição como candidato estivesse ele predestinado a pertencer a essa Escola, mesmo sem batalhar por isso e quase que a isso se contrapondo. E agora tudo parecia transcorrer como se estivesse ele forçado a nela permanecer sem ter sequer o direito de dela se desvencilhar. As coisas pareciam se tornar cada vez mais incompreensíveis, cada vez mais desavisadas e tão incoerentes que tornavam Anjos Couto num encarcerado para quem as portas não deviam ser abertas.

VII

Após a quarta e última aula em sala e antes da formatura vespertina que encaminharia os cadetes para o jantar no rancho, Anjos Couto teve tempo para retornar à enfermaria pretendendo encontrar-se com o capitão-médico. Alegrou-se quando soube que ele estava lá e que seria recebido, não tendo sido longa sua espera. Saber do resultado dos exames dissiparia de vez suas dúvidas e poria cobro a seus ânimos exaltados, fosse o qual fosse. Julgava ter o direito de saber e precisava disso, muito embora a essa altura começasse a duvidar do respeito que a Escola dedicava a direitos de um cadete. Ouvira um oficial instrutor dizer, mais como um blefe do que uma verdade, que o único direito de um aluno da Escola era não ter nenhum direito. Encabulava-se com isso e portanto precisaria ser claro e objetivo. Logo após sua regulamentar apresentação àquele médico militar ele foi direto à questão, referindo-se ao fato de que dois companheiros seus tomaram conhecimento dos resultados dos exames de sangue que fizeram no mesmo dia que ele e que por força desses foram excluídos da Escola e que só ele ainda não havia sido notificado sobre o resultado dos seus.

– Gostaria de saber, senhor! – concluiu.

O capitão-médico, sentado de forma despojada e aparentando ser paciente, olhava-o de frente e por instantes pareceu estar pensativo enquanto passava dois dedos de sua mão esquerda em torno do queixo como se estivesse alisando uma barba que não possuía ou como se cuidadosamente estivesse buscando encontrar a mais adequada resposta. Foram segundos inquietantes para o jovem cadete, que

não supunha pudesse sair dali sem ver resolvida sua questão. Mantendo um olhar interrogativo fixado nos olhos do chefe da enfermaria, era como se Anjos Couto estivesse cobrando dele uma pronta resposta, convencido por si mesmo de que detinha esse direito. De pé, em posição de descansar, ouviu do médico a resposta que não esperava.

– Eu também não sei. Eu só recebi do Hospital as informações dos exames que confirmaram o que antes foi acusado nos exames da Colsan. Foi resposta ao que eu pedi. Se o resultado de seu exame não veio é porque não deve ter havido essa confirmação e por isso você não foi notificado nem excluído junto com os outros dois. Essa é uma boa notícia, não é?

– Desculpe, senhor, mas ainda assim eu gostaria muito de ter certeza desse resultado negativo. Ter o resultado em mãos. Eu fiz exames de sangue para o ingresso e não deu nada, suponho, porque se tivesse dado alguma coisa eu não teria ingressado nesta Escola. A Colsan fez outro e acusou uma doença. Não é bom a gente ver de perto o resultado desse terceiro exame para tirar dúvida?

– Se você faz questão eu posso pedir ao HM que me envie o resultado. É isso que você quer?

– Sim senhor. Eu gostaria.

– Então pode deixar que amanhã eu peço e depois você fica sabendo do resultado. Tá bom assim?

– Tá bom, senhor. Muito obrigado.

Anjos Couto deixou a enfermaria, porém ainda hesitante quanto a conformar-se com o que ouvira. Não lhe fora dada nenhuma certeza absoluta sobre nada, apenas a informação, um tanto vaga no sentido, de que se aquele resultado não viera era porque não tinha havido a confirmação de sua doença. Achava isso muito pouco, pois imaginava que

até mesmo o informe da não confirmação deveria ser oficialmente dado ao mesmo tempo e da mesma forma que o das que se confirmaram. Teve dúvidas sobre se tudo aquilo era realmente verdade ou, pelo menos, a verdade que ele ansiava conhecer. Esperaria para ter em mãos o resultado.

Tempos depois, quando finalmente deixou a Escola, Anjos Couto ainda não tinha recebido a menor notícia ou qualquer notificação a respeito daquele seu terceiro exame de sangue, nem voltara ele a ser convocado para refazê-lo.

Levou a incerteza consigo.

SEGUNDO CENÁRIO

*Sou contra a meia palavra e a rima inflexível,
sou a favor do verso branco e da palavra por inteiro.*

*Contra as decisões ilógicas e o mau entendedor,
a favor do silogismo e da lucidez da transigência.*

*Contra as amarras soturnas e porões de verdades impostas,
a favor de estar solto num campo de coragem,
semeando reflexos de atos torpes para colher justiça
que brota nas palmas das mãos e às vistas claras dos
homens de bem.*

*Contra a complacência indevida e o dedo em riste;
a favor da igualdade do ser, na impotência e no valor.
Sou contra o ser a favor em tudo, mesmo a princípio.
Sou a favor de ser contra, sempre que por princípios.*

I

A noite de 31 de março para 1º de abril trouxera para as ruas de Adamastor muitos tanques do exército com suas enormes lagartas ferindo o asfalto e seus canhões ameaçadores, enquanto transitavam ou se punham estacionados em pontos estratégicos para formarem barreiras intransponíveis. Centenas de militares federais fortemente armados levantavam barricadas com obstáculos chamados de *ouriço checo* para isolar áreas próximas aos quartéis gerais das forças armadas, enquanto efetivos da Força Pública faziam um intensificado patrulhamento ostensivo e preventivo, também isolando áreas circunvizinhas às mais importantes edificações governamentais do Estado. Pouco a pouco a cidade foi ganhando uma feição intimidadora com um aparato de guerra espalhado por vários de seus cantos, assustando os desavisados, embora mantivesse um ritmo de vida quase normal com sua gente indo e vindo, ora carregando uma natural curiosidade com o que de excepcional se via, ora suportando um assombro ou nervosismo com o que de inusitado se deparava.

No centro da cidade uma rua inteira foi interditada por nela estar sediado o Quartel General do II Exército e porque esse estava rodeado de prédios altos que o tornavam altamente vulnerável. Em várias de suas vias impunham-se aos motoristas longos desvios, que os obrigavam a mudar de itinerário ou alongar seu percurso, sem que tivesse havido um só prévio aviso sobre quais teriam sido os motivos das interdições ou das mudanças repentinamente impostas. Contudo, o medo não chegou a paralisar ou ser espalhado pela cidade nem as pessoas viram-se impedidas de continuar a transitar

pelas calçadas, muitas delas sentindo que nada daquilo lhes dizia respeito, ou que tal movimentação militar pudesse afetar o cumprimento de suas obrigações num dia normal de trabalho. Adamastor não parou para assistir o que naquela noite havia acontecido quase em surdina. Só dias depois é que se tornaria possível avaliar o significado e a gravidade do acontecimento.

Naquela madrugada havia sido deflagrado um irreversível movimento armado contra o governo do presidente João Goulart, que não conseguira aglutinar forças legalistas capazes de abortá-lo. Tropas do I Exército, sediado em Juiz de Fora, tinham iniciado um súbito e antecipado deslocamento em direção ao Rio de Janeiro sob o comando do General Olímpio Mourão Filho e tal não mais podia ser obstado ou revertido, embora isso tenha sido pensado e tentado pelo general chefe do Estado Maior do Exército através de um telefonema ao então governador de Minas Gerais.

Porém, toda a movimentação de tropas não era bem uma revolução em seu sentido estrito, como mais tarde seria reconhecido por um dos generais que se sucederam na Presidência da República. Não era um enfrentamento entre distintos projetos políticos e nem chegou a ser um movimento de ideias. Era puramente um golpe que, desde sua urdidura, visava tão só à derrubada de um presidente que pendia fortemente para a esquerda e que segundo os militares representava o chamado “perigo vermelho”, apesar de também nas forças armadas haver uma nítida cisão interna de ordem ideológica, uma divisão entre os oficiais chamados de “moderados” e os de “linha dura”. Aqueles defendiam uma mera e transitória intervenção no governo com rápida devolução do poder aos civis e estes defendiam que a tomada do poder deveria ser profunda e duradoura para impedir de

vez a ascensão do comunismo. Era tipicamente um golpe de Estado promovido pelos militares, que o consumaram sem disparar um só tiro e que passaram a receber aclamação popular num tempo em que nem se imaginava o que dele derivaria, ou por quanto tempo duraria o ditatorial e cruel regime que viria a ser imposto ao país a partir dessa data.

Adamastor viveu o primeiro dia desse movimento de uma forma ambígua, com sua gente se ajeitando acanhada ou confusa entre o que deveria ser um entusiasmo por ver que estava sendo alcançado o que antes reivindicara em suas participações nas chamadas grandes *Marchas*, ou seja, a derubada de um “perigoso” governo esquerdista, e um sobresalto com todo aquele aparato militar nas ruas, que chegava a fazê-la temerosa pelo que de repente disso pudesse advir, caso houvesse resistência por parte de forças leais ao governo federal, ou caso ocorresse um desvio de propósito dentro do próprio movimento.

Ao passarem à frente de tanques, as crianças esticavam os braços das mães e olhavam para trás querendo parar para vê-los melhor. As mães as arrastavam para distanciarem-se dali. Os mais idosos passavam por eles como se devessem ser rápidos e fosse pouco recomendável parar para olhá-los de frente, com receio de que o encará-los pudesse ser compreendido como um gesto de enfrentamento. Jovens descontraídos atreviam-se a fitar os soldados brotando do interior dos tanques com seus capacetes camuflados, supondo estarem vendo ali uma cena real de filme de guerra.

Os jovens soldados do exército assumiam suas posições e compunham um cenário imobilizado que contrastava com o burburinho da cidade grande no amanhecer de um dia comum. Em posição de guarda, esses soldados-meninos empunhavam seus fuzis e fitavam os transeuntes como se

eles pudessem ser seus eventuais inimigos e em face dos quais toda a atenção se fazia necessária e todo o cuidado era pouco. Mas eles não pareciam ser verdadeiros guerreiros devidamente preparados e prontos para um combate ou tampouco que realmente soubessem o que fazer caso viessem a ser levados a um enfrentamento direto com o “inimigo”. Por certo uma reação instintiva desses jovens soldados poderia ser a de disparar suas armas contra quem lhes parecesse estar constituindo uma ameaça ou representasse uma oposição aberta. Agiriam em cumprimento às genéricas ordens superiores que nem sempre fazem-se claras ou precisas no momento em que são dadas e que só vêm a se tornar devidamente explicadas e compreensíveis depois de um incidente ocorrido. Uma extremada ou impensada reação desses soldados poderia gerar fato gravíssimo, com consequências imprevisíveis.

Naquela quarta-feira de 1º de abril, todos os quartéis da cidade amanheceram numa rigorosa prontidão, inclusive tendo sido acionados os planos de chamada para que todos os militares que estivessem de folga ou de férias se dirigissem imediatamente para suas respectivas Unidades, porque era previsível que um grave conflito pudesse estar chegando à beira de seus portões. Até mesmo na Escola de Oficiais da Força Pública a formatura matinal desse dia não se deu com os cadetes trajando suas camisas de mangas compridas, gravatas e bicos-de-pato, como de costume, porque extraordinariamente eles receberam ordens para se apresentarem no pátio com seus uniformes de campanha, coturnos e capacetes, a cada um deles tendo sido distribuído um fuzil com baioneta e munição, como se devessem estar prontos para e em condições de entrar em confronto direto com um “inimigo” que eles não sabiam quem era, nem onde estava, nem como deveria ser combatido. Os novos alunos não tinham

aprendido sequer a empunhar direito seus armamentos e muito menos saberiam fazer uso deles se viesse a ocorrer um enfrentamento ou um “combate”.

Enquanto o dia tenso passava sem que nada de mais extraordinário ou anormal acontecesse no âmbito interno da Escola, o cadete Anjos Couto, recolhido em seu quartel, limitava-se a acompanhar toda aquela encenada preparação a ele mais parecendo ser meramente um exercício de “faz de conta”, um rotineiro treinamento do qual não iria resultar nenhuma consequência emergencial, acreditando até mesmo que estava sendo demasiadamente alardeada a gravidade do momento, e que isso estaria sendo feito exclusivamente para os fins de instrução. Ele não julgava ser possível que a Escola, com seu corpo de cadetes calouros, pudesse ser deslocada de seu quartel e lançada às ruas para participar de um movimento revolucionário, fosse contra ou a favor. Achava isso muito pouco provável e inadmissível em face do nenhum preparo ou capacitação dessa tropa para seu emprego em qualquer tipo de ação armada. Nesse dia, antes de seguirem para as salas de aula, os cadetes deixaram seus fuzis ensarilhados no centro do pátio e nas classes seus capacetes eram postos sobre as carteiras escolares, só servindo para incomodá-los durante as anotações.

Como resultante da sublevação militar, o Brasil passou a integrar o bloco dos países latino-americanos nos quais viriam a ser implantadas ditaduras de direita apoiadas e financiadas pelos Estados Unidos. Na manhã desse mesmo dia, as tropas paulistas do II Exército, comandadas pelo General Amaury Krueel, também tinham iniciado um deslocamento em direção ao Rio de Janeiro, transitando pela via Dutra até alcançarem a cidade de Resende, onde foram interceptadas pelo general Médici. Este estava à frente dos jovens cadetes

da Academia Militar de Agulhas Negras (AMAN), em posição defensiva e que visava a retardar o deslocamento de outra tropa que vinha do Rio de Janeiro sob o comando do General Âncora. Às 18h desse dia, os três generais se reuniram na AMAN num demorado encontro, no qual restou decidido que uniriam suas forças sem nenhum confronto e prosseguiriam com um só objetivo: a restauração da disciplina militar e da hierarquia nas Forças Armadas além da continuação da busca pela extirpação dos inimigos da pátria e a detenção da escalada comunista.

Consolidava-se a “revolução”.

II

Enquanto isso, na Escola de Oficiais da Força Pública, o cadete Anjos Couto procurava por todos os meios acompanhar as notícias para se pôr a par de tudo o que estava acontecendo lá fora com a curiosidade que lhe era típica, porém com certa indiferença que não o deixava abalar-se. Incomodou-se quando soube que alunos da AMAN estavam sendo envolvidos nessa já chamada “revolução” e por algum tempo esqueceu-se de sua intenção de deixar a Escola para conformar-se com a rigorosa prontidão decretada que certamente iria retê-lo no quartel ainda por uns dias e que, sem dúvida, o impediria de sair no próximo final de semana ou de viajar para Cruz das Almas para rever Irene, como antes programado. Nesse dia e nos dias seguintes, nada de grave ou inusitado ocorreria na Escola a não ser a manutenção do aquartelamento e a obrigação imposta aos alunos de continuarem com seus uniformes de campanha e com o porte individual de um fuzil municiado que à noite era acomodado ao lado de suas camas. Com o passar do tempo, tudo isso foi perdendo o sentido e a razão de ser e Anjos Couto sequer chegou a temer que realmente pudesse ocorrer qualquer confronto armado e, menos ainda, que ele e seus novatos companheiros pudessem vir a ser envolvidos nele.

Notícias veiculadas pelo rádio davam conta de que, pela inexistência de reação de parte das tropas aliadas ao governo, naquele 1º de abril o Presidente iniciara uma fuga do Rio para Brasília, desta para Porto Alegre – onde fracassaria uma débil tentativa de resistência de tropas legalistas lideradas por Leonel Brizola – e por final, dali para um exílio voluntário

no Uruguai, por não querer que houvesse derramamento de sangue. Soube-se que, antes mesmo de João Goulart deixar o território brasileiro, o presidente do Senado, Auro Soares de Moura Andrade, já havia declarado vaga a Presidência da República e os militares revolucionários passaram a deter todo o controle da situação, tomando para si o poder real e de fato do governo, através de um autodenominado “Comando Supremo da Revolução”, triunvirato que veio a ser composto por representantes maiores das três armas: o brigadeiro Francisco de Assis Correia de Melo (Aeronáutica), o vice-almirante Augusto Rademaker (Marinha) e o general Artur da Costa e Silva (Exército), sempre em nome da recém batizada “Redentora Revolução de 31 de março”.

Nos dias seguintes, a gente brasileira começaria a saber e a testemunhar uma desbragada e violenta repressão contra setores que politicamente tivessem sido adversos aos reais propósitos da “revolução”. Iniciavam-se as perseguições contra pessoas que sabidamente fossem ou pretendessem ser adeptas da esquerda comunista. Ocorriam incontáveis prisões sem nenhum mandado judicial que as legitimasse e implantava-se um estado de exceção, com suspensão temporária de direitos políticos e garantias individuais de todos aqueles que tivessem sido ou tendessem a ser contrários à doutrina ou às teorias do comando revolucionário. Com isso, rompia-se o estado de direito e quedava-se ferida a liberdade típica de uma democracia que iria padecer desse mal pelas próximas duas décadas.

III

Anjos Couto estava ansioso e desejando sair do quartel para ver sua Adamastor supostamente dominada, porém isso só veio a se tornar possível a partir da manhã do domingo, dia 5 de abril, porque mesmo tendo sido suspensa a prontidão no dia anterior, ele ainda teve que cumprir a proibição de sair do quartel durante todo o sábado, por ter tido seu licenciamento escolar parcialmente cassado em decorrência de anotações em seu caderno de conduta. Não tinha ele uma personalidade transgressora nem era exatamente um aluno indisciplinado, muito menos um consciente descumpridor de ordens, que o fizesse merecedor das contínuas anotações que sofria, porém era um cadete avesso e inadaptável àquele regime.

Ademais, parecia que tudo naquele quartel acontecia de forma sempre a ele adversa para complicar sua vida. Por vezes era surpreendido pelo oficial-de-dia quando andava pelos corredores da Escola, às altas horas da noite, retornando a seu alojamento depois de prolongada leitura de um livro ou após escrever uma longa carta para Irene, sempre isolado em sua sala de aula. Recebia anotação em seu caderno de conduta porque àquelas horas, após o toque de silêncio, era proibido transitar pelo quartel e todos os alunos deveriam estar dormindo, recolhidos em seus alojamentos. Outras vezes porque, tendo deitado tarde e então dominado por um profundo e gostoso sono da manhã, permanecia em sua cama sem atentar para o toque da alvorada e sem que nenhum companheiro seu tivesse tido o zelo ou cuidado de acordá-lo, para livrá-lo de uma anotação por atraso na formatura matinal. Mesmo quando tinha a oportunidade ou lhe

era permitido explicar-se, numa tentativa de se livrar de uma anotação, a fundamentação por ele arguida não era acolhida e nunca conseguia justificar sua falta. “Explica, mas não justifica”, era o bordão sempre ouvido dos oficiais anotadores.

Registre-se que logo na semana posterior à que recebera os uniformes, Anjos Couto deu-se conta de que seu armário fora arrombado e dele havia sido furtada sua japona, o que passou a dificultar sua entrada em forma quando era obrigatório o uso dessa peça de uniforme nas formaturas. À frente de mais essa dificuldade, virava-se como podia e como devia, buscando seguir a filosofia propalada na Escola para vencer situações difíceis. “Se vire” era o que lhe diziam os instrutores, como se aludissem (*sem o saber*) à clássica educação dos efebos espartanos para quem era desprezível reclamar de dificuldades, fosse no campo de treinamento ou no campo de batalha, e era nobre e elogiável o ato de “aliviar-se”, ainda que tivesse de ser através de furto da coisa que lhe surrupiaram (*desde que não se deixasse apanhar*). Lógico que, mesmo tendo sido vítima de um furto dentro da própria Escola, não seria através do cometimento desse mesmo ato que Anjos Couto iria “aliviar-se” da dificuldade que isso lhe gerou. A cada dia em que tinha que comparecer às formaturas e conforme ordenado devesse estar usando japona, apressava-se em tomar por empréstimo essa peça de um ou de outro cadete que, por dispensa médica ou por outras razões não sabidas, delas não iria participar. Porém nem sempre as peças tomadas por empréstimo lhe caíam bem. Ora eram enormes em seu corpo franzino, facilmente identificadas como não sendo suas, ora eram por demais justas e com mangas visivelmente curtas a provocar risinhos dos oficiais fiscalizadores. De outras vezes, por ser tomada de cadete do curso preparatório, tinha que ser completado com esparadrapo o bordado das insígnias nas

mangas para identificar e corresponder a seu ano no curso de formação, o que acabava por lhe render outro tipo de anotação disciplinar: *uniforme alterado*. Por essas e outras tantas razões não era raro ter seu licenciamento semanal cassado, parcial ou totalmente.

Na manhã do domingo e só então estando livre para deixar o quartel, depois de nele ter ficado encerrado por sete dias em face dos últimos acontecimentos, Anjos Couto saiu devidamente fardado, como era obrigatório. Trocou de roupa num pequeno aposento alugado pelo Centro Acadêmico da Escola, fora e perto de seus muros, utilizado pelos cadetes para guardar seus fardamentos e trajes civis, e em seguida embarcou num ônibus, deixando-se levar para o centro com a intenção de rever sua Adamastor e saber como ela estava.

O domingo amanhecera como um dia bonito, com um céu azul assim muito limpo, sem que tenha ele se atrevido a pensar ser um céu de brigadeiro porque também a Aeronáutica tinha se envolvido no levante revolucionário. Era um dia com um clima agradável, convidativo para uma lenta e descontraída caminhada sem compromisso pelas longas avenidas do centro da cidade ou para fazer um passeio solto por suas praças arborizadas.

Antes de alcançar a Praça do Correio, chegou a ver pela janela do ônibus algumas poucas barricadas que ainda interditavam uma ou outra rua. Viu um restante de tropas federais que, calmamente, agrupavam-se ali e acolá não mais sendo ameaçadoras; alguns antigos caminhões do exército com suas carrocerias cobertas com surradas lonas e que estavam estacionados em cruzamentos a lhe lembrarem cenas da Segunda Guerra Mundial, por ele vistas no cinema, e um incomum número de policiais e viaturas que circulavam em preventivo patrulhamento. Mas não viu nenhum tanque de guerra,

possivelmente porque já tivessem sido recolhidos aos quartéis depois da estabilização do movimento militar.

Admirou-se ao ver sua Adamastor quietamente receptiva e paciente como se nela nada houvesse ocorrido nos dias anteriores, ou como se nada estivesse por acontecer que pudesse lhe causar algum sobressalto ou reboleço. Não havia nela nenhuma movimentação estranha ou diferente da de um domingo comum. Sua gente caminhava com aparente tranquilidade, indo ou vindo de seus destinos costumeiros ou pretendidos, nada fazendo lembrar o que nela havia acontecido antes e nada havendo que a fizesse temer por coisa que pudesse ocorrer amanhã.

Antes de deixar o quartel e pelas notícias que ouvira através do rádio, o cadete Anjos Couto pensou que iria encontrar uma cidade abalada e diferente, sitiada e recolhida sob um medo paralisante ou contraída pelo susto que passara, com seus movimentos não mais em efervescência como de costume, mas refreados e acanhados, que a tivessem levado a esconder-se em si mesma, esquivando-se de dar as caras. Mas não! Não foi bem assim que ele reviu sua Adamastor. Não a viu vestida para a guerra nem viu nela nenhuma cicatriz, marca ou sinal de que antes tivesse feito parte de uma batalha ou tivesse sido um dos cenários da revolução armada da qual também ela participara. Não a reconheceu temerosa nem sob alarme pelo que ainda tivesse por vir. Estava pacificada, pelo menos no que dava para ser visto em suas ruas centrais, ou pelo que podia ser observado no rosto das pessoas que tranquila e descontraidamente caminhavam por suas calçadas sem os usuais esbarrões dos dias úteis. O que ele via era uma cidade consentida curtindo levemente um seu domingo bonito.

Já era bem passado das onze horas quando Anjos Couto caminhou de volta até o ponto inicial de seu ônibus

na Praça do Correio pretendendo retornar ao quartel, não sem antes ter revisitado vários dos lugares que já eram seus conhecidos, ter se demorado à frente dos cartazes de filmes anunciados nos diversos cinemas do centro e tomado uma guaraná num bar de esquina enquanto observava atentamente o comportamento dos transeuntes, que caminhavam acalmados e tranquilos pelas calçadas nessa manhã de domingo sem se esbarrarem uns nos outros. Queria chegar no quartel a tempo de alcançar o almoço no rancho e tinha o propósito de, à tarde, retomar a inacabada leitura de um livro de Erich Fromm: *A linguagem esquecida*.

Ali no ponto da Praça teve um agradável encontro com o cadete Berardi, um colega que desde a época dos exames seletivos se tornara seu amigo e eram mutuamente chamados pelos nomes de suas cidades de origem. Berardi era o *Piquerobi*, Anjos Couto era o *Cruz das Almas*. Por estarem fora da Escola e em trajes civis esse encontro tornou-se mais prazeroso e com uma liberdade de pensar e de dizer o que dentro do quartel não podia sequer ser pensado, muito menos dito. Iniciou-se um diálogo solto e amigável que se prolongaria ao longo de todo o percurso de volta.

– Oi, Piquerobi. Como é que andam as coisas?

– Oi, Cruz das Almas. Tudo bem? Que é você está fazendo por aqui?

– Vim dar uma olhada na cidade depois de ficar enclausurado na Escola por mais de sete dias. Estava com o licenciamento parcialmente cassado e só fui liberado agora pela manhã. Vim ver como é que a cidade está depois da chamada “revolução” que está se dando por aí. E você?

– Outra vez, cara? Parece que toda semana você fica de LC, detido no quartel sem poder sair! – respondeu Berardi, emoldurando sua fala com um largo sorriso de zombaria

para depois prosseguir. – Acho que você tá dando mole, cara! Que é que tá havendo com você? Continua brigando com a Escola?

– Não, não estou brigando. É que ainda não me adaptei direito e acho que nem vou me adaptar. Tenho pensado em abandonar o curso, sei lá! E você está se dando bem?

– Eu estou. Não é tão difícil assim e a gente vai levando. Difícil foi chegar até aqui, cara. Agora o negócio é segurar a barra e terminar o curso. É, ou não é?

Berardi interrompeu a fala enquanto entrava no ônibus e tão logo acomodado num de seus bancos acrescentou nova pergunta a Anjos Couto.

– Você sabia que nós não vamos mais ter férias entre um ano e outro e que o curso vai ser reduzido de três para um ano e dez meses, porque vão ser cancelados os períodos de férias entre um e outro ano, tudo porque estão precisando de oficiais? Um ano vai terminar numa sexta e já na segunda começa o outro ano. Aguenta as pontas aí, cara, que o tempo passa rápido!

Anjos Couto respondeu com certo atraso a observação anterior de Berardi para depois prosseguir.

– Sei lá, não sei não se vai dar. Eu ouvi meio por alto essa história de redução do curso. Acontece que eu tenho falado muito pouco com os outros e quase ninguém fala comigo. Eu procuro ficar sozinho a maior parte do tempo e confesso a você que acho que não vou terminar esse curso, não. Nem que ele seja reduzido. Não faz o meu gosto. Eu nem devia ter entrado nessa Escola e você sabe muito bem que eu tentei escapar dela desistindo várias vezes quando a gente ainda fazia exames. Mas não deu, né?

– Ô, Cruz das Almas, você é um cara estranho, sabia? Eu nunca vi alguém não querer uma coisa que muita gente quer e

mesmo assim acabar dando tudo certo para você. Tudo o que acontecia durante os exames virava a seu favor e apesar disso você ainda continua pensando em desistir. Tem hora que eu não te entendo, cara! Você é muito gozado. Que é que você tem na cabeça? Por que é que você quer sair agora?

– Pela mesma razão por que eu não queria entrar.

A essa rápida e seca resposta seguiu-se uma longa pausa até que Berardi retomasse sua fala. Talvez fosse ele o único cadete da Escola que podia dizer que bem conhecia Anjos Couto e com ele mantivesse uma aproximada amizade. Ele aprendera a respeitar o gosto pelo isolamento desse seu amigo sem procurar saber de suas razões. Aceitava sua sisudez e procurava não o importunar em ocasiões indevidas, porque sabia exatamente qual era o momento certo para procurá-lo para uma conversa.

Deram-se bem desde o primeiro encontro, tanto que Piquerobi uma vez chegou a organizar uma gozação coletiva quando o então Cruz das Almas entrou no alojamento depois de faltar aos exames seletivos no dia em que esses exames foram suspensos e sua ausência não foi anotada, o que fez com que ele escapasse da tentada eliminação. Apesar da gozação naquele dia, o então Cruz das Almas não se revoltou nem evitou o divertido assédio de seus colegas. Até parecia que estava se integrando bem ao grupo. Berardi o admirava por ele estar sempre em meio a seus inseparáveis livros e percebia que Anjos Couto realmente era diferente dos demais cadetes, não só pelo hábito da leitura e seu desprezo quase total pelas apostilas da Escola, como também porque ele tinha uma profunda capacidade de percepção das coisas e uma aguda sensibilidade que o tornava até mesmo capaz de antecipar-se aos fatos. Gostava de analisar tudo o que estava ou ocorria à sua volta e era um crítico sagaz, portanto não era de se estranhar

que continuasse a enfrentar dificuldades para se adaptar ao meio militar. Berardi voltou a falar.

– Sabe de uma coisa, Cruz das Almas? Já que você gosta de ficar isolado e não dá a menor pelota para o que acontece à sua volta, nem gosta do regime da Escola, você sabe o que é que eu acho? Eu acho que o que você tem que fazer é ficar quieto no seu canto, fazer com que te esqueçam e deixar o tempo rolar fazendo de conta que você está de acordo com tudo, cara! Você tem condições de levar esse curso com um pé nas costas. Termine o curso, cara, nem que seja empurrando com a barriga e quando você sair vai procurar coisa melhor para você fazer, coisa de que você goste.

Fez outra pausa, dessa vez pequena, como se fosse necessária apenas para mudar o enfoque de sua fala e continuou.

– Agora deixa eu te dizer outra coisa, cara! Você tem que ver que isso aqui, apesar de ter muita coisa ruim, é um bom emprego. Vai procurar emprego lá fora para você ver que nem trabalhando duro você consegue ganhar nem a metade do que você ganha aqui! Já pensou nisso?

– É, nesse ponto você tem razão, mas que não é fácil aguentar essa vida de “meganha”, não é. É muita boçalidade.

Anjos Couto sentiu que esse era um momento especial, no qual ele poderia fazer um desabafo franco a um amigo confiável e que não deveria desperdiçá-lo. Vinha precisando disso há muito tempo. Não lhe bastava escrever, rasgar seus escritos, escrever de novo, ou falar consigo mesmo na solidão noturna de sua sala de aula. Confidenciar-se com alguém era do que mais precisava. E a Berardi ele poderia falar sem nenhum receio e sem reservas. Esticou-se no banco, levantou as sobrancelhas franzindo a testa, manteve os olhos bem abertos enquanto fitava um ponto perdido à sua frente e iniciou uma narrativa num tom de voz intimista e num

ritmo que se assemelhou ao de um fiel contrito em ato de confissão.

– Você sabe que outro dia, depois de uma aula de equitação e depois de tomar banho eu desci sozinho para o almoço e o oficial-de-dia me anotou porque eu não tinha completado mesa no rancho? Agora escuta só! Eu tinha entrado sozinho no rancho e àquela hora tinha várias mesas para serem completadas e em cada uma delas tinha vários lugares vazios. Nenhuma delas estava com um só lugar vazio de forma que pudesse ser completada por uma pessoa só. Como é que eu podia completar vários lugares de uma ou de outra mesa se eu estava sozinho? Se eu era um só? Mas o tenente não quis nem saber. Fui anotado em falta grave: não cumprimento de ordem. Outro dia, à noite, eu fui para o caderno de forma coletiva porque toda a ala de meu alojamento estava fazendo um estardalhaço enorme e eu nem estava lá. Eu estava na sala de aula lendo um livro. Novamente falta grave: descumprimento de ordem. Resultado: mais um fim de semana sem poder sair. Eu acho isso um absurdo. Não tem lógica!

Anjos Couto tomou um fôlego antes de prosseguir, virou-se para o amigo ao lado e buscando relaxar um pouco retomou a fala para terminar seu desabafo e completar sua narrativa.

– Você soube do caso daquele tenente que numa aula de educação física dividiu a turma em dois grupos bem no meio do pátio e ordenou que depois dele gritar um número esse número deveria ser multiplicado por dois e se desse par o grupo da direita devia correr até o fim do pátio e se desse ímpar devia correr o grupo da esquerda? Como só corria o grupo da direita o tenente se enervou a ponto de exigir explicações da turma e só se deu conta do que ocorria quando foi avisado que todo número multiplicado por dois só pode dar

par. Você aguenta uma coisa dessas? Acho que estou no lugar errado. O que é que você acha?

– Sei lá, Cruz das Almas! Só que tem uma coisa importante aí que você não está considerando! Se você só ficar vendo e falando dos erros e das coisas ruins que acontecem por lá, você acaba se revoltando ainda mais e é aí que você não vai aguentar mesmo! A gente tem é que ver e pensar também nas coisas boas, cara! Você precisa lembrar que temos onde dormir com um certo conforto, temos boa comida de graça, não precisamos comprar uniformes e além de tudo temos um bom salário. Só para estudar, cara! Você não acha que isso já tá muito bom?

O cadete Berardi deu um tempo como se devesse aguardar que Anjos Couto assimilasse o que acabara de dizer ou como se ele já tivesse dito tudo o que devia e devesse parar de falar. Mas essa pausa novamente durou pouco e ele prosseguiu com a mesma fluência de antes.

– Escuta, cara! Nem tudo na vida tem que ser do jeito que a gente quer. Às vezes pra você chegar a um lugar que você quer você tem que passar por lugares que você não gostaria nem de ver de perto e muito menos de ficar. Tem trecho ruim e tem trecho bom. A vida é assim, cara! Aguenta a mão aí que depois que acabar o curso você vai achar que tudo isso valeu a pena.

Berardi fez uma outra pausa, dessa vez ainda mais curta, olhou para fora do ônibus para identificar onde estavam, deu um leve cutucão no braço de Anjos Couto para estimulá-lo a continuar ouvindo o que ainda tinha a dizer e concluiu.

– Quer saber de uma coisa, ô Cruz das Almas? Manda à merda esses boçais que te incomodam e vai em frente, cara! Você é maior do que eles, você vai ver! Daqui uns tempos você vai até dar risada de tudo isso e vai até achar que o

que viveu na Escola era bom e estava certo! Você vai acabar entendendo que foi bom ter tido um tenente ignorante, boçal, carrasco e insensível e um outro tenente tipo “mãezona” como aquele que te trata bem, te ouve e te entende melhor. No final das contas é bom ter exemplos diferentes porque aí você pode analisar um e outro e adotar sua particular maneira de ser. Cara, nem aqui nem em lugar nenhum do mundo tudo pode ser igual e ser só como a gente quer que seja. E depois tem mais uma coisa. Você tem que ver que isso aqui é um bom emprego, cara! E que você sai dele na hora que quiser.

– Eu já tentei sair e o comandante não deixou. Ele rasgou meu pedido de baixa –interrompeu Anjos Couto.

– Ah, é? Essa eu não sabia. Você chegou a pedir baixa, é? Ué, mas o comandante é uma mula e gosta de mandar aluno embora mesmo sem ter motivo justo, como é que ele não deixou você sair?

– Sei lá! Acho que ele só manda embora um aluno quando é ele quem decidiu sobre isso. Se foi o aluno que pediu para sair ele não deixa.

– E daí? Como é que foi? – interessou-se Piquerobi.

– Daí eu continuo aqui. Fazer o quê? – conformou-se Cruz das Almas, fazendo um ruidoso muxoxo.

– Vamos passar para a frente que já estamos chegando – alertou Berardi.

Desembarcaram do ônibus num ponto bem próximo da Escola e dirigiram-se à pequena casa onde os cadetes mantinham um quarto alugado destinado a guardar seus fardamentos. Ali trocaram suas roupas civis pelos seus uniformes e quando passaram pelo portão principal da Escola reviram o extenso e majestoso prédio do quartel onde se alojavam. A conversa entre eles cessou a partir dali. Não tardou para que Anjos Couto se mostrasse mergulhado numa espécie

de profundo indiferentismo e, para ser mais exato, num completo alheamento de tudo, de tal maneira que passou a andar como se fosse um autômato, sem fixar a atenção em nada à sua volta e sem nenhuma vontade de falar. Sequer dava-se conta de que estava acompanhado de Berardi que caminhava a seu lado, também esse tendo ficado em silêncio até alcançarem o pátio interno e chegarem ao rancho para o almoço. Ao entrarem ali e vendo-o quase vazio porque nesse domingo eram poucos os *laranjeiras* que nele tomavam refeições, Berardi quis quebrar o silêncio e aproveitou para fazer uma pequena chacota com seu companheiro.

– Vê se completa mesa, hein Cruz das Almas?

Anjos Couto não reagiu a essa provocação. Não esboçou nem um sorriso maroto que demonstrasse ter entendido a brincadeira de Berardi. Fez que não ouviu. Almoçou calado como se ali estivesse sozinho, não houvessem chegado juntos e nem se conhecessem. O Cruz das Almas que sempre viveu solto para voar pelos céus de sua imaginação, que seguia sem receio a liberdade de um regato intocado nas terras de Inhaúma ou que serelepeava à vontade pelas arborizadas ruas de sua cidade, parecia ter-se transformado numa outra pessoa a partir do momento em que, estando fardado, cruzou o portão daquela Escola.

Seu semblante seriou, perdeu a vontade de comunicar-se, recolhendo-se para ser alguém completamente diferente daquele que há poucos minutos estava aberto para confidências com um amigo. Anjos Couto, ele próprio, não tinha dúvidas de que era o quartel que lhe causava essa mudança toda vez que a ele regressava, levando-o à necessidade de ocultar suas ideias e de refugiar-se de todos. O uniforme militar pesava-lhe como uma armadura medieval a limitar os mais simples movimentos de seu corpo e a provocar nele

um segredo recolhimento, à medida que passava a sentir-se obrigado a espiar o mundo só através das fissuras de uma pequena viseira de pesado elmo.

Interpretar um cadete ao longo de entediados dias nessa Escola era para ele mais do que um tormentoso trabalho, porque ele se via forçado a travestir-se em alguém completamente diferente dele, muito distante do Tuliano que ele era e infinitamente desigual ao Tuta que ele sempre gostou de ser. De outra parte, agradava-lhe ser chamado de Cruz das Almas, codinome que lhe dera Berardi por ocasião do primeiro encontro entre eles, ainda nos tempos em que eram candidatos a uma vaga nessa Escola. Para ele, ser chamado assim acendia suas lembranças e avivava sua memória por ser um nome evocativo. Já ser chamado de cadete Anjos Couto, embora fosse esse seu sobrenome, era como se estivessem lhe impingindo uma falsa identidade. Não se via sendo um militar. Fardado, ele não era ele. A Escola não era o lugar em que ele sonhara estar e nela ele não pretendia permanecer. Em seus devaneios, dentro das noites silenciosas em que se isolava em sala de aula e fechava seus olhos, ele a via como sendo um lugar adormecido, em tempos nos quais violentas justas resultavam em vazamento de olhos de reis e de lordes e nas quais ele não passava de um submisso escudeiro, que tinha por missão polir as armaduras de seu senhor ou cuidar das armas e dos cavalos de um nobre, enquanto aspirava um dia tornar-se um cavaleiro respeitado e admirado pelas belas donzelas que o aplaudiam, treinando para torneios em simulados duelos com armas de pau. Mas ele não se admitia sequer como sendo um escudeiro. Um ridículo Sancho Pança a servir um aloucado Don Quixote. Daí seu recolhimento, pois não aspirava ser nem um cavaleiro medieval nem um oficial militar.

Ao deixarem o rancho, ainda calados, Berardi ouviu um perdido *tchau* dito ao largo por Anjos Couto, que sequer se virou para dele se despedir. Observou o lento afastar do amigo em direção à ala de seu alojamento e não pretendeu impor a ele a continuidade de sua companhia, porque sabia que naquele momento ele não mais a desejava e que certamente a partir de então ele iria se recolher para ficar sozinho, imerso em seus revoltosos pensamentos.

IV

Passaram-se semanas até ser alcançado o mês de maio quando, para os novos alunos, iria se dar a grande cerimônia militar da entrega de seus espadins, réplicas em escala reduzida de uma espada, que para um cadete representa o símbolo de aprendiz de oficial. O treinamento para essa formatura começou bem antes do dia marcado e dava-se de forma intensa e repetitiva, impondo aos alunos o máximo de rigor na execução dos deslocamentos dos pelotões pelo pátio ou nos detalhes mínimos de seus movimentos individuais. Anjos Couto deixava-se levar de forma passiva, tendo começado a seguir o conselho de Berardi – que era o de se manter aquietado em seu canto, fazendo de conta que estava de acordo com tudo o que via, ouvia ou o que ocorria a seu redor. Com isso, as anotações em seu caderno de conduta começaram a rarear e ele conseguiu manter preservada a possibilidade de deixar o quartel e viajar nos finais de semana que se seguiram.

Nesse período ele embarcou duas vezes para Cruz das Almas indo rever Irene, que o aguardava sempre ansiosa. Ainda que só durante dois dias, um sábado e um domingo, a permanência em Cruz das Almas na companhia da namorada servia-lhe como uma recuperação física e mental a lhe dar novo fôlego para continuar suportando a tediosa mesmice de seu internato no quartel. Estar com a menina Irene em Cruz das Almas era para o cadete Anjos Couto a possibilidade, ainda que por pouco tempo, de voltar a ser o Tuta, apelido que ganhara da família desde pequeno. Realimentava-se de liberdade e recompunha seu eu próprio.

Em ambas as vezes que viajou, antes da festa do espadim, chegou junto com cartas suas anteriormente postadas e Irene as lia na sua frente com duplicada felicidade, constatando que o que continha uma e depois a outra condizia em tudo com o que Anjos Couto pessoalmente lhe relatava. Suas cartas mais se assemelhavam a crônicas que buscavam traçar retratos a bico de pena de sua gigante Adamastor, quase sempre chuvosa ou com garoa fina, ou relatavam o desconforto em suas noites frias e em seus dias ocos. Elas discoriam sobre o rotineiro vazio de uma vida aquartelada, insossa e cinzenta, pelo que buscavam colorir-la com alimentadas esperanças ou preenche-la com fantasias flutuantes quando não narravam conflitos que ele mantinha consigo mesmo ou com a realidade da Escola. De outras vezes essas cartas não noticiavam nada, limitadas a ser crônicas do cotidiano ou tentativas de poesias lançadas ao léu. Elas procuravam, sempre que possível, traduzir prolongadas reflexões que fazia sobre seus enigmas íntimos nas vãs tentativas de decifrá-los.

A última delas, que chegara às mãos de Irene alguns dias antes da que recebera junto com ele, falava um pouco da revolução ocorrida. Do levante de Minas – *ah, a bucólica Minas da Inconfidência, a Minas-poesia de Carlos Drummond de Andrade, a Minas-sertões de Guimarães Rosa* – com a repentina mobilização de homens armados que quiseram se transformar em sentinelas do tempo; do deslocamento de tropas militares por rodovias que as levavam a inimagináveis confrontos com inimigos incertos; de sua permanência obrigatória dentro de um quartel porque proibida sua saída em face do que lá fora estava acontecendo, e daquela estranha calma que ele viu reinante em sua cidade grande, chamada por ele de Adamastor, quando a revisitou no domingo que se seguiu ao 1º de abril da “revolução”.

Em Cruz das Almas, com Irene a seu lado, ele não iria falar de política, nem de quartel, nem de tropas militares, nem de revolução. Na companhia de Irene ele só queria voltar a ser o Tuta e tornar a ser o jovem que era capaz de efetuar fantasiosos sobrevoos pelos campos e pelos ares de sua pacata cidade, pelas suas verdes e belas avenidas arborizadas e suas calçadas forradas de florezinhas amarelas, ou de caminhar livremente pelos românticos cantos e recantos de sua cidade natal que nunca conheceu trincheiras, barricadas, tanques ou canhões, nem jamais recebeu a inquietante visita de guerreiros camuflados que passassem a olhar com desconfiança ou com ares de ameaça para seus pacíficos habitantes. Cruz das Almas recebia com carinho o filho que a ela tornava e era o Tuta quem a visitava, aquele que nunca dela se distanciara e a ela nunca deixara de ser pertencente. Irene o paparicava e reclamava para si a exclusividade do tempo para estar com ele durante toda sua permanência ali. Os pais Coutinho e Ordália tinham que se contentar com curta estada do filho em casa na rápida visita que ele lhes fazia, pois não se demorava por lá e pouco ficava com eles para uma conversa em família. No domingo, após o pernoite e um apressado café da manhã, novamente ele deixaria a casa dos pais e sairia ansioso para outra vez estar e ficar com a amada Irene, dedicando-lhe todos seus minutos. Voltaria só no final do dia para deles se despedir e ir-se embora. “É coisa da idade, deixa ele!”, conformavam-se os pais.

Repita-se que, enquanto permanecia com Irene em Cruz das Almas, ele deixava de ser o cadete Anjos Couto para voltar a ser por inteiro o Tuta – o jovem que crescera e sempre vivera ali. Ele pertencia a essa cidade tão profundamente que dela não mais queria se ausentar, como se só ali pudesse ter a liberdade de ser verdadeiro na inteireza de seu

ser, vivendo a vida sem redemoinhos de dúvidas quanto a seus amanhã e sem nenhum receio quanto à direção a ser tomada na busca do que poderia lhe fazer feliz. Curtia os momentos com Irene como se a gigante Adamastor momentaneamente tivesse deixado de existir e ele não mais precisasse retornar a ela, novamente ver-se enclausurado nos quadrantes de uma escola militar e tornar a ser submetido às limitadas dimensões de seus conceitos e à rigidez de seus valores. Evitava até mesmo lembrar do quartel para não turbar seus dias livres. Diferentemente do dia em que pela primeira vez despedira-se de Irene para ir-se embora para a então desconhecida cidade grande, numa ida cheia de sonhos e de esperanças, dessa vez retornar à Adamastor não era uma ida à procura de algo ou para um encontro com o futuro, mas, tristemente, uma volta sem emoção e sem sabor, um retorno a lugar por ele já sabido ser cheio de desencontros e de embates. Era uma volta vestida de desagrado, carregando uma latente vontade de não ir, desejando ficar abraçado aos muitos lugares que eram seus na cidade que era sua, encantando-se com suas noites quietamente prolongadas, observando o lento deslizar de um rio de águas pardas que não só passava por ali, mas que também parecia querer parar por ali como se também ele pertencesse àquele lugar.

Que bom seria se pudesse ficar agasalhado no seio de sua gente conhecida! Oxalá não precisasse voltar e pudesse esquecer-se da Escola para ficar de vez em Cruz das Almas nos braços de quem ama! Só se obrigava a retornar porque era forçado a reconhecer que o campo da batalha que por ele ainda teria que ser travada não se encontrava ali. Seu futuro estava lá, na gigante Adamastor, e era para esse destino e fim que ele deveria voltar. No final do domingo despediu-se de seus pais e de Irene e retomou a identidade de um cadete que

teria que estar no quartel nas primeiras horas de uma fria e cinzenta manhã de segunda-feira.

Quando desse retorno, desde o momento em que cruzou o grande portão de entrada da Escola, novamente sentiu-se transformado no casmurro cadete Anjos Couto que, a partir de então, voltaria a necessitar de recolhimentos íntimos que lhe propiciassem oportunidade para seu livre pensar, ou de isolamentos noturnos que lhe permitissem ser ele mesmo e o protegessem contra tudo que representava o perigo de um condicionamento que o ameaçava e ao qual não pretendia render-se. Se tinha de continuar vivendo ali, por tempo cuja duração ainda não era sabida, teria que sobreviver ileso a essa ameaça, pois seria calamitoso deixar-se transmutar em um militar que no fundo era um seu contrário.

Tudo à sua volta era de uma frieza tumular, um mundo insensível, além de arrogante e aborrecível que só levava Anjos Couto a recolher-se em sua intimidade para não permitir sua capitulação àquele meio. Nada representava ser esse um lugar que estivesse à sua espera ou que pudesse acolhê-lo com sinais de boas-vindas, muito menos a ele, que na Escola via-se deslocado e continuamente levado à revolta por não querer a ela continuar pertencendo. Estava de retorno ao lugar onde teria que ficar, sabe-se lá até quando, sabendo que esse lugar não fora por ele escolhido e nem a ele chegara por espontânea vontade e vocação, vindo por tortuosos caminhos que em verdade ele não pretendia trilhar. Estava de volta porque era a partir dali que ele ainda esperava visualizar novos rumos sem se deixar seduzir pela beleza dos uniformes de gala com seus alamares e galões dourados, nem pelos brilhos de seus botões.

V

A festa do espadim desse ano ocorreu num domingo e trouxe para a Escola os muitos familiares dos novos cadetes, com o pátio ficando largamente emoldurado por vestes coloridas, vendo-se algumas senhoras usando chapéus elegantes num rigor até mesmo descabido para a ocasião, enquanto outras chegavam vestidas com simplicidade e discrição, mas com maior adequação. Todas se esticavam para localizar seus filhos ou afilhados perfilados em meio aos pelotões formados no centro do pátio. Irmãos e amigos de cadetes que ali se exibiam garbosos em seus belos uniformes nutriam uma admiração quase invejosa ao observá-los, talvez querendo estar em seus lugares no ano que vem. Pais traziam nas faces e nos olhares um estampado orgulho por verem seus filhos em forma no centro do pátio, já os imaginando como sendo os futuros oficiais da Força Pública. Muitos desses pais eram oficiais superiores da Corporação e seus filhos-cadetes representavam a pretendida continuidade de uma tradição militar em família.

Por sua vez, Anjos Couto era apenas mais um em meio à tropa formada, um anônimo e insignificante cadete executando os movimentos devidos de maneira quase automática, sob o comando de toques de corneta, sem pensar como os executava e sem atentar por que o fazia. Observava à sua frente o palanque das autoridades quando lhe veio à mente o ato cometido por Euclides da Cunha na ocasião em que esse integrava a Escola Militar da Praia Vermelha, que no exato momento em que sua tropa era passada em revista arremessou sua espada aos pés do então Ministro da Guerra

Tomas Coelho, num arrojado protesto público. Anjos Couto sabia que esse escritor fora imediatamente excluído da Escola Militar em face daquele seu ato de insubordinação. No rosto de Anjos Couto desenhava-se um sorriso retido, meio que provocante e irônico, não chegando ele a pretender o cometimento de semelhante ato com seu espadim, mas não deixando de pensar que essa seria a forma mais rápida dele sair da Escola. Seria um ato que não interromperia a solenidade, mas causaria um espanto geral e depois dele sua expulsão seria inevitável. Contudo, mesmo que o tenha querido, reconheça-se, ele não teria a coragem que Euclides da Cunha teve para cometer tamanha audácia e nem seria esse um ato original. Ele era simplesmente um não identificado e desconhecido cadete no meio daquela tropa, tendo como convidado presente apenas seu irmão mais velho que ali comparecera à paisana, trajando um bom terno e gravata, embora soubesse que por também ser pertencente à Corporação, isso se constituía numa transgressão, que poderia resultar em punição disciplinar se ele fosse identificado assim numa solenidade militar.

Autoridades lotavam os dois palanques especialmente a elas destinados e acompanhavam silenciosas e atentas os diversos atos da cerimônia: a recepção à bandeira, o canto da Canção da Escola de Oficiais e do Hino Nacional, a apresentação da tropa formada e sua passagem em revista pela mais alta autoridade, a entrega dos espadins aos novos cadetes, a apresentação da *ordem unida sem comando*, uma belíssima série de movimentos sincronizados executada por um pelotão de cadetes veteranos, os inevitáveis discursos de autoridades, a confraternização dos presentes e o desfile de encerramento. Nesse dia a Escola mostrava-se engalanada, em festa durante toda a manhã, simulando aparência de que nela tudo era

certo, bonito, perfeito e bom – principalmente para os que a visitavam pela primeira vez. Mas só era assim para esses, não para muitos dos que a ela pertenciam. Para Anjos Couto, um não destacado coadjuvante dessa festa, o dia era apenas mais um que ele vencía ali. Embora estivesse recebendo seu espaldim, não se sentia como se a festa também fosse sua. Apenas cumpria mais um ato ao qual estava obrigado enquanto aluno pertencente àquela Escola. Durante todo o transcorrer pensava em Irene que, embora convidada, não pode comparecer.

Após a solenidade, tendo a tarde livre, saiu para ver Elizabeth Taylor no recém lançado filme *Cleópatra*, quando pode ficar aliviado por algumas horas enquanto mergulhava em outras eras e em outro mundo onde se viam combates dos romanos em batalhas que eram da história, não as suas.

No dia seguinte a Escola retomou suas atividades normais, o que para Anjos Couto significava a continuidade da mesmice de seus dias de fastio. Voltando a trajar o uniforme costumeiro de seu dia-a-dia seguiu para a sala de aula onde, como sempre, simulava estar prestando atenção ao que diziam os oficiais-instrutores enquanto, mentalmente, ausentava-se de onde estava para empreender imaginárias viagens pelo mundo do lá fora. Cotovelo apoiado na carteira, punha o polegar e o indicador da mão esquerda sobre as têmporas, fazia concha com a mão para ocultar seus olhos e abaixava a cabeça para aparentar que estava tomando notas de lições enquanto outra coisa não fazia senão escrever nova carta a Irene com suas letras miudinhas. O tema dessa segunda-feira era a solenidade do dia anterior. Não seria de louvação, mas de narrativas de seu desencanto, com críticas principalmente por ter sido obrigado a ficar horas sob um sol escaldante, envergando um pesado uniforme de feltro azul, enquanto ouvia cansativos discursos laudatórios da importância dos militares

na vida do país. Evocar a revolução de 1º de abril era mais do que conveniente e necessário, principalmente nos quartéis e naqueles primeiros meses pós- revolução não poderia ser diferente. Estava assim tão absorto e enlevado enquanto “falava” com Irene que nem se deu conta de que sorratamente o tenente-instrutor aproximara-se de sua carteira o bastante para observar o que ele estava fazendo. Seus colegas se imobilizaram para observar a cena que poderia ser cômica e fizeram pousar na sala um silêncio tão repentino que Anjos Couto foi despertado de seu distante recolhimento, porém só quando nesse ele já havia sido flagrado.

– O que é que você está escrevendo aí? – perguntou o tenente.

Ao ouvir de chofre e atrás de si a voz do instrutor, Anjos Couto incomodou-se como se houvesse sido descoberto em um esconderijo secreto bem distante dali e no qual se refugiava. Com a descoberta sentiu-se fragilizado entre os colegas que naquela sala e naquele momento o fitavam, numa interessada espera de que viesse a ocorrer uma situação que para eles seria cômica ou que motivasse gozações futuras. Seus companheiros de sala retinham um riso maldoso que só seria solto se e quando vissem Anjos Couto atrapalhado diante daquela situação. Contudo e sem atropelos ele recolheu lentamente seu braço esquerdo estendendo-o sobre a carteira e discretamente fechou seu caderno pretendendo ocultar o que nele poderia ser notado. Levantou a cabeça posicionando-se melhor na cadeira e olhou para o instrutor ansiando não demonstrar nenhum receio embora estivesse um tanto atordado pela inesperada abordagem. Voltou-se para o tenente e respondeu com voz insegura.

– Só anotações, senhor.

– Me dá esse caderno! – ordenou o austero instrutor.

Não foi exatamente o conteúdo da carta que escrevia naquele momento ou das várias outras que escrevera antes e que também estavam naquele caderno o que mais preocupou Anjos Couto ao entregá-lo ao tenente-instrutor.

As cartas nele contidas tinham sido manuscritas com letrinhas miúdas e oblíquas, aproveitados os espaços entre as linhas das folhas pautadas, como ele se habituara a fazer, afora o fato de que elas continham muitas palavras abreviadas, expressões inacabadas e parágrafos meramente sugeridos que só seriam completados ou efetivamente compostos quando ele, e só ele próprio, conseguia passá-las a limpo nas folhas de um bloco de cartas. Essa era a forma da qual se utilizava para evitar que estranhos delas tomassem conhecimento e invadissem sua privacidade. De maneira que decifrá-las por completo não era nenhuma tarefa fácil. Ainda que ele soubesse que num ou noutro desses rascunhos de cartas havia algumas referências com críticas mordazes à vida no quartel ou, até mesmo, com emissão de alguns conceitos pessoais pouco elogiáveis a um ou a outro oficial-instrutor, não foi o conteúdo dessas cartas o que mais o preocupou quando recebeu a ordem e teve que entregar seu caderno ao tenente-instrutor. Naquele momento sua preocupação voltou-se para o fato de que em várias folhas daquele caderno, principalmente nas últimas, tinham sido por ele desenhadas inúmeras caricaturas não só de alguns de seus colegas de classe como também de oficiais-instrutores, inclusive a do próprio oficial que então o surpreendia, um jovem tenente com aparência ariana e cabelos claros espetados como escovinha, além da do comandante da Escola, o desbocado capitão de cavalaria.

Seria de se supor que se esses desenhos chegassem às mãos dos oficiais caricaturados poderiam ser conhecidos e recebidos como um ato de desrespeito a intocáveis superiores

hierárquicos, porque nem todo mundo gosta de assim se ver. Além do mais em seus desenhos Anjos Couto enfatizava e exagerava muitas das características físicas da pessoa visada e sempre acrescentava a eles uma certa comicidade ao distorcer ou exagerar um ou outro de seus aspectos como o queixo, o nariz, as orelhas, os cabelos ou a boca do retratado. Vários de seus colegas se divertiam e até gostavam de se verem assim desenhados por Anjos Couto, enquanto outros reagem mal e ficavam irados, não aprovando as caricaturas e criticando o autor por tê-las feito sem prévia autorização. Na exploração de detalhes de suas aparências Anjos Couto por vezes os transformava em figuras hilárias e, para compor suas caricaturas, observava disfarçadamente na face do retratado tudo o que julgasse ser marcante a ponto de poder ser explorado. Gostava de assemelhar o retratado a algum animal ou ave que neles pudesse se adequar. O desenho que fizera do cadete Cesar Leite o apresentou como tendo uma cabeça de águia com nariz com ponta curvada para baixo e com olhos espiçados; o de outro colega de classe fizera lembrar um porquinho porque o caricaturado era gordinho e tinha um rosto de lua cheia; outro fora traçado como sendo o Visconde de Sabugosa, personagem de Monteiro Lobato, por ser por demais esguio e magricela, e noutros tinham sido explorados com significativo exagero suas orelhas abanas, seu gogó proeminente ou sua feiura lombrosiana. A caricatura do comandante da Escola havia sido feita apresentando-o dentro de linhas que faziam lembrar a cabeça de um cavalo indomado com seus enormes dentes projetados à frente e com olhos tanto esbugalhados quanto ameaçadores.

O tenente-instrutor pegou o caderno e começou a folheá-lo lentamente, a princípio não se mostrando nem um pouco interessado em proceder ou tentar a leitura dos

escritos com letras miúdas que eram as cartas à Irene e que constavam na maioria de suas folhas, porém quando se depa-
rava com uma caricatura numa ou noutra das folhas do final
do caderno detinha-se um pouco para apreciar seus traços e
procurar identificar o personagem ali retratado até que um
sorriso discreto percorresse seu rosto como a denunciar que
ele havia reconhecido a pessoa caricaturada, ainda que sobre
nenhum dos desenhos fizesse o menor comentário. Parou
um tempo maior quando na página em que ele próprio se viu
desenhado, mas também sobre essa não disse nada. Os cole-
gas de classe continuavam quietos em seus lugares sem tirar
os olhos tanto do instrutor quanto de Anjos Couto, todos
mergulhados num silêncio de espera, aguardando o final
daquele imprevisto e certamente torcendo para que aconte-
cesse alguma coisa que os fizesse rir, fosse naquela hora ou
depois. Sob controlada tensão Anjos Couto aguardava saber
o que iria decorrer daquele minucioso exame em seu caderno
pela possível descoberta de algo que não devesse ser sabido
por aquele oficial ou que a ele não pudesse ser exibido. Mas
nada de grave aconteceu a não ser a comunicação de que o
caderno estava sendo recolhido por aquele instrutor.

– Vou ficar com esse caderno para mostrar seus dese-
nhos ao comandante – disse ele.

Decerto não foi exatamente esse o aguardado final da
cena observada e aguardada pelos colegas de classe de Anjos
Couto, mas tão logo eles viram que o instrutor estava reco-
lhendo o caderno para mostrá-lo ao comandante soltaram o
riso que até então seguravam, não só porque já tinham visto
a caricatura do comandante e a consideravam por demais
engraçada, como também porque certamente imaginavam
a reação que o comandante iria ter ao se ver retratado na
cabeça de um cavalo. Não iriam curtir de perto essa reação,

mas só por imaginá-la já a consideravam jocosa – se é que realmente estivessem rindo por isso. Anteviam um quadro no qual o comandante ficaria no mínimo furioso, espumaria pela boca enquanto soltava uma série de palavrões, xingaria o autor do desenho, consideraria o fato como sendo um ato de desrespeito e um insulto à sua pessoa e certamente mandaria punir o caricaturista com a maior severidade possível por cometer tamanho atrevimento. Isso tudo se ele não resolvesse expulsar Anjos Couto da Escola, por ato de má conduta ou de insubordinação.

Após o recolhimento do caderno a aula prosseguiu sem que Anjos Couto pudesse fazer qualquer nova anotação ou continuasse a escrever carta. Sentiu-se como se lhe houvessem tomado um seu diário íntimo no qual ele sempre se mostrou por inteiro e só ali verdadeiro. Era como se o tivessem desnudado. Observava seu caderno deixado sobre a mesa pelo tenente-instrutor e disfarçava uma desolação e um constrangimento. Antecipou preocupação com o próximo final de semana por supor que seria bastante provável que seu licenciamento semanal viesse a ser cassado em decorrência desse fato e da possível reação negativa e adversa do comandante ao se ver desenhado. Seria mais um final de semana sem poder viajar para Cruz das Almas, sem rever Irene ou sem visitar sua Adamastor. Aquietado no fundo da sala, buscava entender por qual exata razão aquela risada coletiva dos colegas de classe houvera sido solta no exato momento em que viram seu caderno ser retido e que souberam que seus desenhos seriam mostrados ao comandante. Admitiu para si que ela tinha sido a clara demonstração de que eles estariam antecipando seu divertimento e que teriam rido às suas custas, do constrangimento a que fora ou a que ainda poderia ser submetido, concluindo que aquela explosão de

riso não teria sido apenas por força de uma imaginada reação que o comandante supostamente teria quando visse seus desenhos e reagisse negativamente à frente deles.

Achou que havia além dessa uma outra razão bem diferente e que o verdadeiro motivo de toda aquela expandida alegria da turma estaria muito mais relacionado à previsível penalidade disciplinar que a ele seria imposta e que lhe causaria sérios malefícios escolares como a cassação de seu licenciamento semanal e a inevitável redução de sua nota mensal, do que a qualquer outra coisa que estivesse diretamente relacionada à pessoa ou à reação do comandante. Reconheceu e admitiu para si mesmo, no íntimo de seu recolhimento, ser lastimável que existam pessoas capazes de celebrarem infortúnio alheio sempre que desse infortúnio possam se beneficiar numa velada competição na vida. Para os colegas que se identificavam com a Escola e se aplicavam nos estudos durante o curso era sabidamente existente uma acirrada competição na obtenção das melhores notas, pois eles sabiam que dessas notas resultariam não só a conquista de algumas regalias ou privilégios internos durante o curso – ser o porta-bandeira, exercer as funções de escalante ou outras que os aproximavam do comando – como também e principalmente que elas viriam a ser o fator determinante da antiguidade do futuro oficial quando fosse fixada sua classificação no *Almanaque dos Oficiais*.

Era exclusivamente pela média das notas finais obtidas ao longo do curso de formação que eles seriam futuramente classificados e assim permaneceriam durante todo o tempo de sua carreira militar, garantindo-lhes precedência nas promoções que deveriam ocorrer antes e à frente daqueles que na Escola obtiveram notas menores. Anjos Couto desconhecia por completo esse critério de classificação e sequer

imaginava quais poderiam ser as conseqüências futuras das não expressivas notas que tirava. Não tinha a menor noção de que suas notas iriam pesar em sua vida ou de que a média final do curso pudesse influenciar em sua carreira futura. Aliás, esse futuro vinculado à sua permanência na vida militar não estava incluído no rol de suas preocupações ou de suas pretensões, mesmo porque ele não se via concluindo o curso e muito menos alimentava a ideia de permanecer engajado na carreira militar pelos anos seguintes.

De maneira que mesmo que soubesse da importância de conseguir melhores notas que fixariam sua classificação durante todo o tempo de oficialato isso pouco lhe interessava, porque esse não era seu projeto da vida, o que fazia com que não se importasse com elas ou com eventual classificação futura que delas pudesse advir. Bastavam-lhe as notas que permitissem sua aprovação e isso apenas para evitar o que poderia ser pior: repetir um ano escolar e ter que estender sua permanência na Escola. Ele não se preocupava em ler, fosse por uma só vez, as muitas apostilas que poderiam prepará-lo para as provas e isso fazia resultar na obtenção de notas rasantes ou apenas médias nas matérias militares. Notas melhores ele só conseguia obter nas disciplinas que pelo seu conteúdo programático despertavam nele algum interesse, como as de natureza jurídica, a de História Militar e principalmente a de Português, embora também para essas ele não se preparasse nas vésperas, conseguindo, mesmo assim e sem nenhum esforço, alcançar excelente aproveitamento.

Logo após a formatura da manhã do dia seguinte, ainda no pátio, os colegas de turma de Anjos Couto viram quando ele foi abordado e recebeu seu caderno de volta das mãos do mesmo tenente-instrutor que no dia anterior o havia recolhido. Anjos Couto agradeceu-lhe pela devolução e, ainda que

não tenha lhe perguntado nada, ouviu dele alguns comentários sobre as reações provocadas por seus desenhos.

– O comandante gostou de seu desenho, tá ouvindo? Seu caderno foi disputado na reunião de oficiais porque todo mundo queria ver ao mesmo tempo. Aliás o comandante mandou dizer para você fazer outro desenho dele num papel maior que ele quer por num quadro. Achou o máximo ser retratado daquele jeito. Riu à beça! Ele adora cavalos, sabia? Agora, a minha caricatura não ficou lá essas coisas, não! Você podia caprichar um pouco mais. Dá pra fazer uma melhor?

– Vou tentar, senhor. É que eu fiz com pouca observação e de forma intermitente. Agora que estou autorizado poderei observar melhor, com mais calma, e acho que vou poder melhorar.

– Outra coisa! Seu caderno não tem quase nada de anotações de aulas, só cartas para a namorada e desenhos. Você não anota nada das matérias, rapaz? Como é que faz?

– Eu estudo depois pelas apostilas, senhor! – mentiu Anjos Couto.

– Tá bem! Vou esperar o novo desenho e não esqueça o do comandante, hein?

Embora tivessem visto o tenente devolver o caderno e conversar com Anjos Couto na saída do pátio e ainda que sem terem ouvido o diálogo que entre eles foi mantido, nenhum de seus colegas tocou no assunto ou perguntou qualquer coisa a respeito quando retornaram à sala de aula. Pelo que ao largo puderam observar, a conversa com o tenente tinha sido amistosa, percebidos os sorrisos de ambas as partes e notado que aquele oficial não adotara postura típica de autoridade superior que estivesse admoestando um subordinado. Pelo que podia ser visto, Anjos Couto não ficara em posição de sentido enquanto o tenente falava com ele, como era comum

ser exigido quando um superior está chamando a atenção de um subalterno. Para eles aquele encontro havia indicado que tanto da parte do tenente como da parte do próprio comandante não devia ter havido a raivosa reação que eles esperavam que ocorresse quando esse visse sua caricatura e, pelo jeito, Anjos Couto talvez nem viesse a ser punido disciplinarmente nem expulso da Escola. Houvesse sido de maneira diferente o caderno não teria sido devolvido assim de forma tão amistosa e fácil.

Esse incidente do dia anterior pareceu ter sido encerrado ali sem ter provocado nenhum desdobramento que pudesse dar motivo a uma nova zombaria da turma. Acabou sendo uma frustração para os colegas de classe que certamente aguardavam novos lances para suas gozações. Anjos Couto estava leve e intimamente sentiu-se satisfeito por saber que seus desenhos não tinham sido censurados pelos oficiais e principalmente por o comandante da Escola ter demonstrado particular interesse em obter um novo e maior. Voltou a ocupar seu lugar no fundo da sala, alheando-se de todos e, ensimesmado como sempre, não dando a menor atenção a ninguém nem mesmo ao capitão-instrutor que iniciava sua aula discorrendo sobre Ação Cívica Militar. Abriu seu usado caderno na página em que antes estivera escrevendo carta para Irene e nela se concentrou como se nada houvesse ocorrido ontem ou nada mais fosse ocorrer. Recolheu-se em pensamentos e ficou intimamente a sós com a namorada Irene. À sua turma restou esquecer desse incidente.

VI

No dia seguinte encabulou-se ao tomar conhecimento de que estava escalado no sábado para compor a equipe do serviço de dia no quartel. A escala de serviço era publicada sempre às quartas-feiras e nela discriminavam-se as funções de oficial-de-dia, sargento-adjunto, cabo-da-guarda e sentinelas, completando-se a equipe com alunos da Escola. Os terceiranistas que tanto hostilizaram Anjos Couto quando de sua chegada ao quartel tinham completado o curso, recebido suas espadas e não mais pertenciam à Escola, vez que declarados aspirantes-a-oficial e classificados em outras Unidades da Corporação. A turma do segundo ano, uma pequena turma, encerrara mais uma etapa do curso, entrara em um breve período de férias e só voltaria na condição de novos terceiranistas. Enquanto isso, a grande turma do primeiro ano, a de Anjos Couto, tornava-se temporariamente a mais antiga e a única do curso de formação de oficiais o que fez com que, nesse período, a escalação de oficial-de-dia recaísse entre seus integrantes. Escalado para o próximo sábado, estava eliminada de vez a possibilidade de empreender viagem a Cruz das Almas para estar com Irene nesse final de semana, como antes pretendido. Escapara da cassação de seu licenciamento em face da tomada de seu caderno com as caricaturas que fizera, mas acabou sendo impedido de viajar por força dessa escala de serviço.

A saída aos sábados e domingos nunca era uma certeza para nenhum aluno, porque poderia advir ao longo da semana uma inesperada prontidão que retinha todo mundo no quartel; poderia ser cassado o licenciamento semanal em

decorrência de anotações em caderno de conduta; poderia haver uma escala extra de representação para comparecimento em solenidade externa representando a Escola ou, como nesse caso, em decorrência de uma escala de serviço interno. Anjos Couto começou a pensar no que faria no próximo final de semana para preencher seus dias sozinho na Adamastor. Escreveria uma nova carta para Irene justificando o fato de não poder viajar para o tão esperado encontro quinzenal, compraria uma folha de cartolina e lápis de carvão para fazer novo desenho na forma pedida pelo comandante, para o que teria tempo de sobra durante a execução de seu serviço, procuraria um bom filme para assistir na tarde do domingo ou iria ao teatro que também era do que mais gostava.

Era a primeira vez que ele iria exercer a função de oficial-de-dia naquele Centro e por ainda ser novato e não ter pertencido ao anterior curso preparatório da Escola, que tinha a duração de dois anos e equivalia ao nível colegial, desconhecia as regulamentares obrigações que teriam que ser cumpridas no exercício dessa função. Isso o levou a perguntar como deveria agir a um tenente com quem casualmente se encontrou num dos corredores. Talvez por ter se sentido incomodado com a repentina abordagem feita por um atrevido cadete, a resposta desse oficial veio rápida e de forma grosseira como sempre se dava naquela Escola, para não fugir à regra.

– Se vire, caral! Eu quero é que você se foda.

Ao assumir o serviço, incumbia-lhe primeiramente conferir todo o material existente na pequena sala do estado-maior porque, a partir dessa assunção, passaria a ser dele a inteira e exclusiva responsabilidade pela guarda e manutenção do armamento e da munição ali distribuídos, inclusive devendo ser contados os cartuchos disponíveis, examinado

e conferido o livro de registro dos que cumpriam punição (*grade de presos*), a tomada de ciência de ordens por ventura existentes e ainda a cumprir, o controle da previsão de rancho e outras atribuições. Anjos Couto, irreverente e crítico que era, não deixou de perguntar a si mesmo quantas vezes aqueles mesmos antigos armamentos que estavam acomodados no estado-maior teriam sido exibidos e recebidos por diferentes escalados que assumiam o serviço e por quantas vezes aqueles envelhecidos cartuchos (possivelmente vencidos e não mais com garantia para uso) haviam sido contados, um a um, já que tudo isso obrigatoriamente se dava a cada rendição do serviço. Julgou haver excessiva burocracia em tudo: várias assinaturas em diversos recibos, registros em livros próprios de ocorrências havidas no serviço anterior, arquivo de cópias de *partes* encaminhadas ao comando e detalhado relatório que obrigatoriamente tinha que ser elaborado ao final de cada serviço. Por ocasião da rendição da equipe, tudo devia ser cuidadosamente conhecido e examinado por quem estava assumindo o serviço, sob pena deste responsabilizar-se por algo que não mais estivesse ali ou que ali estivesse de forma alterada. Depois, era proceder a fiscalização e o acompanhamento da rendição das sentinelas em seus diferentes postos, quando seriam dadas as orientações devidas para a perfeita execução das regulamentares funções impostas a cada uma delas e o saneamento de dúvidas que por ventura houvesse.

Quando acompanhava o sargento-adjunto para a rendição das sentinelas, chamou-lhe a atenção o fato de um destacado posto situado no extremo leste do quartel ser denominado e por todos conhecido como “posto da mangueira” sem que ali houvesse essa árvore frutífera ou qualquer outro tipo de grande árvore. Em resposta à sua pergunta o sargento-adjunto esclareceu que naquele lugar havia uma

mangueira e pelo que ele sabia era comum moleques e até mesmo adultos subirem no muro do quartel para furtarem mangas, o que motivou a criação daquele posto com uma sentinela no local.

– E há quanto tempo deixou de existir a mangueira daqui? – perguntou Anjos Couto, rindo por dentro.

– Não sei. Cheguei aqui há uns quatro anos e já não tinha nenhuma mangueira. Respondeu o disciplinado sargento.

– Mas a sentinela continua protegendo as mangas, não é isso? – ironizou Anjos Couto.

No mais, enquanto nas funções de oficial-de-dia, permaneceu a maior parte do tempo dentro da pequena sala do estado-maior escrevendo carta para Irene, desenhando a nova caricatura do comandante e aguardando novidades que reclamassem sua presença ou intervenção.

No domingo Anjos Couto novamente viu-se livre e foi caminhar pela sua Adamastor.

TERCEIRO CENÁRIO

O verbo no infinito.

*Amanhecer e aceitar o dia com as mãos
dispostas a receber sementes.*

*Acordar e cumprimentar as pessoas
que usufruam do mesmo dia.*

*Assobiar uma canção de memória que dorme
com a gente*

*e simplesmente amanhecer, descer as mesmas escadas,
ouvir as mesmas vozes e mesmos sons enquanto
se apalpa o dia para reconhecê-lo nascido.*

O verbo no infinito.

*Alimentar a alma com a primeira imagem bonita
que se vê, romper a barreira imaginária
entre a profissão e o gosto, e sorrir.*

*Docemente sorrir com os olhos por uma
lembrança casual,
por um lugar definido ou por alguém,
no verdadeiro desejo de um bom dia.*

I

Por estar recebendo um bom salário mensal que lhe permitia custear despesas pessoais, viajar duas vezes por mês a Cruz das Almas para rever sua Irene e não tendo alternativas a curto prazo que fossem viáveis para tentar novos rumos, Anjos Couto deixava que os dias escorressem dentro dos limites de seu quartel, aplainando suas revoltas e angústias. Numa fria manhã do mês de setembro, pouco antes de ser encerrado o primeiro ano letivo do curso, o comandante da Escola fez executar uma programada manobra militar para os cadetes em conjunto com alunos-sargentos, visando treiná-los em combates simulados no meio da selva, com deslocamentos em terreno montanhoso e contra inimigos não identificados. Era um típico exercício militar que nesses tempos pós revolução de 1º de abril adequava-se em muito aos desígnios do governo militar: a caça e a prisão de comunistas e subversivos.

O início dessa manobra deu-se a partir de uma formação geral no pátio interno da Escola com todos os participantes apresentando-se com seus uniformes de campanha, equipados com mochilas, lonas e paus de barraca, capas de chuva, pequenas pás e picaretas, cantis, pratos e talheres articulados, armados com fuzis levados em bandoleira, bombas de efeito moral, baioneta no cinto de lona, muita munição de festim e capacetes camuflados. O exercício teria a duração de dois dias e uma noite no meio da mata, movimentando um efetivo de aproximadamente quinhentos homens que, para os fins de instrução, fora dividido em duas partes: uma formando a tropa regular, com contingente bem maior

e que seguiria em formação, sob comando e em passo de estrada, contando com apoio logístico de caminhões com suprimentos, ambulância, equipe médica e uma guarnição do Corpo de Bombeiros para atuar em situações emergenciais; e outra parte formada por vários grupos apartados que ao todo somavam um reduzido efetivo e que atuariam como “guerrilheiros”, independentes entre si, cada qual sob o comando de um cadete e composto por mais três alunos-sargentos. Esses grupos saíam bem antes do quartel e teriam a missão de fustigar a tropa regular pelo tempo que durasse o exercício. Para esses, nenhum apoio logístico foi programado, cabendo a eles próprios cuidar da obtenção de seus provimentos, utilizando-se da astúcia e dos meios de sobrevivência na selva. Anote-se desde já que alguns dos cadetes comandantes de grupos iriam abusar dessa astúcia e da liberdade que tinham, como bem à frente se verá. Deveriam eles posicionar-se furtivamente à margem das estradas ou das trilhas por onde passaria a tropa regular, as mesmas trilhas pelas quais antigamente deslocavam-se tropeiros e comerciantes que levavam seus *cântaros* e iam em direção ao sul de Minas. Ocultados dentro da mata da serra, ou posicionados à beira de caminhos dentro dela existentes, esses grupos de guerrilheiros efetuariam ataques de inquietação à tropa regular durante os deslocamentos dessa, a seus acampamentos e a possíveis acantonamentos, ou atuariam para a tomada ou a “destruição” de alvos sensíveis como torres de transmissão de energia – lembrando-se que tudo se tratava de uma simulação com uso de munição de festim e bombas meramente de efeito moral.

Mesmo sem ter tido a opção de escolha, Anjos Couto viu-se escalado para compor um desses grupos de guerrilheiros que se diferenciavam da tropa regular não só por não usarem capacetes, mas sim um amassado bico-de-pato,

como também, e principalmente, porque não ficariam submetidos diretamente a nenhum comando de oficial. Anjos Couto alegrou-se particularmente por esse segundo motivo. Ele iria atuar com liberdade e independência no comando e na condução de seu grupo, devendo ser só ele quem teria autoridade maior para dizer onde, como ou quando agir. A missão atribuída a ele e a seu grupo iria ser executada com autonomia para se locomover pelo terreno durante todo o transcorrer do exercício e com liberdade para a execução de ações isoladas contra pontos sensíveis, ou para ataques de surpresa à tropa regular, sem o enquadramento que a essa se impunha. Esses grupos guerrilheiros deixaram o pátio do quartel às 5:30h, uma hora e meia antes da tropa regular, e embrenharam-se na mata ainda escura para se posicionarem junto às estradas ou trilhas pelas quais aquela deveria passar.

Todos os cadetes comandantes de grupo levavam consigo um sumário mapa da serra, no qual estavam assinalados alguns dos pontos críticos que viriam a ser futuros alvos de suas ações e, destacadamente, um ponto onde todos deveriam se reunir para troca de informações e descanso noturno, mesmo sem ter hora marcada para chegar até ele. Esse ponto principal era uma inacabada construção de uma grande e assobradada residência, abandonada no alto da serra, a cerca de uns duzentos metros da linha de uma pequena estrada, acessível apenas por esse lado. Para chegarem a ela alguns dos integrantes de grupos guerrilheiros iriam se utilizar de caronas impostas a assustados motoristas civis que por eles foram interceptados na subida da serra e obrigados a levá-los até onde pretendiam chegar. A exata localização desse ponto de encontro que passaria a ser o quartel-general dos guerrilheiros era um segredo que teria de ser preservado durante todo o tempo de execução do exercício. Seria seu

“aparelho” e, se descoberto por integrante da tropa regular, poderia significar a derrocada total de seus propósitos e missões revolucionárias.

Em suma, tudo estava a indicar que para Anjos Couto essa manobra militar viria a ser uma aventura que antes de incomodá-lo o entusiasmava, tanto porque ele ficaria fora do ambiente de seu quartel, afastado de sua tediosa e irritante mesmice, podendo sentir-se liberto no meio de uma mata desconhecida durante dois dias e uma noite, quanto porque dessa maneira ele já podia imaginar-se buscando ou fazendo seus próprios caminhos como livremente gostava de fazer quando andava à solta explorando as matas que margeavam o rio Itaguaí, nos bons tempos de infância em sua Cruz das Almas. Apesar do pesado e incômodo equipamento que transportava às costas, Anjos Couto sentia-se leve. Em sua mochila, entre outras pequenas coisas levava sua capa de chuva, uma pequena bússola, um maço de cigarros, uma caixa de fósforos, uma gandola de reserva, uma barra de chocolate, uma lata de sardinha e seu surrado caderno, julgado indispensável para fazer anotações sobre o que viesse a ser de seu especial interesse. Seus companheiros de grupo, que só veio a conhecer quando iniciado o exercício, eram três alunos da Escola de Sargentos que funcionava na ala oeste do prédio de seu quartel. Eram eles o aluno-sargento Moura, cuja fala delicada e voz pequena contrastavam com sua figura de homem corpulento e forte, aparentando ser destemido e determinado a vencer qualquer obstáculo que se lhe opusesse e sem nenhum medo de enfrentar perigo imprevisível; o aluno-sargento Depizol, esse um jovem magricela de baixa estatura, sempre sorridente e bom falante, porém às vezes deixando-se ver um pouco indeciso na tomada de decisão ou temeroso com o que o pudesse surpreender, e o aluno-sargento Edgar,

o mais velho dos três, um alegre e descontraído caiçara de pele queimada por ter vivido nas praias do litoral norte, que cultivava um espesso bigode e tinha uma disposição física de causar inveja aos mais novos. Iriam ficar juntos durante as próximas 48 horas em meio à mata fechada e sob o comando de Anjos Couto.

Deixaram o quartel da Escola juntamente com os demais grupos e passada pouco mais de uma hora todos já estavam dispersados ao longo do itinerário em direção à serra, conforme o propósito estratégico de cada um. Com seu grupo, Anjos Couto preferiu seguir sempre em frente e adiantar-se por uma estradinha que serpenteava pela mata até ver-se próximo a uma das torres de transmissão de energia que, segundo o planejado, seria seu primeiro alvo. O plano consistia em primeiramente fixar-se no terreno nas imediações dessa torre e aguardar a chegada de um contingente da tropa regular que ali deveria se posicionar com a missão de guardá-la. Só então é que seu grupo efetuará um assalto de tomada do posto ou um ataque com vistas à sua “destruição”.

Durante todo o tempo as atuações da tropa regular e as dos grupos dispersos eram acompanhadas ao largo e avaliadas por oficiais observadores que pontuavam negativa ou positivamente os resultados alcançados por uma ou por outra das partes para ao final ser definida qual delas tinha sido a vencedora. A prisão de um guerrilheiro era um dos atos de maior valor: cinquenta pontos. A conquista ou a destruição de um ponto sensível significava o ganho de vinte pontos para o grupo que atuou. Um mero ataque de fustigação valia dez pontos, o mesmo valor para a prisão de um integrante da tropa regular. A fuga de um prisioneiro não lhe valia ponto, mas debitavam-se pontos negativos à parte que o detinha ou era a responsável pela sua retenção e guarda. Contudo,

sempre precisava ser observado que na execução de qualquer ação de ataque ou de defesa era proibida a troca de uniformes para confundir o “inimigo” ou a utilização de elementos estranhos ao efetivo empregado, faltas essas que na avaliação dos oficiais observadores poderiam ser punidas com a perda ou a não validação de pontos obtidos pela parte que se utilizasse desses expedientes.

A manhã do primeiro dia do exercício fazia-se amena, com raios intermitentes de um sol tímido entre nuvens que mal conseguiam elevar a temperatura acima dos 13 graus no alto da serra. Antes que o grupo de Anjos Couto se embrenhasse na mata e enquanto ainda dava para ser visto, o céu mostrava-se carregado, prenunciando a ocorrência de chuva forte no meio do dia ou, com mais certeza, no meio ou final da tarde. Ele e seu grupo chegaram ao alto da serra e alcançaram o ponto previsto onde deveriam ficar à espera da tropa regular para efetuarem sua primeira ação. Tomaram posição nas imediações da torre alvo, talvez a uns 100 ou 150 metros distante dela, sempre ocultos em meio aos troncos, cipós e ramagem do solo de uma mata cerrada. Dali, preparariam o assalto ou o ataque para a destruição daquele ponto sensível, mas, conforme o desde antes planejado, isso não deveria ser executado de forma apressada, só devendo ser cumprido no começo da tarde e não logo após à chegada do contingente da tropa regular que viria para guarnecê-lo. Anjos Couto supôs que um bom tempo de inação e de espera serviria não apenas para que o inimigo desacreditasse que poderia sofrer um ataque, como também para que houvesse um afrouxamento da vigilância com vistas a isso. A possibilidade de cair uma chuva forte passou a ser considerada como fator favorável à futura ação guerrilheira e isso poderia até antecipar a hora do ataque. Acreditava-se que o melhor momento para

agir seria sob uma tormenta, que é quando o inimigo menos espera. Sabendo que ainda havia um longo tempo até que a tropa regular ali se posicionasse e antes que viesse a chuva anunciada, Anjos Couto determinou que fosse armada uma barraca num espaço relativamente livre e plano entre dois enormes troncos de cedro-rosa, para nela acomodarem suas mochilas e armamentos – só para esse fim. No mais era esperar e isso não seria por pouco tempo.

Enquanto aguardava, Anjos Couto enlevou-se passando a observar alguns macacos peraltas que saltavam com incrível esperteza pelos galhos de árvores grandes, parecendo um tanto assustados com a presença de humanos. Em sua mata a serra abrigava uma diversidade de animais silvestres como esses pequenos macacos, bichos-preguiças que dormiam a maior parte do dia agarrados nos troncos de árvores robustas, veados-mateiros solitários na mata úmida, quatis aparentados do guaxinim com seus focinhos compridos e que se enrolavam como bola no alto das árvores, caxinguelês, uma espécie de esquilo florestal também chamado de serelepe, jacus, aves de grande porte, tucanos com seus enormes bicos multicoloridos e outros animais ameaçados de extinção como a solitária onça parda, o gato-do-mato-pequeno, a jaguatirica, essa um gato-do-mato de maior porte, e o sagui-da-serra-escuro com sua pelagem predominantemente negra. Nela ainda podiam ser vistas várias espécies de aves, como o tucano-de-bico-verde, vivendo em pequenos bandos, e o macuco com seu piado grave e monossilábico. Deitado de costas ao lado da barraca, nuca apoiada nas palmas das mãos, Anjos Couto relaxou-se como podia e deixou-se encantar olhando para a copa de enormes árvores que o cobria. Sentia-se livre como sempre gostou de ser para pensar sobre os segredos que aquela mata escondia, imaginando como seria prazeroso

perder-se dentro dela. Chegou a viver uma irresponsável vontade de explorá-la a fundo para desvendar seus mistérios e conhecer de perto seus encantos, quem sabe abrindo caminhos aleatórios pelas suas entranhas numa aventura sem medo. Desde adolescente nutria um gosto todo especial pela aventura de caminhar livre pelo interior de matas, mas nesse dia isso não lhe era permitido e todo o cuidado era pouco, afora o fato de que tinha definidas missões a cumprir, inclusive a de orientar e comandar os três subordinados que compunham seu grupo e a obrigação de à noite comparecer na apontada casa abandonada no alto da serra, reunir-se com os demais grupos de guerrilheiros e elaborar um relatório sobre as ações realizadas no dia. Ademais, foram dadas ordens severas no sentido de que nenhum integrante de grupo deveria afastar-se muito das trilhas ou de estrada, pois ainda que portassem uma pequena bússola militar e bem soubessem por ela se orientar, era grande o risco de se perderem nos quase 8 mil hectares da mata fechada que cobria a serra.

Estirado sobre folhas secas, Anjos Couto deixou que lhe aparecessem as fantásticas imagens no fundo escuro de seus olhos fechados, soltando sua imaginação para, em pensamento, viajar e ir ao encontro de nascentes de águas puras que atraem pássaros e animais, quase sempre escondidas entre pedras e folhagens, borbulhando natureza; para andar por emaranhados caminhos naturais que surgem riscados aqui e ali e pelos quais ainda ninguém deve ter passado; para ver uma vegetação subtropical intocada, que a muito custo capta os poucos raios de sol que furam as compactas copas das grandes árvores como flechas de luz; para entregar-se, por inteiro, a profundos momentos de um enraizamento dentro da mata virgem, expandindo-se para chegar a lugares que não se sabe aonde e para purificar-se num encontro

íntimo em meio à natureza que ensina paz. Por longos instantes, em sua aventura imaginária ele até se esqueceu de que estava no início da execução de um exercício militar e que era ele um cadete-comandante com definidas e ordenadas missões a cumprir. Pensou em Irene à sua espera, imaginando-a sentada no cadeirão de madeira do terraço da casa de seus avós, pernas recolhidas sobre o banco, com um bom livro nas mãos e olhares atentos a cada passante em sua rua forrada de florezinhas amarelas. Tomou de seu caderno e fez nele algumas anotações.

O tempo fechava cada vez mais e do local onde estavam já podiam ser ouvidos sons de trovões e vistos clarões de raios que riscavam os céus da mata na manhã ainda escura. Tudo estava a indicar a vinda de uma chuva forte que, pelo jeito, chegaria bem mais cedo do que antes se previa. Anjos Couto recomendou a armação de mais duas barracas, como prevenção para melhor se protegerem enquanto deveriam esperar a hora de agir. A chuva não seria um empecilho para a ação do grupo, pois, como dito antes, ela viria a ser um fator favorável que se aliaria ao elemento surpresa. Reunidos ao lado das barracas e sob a direta orientação de Anjos Couto, começaram a planejar o ataque em seus mínimos detalhes. Seria executado no momento em que a chuva estivesse bem forte, devendo ser encenado que eles eram componentes de uma patrulha da tropa regular e que antes da aproximação final à torre estariam sofrendo um ataque de grupo guerrilheiro.

Para isso, antes da abordagem à base da torre, deveriam promover um barulho intencional com gritos e disparos de seus fuzis exatamente para serem ouvidos pelas sentinelas, como se estivessem se defendendo de um inesperado ataque de guerrilheiros. Conforme esse plano, um dos alunos-sargentos seria conduzido à torre como se fosse um guerrilheiro

aprisionado durante esse ataque. Anjos Couto ordenou que o jovem Depizol seria quem iria desempenhar esse papel, devendo ser mostrado sem sua arma e sendo o único a usar bico-de-pato e estar sem capa de chuva, enquanto todos os demais estariam com suas coberturas nas mochilas e, se perguntados, alegariam que seus capacetes haviam sido perdidos ou furtados pelos guerrilheiros que os atacaram e que, provavelmente, esses tenderiam a usá-los depois para se passarem por patrulhas da tropa regular. Acampados no lado sul, setor de mais difícil acesso à torre, os integrantes do grupo iriam abordá-la pelo seu lado oeste e após o lançamento de bombas a seus pés – o que significaria ter ela sido “destruída” – emprenderiam uma fuga em disparada, escapando pelo lado oposto e simulando estarem fugindo em direção à estrada que ficava ao leste. Porém, imediatamente deveriam fazer um desvio de 90 graus pela direita para voltar ao local onde deixaram suas barracas não desmontadas e que lhes serviriam de refúgio temporário após o ataque. Nelas todos iriam se recomodar por um bom intervalo de tempo, aquietados e atentos até que cessasse a previsível e inevitável perseguição e a intensa caçada que a tropa posicionada ali certamente iria desenvolver em represália. Por várias vezes revisaram os pontos dessa estratégia, enquanto aguardavam a chegada e a fixação de integrantes da tropa regular na base da torre, bem como a chuva forte que sem dúvida iria desabar sobre a serra a qualquer momento.

O tempo corria lento e a espera foi ficando monótona e cansativa. Embora bem ocultados e protegidos pela própria mata, estavam ansiosos para entrar em ação. Antes da chegada da chuva os alunos-sargentos Moura e Edgar, que até então pouco conversavam entre si, acabaram por se entregar a um ligeiro cochilo dentro de uma das barracas, sem que por

isso tivessem sido repreendidos por Anjos Couto. Depizol, o magricela falante, acocorara-se a seu lado querendo conversar sobre qualquer assunto, porque não se aquietava calado. Recebeu séria recomendação no sentido de que durante a execução da operação ele deveria ficar mudo e não responder a nenhuma pergunta que por ventura viesse a lhe ser dirigida pelos guardas da torre. Boca fechada e cabeça baixa como convinham a um bom prisioneiro de guerra. Seria assim que ele teria que interpretar o papel de um “guerrilheiro capturado”. Só Anjos Couto é quem falaria com as sentinelas que estivessem na torre e a essas só ele daria respostas ou explicações cabíveis ou necessárias sobre o que estivesse ocorrendo.

Enquanto isso o cadete Anjos Couto permanecia atento a todo e qualquer fato ou movimento que pudesse significar uma ameaça ou perigo para seu grupo. Tinha ele a incumbência e a responsabilidade do comando e teria que agir como se tudo o que ocorria ou viesse a ocorrer à sua volta fosse de verdade e não uma mera encenação. Cada vez mais sentia-se estimulado a acreditar nessa verdade porque nela ele se via intimamente envolvido, a tal ponto que passava a julgar ser real até mesmo o personagem que estava interpretando naquele contexto, com liberdade para criar suas próprias falas, improvisar em cima de um roteiro com a autonomia que tinha, ainda que estivesse ciente de que tanto o cenário no qual atuava era apenas simulado, quanto os atos a nele serem praticados não passavam de uma mera representação. Cuidaria de efetuar o planejado ataque de destruição à torre e seria ele o responsável pela condução de seu grupo a uma bem-sucedida escapada, com rápida dispersão e retorno às suas barracas augurando que nenhum de seus subordinados viesse a ser capturado. Anjos Couto incorporava-se de tal maneira a seu personagem e desempenhava seu papel com

tamanha dedicação que parecia haver assimilado seus supostos ideais revolucionários como se ele próprio fosse quem estivesse numa entrega pessoal a um propósito de luta, ou como se fosse ele um verdadeiro rebelde, um guerrilheiro ou revolucionário em batalha contra o sistema posto, fazendo suas próprias regras e escrevendo sua própria história. Queria bem representar e era assim que ele se sentia enquanto estava solto na mata, aguardando a hora do primeiro embate.

II

Longas foram as horas de espera. Quando era passado das 10 horas caiu uma chuva ainda fina, começando a molhar o solo da mata e a agitar os passarinhos que repetidamente passaram a trocar seus lugares de pouso enquanto os pequeninos macacos mais se agitavam. Tudo indicava que a tormenta estava para chegar. Com todo o cuidado para não ser descoberto, Anjos Couto deslocou-se sozinho por cerca de 70 metros dentro da mata, andando em paralelo e à esquerda do corredor devastado que fora aberto ao longo da linha de transmissão, até poder estar ao lado e avistar a base da torre, verificando ali a presença de uma só sentinela. Não visualizou outros soldados nem tinha como calcular qual seria o efetivo que fora deslocado para guarnecer aquele posto. Retornou às barracas quando a chuva começou a cair mais forte. Uma hora e meia depois a chuva já se via transformada numa grande tempestade que desabava por todos os cantos da mata, acompanhada de fortes ventos que embalavam as copas de árvores altas, espantando e fazendo com que animais silvestres procurassem apressados seus adequados abrigos. Parecia ter anoitecido no meio à mata, mas ainda era quase meio-dia. O grupo se protegeu dentro das barracas e seus componentes apanharam das mochilas suas capas de chuva para usá-las durante a ação – menos Depizol, que não deveria estar com ela enquanto estivesse interpretando o papel de guerrilheiro aprisionado. Anjos Couto revisou mais uma vez todos os detalhes da operação antes de deixarem seus abrigos. Era essa a hora apropriada para iniciar o ataque. Sob intenso aguaceiro, o grupo deslocou-se lentamente para bem mais perto da

torre, pelo mesmo trajeto antes seguido por Anjos Couto, quando segundo o planejado foi feito ouvir um grito forte do aluno-sargento Edgar.

– Guerrilheiros, filhos da puta!

Seguiu-se uma série de disparos de fuzis, barulhos propositais como se fossem de correria dentro da mata, gritos de pega-pega e de alertas sobre a possível direção tomada pelos inexistentes “inimigos”. Novos disparos de fuzis, lançamento de bombas de efeito moral e um continuado vozeiro de forma coletiva a simular um combate. Alguns minutos depois, quando voltou o silêncio dos homens e só se ouvia o barulho da incessante tormenta que continuava a desabar sobre a mata, tudo indicava que o simulado confronto havia terminado e o que o barulho possivelmente já tivesse sido ouvido pela sentinela. Foi nesse momento que houve um novo grito avisando que havia sido feito um prisioneiro.

– Pegamos um! Bradou bem alto o aluno-sargento Moura para que pudesse ser ouvido de longe.

Tudo estava pronto e era chegada a hora de se aproximarem da base da torre, então conduzindo Depizol, sem capa de chuva, todo encharcado e com seu amassado bico-de-pato como se fosse ele um guerrilheiro aprisionado. Não portava seu fuzil, que estava sendo levado por Edgar. Moura fazia de conta que o estava conduzindo, segurando firme o colarinho de seu fardamento e o empurrando com rispidez enquanto subiam um pequeno aclave na mata para chegarem bem perto da torre pelo seu lado oeste. À frente ia Anjos Couto porque seria ele o primeiro a contatar a única sentinela que estava ali. Sempre seguindo o planejado, à sua chegada ele deveria se identificar bem rápido como sendo o cadete comandante da patrulha porque estando ele com capa de chuva e sem cobertura não teria como ser identificado. Como antes planejado

ele falaria com a arrogância típica dos oficiais no quartel, de preferência de maneira agressiva e até mesmo grosseira, para intimidar a sentinela abordada. Quando por ela ele se deixou ver o que veio primeiro foi uma severa admoestação.

– Sou o cadete Anjos Couto. Pô cara, está todo mundo surdo por aqui? Você não percebeu que a gente estava numa briga feia com um grupo de guerrilheiros ali? Não ouviu os tiros, não?

A sentinela emudeceu intimidada com a aberta e agressiva abordagem de Anjos Couto, sem saber bem o que responder. Certamente que ela ouvira tiros e explosões de bombas nas proximidades ainda que com todo o barulho do aguaceiro que caía sobre a região. Em face da reprimenda inicial feita por Anjos Couto ela nem se lembrou de observar ou de questionar sobre o fato de estarem eles sem seus capacetes e só um deles (o falso prisioneiro) estar com bico-de-pato. Também ela estava com sua capa de chuva, porém com o capacete que era de uso obrigatório por todos os integrantes da tropa regular. Aparentou estar acreditando que o grupo de Anjos Couto formava uma patrulha aliada por ter ouvido os sons das bombas e dos disparos de fuzis pouco antes de sua chegada e via à sua frente um guerrilheiro aprisionado pelo grupo. O ríspido chamamento de atenção do comandante do grupo e sua chegada sem nenhum indício de que teria vindo para efetuar um ataque à torre aumentaram nela a crença de que ele estaria dizendo a verdade. Passou a responder as sucessivas perguntas de Anjos Couto, por vezes com certa timidez e sempre com uma perceptível insegurança. Anjos Couto emendava novas e sucessivas perguntas para não lhe dar tempo para pensar.

– Quem é o comandante dessa base?

– Quantos homens têm aqui?

– Cadê o resto de seu pessoal?

– É o cadete Moraes, ele está nas barracas ali com o resto do pessoal. Nós somos só em seis – respondeu a sentinela, apontando à sua direita três barracas armadas a uns 50 ou 60 metros dali, à margem da picada aberta sob a linha da torre. A chuva forte só tendia a aumentar e fazia-se acompanhada de forte ventania que fustigava a mata e balançava os panos das barracas ameaçando derrubá-las.

Anjos Couto conhecia bem o cadete Moraes, sabendo ser ele um homenzarrão de mais de 1,90 m de altura, talvez o mais alto da Escola, homem da linha de frente de seu pelotão, vozeirão grosso e forte, pose austera e metedicha, parecendo querer posar de comandante do mundo pelo que recebera dos colegas o apelido de “General”. O encontro com ele ali junto à torre não seria nada recomendável e muito menos agradável para Anjos Couto e seu grupo, fosse porque a farsa que estavam encenando poderia ser facilmente desmascarada por ele, fosse porque sabidamente sua reação viria a ser imediata e violenta vez que era ele um cadete altamente agressivo e nunca admitia ser vencido. Portanto o grupo teria que agir de forma rápida e tinha pouquíssimo tempo para isso, talvez só uns poucos segundos durante os quais a sentinela estivesse afastada dali, permitindo a finalização do ataque à torre com as programadas explosões de bombas lançadas a seus pés. Anjos Couto voltou a pressionar a sentinela.

– A gente tem um guerrilheiro preso aqui, você tá vendo. Vá chamar o comandante para receber o prisioneiro que a gente espera ele aqui.

O aluno-sargento que era a sentinela da torre voltou a ter momento de indecisão quanto a cumprir ou não a ordem recebida, porque isso significava ter que se afastar de seu posto, ainda que só por minuto e à curta distância.

Mostrou-se hesitante e confuso. Olhou para o encharcado Depizol reconhecendo-o como um seu colega de curso no exato momento em que Moura o empurrou para a frente fazendo com que ele caísse de quatro no solo enlameado. Contudo, não se atreveu a fazer nenhum comentário, embora tivesse esboçado um pequeno e discreto sorriso. Anjos Couto que o observava bem de perto não deixou por menos, reforçou a ordem repetindo-a de maneira ainda mais ríspida.

– Vai lá chamar seu comandante que eu tô mandando, cara! Isso é uma ordem!

A preocupação maior de todo e qualquer aluno de escola militar sempre é quanto ao imediato cumprimento de ordem direta que provenha de um superior hierárquico. Não a cumprir ou retardá-la por negligência é um indefensável ato de insubordinação que pode redundar em prisão disciplinar ou até mesmo em expulsão do curso. E a ordem dada por Anjos Couto era uma ordem direta de um superior, nem havendo que se cogitar estarem eles fora do quartel, atuando livres num exercício encenado. A participação numa manobra militar no campo é o mesmo que estar em serviço dentro do quartel e durante todo o tempo de sua execução continuam preservadas – até com maior rigor – a disciplina e a hierarquia. Além disso, o princípio é de que sob quaisquer circunstâncias e onde quer que esteja ordem não se discute, cumpre-se.

A sentinela olhou novamente para Anjos Couto, agora de uma forma mais interrogativa, como se ainda necessitasse de um maior convencimento para abandonar o posto, provocando do cadete a segunda repetição de sua ordem.

– Vai lá, velho, que eu tô esperando.

Com seu fuzil em bandoleira lá se foi a sentinela caminhando devagar, toda escorrida sob a forte tormenta

e cambaleante por força de uma canalizada ventania que ameaçava derrubá-lo. Sem olhar para trás ela deixou livres embaixo da torre os quatro integrantes da falsa patrulha, que nada mais formavam do que um grupo de guerrilheiros. Anjos Couto ficou observando a sentinela se afastar. Assim que ela se aproximasse de uma das barracas ao fundo, a uns cinquenta e poucos metros, estaria chegada a hora e nada mais seria esperado para que o ataque de destruição da torre se consumasse. Depizol soltou-se ficando em pé, retomou seu fuzil que estava com Edgar e junto com esse e Moura ficaram no aguardo do sinal de Anjos Couto para o ato final: a explosão da torre.

No exato momento em que a sentinela alcançava uma das barracas armadas ao largo, Anjos Couto sinalizou para seu grupo que era chegada a hora. Quatro bombas foram lançadas e explodiram aos pés da torre sem sequer ter sido dado tempo à sentinela para entrar na barraca de seu comandante e noticiar o que deveria. Imediatamente depois disso iniciou-se a fuga do grupo da forma como planejada. Embrenharam-se na mata fechada pelo lado leste simulando estarem indo em direção à pequena estrada que margeava a torre. O alvo passou a ser considerado como destruído. A chuva e o vento os castigavam e logo que reentraram na mata desviaram-se bruscamente para a direita e seguiram em paralelo à picada para retornarem às barracas que mantiveram armadas junto aos troncos dos cedros-rosa. Ali se reacomodaram e ficaram aquietados, até que a grande caçada que iria se dar fosse considerada encerrada, sabendo-se que essa começou logo que foram ouvidas as explosões das bombas. Quatro dos homens da tropa regular que estavam dentro das barracas próximas à torre saíram correndo sob o comando direto do cadete “General” e iniciaram uma intensa e raivosa perseguição ao

grupo de Anjos Couto, numa busca desenfreada que duraria por mais de meia hora. Perigosamente, eles chegaram a procurá-los estocando moitas no solo com as pontas de suas baionetas, pretendendo desentocar possíveis guerrilheiros nelas escondidos, tal era a revolta que tomou conta do cadete Moraes. Encontrá-los e prendê-los era para ele uma questão de moral, mas não logrou obter nenhum êxito. Sem que supusesse, todo o grupo de Anjos Couto estava bem próximo dele, porém não daquele lado leste, mas sim no lado sul. Exauriram-se na infrutífera caçada sob o aguaceiro de uma tempestade que não parava de desabar, culminando num destempero de ira do “General”, que retornou irritado para admoestar a sentinela com toda a grosseria possível, inclusive ameaçando puni-lo disciplinarmente. Seu vozeirão era ouvido de longe, inclusive pelos integrantes do grupo de Anjos Couto que, enquanto isso, estavam quietamente acomodados dentro de barracas no lado sul da torre, cujo acesso era o mais difícil por ter mata mais densa e inúmeras irregularidades no terreno a impedirem um livre caminhar por ali. Agora teriam eles que permanecer descansando e protegidos no interior das barracas e no aguardo do momento mais oportuno para deixarem as proximidades. Ficaram todos assim por no mínimo uma hora e meia, aproveitando esse interregno para fazer um breve lanche com o que tinham levado em suas mochilas. Mais tarde iriam buscar alcançar a tropa regular em seu deslocamento pela estrada principal da mata ou em seu possível acantonamento para efetuar ataque de fustigação. Depois seguiriam para a casa abandonada que era o quartel-general dos guerrilheiros. Tinham bombas e munição suficiente para o planejado segundo ataque. Anjos Couto estava exultante com o resultado obtido no primeiro, porque tudo se dera exatamente de acordo com o planejado e

ele se sentia menos como um comandante de soldados e mais como um diretor e intérprete de cenas ensaiadas, orgulhando-se disso. Elogiou sua equipe.

– Parabéns. Vocês foram ótimos. Enganamos direitinho a sentinela!

Todos riram baixinho acocorados sob uma barraca só. Depizol aproveitou para lamuriar.

– É, mas eu fui tratado como um inimigo de verdade. Comi até barro e estou todo enlameado, veja só. Quem se deu mal nessa história toda fui eu.

– Só porque eu te derrubei de boca, Depizol? – manifestou-se o corpulento Moura.

Anjos Couto intercedeu.

– Não é bem assim, Depizol. Você foi uma peça importante dessa ação. A sentinela acreditou que você era um prisioneiro porque você interpretou bem seu papel e o tratamento dado a você foi o melhor da encenação. Se não fosse você a gente não teria conseguido. Eu sei que você foi quem mais sofreu, tomando chuva, sendo empurrado e levando tranco, mas valeu a pena. Parabéns pela sua interpretação. Você foi ótimo, cara. Não reclama não!

– O mais difícil para ele foi ter que ficar de boca fechada por um bom tempo – aduziu Edgar.

– Ah! Para com isso, cara! Quem tomou esse toró o tempo todo e foi maltratado como um cachorro fui eu e eu nem pude me proteger com a capa. Você não está nem molhado – tornou a reclamar Depizol.

Anjos Couto novamente interveio com voz baixa, visando à conciliação.

– É, é melhor parar! Nada disso tem importância! Tudo saiu de acordo com o que planejamos e nós ainda temos que sair daqui e pelo jeito vamos ter que andar muito e tomar

muita chuva até encontrar a tropa e fazer um novo ataque. Vamos descansar um pouco e esperar que esse toró pelo menos dê uma amainada. E falem baixo porque eles ainda podem estar nos procurando.

Moura e Edgar acomodaram-se numa segunda barraca ao lado, deixando Anjos Couto na companhia de Depizol. A intenção era descansarem até que a chuva diminuísse, porém o solo encharcava-se cada vez mais e a água começava a invadir o chão das barracas porque as canaletas abertas à sua volta não suportavam seu volume. Não podiam se deitar dentro delas e nada da chuva abrandar. Tinham que se manter acorados e isso não só era desconfortável e cansativo, como não tinham nenhuma previsão de quando iriam sair dali.

III

Anjos Couto refugiou-se consigo mesmo e entregou-se a um recolhimento contemplativo. Observou Depizol com um olhar confortante, como se reconhecendo aquele que foi o mais sacrificado nessa primeira etapa da manobra. Via-o todo encharcado e encolhido como um bichinho abandonado na chuva. Ele era o menor, fisicamente o mais fraco dos alunos-sargentos, e talvez sua escolha para desempenhar o papel de prisioneiro tenha sido produto de um preconceito inconsciente. Pode ser até que tenha sido o escolhido para esse papel na direta razão de ser ele o menor e o mais fraco.

Pensamentos estranhos e diversos embaralhavam-se uns aos outros na mente de Anjos Couto tornando-o um pouco confuso enquanto olhava para Depizol e ouvia o barulho da chuva que insistia em cair abundante alagando o chão da barraca. Queria analisar tudo que se relacionasse a seu comportamento enquanto comandante do grupo. Tanto sobre a ação que acabara de ultimar, na qual a mentira foi preponderante, quanto sobre a que ele ainda deveria cumprir na próxima etapa. Perguntou-se por que os vencidos são sempre retratados como devendo ser os menores ou os mais fracos. Veio-lhe à lembrança que nas telas históricas eternizadas pelos grandes pintores o vencedor é sempre mostrado como a figura central e maior, um personagem exuberante montado em magnífico cavalo branco. Mas teria esse personagem realmente cavalgado impetuosos cavalos brancos nos campos de batalhas ou na verdade estivera ele montado num inexpressivo mulo que, depois da vitória, não deveria ser

retratado assim porque é de conveniência ressaltar episódio heroico sem mostrar nenhum detalhe que o minimize?

Anjos Couto sabia que quem escreve a história que fica são sempre os vencedores e não os vencidos, porém recusava-se a aceitar sem reservas que a versão dos primeiros tenha que ser a mais correta ou a verdadeira. Só em casos excepcionais é que a história se preocupa em exultar o valor dos vencidos. Uma grande exceção é o caso dos espartanos liderados por Leônidas na batalha travada no desfiladeiro das Termópilas contra o poderoso exército persa comandado por Xerxes. Nesse caso, até hoje, os gregos vencidos continuam a ser os heróis na história, como símbolo de coragem à frente das muitas adversidades. Por que a história dos vencidos, no geral, não é tão eternizada quanto a dos vencedores que a escrevem? Aliás, quem são os verdadeiros heróis? Aquele que manda ou aquele que executa o que foi mandado, muita vez com o sacrifício da própria vida? Aquele que engana o inimigo com astúcias ou ciladas, ou aquele que, mesmo enganado ou caído em armadilhas, entrega-se a uma luta inglória?

Num certo ponto da fronteira do Brasil com o Paraguai há, do primeiro lado, um monumento no qual se tem escrito que ali, um antigo campo de batalha, valorosos brasileiros, então comandados pelo heroico tenente Antônio João, deram suas vidas para impedir que paraguaios invadissem o solo brasileiro. Porém, do outro lado da fronteira há um mau-soléu onde se registra que ali morreram valentes paraguaios pertencentes às tropas comandadas pelo paraguaio major Martín Urbieto, assassinados por covardes brasileiros. Antes de ser morto o tenente Antonio João enviou a seu comandante uma mensagem que se tornou célebre: “Sei que morro, mas meu sangue e o dos meus companheiros servirá de protesto solene contra a invasão do solo de minha Pátria”. Com

quem está a verdade? Com os que tombaram vencidos ou com quem logrou sair vencedor do combate? Seus pensamentos continuavam a flutuar pela história.

Irrequieto, Anjos Couto mudou de lugar por mais de uma vez, buscando acomodar-se melhor para poder observar pela pequena fresta da entrada de sua barraca a mata – que a seu ver também estava ficando contraída e a lhe parecer que pedia agasalho, para voltar a ser vibrante sob um sol que lhe aquecesse e lhe desse vida. Por instantes também começou a sentir-se pequeno e frágil, acororado ali como se ele próprio fosse um vencido nessa sua encenada batalha. E nela quem realmente foi o vencedor? Enganara uma sentinela usando da arrogância típica dos superiores militares e do ardil de que compunham uma patrulha da tropa regular. Teria sido honesto ou falseara com a verdade para obter o que pretendia?

Confortou-se ao pensar que a arte da guerra, seja no campo de batalha, seja na vida diária, nem sempre está ligada somente à força no combate. Para ele, muito mais do que isso, a guerra requer um estado de espírito que precisa ser despertado e perdurante no combatente, uma valentia com habilidade, uma audácia com prudência, o uso de estratégias inspiradas, de estratagemas preconcebidos, uma atuação que não se pode dar apenas com energia ou força, mas, sobretudo, com astúcia e malícia, que ao final passam a ser válidas, à medida em que podem ser as condutoras para a vitória. Nela justificam-se todos os meios para o atingimento de um fim pretendido e é daí que decorre seu aspecto assombroso e degradante. Para Anjos Couto não há guerra justa e injusta, correta e incorreta, todas são condenáveis, ainda que se busque justificá-las como único meio para alcançar a paz. Mesmo a vitória num campo de batalha acaba deixando um

amargo gosto de derrota nos vencedores. Como dizer-se que a guerra é uma arte, como os instrutores teimam em ensinar nas escolas militares? Só será arte se a considerarmos como sendo a batalha que travamos conosco mesmos no dia-a-dia da vida, dentro de uma incessante busca por vitórias íntimas e pessoais, ou seja, para o encontro de nossa própria paz interior. A vitória numa batalha assim não será a conquista de algo alheio nem a submissão de vencidos, mas o equilíbrio interior que é capaz de fazer com que cada um conheça-se a si mesmo e vença suas dificuldades sem necessitar entrar em combate.

Por outro lado Anjos Couto viria a saber mais tarde que o exercício de campanha que então estava sendo executado nada mais era do que um primeiro treinamento ou preparação para o que algum tempo depois viria a assistir como sendo a verdadeira caçada a terroristas e guerrilheiros comunistas que o governo militar desencadearia na guerrilha do Caparaó, nos campos do Araguaia, no vale da Ribeira ou em incontáveis “aparelhos” urbanos. E isso não iria lhe agradar nem um pouco. Para ele tudo viria a ser verdade demais.

Trêmulo porque molhado e friorento, Depizol rompeu o silêncio que pairava dentro da barraca e fez cessar a viagem que Anjos Couto fazia pelo mundo de sua imaginação.

– O próximo ataque vai ser igual a esse? Perguntou ele receoso de ter que voltar a interpretar o papel de prisioneiro.

– Não. Nós só vamos atacar com bombas e tiros de fuzil sem entrar em contato direto com a tropa. Será só um ataque de fustigação. Respondeu Anjos Couto. Depois nós vamos seguir para o lugar de reunião dos guerrilheiros. No casarão da serra. Completou.

– Tá louco, seu cadete. Eu não quero mais fazer papel de prisioneiro, não.

– Hoje você não vai mais, amanhã eu não sei.

IV

Cerca de uma hora depois, ainda sob uma chuva que só então começava a se tornar mais amena, o grupo de Anjos Couto desmontou suas barracas, reacomodou tudo nas mochilas e iniciou um silencioso deslocamento, caminhando com cuidado pela orla da mata que margeava uma pequena estrada, deixando aquela região para ir ao encontro ou ficar à espera da tropa regular. Moura estava inquieto porque avaliava que a atuação do grupo durante toda a manhã havia sido muito pequena e maçante porque ficaram muito mais tempo encolhidos dentro de barracas do que em atuação de combate. Ele queria mais ação, queria um confronto direto com a tropa regular, mesmo sabendo que quem decidia sobre isso era Anjos Couto, segundo a programação e as ordens existentes. De sua vez o caçara Edgar preferia fazer gracejos em face de cenas que presenciara. Ria ao se recordar da cara de zonzinho da sentinela da torre que ficou sem saber direito o que fazer, se devia abandonar o posto ou se devia descumprir a severa ordem dada por Anjos Couto, e da cômica condição de Depizol, que se fez passar por um prisioneiro dominado e arremetido ao solo por Moura, caindo de quatro e comendo barro. Não conseguiu, porém, fazer nenhum comentário ou gracejo em torno da atuação do cadete Anjos Couto, seu comandante de grupo, embora quando distante dele e às escondidas tivesse rido ao rememorar a falsa postura por ele adotada quando imitou com perfeição a arrogância típica de um oficial de cavalaria.

Caminharam por cerca de uma hora sempre ocultados à beira da mata até alcançarem um lugar chamado de Pé de Galinha, onde a estrada se trifurcava em pequenos caminhos

distintos. Anjos Couto sabia que a tropa regular deveria passar por esse lugar, vindo do pé da serra, e pelos seus cálculos ela ainda não havia chegado. Julgou ser bem provável que ela viesse a aproveitar a grande área aberta que ali se formava para fazer uma parada para descanso. Esse seria um bom lugar para armar uma tocaia e o momento ideal para o ataque deveria ser quando ela estivesse bem relaxada, repousando no solo.

Problema maior a ser pensado era como se daria a fuga após esse ataque, o que deveria ser muito bem planejado, levando-se em conta tanto o fato de que havia uma enorme desvantagem numérica em relação à tropa regular, quanto o fato de que certamente essa deveria lançar não só uma, mas diversas patrulhas ao encalço de seu grupo. O risco de haver prisão de um ou mais integrantes do grupo era muito grande e Anjos Couto começou a estudar a configuração do terreno, o posicionamento a ser adotado e a rota de fuga.

Optou por dividir seu grupo e efetuar disparos contra a tropa regular por dois lados distintos. Moura e Edgar atacariam pelo Leste, do alto de uma pequena elevação do terreno, próxima à trifurcação. Ele e Depizol atacariam pelo lado oposto, também de uma posição elevada sem permitir serem vistos. Pretendia simular que se tratava de dois grupos de guerrilheiros. Tanto os primeiros como os segundos deveriam, imediatamente após o ataque, deslocar-se para o norte e se esconderem aquietados no meio da mata em lugar não muito distante dali, sem atravessarem os caminhos da trifurcação. Anjos Couto supunha que logo após seus ataques as patrulhas da tropa regular entrariam na mata pelos dois lados de onde esses provieram o que temporariamente deixaria livre o lado norte para onde eles deveriam se deslocar e se manter escondidos por cerca de dez a vinte minutos

contados a partir do início da contraofensiva. Depois disso cada uma das partes do grupo teria que seguir em marcha silenciosa pelas bordas dos caminhos ou pela beirada da mata até sentirem-se seguros para atravessá-los e reunirem-se mais adiante. Se houvesse dificuldades que impedissem a reunião, cada uma das partes do grupo teria a liberdade de seguir de forma independente em direção à casa dos guerrilheiros situada no alto da serra, bem distante dali. Todos do grupo sabiam onde era.

Uma vez estando tudo planejado e acertados os detalhes do ataque, só restava esperar a chegada da tropa o que, pelo horário, quase quatro horas da tarde, não deveria demorar muito. A chuva cessara de vez e um sol brilhante e forte aparecia encetando seus raios por entre as copas das árvores e começando a secar o solo.

De seus ocultados postos, os integrantes do grupo de Anjos Couto assistiram à chegada da tropa regular, vendo que tudo estava ocorrendo exatamente como o esperado. Naquele descampado foi feita por ela uma pausa para descanso e seus componentes aliviavam-se dos capacetes, das mochilas e dos fuzis, espalhando-se pelo terreno e deitando-se preguiçosamente no chão ainda úmido à beira e ao longo da estrada. Não viram chegar com ela nenhum carro de Bombeiros ou Ambulância, apenas a tropa a pé. Minutos depois deu-se o planejado ataque por ambos os flancos, interrompendo o tão esperado descanso da tropa. O que houve em seguida foi uma correria geral, gritos dos oficiais comandantes com xingamentos dirigidos aos “malditos guerrilheiros”. Rapidamente foram formadas patrulhas que saíram à caça dos “inimigos”, com muitos disparos de fuzis e lançamentos de bombas de efeito moral nas direções de onde provieram os ataques. As patrulhas entravam na mata pelos lados leste e oeste. Tudo

parecia estar se dando de acordo com o planejado pelo grupo de Anjos Couto. Porém, durante sua fuga sobreveio um grave e inesperado incidente que alteraria por completo a ordem das coisas.

Depois de terem aguardado por cerca de 12 minutos ocultados na mata do setor norte, até que se cientificassem de que realmente as patrulhas da tropa regular estavam dando maior atenção aos setores leste e oeste do descampado, as duas partes do grupo iniciaram a retirada, afastando-se com cautela do lugar onde estavam. Ainda não podiam se utilizar de caminhos abertos e isso os obrigava a andar pelas orlas da mata, enfrentando suas possíveis armadilhas. O relevo da área da serra, principalmente naquele trecho, era por demais diversificado, ora apresentando curtos terrenos planos, ora inclinações abruptas, compondo setores de pequenos morros e lugares traiçoeiros com profundas depressões. Era preciso ter duplo cuidado ao andar em seu interior, fosse porque as partes do grupo não poderiam fazer barulho que as denunciasses, fosse porque dentro da mata e naquele trecho não havia trilhas a seguir, o que os obrigava a abrir caminhos com enfrentamento de galhos de árvores baixas, de cipós emaranhados e de uma ramagem que dificultava a manutenção do rumo certo durante a caminhada.

Quando Anjos Couto pisou numa densa ramagem não imaginava que sob ela não havia solo de sustentação e isso o fez desmoronar por uma enorme depressão com mais de seis metros de profundidade. Ela não tinha sido percebida por ele dentro da mata. Depizol, que vinha logo atrás, apavorou-se com o ocorrido e em quase desespero lançou-se à procura de meios fortuitos para tentar içar Anjos Couto daquele lugar, deixando ser percebido seu descontrole ante a possibilidade de ter que abandonar seu comandante e prosseguir sozinho.

Anjos Couto rolara por várias vezes declive abaixo até atingir solo firme no fundo da depressão. Não sofrera grandes danos na queda, apesar das subseqüentes dores no corpo provavelmente causadas por choque ou pressão que a mochila lhe impusera às costas enquanto rolava. Dor maior passou a sentir no tornozelo esquerdo por ter sofrido um entorse em face de movimento violento das articulações, com possível estiramento ou ruptura de seus ligamentos laterais.

Sentado no chão do fundo da cratera, fardamento imundo, alguns objetos perdidos na queda que só mais tarde seriam encontrados, seu fuzil caído ao lado quase que totalmente coberto por ramas e ainda sem saber como sairia dali, sua primeira medida foi descalçar o coturno e examinar seu pé esquerdo, verificando que ele começava a apresentar um edema em sua lateral externa. Doía a mais não poder e Anjos Couto sabia que a partir de então teria dificuldades para caminhar e o mais difícil seria fazer uma escalada para sair de onde estava. O ideal seria uma imediata aplicação de gelo no local atingido, mas nem pensar sobre isso. Limitou-se a elevar o membro afetado e a aguardar que a dor diminuísse para tornar a calçar seu coturno devendo deixar o cadarço afrouxado. Quando conseguiu divisar o aluno-sargento Depizol ao alto da depressão, sua ordem foi imediata.

– Vá em frente até a casa que eu vou ficar aqui por enquanto. Mais tarde eu vou pra lá.

– Mas eu não posso deixar o senhor aqui sozinho. O senhor tá podendo andar?

– Agora não, mas daqui um tempo eu vou poder. Aqui ninguém vai me achar. Pode ir e me espere lá!

Realmente ninguém conseguiria ver Anjos Couto caído no fundo de uma cratera quase que totalmente encoberto pelas ramagens, mas Depizol ficou relutante, não querendo

abandonar seu comandante mesmo sem saber que outra medida deveria ou poderia ser adotada. Não tendo como içá-lo, decidiu que o melhor seria descer até onde ele estava para socorrê-lo, avisando-o antes sobre isso e no que foi prontamente reprovado por Anjos Couto.

– Não! Eu não preciso de ajuda. Não venha pra cá não, vá para a casa. Eu fico bem aqui. Se eu for preso será um só. Agora é melhor você parar de falar e ir embora. Vá pra casa agora! Mais tarde eu chego lá! Isso é uma ordem.

Reconhecendo que a conversa entre eles poderia ser ouvida por integrantes de patrulhas da tropa regular e representar risco de ambos serem presos, Depizol resolveu cumprir a ordem recebida e seguir rápido e sozinho em direção ao quartel-general dos guerrilheiros, pretendendo retornar depois para socorrer Anjos Couto com a ajuda de outros companheiros. Nessa sua marcha de ida não houve o pretendido encontro com Moura e Edgar e esses só vieram a saber do ocorrido à tardezinha, quando Depizol chegou sozinho à casa de reunião e todo espavorido narrou em detalhes o incidente. Decidiram retornar juntos imediatamente para buscar Anjos Couto, calculando que a demora nessa volta daria à tropa regular tempo mais do que o bastante para que ela encerrasse seu descanso e se afastasse daquela região. Sem suas mochilas, mas com seus fuzis, saíram os três em direção ao lugar chamado de Pé de Galinha para iniciar a partir dali uma missão de resgate. Ao chegarem onde Anjos Couto deveria estar já era bem passado das 17 horas e ele não foi encontrado ali, apesar de uma intensa e demorada busca pelos arredores. Certamente ele teria conseguido sair sozinho da cratera e estaria se dirigindo com dificuldades para a casa da serra. Foi o que concluíram antes de também eles decidirem retornar à casa para esperá-lo por lá.

V

Anjos Couto demorara-se estirado no fundo da depressão do terreno até deduzir que a tropa regular já tinha retomado sua marcha e se afastado da região. Antes disso viveu momentos angustiantes sem nenhuma agilidade física e em posição indefesa. Lá do fundo foi capaz de ouvir conversas entre integrantes de patrulhas que teimavam em procurar pelo seu grupo guerrilheiro também naquele lado norte, chegando a ouvi-los passarem bem próximo do lugar onde ele estava caído. Aquietado no fundo da cratera, chegou a temer que algum soldado também sofresse a mesma queda que ele sofrera, o que não era improvável e o que seria desastroso para ele. Torceu para que isso não acontecesse.

Desde a saída de Depizol mantivera-se imóvel para sua recuperação enquanto seu pé esquerdo continuava descalçado do coturno, com já visível inchaço no tornozelo, e suas pernas eram mantidas encostadas no barranco em nível mais elevado que o do corpo. Parecia-lhe que o tempo retardava seu passar e que os minutos faziam-se lentos, adiando sua saída daquele buraco. Embora reconhecesse estar longe das vistas de integrantes da tropa regular, porque quase que completamente encoberto pela ramagem que o ocultava, Anjos Couto permanecera sozinho e imobilizado ali por no mínimo uma hora, imaginando-se derrotado nessa sua jornada dentro da mata que antes principiara com entusiasmo e a parecer que seria recheada de estímulos e expectativas a lhe significar o ensejo de curtir a liberdade antes pretendida e de vivenciar uma aventura dentro dela para decifrar seus segredos íntimos. Contudo, paralisado como então estava, cessaram seus

irresponsáveis anseios de desbravá-la sem receios, de explorá-la a fundo para desvendar seus mistérios ou para conhecer de seus encantos.

Com a proximidade da noite e em face desse incidente, aos poucos a mata ia se transformando numa sua inimiga íntima, pelo que Anjos Couto não mais desejava perder-se dentro dela como antes chegara a imaginar agradável. Não mais vivia vontade de abrir caminhos aleatórios em seu seio ou de viver em seu interior uma aventura sem temores. O que mais queria, durante todo aquele período de dores no corpo e de dificuldades de se locomover, era poder arrastar-se dali e retomar seu caminho em direção à casa abandonada no alto da serra para se reunir com os demais grupos de guerrilheiros e estar de volta com seus companheiros.

Pela primeira vez apercebeu-se de que ter uma companhia tornava-se para ele a coisa mais importante do mundo, enquanto experimentava um estranho desassossego por estar isolado. O que lhe ocorria não mais era aquela excêntrica vontade de deixar-se perder pelo interior de uma mata como antes gostava de fazer, para viver as emoções da busca de um caminho de volta, como se também essa fosse outra e nova aventura. Não mais estava nas proximidades de um rio como o Itaguái que de uma forma ou de outra o orientava em sua caminhada de ida ou de volta, ou que lhe servia de companhia imaginativa. Não era mais uma simples aventura de menino fugitivo que dispensava pretensas guias por ventura existentes dentro de uma mata ou que se recusava a ser orientado pelo menor sinal do que suspeitasse ser um proposital indicativo de rumo a ser seguido ou de direção a ser tomada durante seu passeio livre. Sempre gostou de fazer seus próprios caminhos, porém enquanto se mantinha caído ali tudo ia se tornando diferente, nada indicando estar ele vivendo uma simples e inofensiva aventura imaginária.

Tudo era de uma apavorante verdade: a difícil escalada pelo barranco que teria de ser vencida a duras penas; o sol encoberto por nuvens carregadas prenunciando uma chuva que poderia voltar forte; a noite que logo estaria chegando e iria ocupar todos os lugares das sombras e encobri-los com seu manto negro; a solidão que lhe ameaçava impor um temor porque retirava dele a liberdade nas ações e sua capacidade de continuar sendo o senhor de seu destino. O caminho a ser buscado pelo cadete que nasceu em Inhaúma e que gostava de se perder sozinho para explorar recantos da mata que beirava seu rio, não mais iria levá-lo para o lugar do não sei aonde e que ele não se importava em saber. Não mais queria se deparar com o antes apenas imaginado ou com o imprevisível que esperava encontrar em suas andanças. Agora ele tinha uma definida missão a cumprir e era de seu dever terminá-la. Primeiro uma escapada dali, sabe-se lá como ou por onde. Precisava por todos os meios sair do lugar onde estava, ainda que sentindo enormes dores. Foi o que começou a fazer.

Calçou o coturno esquerdo, deixando afrouxado o cadarço porque seu pé já apresentava um inchaço; recolheu seu fuzil também todo sujo; procurou e retomou alguns objetos que haviam escapado de sua mochila; agarrou-se nervosamente às várias raízes do barranco para alçar à borda da depressão, muitas delas arrebrandando em suas mãos e quase fazendo com que ele novamente rolasse até o fundo; e buscou mudar repetidamente a direção de sua escalada à procura de uma via que melhor a facilitasse. Seu esforço foi compensado quando finalmente se viu fora da cratera e pode se colocar de pé em solo firme. Só então sentiu-se capaz de iniciar a longa e dificultosa caminhada com destino à casa da montanha. Olhou para um lado e para o outro, não se apercebendo de

ninguém nas proximidades, porque à essa altura a tropa regular já devia estar distante dali. Seu pé doía muito quando o apoiava no solo para andar e isso o obrigou a tomar de um pedaço de galho forte e passar a utilizá-lo como improvisada bengala. Principiou uma cambaleante caminhada, arrastando sua perna esquerda por falta de melhor apoio, mas à medida que seguia em frente distanciava-se cada vez mais das margens de uma das pequenas estradas que formavam o Pé de Galinha – sem o saber porque um pouco desorientado.

Num só sopro a noite desceu rápida e veio a ser o maior complicador para seu deslocamento. Teria que enfrentar a escuridão, o frio e o vento, afora a chuva que outra vez ameaçava desabar sobre a serra e que se viesse como prevista traria novos e enormes transtornos. Torcia para que isso não ocorresse, já pensando que caso ela venha forte teria que armar sua barraca para se proteger e até mesmo para dormir, se é que isso seria possível. Tinha fome. Desde sua saída do quartel e até essa hora só havia comido uma pequena barra de chocolate e isso há mais de sete horas. Continuará andando ainda que atabalhoadamente porque não podia parar, pelo menos enquanto a chuva não chegava. O escuro na mata o desorientava e mesmo dentro do caos que o rodeava recusava-se, uma vez mais, a admitir que estivesse perdido ou derrotado.

De volta à casa de reunião dos guerrilheiros, Moura e Depizol procuraram pelo oficial observador e o notificaram sobre o desaparecimento de Anjos Couto, machucado e perdido na mata. Receberam ordem para formar um grupo maior, que imediatamente foi composto por cinco homens providos de lanternas de mão para saírem à procura de seu comandante. Enquanto isso Anjos Couto continuava caminhando meio que sem rumo e com enormes dificuldades porque a

tormenta estava chegando junto com uma forte ventania e de forma devastadora. Procurava um lugar adequado e seguro dentro da mata para armar sua barraca, vendo caírem perto de si algumas árvores cujas raízes deviam estar comprometidas. Optou por fazer isso em um espaço plano entre troncos firmes que também pudessem-lhe servir de proteção e que sua barraca não ficasse cercada de elevações que atraíssem a água da chuva para seu interior. Teria que parar ali, apesar de não ser de seu agrado nem estar entre seus primitivos planos. Ansiava poder definir a direção e encontrar um caminho que o levasse à casa dos guerrilheiros o quanto antes fosse possível. Demoradamente e com as limitações que seu pé inchado lhe impunha conseguiu armar sua barraca e dentro dela acomodou-se para um passageiro descanso.

Não sabia onde estava, embora ainda não se considerasse perdido. Mantinha uma convicção íntima de que iria vencer todas as dificuldades e que sairia ileso dali, hoje ou amanhã, para reencontrar-se com seus companheiros. Seu temperamento jamais foi de derrota ou desistência à frente de obstáculo, por mais difícil que sua transposição inicialmente pudesse parecer. Sempre fora assim desde os tempos de sua adolescência em Cruz das Almas, jamais se quedando perante complicações as mais adversas. Acendeu uns fósforos para poder consultar o sumário mapa que levava, observando nele o Pé de Galinha e o assinalado ponto onde ficava a casa que deveria encontrar. No mapa ela estava bem ao alto e a leste, possivelmente a uns dois ou três quilômetros do lugar onde supostamente ele deveria estar. Mas que ponto de referência seguro tinha ele para se orientar na escuridão? Em que local exatamente estava? Nem estrelas podiam ser vistas, tudo era de uma negritude absoluta. Sua pequena bússola apontava o Norte, mas até que distância ele deveria seguir nessa direção?

Sem outro meio de orientação corria o risco de ultrapassar a linha na altura em que se situa a casa ao leste e aí sim poderia considerar-se perdido.

Esgotado e ainda sentindo intensas dores no pé, sentou-se no chão e se entregou a um pequeno repouso, enquanto lá de dentro ouvia a chuva metralhar os panos de sua barraca. Fechou os olhos e deixou-se escapar dali através de um sobrevoio imaginário pela imensa floresta, embarcado em pensamentos etéreos e fugidios. Eram claras, iluminadas e nítidas as imagens que se formavam e por ele podiam ser divisadas no fundo escuro de seus olhos fechados, bem diferentes do predominante breu da noite que tinha à sua frente quando de olhos abertos. Uma manta de verde-escuro cobrindo as montanhas que se perdiam de vista; o desenho irregular de pequenas estradas que riscavam seu dorso aqui e ali, vez ou outra interrompidas pela mata que as escondia; os aquietados lagos que foram formados pela represa da Cantareira e um por de sol imaginário que pintava de vermelho e rosa as nuvens brancas que flutuavam no horizonte.

Não havia noite, nem chuva, nem ventania nas imagens que Anjos Couto conseguia identificar no fundo escuro de seus olhos fechados. Era agradável a visão de uma ampla paisagem, onde se viam plantadas belas e espaçosas residências, todas inseridas e distribuídas no interior da serra da Cantareira como se desafiando distâncias e com seus donos querendo manter dificultados os acessos a terceiros para tê-las sempre como particulares, solitárias e íntimas de uma natureza indescritível. O imaginário sobrevoio de Anjos Couto acabou por escapar de seu controle, derivando-se, sem sua permissão, para searas não esperadas ou pretendidas, como o grande quartel ao qual pertencia, vendo-o de cima como se fosse uma fortaleza e divisando nele o grande pátio central

das muitas idas, paradas e vindas; os telhados circundantes que do alto apresentavam-se como brutais muralhas de uma prisão medieval; a pista de equitação em suas proximidades e a avenida principal que tantas vezes o levava para o centro da Adamastor.

Intrigou-se por não estar viajando por um mundo melhor e bem distante de onde estava. Queria mais era retornar a seu reduto original para rever as verdes pastagens de seu inesquecível Inhaúma, as humildes e descalças ruas do vilarejo de Itaiporã, a pacata Cruz das Almas de seus sonhos juvenis, com a grande avenida forrada de florezinhas amarelas e a menina Irene com seu sorriso feliz e o livro do dia nas mãos. Mas nada disso lhe aparecia entre as imagens decifradas. Buscou alterar o desfile de suas visões forçando as pálpebras como se assim pudesse mudá-las a seu comando, porém as viu dispersarem-se sem nenhum controle, intercalando imagens de uma realidade atual com inexplicáveis e confusas imagens de coisas e de lugares desconhecidos. Uma chuva torrencial no meio da mata, o que realmente era existente, seguida da que mostrava vários homens sujos tentando empurrar um veículo preso em atoleiro, o que era apenas uma miragem. Um abismo que parecia atraí-lo para uma queda livre num suicídio involuntário, quase que chegando a ser uma verdade, e uma garça que, tendo se desgarrado de seu bando, posava pensativa no meio de um charco, apenas produto de sua imaginação romântica. Cavalos assustados disputando a saída de um mangueirão pelo único e estreito portão que havia, o que lembrava a dificuldade de saída do lugar onde estava, e a face cheia de rugas profundas de um homem velho que se recolhia em torno de recordações desbotadas, uma mera idealização. Um caminho cheio de cipós emaranhados, ramagens traiçoeiras, semelhante à realidade que se

lhe antepunha, e a imagem de uma menina bonita lendo um livro com seu sorriso feliz, o que o fazia se lembrar de Irene e da qual mais gostou. Alegrou-se e muito com essa última imagem. Graça menina bela, ainda que não haja estrela!

Anjos Couto nem imaginava por quanto tempo ainda teria que permanecer parado e isolado ali. Continuava consultando as imagens do fundo de seus olhos fechados, sozinho e entocado à espera de que a tormenta passasse e pudesse retomar sua difícil caminhada. Sabia que se ficasse estacionado ali e assim como estava ninguém iria encontrá-lo, por mais que o procurassem por dias e noites. Sentado no interior de sua barraca meditava sobre as dificuldades que de hora em hora pareciam se tornar cada vez mais insuperáveis. Precisava prosseguir e encontrar pelo menos uma das estradinhas que saíam do descampado que formava o Pé de Galinha, para só então caminhar por uma delas de forma mais fácil e ágil e dando melhores condições de ser visto e resgatado pelos que certamente deveriam estar à sua procura. Contudo, a insistente tormenta que desabava sobre a serra ainda não recomendava nenhuma saída para prosseguir com o enfrentamento da mata fechada e escura e sob as precárias condições em que se ele se encontrava.

Torne-se a dizer que ele não temia a solidão porque ela sempre lhe foi agradável e benéfica, nem a escuridão da mata que o escondia ou a chuva torrencial, mas tudo recomendava que ele deveria permanecer recolhido e aquietado ali por horas a mais, pelo menos até que a chuva cessasse. O tempo escoava devagar e trazia para ele uma fome aguda. Desde as 5:30h, quando saíra do quartel, estava sem por nada no estômago a não ser uma pequena barra de chocolate por volta do meio-dia. Já eram passadas umas quatorze horas sem nenhuma refeição regular. A expectativa era de que só

voltaria a se alimentar quando chegasse à casa da montanha. Vasculhou sua mochila e encontrou nela o que poderia ser um bom prato naquelas circunstâncias e naquele estado de coisas: uma lata de sardinhas. Abriu-a com a ponta de sua baioneta e teve então a melhor das refeições que por ele jamais será esquecida. Dentro da barraca bebeu até o óleo que a pequena lata continha, tal era sua fome de leão. Voltou a aquietar-se. A chuva, não dando tréguas, e imagens confusas rodopiando em seu cérebro. De que adiantaria gritar pedindo socorro em meio à mata e sob o intenso barulho de uma tormenta? Tentaria dormir ali, se é que isso fosse possível, e imaginava retomar a caminhada quando clareasse o dia. Foi o que decidiu fazer. Seu fardamento estava molhado e fazia frio. Aninhou-se como pode dentro da barraca, adotando sua mochila como travesseiro e nada a lhe servir de cobertor. Quando não se pode enfrentar um inimigo mais forte o recomendável é estacionar e aguardar reforços. Sua aventura no meio da mata começou a ter uma longa interrupção.

Durante mais de duas horas os cinco componentes do grupo de resgate, com Moura, Edgar e Depizol à frente, percorreram as estradinhas que cortavam a mata caminhando sob a chuva desde o Pé de Galinha até o alto da montanha. Iam e voltavam iluminando as margens, dando tiros de alerta com seus fuzis, gritando o nome de Anjos Couto e atentando para qualquer sinal de resposta. Nada. Era quase meia-noite quando retornaram frustrados e cansados ao quartel-general dos guerrilheiros, planejando iniciar nova busca quando o dia amanhecesse.

VI

Não se sabe durante quanto tempo Anjos Couto teria permanecido acordado dentro de sua barraca tendo como únicas companhias a escuridão da noite e o barulho da chuva, ou a que horas ele teria adormecido, supondo-se ter sido só após ser abatido pelo cansaço ou derrotado pelo sono. A partir de então as horas naquele lugar não foram mais contadas e o acidentado cadete só veio a acordar quando a chuva parou de vez e deixou que um silêncio voltasse ao interior da mata, alterando o som do ambiente ainda vestido de escuro. Ao retomar a consciência e antes de abrir os olhos, Anjos Couto virou-se no chão da barraca e sentiu fortes dores nas costas, sem ter a menor noção de onde estava deitado. Não sabia em que lugar estava acordando. Teria ele dormido no capinzal próximo à casa de seus pais quando a ela não retornou com receio de ser surrado pela mãe por ter ido nadar às escondidas no riacho São Lourenço? Estaria deitado sobre as ramagens que beiram o rio Itaguaí naquela noite de lua clara em que se deixou levar sozinho pelas corredeiras do rio desde a grande e preguiçosa curva na altura da Ribeira dos Cipós até a ponte de Cruz das Almas? Ou teria dormido debruçado na carteira de sua sala de aula na Escola? Anjos Couto só se apercebeu de onde estava quando abriu os olhos e enxergou sobre si a lona de sua barraca então levemente iluminada pelo lado de fora pelos primeiros clarões da manhã. Em segundos deu-se conta de que tinha dormido no interior da mata da serra da Cantareira, de que sobrevivera à noite e à tormenta e que então renascia com os primeiros raios de sol de um novo dia, numa manhã que logo lhe pareceu estar bonita e sem chuva.

Agora era recomençar a ida para o quartel-general dos guerrilheiros. Pôs-se de pé com ânimo renovado e começou a desarmar metodicamente sua barraca, conferindo e acomodando cada uma de suas partes e peças de forma a poder transportá-las adequadamente. Não sabia das horas nesse dia que estava nascendo brilhante. Talvez umas seis ou sete horas da manhã. Quem saberia? Seu pé esquerdo apoiava-se no solo com menos dores do que no dia anterior e ele procurava superfície plana para pisar, mesmo assim sem dispensar o uso do galho que antes lhe servira de bengala e que agora passava a ser uma espécie de cajado. Fumava pouco, um maço durava quase três dias e só pela manhã era que ele fumava mais. Acendeu um cigarro e bafou profundamente antes de deixar aquele indefinido lugar e seguir adiante, podendo então ver por onde ia e saber bem onde pisava.

Precisava encontrar uma das três estradinhas que serpenteavam dentro da mata naquela região e que estavam assinaladas em seu sumário mapa. Seguiria pela primeira que viesse a ser encontrada porque todas se dirigiam para o norte e era para lá que ele pretendia se encaminhar. Ainda dentro da mata consultou sua pequena bússola e optou por seguir na direção leste com a esperança de cruzar com uma delas. Importante era que, se conseguisse caminhar por uma dessas pequeninas estradas, isso facilitaria em muito ser encontrado por quem o estivesse procurando. Foi o que imaginou e era o que pretendia. Bem antes disso, porém, surpreendeu-se ao se ver saindo da mata e tendo à sua frente uma enorme área desbastada como se ela de repente interrompesse ali a vastidão de sua cobertura. Deparou-se com um acentuado declive ao longo do qual se via um vasto capinzal que cobria o solo e descia desde o alto até a base de um vale onde já de longe podia ser avistada uma rústica casa feita de tábuas com tímida

fumaça saindo pela sua chaminé. Com certeza morava alguém naquela casinha e foi para lá que Anjos Couto se permitiu seguir. Soltou seu corpo ladeira abaixo escorregando-se pelo capim alto como se esquiasse em dunas até estacionar sem freio no solo plano ao lado da casa e ser surpreendido por um cachorro que latia muito, porém sem atacá-lo. De dentro da casa saiu uma senhora de meia-idade, olhos arregalados, toda descabelada e mal vestida, com uma vassoura na mão e um semblante a demonstrar censura àquele forasteiro que ela não sabia de onde vinha. Ralhou firme com seu cachorro que na hora se recolheu obediente para o interior da pequena casa e perguntou com voz alta e mandona.

– Que é que o senhor está querendo por aqui?

Anjos Couto não se intimidou, pelo contrário alegrou-se por encontrar aquela mulher da casa. Esse encontro era a melhor coisa que lhe estava acontecendo porque ele poderia receber dela algumas informações de que necessitava, tais como onde é que ele estava e por onde deveria seguir para encontrar uma das estradinhas ou, quem sabe, saber dela como chegar ao grande casarão abandonado que passara a ser o quartel-general dos guerrilheiros. Procurou ser o mais afável possível ao se dirigir à mulher da casa.

– Minha senhora, desculpe se estou incomodando a senhora. Sou um cadete da Força Pública e meus companheiros estão fazendo uma manobra aqui no meio da mata. Só que ontem eu me perdi deles e acabei passando a noite inteira sozinho na mata, dormindo debaixo de chuva. Acordei agora há pouco e estou procurando uma das estradinhas que saem de um lugar chamado de Pé de Galinha. A senhora sabe onde fica?

A mulher da casa ouviu e por instantes se silenciou pensativa. Apoiava as duas mãos no cabo de sua vassoura

posta à frente de seu corpo enquanto da porta da casa continuava fitando aquele homem com uniforme todo sujo até identificá-lo como sendo um militar com mochila nas costas e um fuzil em bandoleira. Não era a primeira vez que ela via soldados do quartel passarem pela sua porta quando em manobras militares realizadas nas redondezas, nem era essa a primeira vez que ficava sabendo que um ou outro acabava por se perder no meio da mata. Para ela isso não era uma novidade. Resolveu acolher Anjos Couto.

– O senhor não quer entrar pra dentro e tomar um cafezinho?

– Muito obrigado, senhora. Eu aceito o café.

O traje e os modos dessa senhora eram comuns à primeira vista, mas para Anjos Couto tinham um algo a mais, alguma coisa de muito familiar trazendo à sua lembrança a maneira de ser e de se comportar de sua velha tia Natália, porque ele via nela uma mulher simples e despida de vaidades, confiante na bondade alheia e acolhedora a quem batesse à porta de sua casa humilde.

Aceitando o convite, Anjos Couto entrou pela porta que era a da cozinha e viu um fogão a lenha com tocos ainda em brasa, sobre cuja taipa havia um bule de café. Só não era igual ao que sua tia Natália sempre mantinha aquecido sobre o fogão porque aquele era esmaltado e tinha flores verdes em alto-relevo e esse não era como o dela. No meio da cozinha havia uma pequena mesa com quatro cadeiras, forrada com uma toalha axadrezada e sobre ela uma bandeja contendo um enorme pão feito em casa coberto com um guardanapo de pano. A fome voltou a aticá-lo. Convidado a sentar-se para o café Anjos Couto não se fez de rogado, apresentando-se a essa mulher da casa e procurando ser tão gentil quanto ela estava sendo.

– Meu nome é Tuliano – disse em voz baixa enquanto se sentava à mesa.

– Então sinta aí para tomar café e comer um pedaço de pão. Fui eu que fiz – respondeu a mulher sem dizer seu nome.

– Ah, muito obrigado, senhora.

– Não quer tirar essa mochila e acomodar melhor esse fuzil enquanto toma o café e come pão?

– Não, senhora! Eu vou sair já. Preciso encontrar meus companheiros. Por acaso a senhora sabe se tem uma estradinha que passa por aqui perto? Uma daquelas que sai lá do Pé de Galinha?

– Ela tá logo desse lado de cá. É só subir o morro desse lado e andar um pouco mais que o senhor dá nela. Tem até uma trilha batida que é por onde eu chego aqui – disse a mulher da casa apontando para seu lado direito, exatamente a direção que Anjos Couto pretendia continuar seguindo.

– E a senhora sabe se por aqui existe um casarão inacabado porque o dono abandonou a construção? Me disseram que é próximo de uma estradinha, mas eu não sei de qual delas. A senhora sabe?

– Claro que sei, meu filho. É de um industrial que tava construindo pra morar com a família, até que a mulher dele morreu sei lá do quê, e aí ele abandonou tudo. Antes ele até quis comprar de mim um pedaço da minha chácara, mas eu não vendi, não. Dá um dó ver aquele casarão abandonado. Tem tanta gente precisando de casa... Não é longe daqui. Se o senhor pegar a estradinha ali e ir em frente o senhor vai achar ela. Mas é preciso tomar cuidado para não passar direto porque ela não fica bem na beira da estrada, não. Tá retirada e escondida. É bem no alto, assim no lado esquerdo quando começa uma curva com as árvores encobrindo a estrada.

– A senhora sabe que horas são?

– Deve ser umas sete ou sete e meia. Respondeu a mulher da casa sem olhar para relógio nenhum. Eu levanto cedinho, só meu marido e meu filho é que dormem até mais tarde. Tão dormindo agora.

Depois de tomar seu café quentinho e comer um bom pedaço de pão Anjos Couto agradeceu à mulher da casa, levantou-se e se preparou para sair. O cachorro que estava quietamente deitado debaixo da mesa nem reagiu quando sem querer Anjos Couto o tocou sem querer com seu coturno.

– Muito obrigado, senhora. Eu preciso ir agora.

– Não quer levar mais um pedaço de pão pra comer depois?

– Ah, eu aceito, ele está muito bom. Muito obrigado.

A mulher da casa cortou mais um pedaço do pão, embrulhou-o num guardanapo de papel e entregou a Anjos Couto, que o acomodou em sua mochila. Despediram-se sem se darem as mãos.

Não mais tendo dúvida quanto à direção a seguir, Anjos Couto passou a estar seguro de que logo encontraria seu quartel-general e voltaria a estar com seus companheiros. Encontrou a trilha referida pela mulher da casa, subiu o pequeno morro e pouco depois já se via caminhando pela estradinha que tanto buscara. Voltou a se sentir livre e dono de seus passos, seu próprio comandante, seguindo como se agora fosse ele o vencedor de uma longa batalha particular. Enquanto caminhava vieram-lhe à mente, num livre e costumeiro voo de sua imaginação, os bons tempos em que andava sozinho pela estrada que o trazia de volta da casa de sua irmã Esmáide, na Barreira dos Cipós, tão sinuosa quanto o leito de seu rio Itaguaí e que o imitava em toda sua extensão. Naqueles seus dias de menino ele nunca se sentia sozinho, porque era como se sempre estivesse integrado a todas as coisas que o

cercavam, inclusive à mata que o acompanhava pelas margens daquela estrada poeirenta. Era como se também ele fosse pertencente àquele conjunto da natureza. Agora, nessa pequena estrada da serra tudo se dava de forma diferente. Seus passos não brincavam soltos em areia porque nessa não havia areia, nem essa estradinha era sua como aquela de seus tempos de menino o era.

Mantinha um andar penoso, um pouco arrastado por força das dores que ainda sentia no pé e por também ter o corpo dolorido e pesado pelos apetrechos que carregava. Diferentemente de quando andava sozinho pelas margens do rio Itaguaí, nessa pequena estrada ele não conseguia ouvir nenhuma música imaginária que proviesse do nada. Nela ele ouvia apenas um murmúrio confuso de ruídos que provinham da mata como se anunciando a chegada de um dia de céu limpo. Nessa pequena estrada ele respirava fundo o ar puro da floresta e seguia em frente, sempre em frente, apoiando-se aqui e ali no galho forte que passara a ser seu cajado, sem nenhuma pressa em seu andar tropeçante. Mas a partir de então, embora reconhecesse estar realmente sozinho, tinha um destino certo e definido, sabia exatamente por onde deveria ir e aonde queria chegar. Carregava consigo a certeza de que nada mais iria impedi-lo de encontrar o casarão e reiniciar as missões desse segundo dia de exercícios.

Depois de quase uma hora de lenta caminhada, alcançou uma longa curva, onde pode ver que a estradinha se enfiava por um enorme túnel verde construído sobre ela pelas copas de árvores que a encobriam. Teria que estar por ali o casarão, porque tudo era exatamente como lhe informara a mulher da casa. Examinou a margem esquerda da estrada procurando por uma picada ou trilho que devesse ser tomado e não o encontrando obrigou-se novamente a adentrar à mata e ele

próprio abrir seu caminho entre ramagens e cipós embaraçados ao longo de um trecho de aproximados duzentos metros. Tinha de ser por ali.

O abandonado casarão com seu possante esqueleto de concreto à mostra sustentando uma enorme laje ainda sem uma estrutura que devesse receber outro piso ou o telhado surgiu pouco a pouco aos olhos de Anjos Couto, porque com o passar do tempo também ele ficara como que embrulhado pela alta vegetação que o engolia no meio da mata. Tinha suas costas voltadas para o lado onde ficava a estrada e sua frente transformada num fantástico mirante que proporcionava uma das mais belas vistas da serra. Dali podia ser avistado um grande vale que se entendia por quilômetros. No horizonte os morros cinzentos desenhavam silhuetas que por vezes se confundiam com pequenas nuvens esbranquiçadas e a densa floresta cobria de um verde-escuro toda aquela extensão. Maravilhosa vista para uma família que viesse a morar ali, podendo desfrutar de uma aconchegante calmaria e privilegiar-se com essa fantástica paisagem em dias claros assim.

A aproximação de Anjos Couto ao casarão foi imediatamente percebida pelos “guerrilheiros” que nele se acantonavam. Vários desses vieram a seu encontro e rapidamente o identificaram. Os ocupantes daquele lugar tinham reforçado a vigilância no lado em que ficava a estrada por ser esse o ponto mais vulnerável e o único caminho possível de chegar ou de sair dele. Já do outro lado, à sua frente, o casarão possuía a proteção natural representada pelo enorme declive de um morro que nascia longe, lá no fundo do vale, e vinha numa íngreme subida até à sua beirada, tornando extremamente difícil sua escalada por quem pretendesse chegar a ele por esse lado sem ser descoberto, fosse de dia ou de noite.

Ao se ver cercado por seus companheiros, cada um deles querendo ajudá-lo de um jeito diferente, Anjos Couto vestiu-se de um largo sorriso, sentindo-se finalmente aliviado da estafante maratona e da longa e terrível noite em que passara isolado sob uma tormenta e perdido no interior da mata. Mas era um sorriso meio que provocante e irônico, porque sua fisionomia parecia ter perdido aquela sua expressão juvenil, passando a ter algo de maduro e doloroso e na face um olhar concentrado, que procurava saber de tudo o que o que tinha se passado durante seu tempo de ausência e o que estava se passando a seu redor. Perguntou por Moura, Edgar e Depizol, seus companheiros de grupo, e soube que eles com mais dois outros haviam saído logo pela manhazinha para retomarem sua busca percorrendo as três estradinhas que principiavam junto ao Pé de Galinha. Que bom era estar em casa! Voltar é sempre melhor que ir, pensou Anjos Couto.

– Tem um médico ou um enfermeiro aqui? Perguntou de supetão. Meu pé esquerdo está machucado e eu preciso enfaixá-lo.

– Não tem médico, mas temos algumas ataduras que podem servir para imobilizá-lo. Vem com a gente – disse o cadete que mais de perto socorria Anjos Couto, dando-lhe o ombro para que nele se apoiasse.

– Como é que você conseguiu sair da mata e chegar até aqui? – perguntou esse cadete.

– Pura sorte, cara. Encontrei uma casa e uma senhora que me indicou o caminho – respondeu Anjos Couto. Sem ela acho que eu estaria rodando por aí até agora. Ela me deu um café e um pedaço de pão feito em casa.

Anjos Couto seguiu até o interior da construção semiacabada que a ele se mostrou sem nenhuma divisória de sala ou de quarto. Apenas umas poucas colunas internas

sustentavam uma grande laje e, sobre essa, outras colunas que possivelmente iriam servir para suportarem uma segunda laje. O mato crescia dentro dela e por todos os lados os falsos guerrilheiros espriaiavam-se deitados no chão de concreto. Divisou ao largo seu amigo Jambeiro e alegrou-se antes de chamá-lo para perto de si. Queria conversar sobre a reunião que teria havido na noite anterior, saber o que ocorrera por ali, principalmente quanto à avaliação dos oficiais observadores. Ele e seu grupo haviam executado duas missões: um ataque de destruição à torre e um ataque de fustigação à tropa regular, quando veio a acidentar-se. Jambeiro, cujo nome de guerra era cadete Aldenir, aproximou-se sorridente, também mostrando alegria em reencontrá-lo, mas não lhe deu boas notícias.

O ataque à torre executado por ele foi considerado nulo pelos oficiais observadores e não renderia nenhum ponto a seu grupo guerrilheiro porque havia sido usado um ardil fraudulento para dizer que eram componentes de uma patrulha da força regular, disfarçando-se com alterações em seus uniformes. Só o ataque de fustigação à tropa nas proximidades do Pé de Galinha é que lhe deu ganho de dez pontos, conforme previsto.

Anjos Couto silenciou-se em contrariedade pois aquele primeiro ataque de destruição da torre havia sido executado sob criterioso e bem elaborado planejamento e, segundo ele, estava dentro da autonomia que pensava que o grupo tinha para agir. Julgou que a severa regra imposta pelo comando geral do exercício limitava em demasia a propagada liberdade de ação que deveria estar sendo dada aos grupos e impedia que os guerrilheiros se utilizassem de astúcia ou de inteligência no comando de suas investidas. Lastimou-se por isso e perguntou sobre o destino de Berardi, seu outro amigo a

quem chamava de Piquerobi. Esse não era um guerrilheiro, estava incorporado à tropa regular, como veio a ser informado. Sentou-se no chão de concreto apoiando as costas numa das colunas centrais, descalçou o coturno de seu pé esquerdo, notado nele um visível inchaço no tornozelo, e pediu a Jambeiro que localizasse quem é que tinha uma bandagem para poder imobilizá-lo. Supôs que, mesmo com o retorno de Moura, Edgar e Depizol, ele não mais teria condições físicas para prosseguir no comando de seu grupo nas duas novas missões que ainda estavam programadas para esse dia. Pelo seu estado físico, sua participação na manobra parecia ter terminado ali naquele casarão e com certeza não voltaria andando para seu quartel.

Com o pé imobilizado por uma improvisada atadura fixada com algumas pequenas tiras de esparadrapo, Anjos Couto não mais pode calçar seu coturno e as sentidas dores eram latejantes e contínuas. Pretendia ser transportado numa das viaturas que reconduziriam os oficiais observadores de volta a seu quartel Escola, como um soldado ferido em combate. Nada honroso, mas pelo menos confortador. Em torno dele reuniam-se alguns colegas sem longa permanência e que, pelas perguntas que faziam, demonstravam estar mais curiosos e interessados em saber de suas desventuras, como a queda num buraco profundo, sua sobrevivência durante a tormenta da noite, ou como conseguira se deslocar pela mata com o pé machucado, do que de seu estado físico atual. Anjos Couto respondia de forma simplificada sem dar maior importância a uma ou outra dessas perguntas.

No final desse segundo dia foi noticiado o resultado da manobra militar conjunta tendo sido apontada uma expressiva vitória da tropa regular que conseguira aprisionar três guerrilheiros e que, mesmo tendo sofrido uma série

de ataques de fustigação, nenhum de seus elementos havia sido capturado. Dos que haviam por ela sido feitos prisioneiros ninguém conseguira empreender fuga. Por outro lado, o comando do exercício aplicou penalidades a dois grupos guerrilheiros porque alguns de seus integrantes abandonaram furtivamente o casarão no começo da noite, num frontal abuso da liberdade que detinham, interceptando desavisados motoristas que desciam a serra e a esses sendo exigidas caronas para retornarem à cidade e dormirem em suas casas. Só voltaram ao campo, pelos mesmos meios, na manhã do dia seguinte, porém, quando identificados, esses cadetes receberam severas punições disciplinares por abandono do posto em uma manobra militar, afora terem provocado a perda de pontos de seus respectivos grupos na avaliação final do exercício.

Como previsto, no final da tarde, Anjos Couto foi conduzido de volta à Escola numa das viaturas dos oficiais observadores, chegando a tempo de ser atendido na enfermaria, onde foi refeita a imobilização de seu pé esquerdo e de receber das mãos do médico de plantão uma pílula branca que era sobejamente conhecida e jocosamente apelidada pelos cadetes como sendo um “botão de cueca” porque tal comprimido tanto “servia” para gripe, bicho-de-pé, insônia, sudorese ou dor de cabeça, quanto para doenças de pele, inapetência, dor de dente ou calo no pé. Talvez um placebo ou um mero analgésico. Recebeu encaminhamento para, na manhã seguinte, comparecer ao Hospital Militar e submeter-se a uma radiografia para obter correto diagnóstico da lesão sofrida no pé, ou para receber outra imobilização caso essa se fizesse necessária.

Nessa noite Anjos Couto recolheu-se à sua sala de aula e, sozinho e pensativo, escreveu uma nova e longa carta à

Irene a partir de algumas anotações que fizera durante a manobra encerrada. No dia seguinte retornou do Hospital com uma bota de gesso no pé esquerdo e uma muleta de madeira. Ficaria dispensado das formaturas no pátio, das aulas de ordem unida, de equitação e de educação física no mínimo pelos próximos quinze dias e nesse período teria permissão para sair e regressar ao quartel trajando roupas civis. Apesar do incômodo do pé engessado, isso acabou se tornando algo que o beneficiou, porque beirava a uma concessão de liberdade que antes não possuía. Teria mais oportunidades para ficar livre e sozinho durante os períodos de instrução dos quais não precisasse participar.

QUARTO CENÁRIO

*Arre mundo frio agasalhado de indiferenças.
O manto de Cristo não cobre os filhos dos mendigos.
Arre mundo estranho de cabeça torta.
A criança perdeu um braço no desastre da Central.
Arre frio mundo de pés congelados,
de mãos congeladas que descariciam.
É chegada a hora de te desfazeres do carbono
porque teus pés estão desesperançosos
e teus filhos morrem no ventre congelado.
Arre mundo de virtudes concretas.
O precipício dos algozes cresce a teus pés.
Arre homem do frio navegando o cosmos
em sua barca interrogativa.
Vida estourando o mercúrio das capacidades.
Filhos bastardos na pressa do futuro
escalando a tribuna do passado enquanto gritam:
Arre mundo frio, teus filhos estão sendo emudecidos!*

I

Em outubro iniciou-se na Escola o segundo ano letivo do curso de formação de oficiais da Força Pública sem que, para Anjos Couto nada, absolutamente nada, alterasse o ambiente em que vivia dentro de seu quartel. Foi apenas a mudança de uma sexta para uma segunda-feira. Tudo continuava a ser o mesmo: repetitivo, inosso, desmotivado e enfadonho. Sua permanência no curso prosseguia justificada quase que tão só pela significância do soldo que percebia como cadete e porque, lentamente, vinha adotando um comportamento menos crítico, mais cordato, o que reduzia em muito as agruras de continuar pertencendo àquele meio. Tinha adotado uma das várias recomendações recebidas de Berardi, o Piquerobi, buscando recolher-se num canto, deixando que os dias escorressem soltos e fazendo de conta que aceitava pacificamente tudo o que via ou ouvia à sua volta.

Sem nenhum apego ao que ele continha, Anjos Couto levava o curso, até então, com um pé nas costas, como previsto ser possível por aquele seu amigo. Continuava recusando-se a ler as apostilas de matérias militares e mesmo sem nenhum esforço conseguira obter notas médias que lhe permitiram passar de ano sem se importar nem um pouco com sua classificação final.

Só o que viria a ser diferente nessa nova etapa do curso era a melhor condição de ser um aluno veterano, do segundo ano, acompanhada da agradável sensação íntima de que havia conseguido vencer uma batalha particular e ver superada uma série de dificuldades nunca antes por ele enfrentadas. O que vivera no interior da mata da Cantareira parecia ter servido

para amadurecê-lo um pouco, embrutecê-lo até, porém sem que houvesse logrado impor nenhuma mudança em sua maneira de ser, de agir ou de pensar. Continuava apático a tudo o que dizia respeito à Escola e ao curso, mantendo-se refratário ao militarismo. Reservava seus melhores momentos para debruçar-se em suas leituras, escrever longas cartas diárias para a namorada Irene, ir com certa regularidade ao cinema e ao teatro, comprar bons livros que depois de lidos eram levados para ela e tentar esquecer-se de que era um militar, embora estivesse como um deles.

Tomara conhecimento de que, apesar do aberto apoio inicial à “redentora” revolução de 1º de abril, alguns jornais cariocas começavam a se distanciar do novo regime, sobretudo por força de denúncias de torturas contra presos políticos. Lia as primeiras páginas dos jornais expostos nas bancas e mantinha-se relativamente informado sobre atos baixados pelo governo militar: A criação do Serviço Nacional de Informações (SNI), destinado a espionar os cidadãos, o “grande irmão”, que viria a se tornar o símbolo máximo de um sistema altamente repressivo instalado no Estado brasileiro, e a extinção da UNE, porque o governo a considerou como entidade “subversiva”, o que o fez sufocar todos os movimentos estudantis. Para Anjos Couto, o novo regime começava a mostrar sua verdadeira cara e os dias vindouros iriam recomendar um maior resguardo, porque a única certeza que se tinha a partir de então era a de que em nada havia nenhuma certeza.

Lá fora, em 14 de outubro, o mundo via o líder antirracista e pastor protestante Martin Luther King receber o Prêmio Nobel da Paz e passar a ser, até então, o mais jovem premiado pela Academia Real das Ciências Sueca por sua luta em defesa dos direitos civis e sua liderança na resistência

pacífica pelo fim do preconceito racial nos Estados Unidos. Poucos anos depois esse mesmo mundo tomaria conhecimento de seu brutal assassinato na sacada de um pequeno hotel da cidade de Memphis.

Ainda em 1964 os Estados Unidos entraram diretamente no conflito do Vietnã com quase unânime aprovação do Congresso americano. Três milhões de americanos seriam enviados a uma luta inglória no sudeste asiático para sofrerem e morrerem num inóspito território marcado por florestas tropicais fechadas e incessantes chuvas torrenciais, onde a guerrilha dos vietcongues, que bem conheciam a região, venceria a alta tecnologia e o poderio militar dos Estados Unidos. Ao final desse conflito, mais de um milhão de toneladas de mísseis, foguetes e bombas americanas teriam sido despejados sobre aquele pequeno país, deixando a trágica herança de um milhão de mortos, entre civis e militares, e o dobro de mutilados e feridos. Arre, mundo!

No Brasil o novo regime fazia renascer antigo tipo de luta fratricida que não se sabia bem onde terminava seu começo ou onde começava seu fim. Se nos ilegais calabouços pestilentos onde sinistras torturas eram o prenúncio da morte; se na noturna e furtiva abertura de celas das prisões para oferecer a prisioneiros políticos o direito de morrer atropelado no dia seguinte em pleno gozo de sua “liberdade”; se no suicídio forjado de quem se apresentara espontaneamente às autoridades militares para ser ouvido como “suspeito” pelo sistema inquisitorial; se na preparação de valas comuns em cemitério clandestino deixadas abertas para receberem os desaparecidos sem nome; se na brutalidade dos atos de uma guerrilha urbana que espalhava o terror e fazia vítimas inominadas; se nos atos de violência e terrorismo praticados por agentes do próprio governo porque isso acabaria se tornando

necessário como um meio para justificar o maior fechamento do regime ou se na execução sumária daqueles que eram considerados “subversivos perigosos”. Anjos Couto percebia que o mundo mudava celeremente para pior e que a violência tinha mão dupla. Tempos difíceis para um povo amordaçado ao qual logo viria a ser imposta a leitura de jornais com publicações de receitas culinárias ou com esparsas estrofes dos *Lusíadas* de Camões.

Espectáculos musicais passaram a ser inteligentemente montados por grandes nomes do meio artístico, todos ligados a movimentos de arte popular da época, encenados com canções de protesto e narrativas referentes à problemática política do país, fazendo nascer um teatro de protesto. Tudo se iniciou com o show *Opinião* no Rio, dirigido por Augusto Boal, e mais tarde com o espetáculo *Liberdade, Liberdade*, com texto de Millôr Fernandes e Flávio Rangel. Era o latente inconformismo mostrado ora de maneira audaciosa, ora de forma subliminar perante o arbítrio e a repressão do regime e destinado a um público que ansiava retomar o direito de falar e de cantar. Inaugurava-se um estilo de espetáculo que viria a ser chamado de “teatro de resistência”.

Anjos Couto assistia a quase todas as peças que entravam em cartaz nos teatros de sua Adamastor e às vezes, inadvertida ou indevidamente, comparecia ao teatro trajando seu uniforme de gala azul como se assim melhor devesse se apresentar, esquecendo-se de que sua farda poderia ser um contraponto ao conteúdo político de muitas delas. Talvez sua juventude devesse ser considerada e contada a seu favor porque intimamente ele não era um militar, embora estivesse como. Quando foi assistir à peça *Depois da Queda*, de Arthur Miller, encenado no Teatro Maria Della Costa em 1964, um bombeiro que ali trabalhava, também pertencente à Força

Pública, recepcionou-o na entrada do teatro e importou-se em conduzi-lo até o camarim de Paulo Autran, quando ele teve a oportunidade de cumprimentar e de falar com esse ator para depois orgulhar-se disso. Mais tarde tornaria a vê-lo em *Liberdade, Liberdade* e se convenceria de que realmente era preciso cantar junto com tantos e quantos assim o quisessem porque, mais do que nunca, era preciso cantar e ele queria predispor-se a isso. Equilibrava-se, por vezes confuso, num perigoso vão entre dois mundos. De um lado aquele que lhe era adverso e em face do qual deveria imunizar-se, embora a ele pertencesse. De outro, o que se lhe mostrava combativo e pleno de sentido enquanto no campo das ideias, embora a ele se apresentasse eivado de abomináveis atos de violência em mesmo sentido e direção. Onde estaria o caminho de paz que um dia ele pretendeu trilhar quando desembarcou esperançoso em sua Adamastor?

Por vezes, nos intervalos de almoço na Escola, comparecia à pequena sala de televisão do Centro Acadêmico, que comportava no máximo doze lugares, nem sempre com algum disponível. Quando podia, sentava-se ali para entreter-se com os desenhos de Hanna-Barbera – *Touché e Dum-Dum, Lippy the Lion & Hardy Har-Har, Wally Gator e vários outros* – também porque essa era uma forma e um tempo que lhe serviam para ausentar-se mentalmente do ambiente onde estava. Não se entregava a risos soltos, nem acompanhava as exageradas gargalhadas de alguns de seus companheiros, embora interiormente também se divertisse com as trapalhadas dos personagens. Isolado num casulo intimista, procurava entender a técnica utilizada nos desenhos, observando que quase sempre os autores fixavam ao fundo um mesmo cenário à frente do qual as cenas dos personagens principais deveriam desenrolar-se. Seus dias passavam lentos e chochos, suas

noites eram longas e solitárias. Como pensar no dia seguinte se previamente era sabido que o amanhã viria com mesmas vestes e mesma cara sem com ele se reconciliar?

II

Num sábado, antes do final do ano, Anjos Couto soube, pelo jornal *O Estado de São Paulo*, que Guilherme de Almeida iria proferir uma palestra a convite da Escola Paulista de Medicina, em endereço no centro da cidade. Interessou-se em comparecer para conhecer de perto o príncipe dos poetas brasileiros e imortal da Academia Brasileira de Letras, mesmo sem saber se teria ou não acesso ao local da programada palestra. Seria uma das compensações que Adamastor poderia lhe oferecer para amenizar seus dias tediosos. Engalanou-se em seu uniforme especial azul e, de ônibus, chegou à hora certa no endereço apontado. Logo à entrada deparou-se com um grupo de senhores de cabelos grisalhos, todos muito elegantes em seus ternos impecáveis, conversando entre si a demonstrar serem velhos conhecidos. Anjos Couto recolheu-se tímido à proximidade deles. Viu-se à frente de um livro de presença no qual se exigia o preenchimento de dados de cada convidado que ali chegava e isso o constrangeu.

Após anotar seu nome, que empresa deveria ser registrada por ele naquele livro? Ele nada mais era do que um insignificante aluno de escola de uma corporação governamental e a Força Pública não era uma empresa como as que antes ali se viam anotadas. Qual o cargo desempenhado na empresa? Como poderia ele admitir que ser um mero cadete era a ocupação de um cargo ou o exercício de uma função? O que anotar nesse caso? Após escrever seu nome pensou em abster-se dos demais registros, mas sentiu-se coagido a completá-los ao perceber atrás de si um senhor que aguardava sua vez de anotar. Apressou-se pretendendo desvencilhar-se

dessa incômoda obrigação e resolveu registrar apenas *Força Pública, cadete*, deixando em branco o espaço no qual se pedia o número de telefone. Adentrou um pequeno auditório e ocupou lugar na segunda fileira, apercebendo-se de que sua presença destoava de todas as demais. Era o único jovem entre tantos senhores de idade, certamente grandes empresários, médicos renomados ou professores universitários e o que mais o diferenciava era estar ele usando um uniforme militar para o encontro com o poeta. Confortou-se, porém, ao lembrar que Guilherme de Almeida foi um soldado que, também fardado, lutou nas trincheiras da revolução constitucionalista de 1932 e foi o autor da letra da *Canção do Expedicionário*, em homenagem aos pracinhas brasileiros que batalharam nos gelados campos da Itália e, mais recentemente, foi quem compôs o *Hino da Força Pública*, evocando com maestria os “cento e trinta de trinta e um”. Soldados sempre inspiraram esse notável poeta, muito embora, reconheça-se, em circunstâncias e tempos bem diferentes dos de então. Quepe branco acomodado sobre o colo, Anjos Couto sustentava-se em meio às expectativas de conhecer o poeta, evitando olhar para os lados e recolhendo-se em si mesmo como se pretendesse permanecer isolado e, se possível, invisível. Sentia-se observado por olhares esquivos e curiosos, provavelmente sendo visto com certa estranheza pelos circunspectos senhores presentes que em torno dele se acomodaram. Quem seria esse aquietado jovem, que chegou envergando um uniforme de gala e se fazendo presente numa reunião para a qual certamente nem fora convidado? Que especial interesse poderia ter esse cadete pelo poeta ou por suas poesias? O que o teria motivado a estar ali, introvertido e silente, em meio àqueles respeitáveis senhores, de uma forma tão visivelmente deslocada? Contudo, Anjos Couto bem conhecia a obra do poeta

Guilherme de Almeida e sabia a que estava se destinando. O último livro que dele havia visto e lido havia sido o *Rua*, ilustrado com fotografias de Eduardo Ayrosa emolduradas com curtos, porém belíssimos poemas que contavam sobre o que o poeta observava e fotografava em sua memória durante seu caminhar pelos cantos e recantos da grande cidade. Desse livro, ele memorizara um pequenino poema chamado *O Homem Que Falava Sozinho*: “*A rua vai falando/italo-árabe-hebraico-russo-japonês. /Um dia, não sei quando, /um sujeito passou falando português.*” Antes ele lera os livros *Nós* e *O Anjo de Sal* e se encantara com a métrica de seus sonetos, a precisão das rimas, o extraordinário ritmo dos versos e a profundidade dos pensamentos desse poeta maior. Seus poemas o remetiam ao tempo do menino que ele fora em Cruz das Almas, quando ficava observando as libélulas beliscarem as águas de um lago adormecido ou quando adotava caminhos imaginários a percorrer em suas andanças incertas pelas margens do rio Itaguaí. Ademais, Anjos Couto lia, sempre que possível, as matérias que Guilherme de Almeida publicava em sua pequena coluna no *Estadão*. Ele estava seguro do lugar que lhe fora permitido ocupar naquele auditório, de forma que se deixava ficar emudecido e aquietado em seu anonimato pouco ou nada se importando com as dissimuladas interrogações que em torno dele se percebiam desenhadas através de furtivos olhares dos senhores presentes. Tinha a exata compreensão de seu querer e bem sabia com quem iria se avistar, não tendo que se explicar ou justificar-se a ninguém senão a si mesmo. Imaginava-se sozinho naquele auditório para não se incomodar com quem quer que estivesse a seu lado ou o olhasse de maneira esquisita. Não viera para falar ou para ser visto senão para ver, conhecer de perto e ouvir o poeta, única razão pela qual se atrevera a estar ali.

Sem muita demora Guilherme de Almeida deu entrada no auditório, acompanhado de um senhor bem mais alto do que ele, o que o fez aparentar ser ainda mais baixo do que realmente era. Carinhosamente foi ele conduzido para ocupar seu lugar na mesa principal, de onde ouviria a apresentação que seria feita por aquele que o acompanhara. Que minúscula figura era a daquele grande homem! Vigoroso em seu olhar cintilante e com tamanha profundidade, era como se campeasse e conseguisse, de relance, recolher para dentro de si todos os detalhes de tudo que existia à sua frente para fazer do mais insignificante deles um poema novo. Assim como o fizera quando pensou sobre sua infância: *“Um gosto de amora / comida com sol. / A vida chamava-se ‘Agora’”*. Nenhuma demonstração de cansaço da vida, muito pelo contrário, era como se o poeta estivesse sempre iluminado por ela de maneira que em cada momento de sua alma romântica brotasse uma nova poesia apesar de não mais poder disfarçar um corpo vacilante sob o peso de seus quase 74 anos. Mas, em seu talentoso dizer, a mocidade nada mais é do que tão só um relâmpago aos pés da eternidade e dentro da vida há que se ter sempre um encanto de viver.

Bem próximo dele, Anjos Couto fitava-o com o mais profundo respeito e admiração, ansioso por ouvi-lo. Antes todos foram brindados com uma magnífica alocação daquele que o introduzira no auditório. Uma saudação poética com rimas ricas das mais brilhantes e à altura do apresentado, fazendo com que todos se inebriassem encantados perante o talento do apresentador. Quando esse aludiu que ele deveria ser o rei e não apenas o príncipe dos poetas brasileiros, Guilherme de Almeida objetou serenamente para dizer que podendo um rei ser posto ou deposto ele preferia ser apenas príncipe na eternidade desse título. O poeta era, ele próprio,

um obelisco, merecedor de todas as loas e fora colocado no mais alto e merecido pedestal da cultura e da inteligência, de onde falaria aos presentes.

Embora pequena, quase gutural e sempre acompanhada de um espontâneo sorriso que parecia transformá-lo em alguém íntimo, pertencente à família de cada um dos presentes, sua voz enchia o pequeno auditório silenciado para ouvi-lo, alcançando a todos como se lhes falasse aos ouvidos. Nenhum esforço para encontrar palavras certas para seus pensamentos fluentes. Dava a impressão de que ele próprio era um seu ouvinte atento ao que dizia e suas palavras não se evaporavam, guardando o sentido e permanecendo vinculadas às que ainda seriam ditas numa confluência surpreendentemente lógica. Havia delicadeza em sua fala e uma sentida e profunda emoção em suas narrativas e em suas declamações. Por instantes, o poeta deixava transparecer que falava para si mesmo enquanto suas palavras esvaíam-se para ecoar por todo o ambiente. Quando evocou a esposa Belkiss, sua *"Baby"*, seus olhos percorreram o pequeno universo daquele auditório como se procurasse encontrá-la por ali e nesse momento estivesse a lhe dedicar um novo poema. O poeta superava-se a cada declamação e Anjos Couto embevecia-se como se só ele estivesse ali para ouvi-lo.

Encerrado o encontro, cerca de uma hora depois, Anjos Couto deixou aquele local e iniciou uma longa caminhada para alcançar o ponto de ônibus onde deveria embarcar de volta ao endereço de origem: o quartel de sua Escola. Valera a pena ter vindo, tudo valera a pena. Sentia a aragem da noite afagar-lhe a pele do rosto e, diferentemente de outras noites, a ele parecia que dessa feita a cidade queria mostrar-se lhe mais inteira, desnudando-se à sua frente e aprontando-se para desvelar seus pontos mais ocultos, ou buscando estimulá-lo

a encontrar nela o que antes a ele passara despercebido. Dispôs-se a observá-la melhor, com um olhar atento a tudo o que a ela pertencia e de uma maneira como antes ainda não se importara em fazer.

Reparou no cenário sombrio das construções mais antigas, então silenciadas dentro da noite, imaginando que elas guardavam mil histórias não contadas e segredos não revelados. Cuidou de observar as remanescentes lâmpadas de vapor de mercúrio da iluminação pública, que atraíam para seu pequeno campo de luz insetos irrequietos com seus rodopiantes voos suicidas. Olhou para um banco vazio da praça, que estava sozinho, à espera de um homem honesto que nele viesse pensar enquanto descansava o corpo.

Reparou nos espaços dormentes de seus becos estigmatizados e mal vestidos que engoliam desavisados que não têm para onde ir. Olhou para os poucos passageiros no interior de um ônibus que passava, silenciosos e indiferentes a quem os fitava, porque não tinham a menor intenção de coexistir. Observou os transeuntes solitários, que caminhavam pelos calçadões e dentro da noite levando consigo algumas boas lembranças para adornarem uma existência desmotivada.

Viu uma ou outra criança dependurada nas mãos do pai, curiosa para examinar de perto o uniforme de gala de quem a olhava e alcançou uma longa e pouco iluminada escadaria que mergulhava no interior de uma galeria para entregar o caminhante a uma grande avenida conhecida como se todos estivessem destinados a desembocar ali. A cidade que então a ele se apresentava era outra a aguçá-lhe a observação. Uma Adamastor que se lhe mostrava como sendo uma cidade nova, porém então vista como se houvesse sido esquecida e estivesse à espera de ser redescoberta por quem dela pudesse gostar. Ao mesmo tempo uma Adamastor que era

uma cidade envelhecida, porém querendo maquiarse frente a um espelho e pressagiando ressurgir em cada esquina como uma menina atraente convertida em mulher.

Quantas pessoas nela se cruzavam e se esbarravam a todo momento, mas que não se viam e sem que nem uma nem outra soubessem exatamente quem eram ou para onde estavam indo? Havia um desapego entre iguais, uma solidão coletiva. Todas se encontravam, mas se desconheciam numa proximidade mínima, sequer percebida e numa convivência sequer imaginada. Realmente parecia ser que era na solidão que todos sentiam-se menos sós, como bem escrevera Lord Byron no início do século XIX.

O cadete Anjos Couto caminhava mantendo passos seguros e apressados em direção ao ponto de seu ônibus, mesmo não tendo nenhuma urgência de chegar.

Apregoava-se que um militar nunca deve ser vagaroso nem oscilante em seu caminhar, muito menos deixar ser avisado como se estivesse apenas vagando sem direção definida. Há que aparentar ter sempre um destino certo ainda que não o tenha; um definido lugar de chegada ainda que não esteja indo a lugar nenhum e, sobretudo, simular estar fazendo alguma coisa ainda que não esteja fazendo nada. Dentro do quartel recomendava-se que nenhum cadete deveria atravessar o pátio andando como um sonâmbulo e quando tivesse que fazê-lo sozinho deveria caminhar rápido, ativo e de preferência levando alguma coisa nas mãos como se estivesse cumprindo ou fosse cumprir alguma tarefa importante. Isso o condicionou de tal forma que, mesmo fora do quartel, Anjos Couto passara a agir assim.

Tinha liberdade para retornar à Escola até às 22:00 horas para o chamado “pernoite” e havia tempo de sobra para chegar lá bem antes dessa hora. Embarcado, deixou-se

conduzir silenciado dentro do ônibus, preparando-se interiormente para o reingresso à realidade de seus dias desenxabidos e, à medida que se aproximava do quartel, antecipava uma sensação de agastamento, apesar de a noite lhe ter sido proveitosa e agradável. Aos poucos ia se transformando num outro que não era ele, obrigado a voltar para um lugar que relutava em reconhecer como sendo o seu. Trocaria de uniforme em seu alojamento e, se ali não fosse possível permanecer aquietado, ele iria para a sala de aula escrever uma carta e narrar para a namorada Irene como foi seu encontro com o príncipe dos poetas brasileiros. Contudo, por ser um final de semana, ele encontrou o alojamento vazio e isso permitiu que ali se acomodasse sozinho como gostava de estar. Apanhou um livro em seu armário, reiniciou a leitura no silêncio daquele vazio, entregou-se ao afago de pensamentos bons, às reminiscências do que lhe fizera bem e deixou que o sono o dominasse em meio a uma agradável sensação de calma e de paz porque tivera um dia bom. Passaria o dia de amanhã imaginando como Irene deveria estar em seu domingo em Cruz das Almas, cidade natal de ambos.

III

Nesse final de ano ocorreram mudanças no comando geral da Corporação e diversas outras modificações sucederam-se em vários comandos de escalões secundários como sempre ocorre como natural via de consequência. O anterior Comandante Geral da Corporação, um reservado general de brigada do Exército Brasileiro, transferiu seu comando para um coronel da própria Força Pública e com isso mudaram também o comando do Centro de Formação e Aperfeiçoamento e o da Escola de Oficiais à qual Anjos Couto pertencia. O anterior comandante do Centro, um sereno e educado coronel com fala rápida e italianada, passou o comando a um outro coronel que imediatamente impôs mudanças drásticas na prática do ensino dessa Unidade escolar.

Esse novo comandante acentuou ainda mais o caráter militar do curso de formação de oficiais e, diferentemente do anterior, por não raras vezes, ia ele para o pátio e assumia pessoalmente a direta instrução militar dada aos cadetes, submetendo-os a perigosos saltos e rolamentos em seu duro cimentado, obrigando-os a executá-los segurando seus fuzis. Dizia bem às claras e em altos brados que não se importava nem um pouco se um ou outro desses armamentos viesse a ser danificado em decorrência dos impactos nas quedas, o que veio a se dar não só com um, mas com vários deles. Porém jamais fizera qualquer alusão sobre os riscos aos quais os cadetes ficavam submetidos durante a execução desses forçados exercícios, passíveis de sofrer sérios acidentes que poderiam afetar sua integridade física. Ao término dessas massacrantes aulas era comum ver um e outro aluno com

visíveis esfolados na pele ou lesões nos ossos das mãos, escoriações nos braços, ombros, cotovelos ou joelhos. Contudo, esse novo comandante do Centro dava a isso a mesma mínima importância que era dada aos fuzis que depois se veriam com algumas coronhas quebradas, ferrolhos emperrados ou canos avariados. Para ele os cadetes não passavam de meras peças de instrumentos de guerra tão substituíveis quanto as dos armamentos danificados. Chegara com a fama de ser um impetuoso oficial guerreiro e importava-se em continuar sendo considerado assim, fazendo de tudo para se manter com essa fama. Era sabido ser ele um astucioso articulador, um revolucionário de ponta pertencente à extrema-direita e que, por apreciar assuntos relativos a batalhas e combates, por ser um obstinado defensor da revolução de 1º de abril, um ferrenho adepto do uso e emprego de armas e por haver comentários à boca pequena de que tinha ele o estranho hábito de fabricar bombas caseiras, falava-se que exalava cheiro de pólvora, pelo que não demorou muito para receber dos alunos o apelido de “Coronel Porvinha”.

Por sua vez e em contraponto, a Companhia Escola de Oficiais recebeu como seu novo e direto comandante um jovem capitão combatente que veio a ser o exato contrário do anterior que era da arma de cavalaria. Era esse um oficial educado, sorridente e amigável, cavalheiro nas atitudes, de bom trato e acessível ao diálogo, o que fez com que rapidamente conquistasse a admiração, o respeito e a benquerença de todo o corpo de cadetes. Sob seu comando a Escola foi se tornando menos adversa e não truculenta como antes, ganhando ares respiráveis, apesar de estar sob uma autoridade maior adepta de um militarismo exacerbado. Anjos Couto observava tudo de perto e contentou-se com essa mudança, até porque ela poderia representar a abertura de nova oportunidade para

requerer sua saída da Escola. Desde logo pensou em tentar uma entrevista com o novo comandante para tratar desse assunto, embora a ideia de pedir sua exclusão – que antes fora tão firmemente alimentada e que chegara a ser intentada sem sucesso perante o comandante anterior – não mais detivesse o mesmo realce que antes tivera. A cada dia que passava, Anjos Couto avaliava o fato de deixar a Escola, porém repensava sobre seu amanhã tanto sob a hipótese de ter que ir em busca de um emprego que assegurasse seu sustento e respondesse pelo custeio de seus estudos, quanto à frente da mais recente alternativa que chegou ganhando espaço em suas vontades e passava a ser por ele considerada. Essa nova opção seria a de permanecer na Escola pelo pouco tempo que ainda restava para completar o curso, preservando seu bom soldo mensal e não correndo nenhum risco de se lançar sozinho numa aventura por veredas incertas. Buscaria novos caminhos depois de sair dela.

Quanto a seus ideais originários, nenhum fato novo impusera a menor mudança, mantida sua coerência com relação a seus anseios futuros e à sua perdurante rejeição à vida militar. Fixou-se na ideia de que deveria entrevistar-se com seu novo comandante para ouvir dele um aconselhamento quanto à melhor atitude a ser tomada. Supôs ter encontrado alguém em quem poderia confiar e tudo indicava ser possível obter um encontro, porque estava sendo levado a crer que o novo comandante iria recebê-lo com o devido respeito e que certamente lhe seria dada uma oportunidade para falar sobre suas dúvidas e ansiedade. Não demorou para que viesse a tentar isso.

Numa sexta-feira, durante o intervalo de almoço e sem prévio aviso, Anjos Couto postou-se à frente da porta de seu gabinete, no mezanino do quartel, para ali se deixar ver pelo

novo comandante como quem pretendia lhe falar. Repetia-se uma cena não muito distante no tempo, porém bem diferente da que ocorrera pela vez primeira porque, mesmo sem ter sido convocado para ali estar, não houve demora para receber do novo comandante um sinal de chamamento que o autorizava a entrar em seu gabinete. Comprovou que os tempos eram outros. Após regulamentar e obrigatória apresentação Anjos Couto manteve-se em posição de sentido e ouviu dele a primeira fala, educada e receptiva, que já demonstrava o esperado acolhimento.

– Pode descansar. Que é que você quer?

Só o fato desse novo comandante não exigir que ele permanecesse em posição de sentido para poder dirigir-lhe a palavra, permitindo que ele ficasse em posição de descansar, já era uma diferença e tanto com relação às exigências que eram impostas pelo tirânico comandante anterior. Anjos Couto sentiu-se aliviado e melhor, porque nessa posição teria liberdade para expressar-se sem as amarras de uma incômoda imobilidade corporal que cerceava até seu raciocínio. Via-se à frente de um superior hierárquico que não ostentava ares de um autoritarismo tacanho, que se propunha a ouvi-lo e que se revelava em paz com a vida e com o mundo, sem as perceptíveis revoltas íntimas que levavam seu antecessor a ser grosseiro, sem as frustrações ocultas que certamente tornavam aquele um oficial turbulento, e sem nenhuma necessidade de demonstrar poder de mando quando no relacionamento com seus subordinados. Era esse o capitão-comandante da Escola e não precisava bradar a nenhum aluno que ele detinha autoridade para por e dispor, postura que era incomum entre os oficiais da Escola. Seu olhar tranquilo antecipava a compreensão de tudo o que porventura viesse a ser-lhe dito, ainda que sem antecipar sinais de acatamento

ou deferimento do que pudesse a ele ser requerido. Por certo, até mesmo uma sua negativa não viria de forma insultuosa ou desafiante, muito menos atropeladamente belicosa, como era comum ver-se no comportamento do comandante anterior. Apresentava-se como alguém que seria capaz de ouvir e de decidir sem rancor ou enfurecimento, oferecendo-se a um diálogo franco antes nunca visto na Escola entre um cadete e seu comandante de Companhia. Foi por considerar que ele fosse assim que Anjos Couto encorajara-se a tentar a entrevista para narrar as razões que o levaram até ali.

– Senhor, eu peço desculpas por tomar seu tempo, mas é que eu tenho dúvidas se devo ou não continuar na Escola. Quando no começo do curso, eu cheguei a pedir baixa ao comandante anterior, mas ele não me deixou sair...

Anjos Couto foi imediatamente interrompido pelo comandante, porém não de forma grosseira.

– E por que é que você quis deixar a Escola?

– ...porque eu pensava e continuo pensando que a carreira militar não é o que eu quero, não tenho vocação para isso. Venho esforçando-me para me adaptar aqui na Escola, mas não consigo ver-me seguindo essa carreira. Não me vejo como um futuro oficial. Não é isso o que eu quero. A Escola não me desperta nenhum interesse e eu gostaria de sair dela para fazer um curso de Direito ou um curso de Jornalismo. Por isso é que eu vim pedir conselho ao senhor.

A resposta do comandante veio rápida e com voz pausada e serena.

– Mas você pode fazer isso depois que você sair daqui, como aspirante-a-oficial. Você já está na metade do curso, rapaz, e falta pouco para você sair. Desistir agora é uma grande bobagem e não lhe trará vantagem nenhuma. E tem mais: é muito comum cadetes terminarem o curso, serem

declarados aspirantes-a-Oficial, e depois ingressarem em faculdades de Direito, prestando concursos para promotor ou para juiz, ou tentando outras carreiras no mundo civil. Isso é muito comum. Recentemente um primeiro-tenente que era instrutor aqui da Escola pediu baixa e foi trabalhar na Petrobras. Além disso, como oficial, você vai ter estabilidade econômica para poder estudar, trabalhará sob regime de meio expediente em um quartel e terá tempo de sobra para frequentar uma faculdade e estudar. Você já pensou nisso?

– É no que eu venho pensando, senhor. No ano passado quando eu cheguei aqui eu perdi o prazo de inscrição para o vestibular e foi por isso que eu entrei na Escola para poder ficar por aqui...

– E você continua querendo sair? – novamente interrompeu o comandante.

– Já não sei bem o que é o mais certo, senhor. Nem sei se devo ou se é o melhor para mim. Estive pensando em me inscrever neste ano para fazer o vestibular para o curso de Direito, mas eu gostaria de receber do senhor uma orientação sobre se devo ou não fazer isso agora.

– Eu acho que você não deve. Primeiro porque para você frequentar uma faculdade no ano que vem você vai ter que deixar a Escola, porque não dá para você fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Sua família é daqui da capital?

– Não senhor, é do interior.

– Pois então. Acho melhor você esperar mais um pouco. Se você abandonar a Escola agora, você vai ter que arranjar um emprego para se manter e poder estudar. Não é melhor você terminar o curso e sair como oficial? Eu já não lhe disse que muitos oficiais fazem faculdades depois que saem daqui? Tenho certeza de que isso é o melhor que você tem que fazer. Antes de sair daqui no ano que vem você se inscreve para o

vestibular da faculdade que você quiser, mas antes você termina o que começou e depois você começa outra coisa. Você é jovem e tem a vida inteira pela frente. Não é melhor assim? Não é isso que você quer?

– Acho que sim, senhor. Muito obrigado. Peço licença para me retirar.

Antes de sair Anjos Couto ainda pode ouvir uma última recomendação de seu novo comandante.

– Não desista do que você quer alcançar! Tá ouvindo?

Anjos Couto aquiesceu a tudo o que ouvira porque a fala mansa e respeitosa do novo comandante o convencera e porque seu aconselhamento viera ao encontro do que ele havia começado a pensar desde que iniciara o segundo ano letivo do curso. Decidiu que não mais pensaria em efetuar sua inscrição nos vestibulares desse ano, abdicando, pelo menos por ora, de seu ainda pretendido curso de Direito ou de seu ingresso numa escola de Jornalismo. Não seria uma desistência, mas um curto adiamento e tudo o que ouvira do comandante dava-lhe a certeza de que essa era a mais adequada e conveniente atitude a ser tomada. Satisfeito com o resultado do encontro, saiu com a convicção de que deveria concluir o curso que já estava pela metade e permanecer na Escola, então sob novo comando e novos ares.

Com lucidez e desembaraço, sua imaginação delineava a ideia dessa permanência para fixá-la de vez em sua mente, sentindo que para tanto recebera um importante estímulo. Tinha plena consciência de que tudo na Escola iria continuar a ser como sempre fora, mas sentiu que, a partir de então, passava a existir uma nova razão para nela permanecer, havia um definido e claro objetivo a ser alcançado através dela, um planejamento para o que deveria vir depois dela e um novo motivo para ficar nela.

Entregou-se, pois, com bem menos reação do que antes, à realidade de que deveria continuar participando das oito aulas diárias, afora uma hora de estudo livre e obrigatório à noite em sala de aula, e que tudo isso iria continuar a fazer parte de sua vida no próximo ano. Todavia sua indiferença prosseguia sendo a mesma: nenhuma leitura das apostilas, interesse mínimo com relação às matérias militares, obtenção de notas médias não competitivas e as sequenciais anotações em seu caderno de conduta que, ao final do curso, quase o levaram à expulsão da Escola. Repetidamente vinham-lhe à mente fatos do tempo em que era apenas um candidato e que lembravam-lhe que àquela época tudo acontecia como se ele estivesse predestinado a ingressar nessa Escola ainda que disso tenha tentado esquivar-se. Houvera a suspensão dos exames nos dias em que a esses propositadamente ele deixara de comparecer; foram suprimidas duas das mais difíceis provas de campo nas quais fatalmente ele teria sido reprovado se elas houvessem sido mantidas e, ao final, fora suspenso o caráter seletivo das provas escritas, o que veio fazer dele um candidato automaticamente aprovado. Depois, desde o dia em que se tornara cadete, tudo transcorria como se estivesse ele forçado a nela permanecer sem ter sequer o direito de dela se desvencilhar e predestinado a prosseguir na carreira militar. Houve o não explicado caso do exame de sangue cujo resultado ainda não chegara a seu conhecimento e a radical postura de seu anterior comandante que se recusou a aceitar seu pedido de baixa. Após o encontro com o novo comandante convencera-se de que o melhor realmente era suportar e concluir o curso e que esse era o caminho mais acautelado para atingir seu objetivo no depois.

IV

No prolongado final de semana do Natal desse ano, Anjos Couto embarcou uma vez mais em direção a Cruz das Almas. Durante a viagem viu-se extenuado, porque o trem parecia correr a uma velocidade menor do que a de costume, como se houvesse se transformado numa velha diligência puxada por cavalos lerdos. Estava ansioso para rever sua cidade e tudo o mais que nela verdadeiramente era seu. Iria ficar com a namorada Irene e esquecer-se do tédio e aborrecimentos que o quartel lhe infligia. Esforçava-se para não pensar na Escola, visando aliviar-se do peso que essa lhe impunha. Antecipava a esperança de que os quatro dias que passaria em sua cidade seriam uma aprazível compensação pelos esforços que fazia para continuar vivendo na caserna e estando como um militar. Noticiaria Irene da recente decisão de que iria concluir o curso, o que certamente a alegraria e dela receberia o mais franco apoio. Revisitaria todos os lugares que eram e que nunca deixaram de ser seus e andaria leve e solto de mãos dadas com a menina de sorriso feliz ao longo da bela avenida onde ela morava e cujas calçadas ainda deviam estar forradas de florezinhas amarelas e cheias de estórias e de momentos felizes que juntos viveram ali. Teria paz nos braços de Irene, sem hora que o convocasse para fazer alguma coisa ou que o intimasse a ir a algum lugar.

Não haveria obrigações agendadas nesses seus dias de folga. Poderia voltar a caminhar livremente pelas ruas descaldas de sua vila, sujando os sapatos com a poeira solta de seus recantos pobres, mas os veria como sendo riquíssimos lugares cheios de boas lembranças. Seria uma alongada oportunidade

que permitiria que ele se reencontrasse com o tempo de sua origem, quando seu livre arbítrio permanecia intacto e tinha a liberdade de existir por si só e de ir por onde e para onde sua vontade o encaminhasse, sem formalidades a condicioná-lo e sem a incômoda preexistência de um comando. Ainda que efêmero, esse tempo seria bom. Era o cadete Anjos Couto que uma outra vez estava voltando à sua cidade natal e que, dentro de um trem sacolejante e barulhento, pouco a pouco ia deixando-se transformar no jovem Tuta, do jeito que ele mais gostava de ser para sentir-se liberto em sua inteireza. Voltava para ser ele mesmo, para dentro de si com toda sua espontaneidade, e quando estivesse chegando pela manhazinha e passando com lento caminhar à frente da casa de Irene assobiará *I can't stop loving you* porque essa era a canção por eles adotada e esse seria o anúncio de sua chegada. Irene não o ouviria, mas mesmo em seu profundo sono da manhã sentiria que ele estava chegando e acordaria mais feliz.

A permanência de Anjos Couto em Cruz das Almas fez-se revestida de agradáveis encontros com pessoas que o reconheciam na rua e o cumprimentavam com demonstração de que estavam contentes por revê-lo. Isso lhe fazia bem, porque há tempo ele não sentia o prazer de ser reconhecido. Estava sob o agasalho de só boas recordações que lhe aqueciam a alma e enquanto revisitava os muitos recantos de sua cidade natal ele o fazia imbuído de uma tal curiosidade que era como se os estivesse vendo pela vez primeira, com olhos de turista numa explosão de surpresa. E todos esses lugares eram antigos lugares seus, lugares de sua infância, lugares de sua adolescência. Tinha vontade de revê-los tanto quanto pudesse, porque era bom reviver momentos livres vividos nesses lugares. Com Irene a seu lado, sentou-se no murinho junto à calçada de uma avenida, exatamente onde ocorreu

o primeiro beijo e quando se deu o encantamento que a ela o prenderia para sempre; fez questão de caminhar com ela pelas aquietadas margens de um pequeno lago adormecido nas redondezas da cidade para uma outra vez observarem silenciados o expandir dos círculos concêntricos provocados em suas águas pelo contínuo beliscar de agitadas libélulas e foi revisitar seu rio Itaguaí, para soltar sua imaginação como se nele novamente estivesse navegando em suas longas e preguiçosas curvas. Era uma saudosa peregrinação pelos lugares de seu tempo de menino.

Na noite de sábado, após o Natal, quando retornava sozinho para a vila onde ainda moravam seus pais, Anjos Couto teve um súbito pressentimento de que alguém o estava seguindo de perto, talvez com a intenção de alcançá-lo para abordá-lo ou para lhe dirigir palavras. Discretamente olhou para trás e na rua escura e deserta não viu ninguém. Apressava seus passos à medida em que aumentava a sensação de que alguém poderia estar cada vez mais perto dele. Chegou a ter a impressão de que estava ouvindo passos atrás de si e uma insegurança dele se apoderou com maior intensidade. Se não estivesse em Cruz das Almas, num lugar tão familiar, mas numa sombria e desconhecida rua da Adamastor, certamente estaria dominado por aquele tipo de medo que faz com que um turbilhão de ideias de mau agouro tome conta de si, agitando seus pensamentos. Quando adolescente lastimava-se por saber que moleques haviam quebrado as lâmpadas dos postes de iluminação de ruas de sua vila, o que em circunstâncias semelhantes tornava seu caminho de volta numa escuridão de dar medo. Sempre retornava para casa pelo mesmo trajeto. Contudo, Anjos Couto estava em local e ambiente que lhe era por demais conhecido e podia manter-se calmo, estando apenas curioso por saber quem supostamente o

estaria seguindo. A essa hora, já no começo da madrugada, quem além dele poderia estar caminhando sozinho pelas ruas de uma vila adormecida, ocultado pelas sombras da noite como se fosse um fantasma? Incomodado, novamente apressou seus passos quando lhe veio à lembrança de que esse alguém que o estaria seguindo poderia ser Augusto, o menino com impigens no rosto, aquele que nos tempos juvenis em que ele vivia em Cruz das Almas o abordava pelas ruas, acompanhava-o a seu contragosto, tinha a incrível capacidade de adivinhar seus pensamentos, demonstrava saber de tudo o que com ele ocorria e era até mesmo capaz de antecipar o que com ele ainda viria a acontecer. A última vez que Anjos Couto o viu foi junto ao chafariz da praça principal da cidade, às vésperas de seu embarque para a capital, portanto há exatamente um ano, ocasião em que ouviu dele bons e acertados conselhos para que antes de deixar Cruz das Almas se reconciliasse com Irene, depois de pequeno desentendimento havido entre eles. Lembrou-se ainda de que bem antes disso, numa noite assim como essa, nas escuras ruas de sua vila e quase nesse mesmo lugar, Augusto causara-lhe essa mesma sensação de estar sendo seguido de perto, para depois surpreendê-lo com sua repentina aparição. Naquela noite Augusto antecipou a informação de que a morte havia feito visita a um morador de sua rua. Anjos Couto conseguiu se lembrar com precisão das palavras então ditas por aquele menino de impigens no rosto.

– Tem algo estranho em sua casa nesse momento. Tem muita gente em volta dela e tem adultos e crianças chorando. Deve ser alguém que morreu, mas eu não sei bem quem. Acho bom você correr para lá!

Essa era a mais pura e completa verdade. Naquela noite pessoas da vizinhança acotovelaram-se à frente da casa de

seus pais, esperando a chegada do corpo do marido de D. Uasna, uma amiga de sua mãe, que havia sido vítima de um fulminante ataque do coração, quando concluía a armação do madeirame de um telhado na construção em que trabalhava. Essa lembrança fez com que Anjos Couto imaginasse que só poderia ser Augusto, numa segunda vez, e antes que afugentasse esse pensamento e voltasse a olhar para trás pareceu-lhe que até ouvia um seu chamamento.

– Tuta!

Parou no meio da rua, voltou-se, fitou-a firmemente e constatou em definitivo que não havia ninguém atrás dele, que ninguém o estava seguindo de perto ou à distância pretendendo alcançá-lo. Tudo não passava de vaga imaginação, talvez o produto de seu esforço em ligar o presente a tempos idos em Cruz das Almas quando sondava seu estado de espírito. Talvez o menino Augusto, com suas impigens no rosto e que outrora o seguia sorrateiramente e o abordava de forma inesperada, jamais tenha existido de fato, nada mais tenha sido do que um alter-ego ao longo de pequeno período da adolescência de Anjos Couto. Talvez, por algumas vezes, o então menino ou adolescente que ele fora tenha-se sentido como um espectador ou observador de sua própria vida, enxergando-se a si mesmo em situações ou encontros apenas imaginários. Era comum Anjos Couto dar asas à sua farta imaginação e realizar fantásticas e ilimitadas viagens por seu rico imaginário. Talvez tenha ele meramente suposto que em algumas ocasiões estivesse recebendo desse seu amigo lições ou aconselhamentos que ele mesmo se dava, ou apenas tenha conjecturado estar ouvindo desse outro o que ele mesmo se dizia ou pensava. Não se pode negar que Tuta, por certo tempo, tenha mantido com Augusto uma linha de comunicação, principalmente nos momentos em que afloravam suas

mais sérias frustrações ou suas angústias mais severas, porém não pode ser afirmado que os “encontros” que com ele tivera, ou os “diálogos” que com ele foram mantidos enquanto vivia em Cruz das Almas, tenham significado a existência de um transtorno dissociativo de identidade ou, muito menos, uma dependência obsessiva. Não havia uma palavra exata para descrever tal comportamento e em sendo assim, ele não devia ter existido pelo menos até que viesse a ser precisamente denominado. Com o passar do tempo e antes mesmo de sua partida para a capital, ele já vinha desvinculando-se dessa companhia fantasiosa de maneira que não havia razão para que voltasse a acreditar na real existência de Augusto, procurasse por sua companhia ou aceitasse sua intervenção em apreciações inesperadas para discussões sobre assuntos pessoais. Agora Anjos Couto era outro, amadurecido, seguro de si, detendo absoluto controle sobre sua vida, seus passos e suas ações. Nessa noite e naquela rua foi por ele verificado que não havia ninguém que dele estivesse se aproximando e nem ele chegou a ser tomado por um receio maior. Prosseguiu seu caminhar solitário por mais três ou quatro quadras até alcançar a casa de seus pais e nela entrar pela porta da cozinha, mantida destrancada até sua chegada.

Antes de adormecer e como sempre ocorria, estranhas imagens vieram desfilar no fundo escuro de seus olhos fechados. Sem pressa, ele buscava identificá-las. Eram as de uma multidão parada numa ampla praça com olhar fixado no céu como se aguardasse surgir nele um estranho objeto voador; as de uma cartomante apresentando uma carta representativa da morte na forma de um esqueleto coberto por uma capa preta e tendo numa de suas mãos um alfanje; as de um menino sozinho brincando numa gangorra com alguns tijolos postos na outra extremidade para servirem de contrapeso;

as de um carro transitando em alta velocidade por sinuosa estrada de terra deixando atrás de si uma enorme cortina de poeira; as de um antigo curtume exalando um cheiro horrível que atraía moscas varejeiras e as de um velho recolhido numa cama de hospital todo ligado a tubos e fios em sua paciente espera pela morte. O que significava cada uma dessas imagens? Anjos Couto nunca soube entender direito porque elas lhe apareciam ou o que significavam. Ele não as antecipava. Elas apenas lhe surgiam surpreendendo-o no mais das vezes. Não era ele quem determinava a ordem pela qual elas lhe surgiam, o que poderia estar exprimindo cada uma delas e muito menos sabia explicar os particulares significados dessas ou das tantas outras imagens que se formavam no fundo escuro de seus olhos fechados. Em todas as vezes cuidava tão só de buscar identificá-las à medida que apareciam e gostava de acompanhá-las o quanto lhe fosse possível até adormecer.

Na manhã do domingo Irene aguardava ansiosa pelo reencontro com Anjos Couto, não querendo abdicar de sua companhia sequer por um minuto durante todo o tempo em que ele permanecesse em Cruz das Almas. Na noite anterior ficara namorando no terraço da casa de seu avô até altas horas e despedira-se de Anjos Couto com a promessa de que ele retornaria logo pela manhã para passar todo o domingo com ela. Dormira feliz depois de examinar os três novos livros que o namorado lhe trouxera e, ao contrário do que era seu costume, acordara mais cedo, como se com isso pudesse antecipar o retorno dele à sua casa. Depois do café da manhã, foi várias vezes até o terraço para olhar na avenida se ele já não estaria chegando, embora devesse saber que Anjos Couto não retornaria logo no início da manhã. Sabia que Anjos Couto ficaria um pouco com os pais e que certamente estaria respondendo às muitas perguntas que a mãe Ordália lhe

estaria fazendo, dando ao pai Coutinho explicações escapatórias sobre as muitas coisas vividas no dia-a-dia de seu quartel, ou noticiando sobre o irmão mais velho que não viera com ele. As horas passavam lentas e a ansiedade de Irene era tanta que a ela parecia que o tempo havia parado naquela casa, inconformada por saber que Anjos Couto estava tão perto e por não estar com ele. Nessa manhã, sua espera era como se ele fosse retornar no próximo minuto e por isso as horas custavam para passar, trazendo-lhe uma inquietante expectativa. Nem pensar em buscá-lo em sua casa embora tenha chegado a querer isso. Irene nunca havia comparecido à casa onde Anjos Couto morava, nem tinha feito o menor contato com seus pais, sendo, até então, apenas a meramente referida e totalmente desconhecida namorada do filho Tuta.

Talvez por vergonha do lugar ou da humildade da casa onde moravam seus pais, Anjos Couto jamais a convidara a ir até a vila para uma visita e nunca se dispusera a promover um encontro dela com sua família. Esse encontro só viria a ocorrer, por vez primeira, no final do ano seguinte quando Irene, impulsionada por uma preocupação pontual, decidiu ir até lá para noticiar a mãe Ordália que o filho não estava entre as várias vítimas de um grave acidente ocorrido com os cadetes durante uma manobra militar de encerramento do curso. Ela tomara conhecimento desse fato através de uma amiga que ouvira uma notícia no rádio a respeito desse acidente. Temeu que a mãe viesse a saber disso pelo rádio ou por notícia de terceiros e sofresse por não lhe serem dadas informações corretas e completas sobre o fato, ou como realmente estaria seu filho.

Para encontrá-la, teve que perguntar várias vezes a diversos moradores da região onde é que ficava a casa de uma costureira conhecida por Dona Ordália. Todavia, nesse

domingo ela não se decidiria a ir até a casa do namorado e nem faria isso sem sua permissão. Teria que esperar pelo seu retorno e isso a tornava cada vez mais ansiosa.

Anjos Couto só voltou a estar com Irene depois do horário de almoço, encontrando-a apreensiva e nada amistosa em face de sua demora. Tinham apenas o restante da tarde para continuarem juntos e isso era muito pouco para ela, que julgava que boa parte do tempo lhe tinha sido roubada. Antes de saírem para um novo passeio pelos sempre mesmos românticos recantos de Cruz das Almas, ele teve que se justificar informando que passara na casa de sua tia Natália e que se demorara num agradável encontro com seus primos. Possessiva como sempre, Irene não deixou de desfiar reclamações ostensivas ao namorado e de tecer lamúrias, inclusive com a informação de que não almoçara com a família em razão de sua demora, o que não deixava de ser uma verdade. Era comum, em finais de semana quando ela esperava sua chegada da capital, alimentar-se mal desde o dia anterior e passar a ter dificuldades de engolir por sentir que a boca secava e porque lhe vinha um nó na garganta a lhe impor incômoda sensação de sufoco. Contudo, esse domingo era o quarto dia seguido em que estavam juntos durante todo o tempo, e nem seria razoável supor que pequeno atraso num reencontro pudesse ser motivo para Irene fazer drama. Pacificaram-se em minutos e saíram de mãos dadas, pois poucas horas lhes restavam para melhor aproveitar a bela tarde de um domingo de sol.

Enquanto caminhavam enamorados, seus passos pareciam brincar e dançar como se ao compasso de uma música imaginária que os conduzia e os encantava, para uni-los até em pensamentos sobre o futuro único pretendido por ambos. Ficarem juntos para sempre. Riam-se das tolices

que imaginavam, deixando desgarrarem-se da realidade do momento para se soltarem pelo mundo apaixonado de seus sonhos, onde nada do que imaginassem pudesse vir a ser uma tolice, nada viesse a ser ridículo e tudo a eles se tornasse possível. Eram e estavam livres para imaginar o que quisessem, até mesmo fantasiar sua ida para uma casinha na lua, uma *casa de uma porta só*, onde passariam a viver como um menino e uma menina que se gostavam muito e que em todos os momentos da vida podiam ficar caminhando à beira de um regato cantor, deixando à sua espera um gatinho miando o nome e tendo um cachorrinho a segui-los por todo o tempo e por onde quer que fossem, como se nunca sentisse fome e não necessitasse de outra coisa a não ser da proximidade com seus donos. Apenas deixarem-se existir para levitarem de amores porque para tanto não era preciso fazer nada. Apenas ser. Para eles a vida inteira deveria ser composta de momentos assim, em que o amor roça as faces das pessoas para que essas encontrem-se e deixem-se pertencer definitivamente uma à outra para ficarem juntas na eternidade de um minuto. A imagem da *casinha de uma porta só* havia sido criada anos antes por Anjos Couto num seu pequeno poema publicado no jornalzinho do colégio. Sua evocação era simbólica e a toda vez que pretendiam escapar-se de si mesmos e ficarem sozinhos mudavam-se para a lua e amavam-se loucamente dentro de sua *casinha de uma porta só*.

QUINTO CENÁRIO

*Dei dádivas de anseios a seios que não supus.
Só pus nas mãos tua alma ao mais terno de teus sins.
Sinceridade que nasce na serenidade de um minuto.
Homem nu todo criança criando ânsia de crescer
quer ser tudo, vinda e ida, idade que não se vence.
Vem ser campos, deita lírios, dei-te lírios sem ter vindo.
Vim do ato mais sereno ser enorme no infinito.
(Enfim isto é coisa à-toa!).
A toalha contra o vento vem tornar a ser imagem
e ser mais real do que já sou.
Solto, livre e leve ao sol sou todas as idas e vindas.
vim da ida, vou na volta, vou tatear riscos da face
Fazer certeza de que fui.*

I

O ano de 1965 chegou de forma trovejante para depois vir a ser considerado como o ano de transição para a década de 60, tamanha foi sua importância. Principiava nele uma revolução cultural que teria seu auge em 1968, tanto no campo das artes como dos costumes. A partir desse ano, o mundo inteiro passou a assistir movimentos libertários, numa franqueada luta em defesa dos direitos humanos e das liberdades civis ao tempo em que ditaduras militares ganhavam força na América Latina e principalmente no Brasil, essa instaurada pelo golpe de estado desfechado em 1º de abril do ano anterior.

Os estudantes começavam a se organizar, deixando seus livros dobrados sobre as carteiras para ensaiarem manifestações que iriam explodir em 1968 em quase todas as grandes cidades. O movimento estudantil universitário viria a se transformar no principal foco de mobilização que visava às mudanças políticas, econômicas ou sociais e através de suas reivindicações, de seus protestos e manifestações, esse movimento iria influenciar sobremaneira os rumos da política nacional. Os estudantes descobriam que mais do que nunca estava chegando o momento de fixar a vez, de fazer a hora e não mais esperar que ela simplesmente acontecesse. Era preciso cantar bem alto e todos se viam convocados a levantarem sua voz para esse canto. A canção *Carcará* do maranhense João do Vale chegou para simbolizar o ideal desse momento de Brasil, proclamando que para sobreviver valia até mesmo pegar e matar para comer, como um pássaro malvado mais forte do que o homem. Nuvens cada vez mais carregadas cobriam os céus da Adamastor, voltando aos

tempos das incertezas e do medo, enquanto entre os alunos das arcadas os olhares cruzavam-se inquietos pelos corredores barulhentos como se todos e a um só tempo estivessem à busca de um só caminho para uma adesão coletiva. Uma inquietude geral estimulava movimentos de rebeldia. Jovens destemidos e idealistas tornavam-se dispostos a adotar atitudes temerárias, expondo seus peitos, desprezando suas vidas e recusando-se a ser meros e passivos expectadores de uma história que os governantes militares pretendiam escrever às suas costas. Aprontavam-se para uma luta suicida contra o endurecimento do regime que eles impunham ao país e a coerção política que atingia seu auge. Era a pujante e arrojada geração de Anjos Couto, que no mundo inteiro propunha-se a ir à luta por mudanças, e sobre a qual o então cadete obtinha algumas notícias, muito embora impossibilitado de observá-la com a nitidez necessária para seu devido conhecimento, porque restrito a um limitado ângulo de visão e dela não podendo participar, porque confinado no outro lado do teatro de operações.

Foi contra essa geração que em 28 de março de 1968 um disparo de fuzil atingiu em cheio o peito de Edson Luís de Lima Souto, um estudante secundarista de apenas dezoito anos que frequentava o restaurante do Calabouço no Rio de Janeiro, fato que fez jorrar sangue do coração do Brasil. No dia seguinte, cinemas da cidade, ironicamente, anunciavam a exibição de três filmes: *A noite dos Generais*, *À queima roupa* e *Coração de luto*.

O corpo dessa vítima da revolução virou bandeira nas mãos dos estudantes cariocas, que passaram a deflagrar um ciclo de manifestações revoltosas clamando pela redemocratização do país. A duras penas e ao custo de outras vidas, caminharíamos juntos, de braços dados ou não, tendo à frente

o pulsante coração de estudante embalado por canção que os estimulava a cuidar do mundo e da vida, a espalhar pelos caminhos a percorrer toda a força e sentimento de uma juventude cheia de sonhos e, sobretudo, a cuidar do broto numa incansável renovação de esperança para que, nos dias do amanhã, pudesse ser colhido o fruto da liberdade. Numa onda de insatisfação e de revolta dispersavam-se com incrível rapidez pelas ruas e praças das grandes cidades para novamente agruparem-se como se compusessem um bando de aves em contínuo voo de migração desenhando nos céus um mágico e fantástico balé.

Enquanto isso, na Escola os cadetes continuavam a praticar ordem unida numa obediência cega e coletiva às vozes de comando, e sob um militarismo estático que os alienava da realidade do lá fora. Tinha-se ali um mundo diametralmente diferente. Anjos Couto prosseguia escrevendo cartas diárias a Irene e em suas considerações sobre o dia-a-dia de seu quartel não conseguia ocultar o inconformismo por continuar pertencendo a um lado que não era o seu, embora houvesse decidido completar o curso. Era ele um individualista persistente, romântico até em demasia, e que gostava de se expressar através de poesias esporádicas ou das longas cartas diárias que escrevia. Embebia-se de esperança e augurava alcançar dias melhores. Reconhecia existir beleza em todos os cantos e aspectos da vida e amava Irene, a menina de sorriso feliz, como se ela fosse a única mulher do mundo capaz de entendê-lo, e quem poderia completa-lo. Sua paixão por Irene afluía por todos os poros e só ela habitava seus pensamentos.

Nesse ano de 1965 ainda ocorriam os tradicionais bailes de debutantes em clubes sociais de diversas cidades do interior, para os quais os cadetes da Força Pública eram os convidados especiais e deles participavam, para engalaná-los com

seus belos uniformes. Sob o comando de um tenente, faziam longas e demoradas viagens de trem e, nas cidades do interior onde haveria o grande baile, eram acolhidos por famílias que os hospedavam em suas residências durante o período em que lá deveriam permanecer. Em algumas delas, causavam ciúmes aos jovens da cidade e não só por única vez ocorreram insultos e agressões desses, o que fez culminar em brigas com os cadetes que tiveram que fazer uso de seus talins. Até mesmo o concurso de Miss São Paulo contava com a obrigatória presença desses elegantes cadetes, que ao final cercavam o trono da vencedora para uma foto histórica. Anjos Couto sempre estava entre esses e maravilhava-se com o espetáculo, conquanto se mostrasse apático ao que isso pudesse lhe significar. Para ele, como para alguns outros, cada representação tratava-se tão somente do cumprimento de mais uma escala de serviço externo em finais de semana, o que por vezes o privava de viajar para Cruz das Almas para estar com Irene. Tinham que executar o que lhes era ordenado sem nenhuma opção de escolha, fosse uma representação externa agradável que podia se tornar em prazeroso serviço, fosse o cumprimento de uma tarefa enjoativa ou desagradável à qual chamavam de “barca suja”.

Era comum serem escalados, isoladamente ou em grupo, para representar a Escola em ocasiões festivas; em solenidades militares; em cerimônias cívicas; em atos de posse de autoridades governamentais; em marcantes eventos sociais; em programas de televisão para noticiarem formaturas e levarem convites; em enfadonhas palestras ou cansativas conferências proferidas por velhos coronéis reformados da Força Pública, ou até mesmo em funerais de personalidades importantes. No mais, continuavam reclusos num enfadonho cotidiano, inventando um futuro singular enquanto se

iludiam com a realidade que os enlevava. Para Anjos Couto, o quartel continuava cheio de mesmices e havia um desacordo entre a vida vivida no interior da Escola e o borbulhar do mundo lá fora. Coisas distintas e inconciliáveis.

Quando possível, os longos e soltos passeios que fazia pela sua Adamastor serviam para realimentá-lo de liberdade, e lhe davam fôlego para prosseguir pela caminhada ao longo de seus dias ociosos. Enquanto passeava sozinho pelas ruas do centro olhando vitrines, visitando livrarias, entrando num cinema ou querendo se perder por lugares antes não visitados, conseguia esquecer de seu chocho e insípido mundo aquartelado e deixava-se existir como se liberto estivesse e lhe fosse permitido ser o dono de si. Retornar ao quartel era a etapa não agradável.

Veze outras, Anjos Couto frequentava as casas de duas famílias que moravam no bairro da vila Boreal, próximas à Escola, e das quais tornara-se conhecido através de seu irmão. Com certa frequência comparecia a informais festas noturnas numa ou noutra dessas casas onde, de quando em vez, improvisavam-se pequenos bailes e durante os quais era ele cortejado pelas jovens que ali agrupavam-se. Eram momentos alegres de grande descontração, com os participantes embalados pelas músicas dos discos tocados numa pequena vitrola. Ali permaneciam até altas horas da noite com sorrisos soltos nas conversas coletivas que não reclamavam nenhuma preparação anterior. Intimista e reservado, Anjos Couto não se deixava envolver emocionalmente, e de forma educada esquivava-se de aceitar qualquer compromisso com quem quer que fosse. Só esporadicamente permitia entregar-se a furtivos encontros posteriores com uma ou outra garota conhecida nesses pequenos bailes, porém tudo como um mero passatempo, ou simples aventuras típicas de jovens

de sua idade. Percebia que as filhas dessas famílias de classe média viam nele um bom partido e que disputavam entre si sua conquista, porém comportava-se como um desentendido, porque assim lhe era mais conveniente. Esquivava-se de iniciar um namoro consentido com uma ou outra dessas jovens, limitando-se a manter descompromissados encontros sem garantir um retorno ou, muito menos, convidá-las para uma visita a seu quartel. Por outro lado, não era raro mulheres acercarem-se dos portões do quartel para estarem com cadetes. Eram elas as chamadas “maria-batalhão”, fáceis e oferecidas. Com essas, os encontros com cadetes faziam-se apressados e rasteiros, sempre ocultados pelo manto da noite nos arredores da Escola.

Para Anjos Couto esse último ano da Escola corria apressado como se o amanhã tivesse que chegar mais cedo. O terceiro ano letivo e o segundo semestre chegaram apontando a proximidade do dia da conclusão do curso e o de sua saída do quartel. Estava sendo vencida uma longa e penosa etapa de sua vida e dentro de poucas semanas estaria livre para entregar-se por inteiro à sua Adamastor. Como sabido, ele encerraria o curso e depois cuidaria de buscar os caminhos que sempre ansiou trilhar, embora antes disso viesse ainda a enfrentar mais um problema interno. Nesse final de ano, sua conduta escolar não seguia bem porque acumulara um excessivo número de anotações disciplinares, nem sempre justas. Muitas delas coletivas, outras à sua revelia, sem que delas tivesse sido previamente informado. Só quando o ano encerrava-se é que veio ele a saber que, segundo o Regulamento Interno do Centro, todo aluno que por três meses consecutivos obtivesse notas de conduta inferiores a cinco estaria automaticamente eliminado da Escola, independentemente da fase em que se encontrava no curso. Até então essa previsão

regulamentar era por ele totalmente desconhecida apesar de que, como aluno, devesse ser de sua obrigação conhecê-la. Se antes ele houvesse sabido disso, bem que teria sido possível ter, deliberadamente, lançado mão desse meio para logo no início do curso provocar sua então pretendida exclusão. Mas ele não sabia disso e não o fez. Seu alheamento com relação a muita coisa que dizia respeito à Escola fizera dele um desconhecedor de muitas questões regulamentares, que poderiam lhe ter sido úteis ou vantajosas em tempos anteriores, como poder obter uma dispensa médica quando estava acometido de forte gripe, para não ser obrigado a participar de aula de educação física sob chuva fina e fria. Só duas vezes em todo o curso comparecera à enfermaria, a primeira quando fora convocado para saber do exame de sangue feito pela Colsan, a segunda quando buscava obter informações sobre o resultado do exame que fizera no hospital militar. Sua exclusão em decorrência de anotações em caderno de conduta era outra delas e não foi aproveitada no tempo certo.

II

Em toda primeira semana do mês o famigerado “caderinho de conduta” era distribuído em sala de aula para que cada aluno tomasse ciência das anotações nele ultimamente lançadas. Era uma caderneta semelhante a um talão de cheques, em tamanho menor, tendo uma capa e sendo nela grampeadas as folhas que correspondiam aos meses de duração do ano escolar em curso. No caso do terceiro ano letivo do curso elas iam de maio a novembro de 1965 e então corria esse último mês faltando pouco mais de trinta dias para o encerramento do curso. Quando o cadete Gurgel, então o chefe de sua turma – função revezada semanalmente pelos seus integrantes – distribuía em sala esses caderninhos, foi verificado que no de Anjos Couto não havia sido obtida nota mínima nos meses de agosto, setembro e outubro e esse fato inapelavelmente implicaria em seu imediato desligamento da Escola, ainda que estivesse ele às vésperas de sua formatura.

Ao entregá-lo a Anjos Couto, o chefe de turma noticiou-lhe reservadamente esse fato, porém não o fez sem antes ter constatado que, erradamente, haviam sido grampeadas em sua caderneta não apenas uma, mas duas folhas referentes ao mês de outubro, estando em branco a folha repetida, sem nenhuma anotação. Nem foi dado tempo para que Anjos Couto pudesse avaliar o caso, pensar sobre as consequências das anotações existentes ou adotar qualquer posição a respeito. Sem nenhuma prévia consulta ou dada de permissão e num ilícito e arriscado ato, o cadete Gurgel arrancou do caderninho a folha do mês de outubro que continha o maior número de anotações comprometedoras, deixando nele

apenas a folha em branco e também referente a esse mesmo mês. Entregou-o a Anjos Couto informando sobre o fato enquanto destruía a folha arrancada.

– Você não devia ter feito isso! – reagiu Anjos Couto em tom alto e seco.

– Fique frio, cara! No mês de outubro você vai ficar com dez de nota de conduta e não vai ser excluído.

Não dava mais tempo e Anjos Couto estremeceu. Sentiu-se usurpado em seu poder de decidir sobre o que só a ele competia fazer ou deixar de fazer. O caderninho era seu e ele não pedira nem autorizara que aquele ato fraudulento fosse praticado pois só a ele cabia adotar a medida que melhor lhe conviesse. Pareceu que a terra lhe faltava sob os pés, porque sabia que se essa falta fosse descoberta pelas autoridades da Escola, ela iria lhe trazer sérias e indesejáveis consequências e certamente seria tomada como justa causa para que ele fosse expulso com desonra. Seria muito mais grave do que as consequências das anotações então existentes e isso o incomodou mais do que seu eventual desligamento por questão de mera conduta. Ele próprio não teria tido a ousadia de cometê-la, embora pudesse reconhecer que lhe seria benéfica – no sentido de evitar seu desligamento – e que essa talvez tivesse sido a intenção do colega que a cometera. Discordou da atitude adotada, censurando-o pelo cometimento do ato e por não mais ser possível reverter a situação. Entretanto reconhecia que depois que decidiu terminar o curso e estando ele às vésperas de seu final, não era mais a hora de interrompê-lo e muito menos ser dele excluído.

Bem conhecia o cadete Gurgel, filho de um coronel da ativa, tendo atitudes petulantes e atrevidas, desonesto por natureza e um trapaceiro sem escrúpulos. Anjos Couto não o admirava nem com ele mantinha o menor relacionamento de

amizade próxima. Anos mais tarde viria a saber que sua carreira como oficial veio a ser interrompida quando ele já havia alcançado o posto de major e, finalmente, expulso das fileiras da Corporação por prática de atos de falsidade ideológica e de improbidade administrativa. Desde os tempos de Escola esse cadete Gurgel nunca chegara a ser um bom exemplo, o que desde então já fazia previsível sua expulsão mais cedo ou mais tarde.

O grave de toda essa questão é que o ato por ele cometido envolvia diretamente Anjos Couto e esse nunca fora dado a atos de desonestidade, incomodando-se mesmo não tendo sido ele quem tivesse praticado a fraude. Sentiu-se atormentado como se a falta houvesse sido sua, como se houvesse sido ele quem tivesse incidido em erro, como se a culpa fosse só sua e isso pesava sobre seus ombros, trazendo a necessidade íntima de aprontar-se para defender-se. Quando criança, todas as culpas por artes cometidas acabavam por recair sobre ele, direta ou indiretamente, e as surras que a mãe Ordália lhe dava eram homéricas, mesmo não havendo prévia comprovação de ter sido ele o culpado, ou que devesse merecer uma punição. Possivelmente sua apreensão e insegurança derivassem desse trauma de infância.

Por outro lado, Anjos Couto buscava entender o porquê daquela atitude ter sido praticada por um terceiro com quem pouco se dava, sem sua interveniência, sem que tivesse partido dele um pedido nesse sentido ou que por ele houvesse sido previamente autorizado. Isso porque esse novo fato a ele parecia ser uma repetição de fatos ou ocorrências anteriores que, à sua revelia, o empurraram para dentro da Escola ou o impediram de dela sair.

Tornou a se lembrar que durante o período dos exames para ingresso no curso ele deixara de comparecer por duas

vezes nos dias e aos locais de provas e essas foram suspensas naqueles dias, fazendo com que ele escapasse de ser eliminado; que duas das mais difíceis provas de campo que certamente o teriam barrado nos exames seletivos foram cortadas para beneficiar um sobrinho do coronel Diretor de Ensino e isso fez com que ele não fosse reprovado; que os exames escritos finais, em nível de segundo grau, deixaram de ser seletivos e passaram a ser meramente classificatórios, o que veio a assegurar automaticamente sua antecipada matrícula na Escola; que o resultado de seu exame de sangue nunca chegara ao conhecimento do comando, permanecendo a dúvida quanto a ser ele portador da doença de Chagas e deixando ele de ser excluído do curso por esse motivo; e que seu pedido de baixa havia sido sumária e indevidamente recusado pelo comandante. Todos esses fatos anteriores forçaram-no a ingressar e a permanecer na Escola, ou seja, uma série de acontecimentos que tanto o levaram a imaginar que desde o princípio estivera predestinado a ingressar na Escola, quanto a supor estar ele fadado a nela permanecer até o fim do curso, sem possibilidade de saída. Calculou ser essa a sétima vez que ocorria um fato imprevisto não por ele aprovado e que resultava em sua retenção, como se continuasse obrigado a permanecer na Escola, como se dela ele não pudesse se desvencilhar ou como se tivesse que concluir o curso para tornar-se um oficial da Força Pública.

Estava-se às vésperas de sua formatura e a única coisa que depois desse fato lhe restava fazer era aquietar-se guardando reserva sobre o ocorrido e augurando que a adulteração de seu caderninho não fosse descoberta, para passivamente prosseguir até o fim do curso porque nada mais poderia ser revertido.

III

Na última semana do mês de novembro iniciaram-se os exames finais e os treinamentos para a grande festa da devoção dos espadins e do recebimento das espadas pelos novos aspirantes-a-oficial. Era a formatura da turma de Anjos Couto e essa era a solenidade máxima da Escola, que tradicionalmente contava inclusive com a presença do Governador do Estado. Como de costume, o comando da Escola nomeou uma comissão de oficiais para estudar e programar como ela deveria se desenrolar, parecendo que seria a primeira vez que ela viria a ser realizada. Depois de várias tentativas de inovações, treinamentos alterados e de diversas idas e vindas, acabou ela por ser fixada como devendo ser exatamente como tinham sido todas as formaturas de anos anteriores. A solenidade estava programada para acontecer no dia 15 do mês seguinte, uma quarta-feira, mas antes disso todos os alunos deveriam, após o término dos exames finais, participar de uma grande manobra militar conjunta na Serra da Cantareira, num exercício coletivo que seria o coroamento do curso.

A exemplo da primeira manobra, realizada em setembro do ano anterior, o corpo de alunos da Escola foi dividido em duas partes: uma que constituía a tropa regular, composta de seu maior efetivo, e outra menor que seriam a dos guerrilheiros, que agiriam em duplas e de forma independente durante toda a noite e também no dia seguinte, sempre em meio à mata da Serra da Cantareira. Novamente Anjos Couto se viu escalado como guerrilheiro, o que o fez pensar que seus comandantes talvez vissem nele uma natureza revolucionária, com um estilo de ser que se contrapunha à ordem

vigente. Todavia, não havia como ser comprovada essa suposição. Diferentemente da vez anterior, o exercício teve seu início não pela manhã, mas no começo da noite, o que fez com que todos os que dele iriam participar fossem dispensados de qualquer atividade e tivessem o dia inteiro livre para um descanso preparatório. Recomendou-se dormir à tarde porque todos passariam a noite em claro.

Tendo como único companheiro e subordinado um novato aluno do primeiro ano do curso de formação – cadete Macena – Anjos Couto e os demais guerrilheiros deixaram o quartel uma hora antes da saída da tropa regular, tendo ele escolhido um dos setores mais próximos da Escola para se estabelecer. Não era a única dupla de guerrilheiros a se fixar no mesmo setor, porém atuariam independentemente uma das outras. Dentro da mata, a tropa regular iria receber instruções sobre como se deslocar durante a noite sem fazer barulho que a denunciasse; como usar de sinais de identificação codificados para se comunicarem com aliados; como dar-se conta da proximidade de inimigos e como proteger-se ou defender-se em caso de um inesperado ataque de guerrilheiros. Dessa feita, a tropa regular não atuaria em conjunto como um corpo único porque também ela seria dividida e distribuída em pelotões diversos, cada um desses passando a ser o responsável pela tomada e pelo domínio de um delimitado território. A definida missão que competia a cada um desses pelotões era fazer uma espécie de varredura em seu setor à caça de guerrilheiros, que nele estariam atuando livres e soltos dentro da mata. Nem esses sabiam ao certo onde estaria o pelotão que os procurava para capturá-los, nem os pelotões comandados por um tenente podiam imaginar de onde e a que hora viriam os ataques daqueles. Iria ser uma longa jornada dentro de uma noite incerta.

Antes da hora da chegada de integrantes da tropa regular, Anjos Couto, já familiarizado com a utilização de bombas de efeito moral, resolveu testar algumas das que portava, sem imaginar que essa medida viria a ser providencial para sua segurança. Ele e o cadete Macena riscaram os pavios de algumas delas e constataram que uma ou outra detonavam muito rapidamente quando lançadas, ainda no ar e a menos de dois metros dos corpos dos lançadores. Era preciso muito cuidado ao acioná-las e os arremessos deveriam se dar com a maior rapidez possível para evitar que explodissem junto ao corpo e causassem danos ao arremessador. Orientou o cadete Macena nesse sentido.

Os primeiros embates entre pelotões e duplas guerrilheiras deram-se por volta das 22 horas num setor ainda próximo do quartel e nesses aconteceu o primeiro acidente. Uma bomba acionada por um cadete da tropa regular explodiu antes que ele pudesse arremessá-la, transformando sua mão direita em fiapos de carne e de ossos estilhaçados. Imediatamente socorrido e levado ao hospital, o comando inicialmente supôs ter sido esse um acidente pontual sem outras decorrências que afetassem a continuidade do exercício. Porém, nessa mesma noite, vários outros cadetes dispersos dentro da mata, guerrilheiros ou da tropa regular em livre atuações, vieram a sofrer acidentes provocados pela antecipada detonação de bombas acionadas. Explosão junto ao ouvido lesionando o tímpano, estilhaços atingindo o pescoço do arremessador provocando nele sérios sangramentos, rosto de vários cadetes com visíveis ferimentos e com possível dano nos olhos, lateral direita do tronco também ferida e dedos amputados. Em menos de duas horas de execução do exercício onze cadetes já haviam sido vitimados sem que o comando, até então, encontrasse um meio eficaz de

suspê-lo de imediato e ao todo. Isolados na mata, alguns dos feridos, com amparo de seus próprios companheiros, buscavam as estradas que a riscavam à busca de socorro. A notícia desses acidentes correu lenta por falta de comunicação entre os pelotões e, principalmente, entre as duplas de guerrilheiros que continuavam a operar em setores distintos, perdidos entre si. Após a ciência de que os acidentes repetiam-se, os tenentes comandantes de pelotões, os únicos que estavam munidos de um pequeno rádio comunicador Walk-talk, receberam ordem de suspensão de toda e qualquer atividade e que todos deveriam se recolher imediatamente ao quartel. Essa comunicação, contudo, não se fez possível com as duplas de guerrilheiros que estavam espalhadas e dispersas em diferentes setores da mata, desprovidas de meios de comunicação com o comando ou mesmo entre elas. Por volta da uma e meia da manhã um carro com autofalante percorreu todos os caminhos da serra anunciando o imediato término do exercício e a proibição de lançamento de novas bombas. Para o Hospital Militar já haviam sido encaminhados vários cadetes vitimados.

Pela manhã, algumas equipes de soldados do Centro vasculharam a mata à procura de bombas perdidas e não detonadas, conforme informações de cadetes que participaram do exercício. Temia-se que tais bombas pudessem ser encontradas por civis ou por crianças e viessem a causar novos e lastimáveis acidentes. No segundo dia após o ocorrido, tanto o jornal Última Hora, edição de São Paulo, como outros diários paulistas explodiram manchetes sobre o grave acidente ocorrido com os cadetes da Força Pública.

Retornando ao quartel, ainda no meio da noite, Anjos Couto recolheu-se em sua sala de aula para, bastante abalado com o que acontecera, escrever carta para Irene. Não vira de

perto nenhum dos colegas acidentados nem sabia exatamente quais deles haviam sido internados no hospital, mas soubera da gravidade dos ferimentos de alguns. Uma consternação geral abatia-se sobre a Escola. Oficiais e companheiros de turmas dos feridos deslocavam-se para o hospital militar para visitá-los ou saber de seu estado de saúde. Outros muitos que testemunharam os mais graves acidentes narravam os fatos sem conter o choro. Só um dos acidentados era da turma de Anjos Couto, exatamente aquele que sofrera perda total da mão direita e que já estava aprovado nos exames finais do curso, portanto já um aspirante-a-oficial, embora não mais pudesse participar da solenidade de entrega das espadas. Viria a recebê-la no próprio quarto do hospital das mãos do comandante do Centro, que se fez acompanhado de uma grande comitiva de oficiais e de alunos-companheiros num emocionante reencontro.

IV

Na tarde de terça-feira, dia 7 de dezembro, dois dias após os acidentes, Irene recebeu de uma amiga a informação de que ouvira no rádio uma notícia sobre graves acidentes ocorridos com cadetes na capital e que vários deles haviam sido hospitalizados, alguns com sérios ferimentos. Tinham sido onze os acidentados, inclusive seus nomes estavam sendo divulgados. Assustada e já pensando no pior, Irene perguntou se entre esses nomes estaria o de Tuliano dos Anjos Couto, o Tuta, mas a amiga não soube informar se sim ou se não porque não tinha certeza. Angustiada, Irene correu até a única banca existente em Cruz das Almas, situada na praça principal, e adquiriu um exemplar do jornal Última Hora – coisa que não era de seu costume – e desde logo viu em sua primeira página a alardeante manchete de que “Bombas ferem cadetes da FP” e na última página uma extensa matéria ocupando a folha por inteiro, trazendo pormenorizada descrição sobre o ocorrido e relacionando os nomes dos cadetes hospitalizados. Ainda trêmula, conferiu ansiosamente a lista dos feridos e confirmou que nessa não constava o nome de Anjos Couto, o que momentaneamente a aliviou. Seu vestido para o Baile da Espada, no qual seria a madrinha de Anjos Couto, já estava pronto e ela se preparava para viajar na semana seguinte para o tão esperado reencontro. Respirou fundo, deu graças a Deus e retornou pensativa para casa, lembrando-se de que essa notícia também poderia chegar à casa dos pais de seu namorado e certamente iria assustar toda a família. Foi então que decidiu, pela primeira vez, ir até a vila e tentar um encontro com Ordália, a mãe, para avisá-la de que

tudo estava bem com seu filho Tuta. Não foi fácil encontrar onde ela morava, mas perguntando daqui e dali conseguiu encontrar uma pequena e humilde casa, numa rua de terra do fim da vila, onde avistou uma senhorinha costurando na sala da frente. Era Ordália. Atendida no portão, Irene fez questão de apresentar-se como sendo a namorada do Tuta, enquanto observava o semblante amigável daquela pequena senhora. Um sorriso dominou o rosto de Ordália quando ela soube quem era que a estava visitando. Pareceu que se conheciam há tempo. Convidou Irene para entrar.

– Ah, que bom! Então você é a Irene que um dia escreveu uma carta pra ele? Vamos entrar pra dentro – disse ela com um sorriso de boas vindas.

Irene esquivou-se, desculpando-se

– Não, Dona Ordália, muito obrigado, eu vim até aqui só para informar a senhora que o Tuta está muito bem lá na capital e não aconteceu nada com ele. Digo isso porque de repente a senhora pode ouvir falar ou vir a saber que na Escola dele aconteceram alguns acidentes com bombas e vários cadetes foram hospitalizados com ferimentos graves. Mas eu vim dizer à senhora que com o Tuta não aconteceu nada. Ele está ótimo e na semana que vem eu vou viajar até lá para participar da formatura dele. Não quero que a senhora fique preocupada com nada. Está tudo bem com ele. Tá bom?

Ordália silenciou por segundos, braços apoiados no portão, semblante sereno enquanto olhava firme para os olhos de Irene como se pretendesse conhecê-la por dentro, não como se olhasse para ela, mas, sim, através dela. Não demonstrou estar surpresa com a visita nem deixou aparentar qualquer preocupação em função do que lhe estava sendo noticiado. Demoradamente olhou fundo nos olhos da menina à sua frente para depois dizer com voz agradecida.

– Eu já sabia disso que aconteceu lá e o que você está me contando agora, minha filha. Quem me falou ontem foi a minha vizinha Uasna que mora aqui do lado e que ouviu essa notícia no rádio. Na hora eu me espantei muito e fiquei até preocupada, mas depois eu fui lá e vi que não tinha acontecido nada com o Tuta. Eu sei que ele tá bem, filha. Graças a Deus.

– A senhora foi até lá como, Dona Ordália?

– Fui até lá em pensamento e achei ele. A mãe sempre acha o filho onde ele tá e sempre é capaz de ver ele. Eu sempre faço isso. Eu vi que ele tava bem. Você não quer entrar um pouco pra tomar um café?

– Não mesmo, Dona Ordália. A senhora está trabalhando e eu não quero incomodar. Fico contente em saber que a senhora não vai ser importunada com nenhuma notícia ruim. Eu já vou indo. A senhora quer mandar alguma coisa ou dizer alguma coisa para o Tuta? Semana que vem eu vou estar lá com ele.

– Não, filha. Só diga pra ele que temos muito orgulho dele e que estamos rezando bastante por ele.

– Então até mais Dona Ordália, foi um prazer conhecer a senhora.

– Até mais, filha. Vai com Deus.

Com Irene voltaram muitas das impressões que ela teve de Ordália, algumas até mesmo contraditórias. Para ela bastava um primeiro encontro ainda que por curto espaço de tempo para que dele ela saísse com uma análise quase completa sobre a pessoa com quem conversou. Era comum ser capaz de estender análises precisas e definidoras da personalidade de amigas e de conhecidos seus, por vezes deixando aparentar que sabia mais sobre esses do que de si própria. E, para ela, Ordália era uma mulher meiga e doce que inspirava confiança desde a primeira vista, mostrando uma fragilidade

apenas aparente, como se fosse alguém dependente do apoio de outrem, mas que ao mesmo tempo era uma mulher vigorosa e ativa, possuidora de um olhar tão penetrante que a tornava capaz de saber muito mais do que aquilo que ela apenas visse. Sabia ouvir em silêncio e, enquanto ouvia, ia muito além daquilo que lhe estava sendo dito, não se deixando seduzir pelas palavras proferidas.

Irene sempre observava com atenção detalhes mínimos muitas vezes desprezados ou não percebidos pela maioria das pessoas, como os gestos, o mancio do corpo e a expressão facial de quem lhe falava, para captar a mais verdadeira identidade de seu interlocutor. De sorte que lhe pareceu, por momentos, que Ordália era uma pessoa apta a defender-se por conta própria, corajosa e segura de si sem pretender ostentar ou vangloriar-se dessas qualidades. Alguém que por certo guardava, nos subterrâneos de seu ser, mistérios inconfessados porque acreditava piamente em tudo o que sentia, de tal forma e com tal força que seus pensamentos eram capazes de fazer com que o que ela imaginava ou desejava tornasse-se numa realidade atual ou futura. Nela era perceptível uma força oculta que se irradiava sobre as coisas e navegava pelo tempo e pelo espaço e que ela tinha plena consciência de seus poderes mentais, embora não soubesse de onde eles provinham nem pudesse dimensioná-los. Para Irene, Ordália não era uma pessoa frágil nem ingênua que se deixasse enganar facilmente, embora iletrada e inculta. Ela era inteligente e tinha uma profunda e imediata percepção de tudo o que se passava a seu redor. Quando ela disse que foi até onde Anjos Couto estava e que conseguiu vê-lo de perto para saber como ele estava, para ela essa era a mais pura verdade porque ela realmente acreditou no que mentalmente teria visto para despreocupar-se depois. É surpreendente admitir que as ondas

mentais por ela emitidas fossem tão poderosas que lograssem transportá-la para onde ela quisesse ir ou fossem capazes de fazer com que ela encontrasse ao longe a pessoa que procurava. Para Ordália, bastou essa busca mental por seu filho Tuta e o encontro imaginário que teve com ele para que isso lhe tranquilizasse e lhe fizesse um bem, creditando esse poder como sendo exclusivo de uma mãe à procura de um filho distante, sem saber que Buda, em tempos idos, já dissera que a lei da mente é implacável; que o que você pensa, você cria; que o que você sente, você atrai e que o que você acredita, torna-se realidade. Irene considerou-a uma mulher simplesmente extraordinária e não deixou de pensar que Tuta herdou muito dela. Retornou cativada por Ordália e pensou em escrever sobre esse encontro na próxima carta endereçada a Anjos Couto, antes mesmo de seguir para a capital.

Isso precisava ser contado.

V

Anjos Couto conseguiu obter notas médias para sua aprovação final no curso, tendo pouco se importado com sua não expressiva classificação geral, porque ainda estava confiante de que não iria prosseguir na carreira militar. Alegrou-se quando soube que Irene confirmara a vinda para ser sua madrinha na festa de formatura e no Baile da Espada. Estando de férias escolares, ela iria ficar na capital por quatro dias, hospedando-se na casa de uma aparentada e essa seria a primeira vez que ele estaria junto dela em sua grande Adamastor. Isso o entusiasmava muito mais do que sua aprovação final no curso ou o fato de estar deixando a Escola. Certamente terá tempo livre para caminhar de mãos dadas com sua menina de sorriso feliz pelas avenidas da cidade grande, ainda que suas calçadas não estejam forradas de florezinhas amarelas como as da avenida de Cruz das Almas onde ela mora. Uma alegria enorme fará brotar sorrisos de ambos ao longo de passeios românticos e, em seu contentamento e em sua fértil imaginação, Anjos Couto estará dançando solto no espaço bonito de um fantástico voo sobre a cidade, acompanhado de Irene e ouvindo uma música de amor que lhes parecerá infinita.

Sentir-se-á feliz por ficar com Irene e ter a oportunidade de lhe mostrar alguns dos encantos de sua Adamastor. Irão ao cinema ou ao teatro e, depois da solenidade de formatura no quartel e da missa de bênção das espadas na Catedral da Sé, participarão do grande Baile da Espada, numa noite de gala no Clube Pinheiros, ocasião em que ele, então um aspirante-a-oficial, estará envergando um uniforme todo branco e ela comparecerá com um longo e elegante vestido

azul claro. Ainda lhes restarão livres a quinta e a sexta-feira para passearem.

Tendo ao lado sua aparentada como companhia, Irene chegou cedo à Escola, antes mesmo de ser iniciada a formatura. Foi recebida por Anjos Couto, que a esperava à entrada e que lhe passou às mãos a espada que ela deveria lhe entregar em meio à cerimônia. Depois reuniu-se com as demais madrinhas e padrinhos dos novos aspirantes-a-oficial, posicionando-se numa ala especialmente a eles destinada no lado esquerdo do palanque principal. A festa que iria se iniciar também era sua e ela vivia momento único encantando-se com um cenário nunca antes por ela visto. Em meio aos pais, mães, noivas e namoradas dos cadetes, ela teve enormes dificuldades para localizar Anjos Couto entre os que estavam formados no grande pátio central, só conseguindo saber onde ele se encontrava depois de muita procura e de um longo tempo. Afora a ela parecer que todos os formandos, que trajavam um vistoso uniforme azul e um quepe branco, eram iguaizinhos em suas aparências, havia um outro complicador: pela sua estatura Anjos Couto era o terceiro homem de sua coluna, não estando à frente de seu pelotão, o que dificultava ainda mais sua localização. Mas de onde estava desde logo ele a viu segurando sua espada como se fosse um troféu enquanto mantinha em seu rosto de menina um sorriso feliz que ultrapassava o isolamento do grupo, adentrava ao pátio, invadia o espaço de seu pelotão e chegava até ele como se atraído por seu olhar apaixonado. Era como um acariciar que lhe tocava a pele e o fazia estremecer.

Sem tirar os olhos dela por um só instante, Anjos Couto viajava em pensamentos para recordar-se de todo um romântico tempo que começara há mais de dois anos quando a ela ele fora apresentado na casa de uma amiga comum. Lembrou-se

até mesmo de como ela estava naquele dia: cabelos curtos aparados na nuca, vestindo saia e blusa pretas, calçando meias compridas também escuras e usando um cinto fino que lhe marcava a cintura. Sentara-se de forma despojada num sofá do canto da sala enquanto observava a leitura e a discussão de um livro pelos professorandos que estudavam em grupo. Agora ela estava bem ali à sua frente. A mesma menina de sempre, miúda, olhos alegres e espertos, sorriso bonito, desinibida e altamente comunicativa, com uma curiosidade indiscreta que nunca chegava a ser deselegante. Desde o dia em que a conheceu ele se quedou definitivamente encantado por essa menina porque ela lhe fizera sentir algo novo até então por ele não experimentado. O olhar de Irene lhe penetrara tão fundo que suas mãos ficaram trêmulas ao cumprimentá-la pela primeira vez.

Quando terminaram os estudos e ele deixou a casa de sua amiga, a presença de Irene pareceu estar seguindo com ele pelos seus caminhos incertos como se a partir de então jamais devesse dela se separar. Levava em seu corpo todo o calor daquela menina que o estimulou a realizar o primeiro voo imaginário sobre a avenida forrada de florezinhas amarelas. Naquele dia, um mágico encanto o prendera de vez e o ligara a ela para sempre. E agora esse encanto acontecia de novo com ela bem à sua frente, e vinha a seu encontro irradiado do rosto de uma menina que tinha toda a doçura do mundo em seu sorriso feliz.

Durante todo o transcorrer da cerimônia militar e sempre que possível Anjos Couto mantinha seu olhar voltado para Irene, como se dela não devesse se desgarrar. Quando desfilou em coluna única para depositar seu espadim numa longa mesa forrada com feltro verde e posta à frente do palanque principal, ele passou bem perto do lugar onde ela estava, e

mesmo não podendo girar sua cabeça para o lado, seu olhar a buscou durante um bom trecho de seu desfile, quase a ponto de fazer com que ele se desviasse da retidão da marcha em coluna. Irene esforçou-se e conseguiu chegar bem à frente de seu grupo para poder vê-lo melhor e abertamente mostrar a ele seu lado feliz. Tudo lhe era empolgante. Maravilhava-se ao ver o desfile daqueles cadetes com caras de meninos que passavam numa cadência e alinhamento extraordinários, com perfeição em seus movimentos de braços e de armas e na precisão incrível com que os executavam sob o comando de toques de corneta. A Escola exibia-se com sua melhor roupa-gem e o público admirava-a com entusiasmo.

No momento da entrega das espadas aos novos aspirantes-a-Oficial, seus padrinhos e madrinhas acorreram para o centro do pátio e a todos foi dado um tempo livre para sessão de fotos. Anjos Couto e Irene beijaram-se como se esse fosse um momento de reencontro depois de uma longa separação. Para Irene, era realmente como se fosse um reencontro e esse acontecia com maior força e profundidade porque era na cidade que Tuta chamava de Adamastor. Era como se ali estivesse acontecendo o recomeço de um maravilhoso romance que já perdurava por quase três anos, desde a inesquecível noite de 11 de abril, quando retornavam de uma sessão do cinema e, sentados num murinho de avenida em Cruz das Almas, beijaram-se pela vez primeira. A cada dia que passava, descobriam que mais e mais tornavam a ser pertencentes eternamente um ao outro. Tuta era seu herói e ela segurava sua mão com a energia de quem nunca dele vai querer se separar. Anjos Couto lhe dizia baixinho um “te amo” em seus ouvidos e ela o olhava no fundo de seus olhos vestindo-se com aquele seu sorriso feliz e parecendo que estava a convidá-lo para se soltarem num encantado voo

pelos céus da cidade grande, sem ninguém a importuná-los. Juntam-se a eles no meio do pátio o irmão de Anjos Couto e a amiga de Irene para fotos em conjunto, e depois da formatura seguiram para almoçar num restaurante da cidade. No final da tarde assistiram à missa de benção das espadas na catedral da Sé e à noite compareceram ao baile de gala no Clube Pinheiros.

A solenidade militar prosseguiu com o juramento dos novos aspirantes-a-oficial, os cansativos discursos de autoridades, o desfile final dos formandos e, finalmente, a cerimônia de retirada da bandeira nacional. Depois disso o público presente, padrinhos e apadrinhados lotaram os corredores da Escola numa descontraída visita de reconhecimento, durante a qual ouviam-se dos ainda cadetes ou dos novos aspirantes algumas histórias de dias passados ali, muitas delas contadas sob versões fantasiosas, com recheio de algumas inverdades e sempre omitidas as que os fizeram detestar seus superiores hierárquicos ou as que lhes afligiram num regime opressor. Ao contrário dos demais colegas, Anjos Couto apressou-se em se recolher a seu alojamento, trocar o uniforme militar por suas roupas civis e deixar o quartel acompanhado de Irene, sua aparentada e seu irmão, seguindo todos para o centro da cidade, onde iriam almoçar. Para Irene, o quartel já lhe havia sido mostrado em pormenorizadas narrativas nas incontáveis cartas que Anjos Couto a ela endereçara e ele não tinha nenhum interesse particular em lhe mostrar o mezanino onde ficava o gabinete de seu comandante, seu alojamento ou sua sala de aula. Queria deixar o quartel o quanto antes.

VI

Sentada ao lado de Anjos Couto, Irene o olhava com admiração sem limites, não sabendo dizer ao certo se era sua presença que estaria significando um grande presente dado a seu namorado, ou se o fato dela estar junto dele em sua Adamastor era o presente maior que ela mesma se dava. Acomodados em única mesa os quatro demonstravam estar vivendo uma gostosa sensação de vitória. Tônico, que se tornara o 3º Sargento Couto depois de ter concluído um curso de formação, orgulhava-se do irmão mais novo por ter ele conseguido obter a primeira estrela e ter atingido o oficialato da Força Pública. Elvira, a aparentada de Irene, mantinha um sorriso continuado enquanto observava a todos como se também fosse dela a vitória comemorada.

Entre risos descontraídos e comunhão de ideias, a conversa rolava solta na mesa e, desde quando examinavam o cardápio para decidir sobre qual prato pedir, o assunto principal foi sobre a nova unidade em que Anjos Couto iria servir. Com exceção do aluno que obtivera o primeiro lugar de sua turma, e que por isso garantiria o direito de ser classificado em Unidade de sua escolha, e do aluno melhor colocado em equitação, que automaticamente seria classificado para servir no Regimento de Cavalaria, aos demais aspirantes-a-oficial restara apenas a oportunidade de indicar duas unidades de sua preferência, mesmo assim sem nenhuma garantia de que seriam classificados numa ou noutra dessas escolhas. Anjos Couto anotou como sua primeira opção uma unidade administrativa na capital onde poderia exercer serviços burocráticos internos, pretendendo com isso evitar ser imediatamente

lançado no policiamento de rua e, como segunda, opção indicara o Sétimo Batalhão então sediado em Sorocaba, Unidade à qual pertencia o Destacamento Policial de Cruz das Almas. Imaginou que o interior poderia lhe ser mais ameno e, quem sabe, levá-lo a servir numa cidade próxima a sua terra para facilmente estar com sua gente.

Nesse final de ano e do curso, ele se empolgara tanto com o fato de estar às vésperas de deixar a Escola que até se esquecera de efetuar prévias inscrições para vestibulares em faculdades. Em nenhuma de suas últimas cartas tocara nesse assunto e nem nas cartas de Irene essa questão chegou a ser aventada. Na segunda quinzena de dezembro as inscrições já estavam encerradas. Quando se deu conta disso seus pensamentos ficaram paralisados e ele caiu em profunda prostração, reconhecendo que não poderia voltar sobre seus passos e que falhara em seus propósitos iniciais por culpa só sua. Se antes tudo lhe parecia contribuir para que ele ingressasse na vida militar, de tal maneira que o levou a julgar-se predestinado a isso, sua matrícula numa faculdade parecia estar sendo dificultada por entraves e imprevistos. Mas nem sua timidez ou introspecção o impedia de sobre-existir e teimar com seus anseios. Tomaria o ano de aspirantado como devendo ser o de preparação para a busca de novos caminhos e, enquanto isso, manteria assegurado o recebimento de um bom soldo, teria tempo de sobra para ficar em liberdade, uma vez que só cumpriria meio expediente de trabalho no quartel em que viesse a ser classificado, e confortava-se com a expectativa de que, como aspirante-a-oficial e estando fora da Escola, seus dias poderiam não ser tão tediosos como foram os que vivera enquanto cadete.

Por ora Anjos Couto curtia um novo e diferente momento de sua vida, mais do que agradável porque estava

na companhia de Irene, sua menina de sorriso feliz. Sentia-se como se por ela estivesse protegido, além de saber que possuía incondicional apoio de seu irmão. Tónico, agora o sargento Couto, sempre cuidou de orientá-lo como proceder em situações inusitadas ou embaraçosas dentro da Escola, fosse no sentido de ensiná-lo a se comportar quando submetido às provocações de seus superiores hierárquicos, fosse como deveria agir nas relações com alunos seus subordinados. Segundo ele, a atividade profissional de Anjos Couto a partir de então irá ser bem diferente de tudo o que ele viveu até então na Escola. Ele terá que mudar drasticamente sua maneira de agir, visto que estará na condição de aspirante-a-oficial e passará a lidar com soldados, cabos e sargentos veteranos, experientes e manhosos, e não mais com os condicionados alunos de sua própria Escola.

Tónico explicou-lhe que, diferentemente do que ocorria na Escola, em seu futuro relacionamento profissional dentro do quartel ao qual vier a ser classificado, Anjos Couto irá se ver à frente de três diferentes tipos de subordinados. Aquele que uma vez flagrado no cometimento de uma pequena falta só por isso já se sentirá envergonhado de tê-la cometido e já se considerará punido pela simples observação de que está incidente em erro, cabendo-lhe portanto nada mais do que uma simples admoestação verbal educativa; aquele outro que comete uma indisciplina ou erro funcional, porém não o faz pela vez primeira e que, portanto, precisará ser admoestado pela reincidência e ser observado que, no mínimo, sofrerá pena disciplinar se tornar a cometê-la e, finalmente, aquele outro que por ser contumaz e reincidente no cometimento de faltas disciplinares, geralmente desafiante e desavergonhado, reclamará um tratamento mais severo, com ostensivo chamamento de atenção e imediata aplicação de

apenação disciplinar. O importante em seu relacionamento – explicava Tónico – é saber exatamente qual o devido e adequado tratamento a ser dado em cada uma das situações que enfrentar, sempre considerando o diferente tipo de soldado ou de subordinado infrator. Adotar a mais severa medida que só se aplicaria em caso do terceiro tipo de subordinado, porém imposta a um faltoso do primeiro tipo, ou seja, àquele que tenha brios e vergonha só por ter sido descoberto em erro, poderá representar uma agressão desmedida que pode fazer com que o superior no mínimo ganhe um inimigo figadal, podendo inclusive levar esse subalterno a uma insubordinação ou, até mesmo, a cometimento de atos de reação extremada contra seu superior.

O agravamento de uma situação como essa será a natural decorrência da falta de bom senso de um oficial quanto à adoção de adequada medida corretiva ou educativa. Por outro lado, – continuava Tónico – se for adotado um tratamento complacente, pretendendo o superior ser benevolente e compreensivo com aquele que sempre se mostra desavergonhado e reincidente no cometimento de faltas, isso nada mais será do que um estímulo para que ele dê continuidade à sucessiva prática de novas infrações, fazendo com que ele passe a acreditar na impunidade de suas faltas cometidas e não tenha receio de penalidades futuras, afora também poder ser essa medida, tomada em face de um faltoso contumaz, vista como sendo um sinal de fraqueza da parte do superior que o surpreendeu e que a seu próprio ver deveria mostrar maior rigor apenativo. Anjos Couto ouviu seu irmão com atenção e interesse, já imaginando-se nas situações por ele evocadas. Desse ensinamento ele jamais iria esquecer-se.

Terminado o almoço, todos seguiram juntos até um bairro nobre, um pouco distante do centro, onde morava

Elvira e onde Irene estava hospedada. Anjos Couto a deixou ali e retornou à Escola para um rápido descanso e novamente envergar um uniforme militar para, no final da tarde, estar na missa de benção das espadas a ser realizada na catedral da Sé. À noite, com outro uniforme, o de gala todo branco, compareceria ao grande baile do clube Pinheiros. Seu irmão e Elvira eram seus convidados especiais e ficariam a noite toda em sua companhia.

O clube mostrava ao fundo uma grande orquestra, com seus músicos trajando elegantes blazers azuis e gravatas borboletas, alternando posições de seu grupo de metais – trompas, trompetes, trombones, tubas e eufônios – ora em pé, ora sentados numa espetacular sincronia de movimentos, a parecer que acompanhavam os compassos da música executada. No centro, um magnífico salão de dança tendo à sua volta mesas com finíssimas toalhas de linho branco, ricamente decoradas, finas porcelanas e cristais reluzentes, tudo a mostrar um cenário quase cinematográfico.

Quando os formandos dirigiram-se ao salão para dançar a valsa com suas madrinhas o ambiente foi tomado de um encantamento ímpar e lembrou memoráveis bailes dos tempos do império nos quais os cavalheiros desfilavam com seus impecáveis uniformes coloridos, exibindo dragonas e alamares dourados, faixas e medalhas pendentes no peito, e as damas faziam-se parecer princesas em dias de glória. Irene maravilhava-se com tudo o que via e mantinha estampado no rosto aquele seu sorriso de menina feliz. Anjos Couto falava-lhe palavras bonitas aos ouvidos enquanto rodavam pelo salão como se estivessem voando livres pelos céus da Adamastor, acompanhados por um poema romântico declamado no mesmo ritmo da música que dançavam:

A valsa perdura, assim, assim.

No encanto da noite, em ti, em mim.

A dança é tão leve, feliz, enfim.

E o amor é presente, eterno e sem fim.

Mesmo inteiramente tomado pelos formandos que eram em grande número – passava de uma centena – Anjos Couto e Irene tinham a sensação de que dançavam sozinhos naquele grande salão. Um indescritível momento mágico. Entregavam-se a si mesmos num isolamento íntimo, ninguém à sua volta, ninguém a observá-los ali, só a música acompanhando as palavras bonitas que sussurravam aos ouvidos como se antes eles não as houvessem dito tantas vezes um para o outro. Mas eram as mesmas palavras de sempre, as que confessavam um amor eterno, as que contavam sobre sonhos futuros e juravam nunca se separarem. Porque Anjos Couto estava fardado, e nesse caso era recomendada uma maior discrição, durante a dança eles não mantinham seus rostos colados como era costume fazer quando nos bailes do clube de Cruz das Almas, mas os olhos nos olhos deixavam ver que entre o jovem casal havia uma apaixonada expressão de amor profundo.

Quando voltou à mesa, Irene novamente deslumbrou-se com o maravilhoso ambiente que a envolvia. Também era seu aquele grande baile, todo aquele encanto também era para ela, era dela essa grande noite, daí haver nela uma necessidade insensata de agarrar-se a esse maravilhoso mundo novo, num vislumbre de esperança de que não mais teria que retornar para Cruz das Almas e que poderia ficar para sempre ao lado de Anjos Couto, onde quer que pudessem acomodar-se nos cantos e recantos da Adamastor. Supôs que aprenderia a adaptar-se a essa cidade grande e que o tempo lhe daria

a visão clara de um futuro com simplicidade primitiva, porém romântica. Olhava para Anjos Couto e dele se enamorava mais e mais como se nesse reencontro estivesse havendo um amor à primeira vista.

A noite viria a ser curta demais para quem desejava que o dia jamais amanhecesse.

SEXTO CENÁRIO

*Quanta coisa extra vazã
extravasa entre o comum
como um vaso imperfeito
em perfeito equilíbrio.*

*Quanta coisa é coisa ida
com a saída impedida
em pedido de assistência.*

(Assim tem cio na vinda!)

*Vim da face mãe aguerrida,
mangue ida ao infinito.*

(Enfim isto é coisa à-toa!)

*A toalha espalma ao vento,
vem tomar ares de ida.*

I

Na segunda feira seguinte, dia 20, Anjos Couto retornou à Escola para receber o ofício de apresentação à sua nova Unidade e só então veio a saber em que quartel estava classificado e onde iria servir. Pelo documento recebido, verificou que deveria apresentar-se no Batalhão de Guardas, uma tradicional Unidade situada dentro de um complexo de edificações militares erguidas no bairro da Luz, que agrupava vários e antigos quartéis da Força Pública. Entre esses, o imponente Batalhão Tobias de Aguiar, projetado por Ramos de Azevedo e construído em 1892, inspirado na arquitetura militar francesa e tendo como modelo um quartel da Legião Estrangeira Francesa no Marrocos. Bem à frente do Batalhão de Guardas estava o Hospital Militar da Força Pública, também esse projetado por Ramos de Azevedo em estilo eclético, com claras reminiscências de tipologias da arquitetura militar e com um sistema de pavilhões unidos através de galerias cobertas. Um pouco acima e na mesma rua, o Regimento de Cavalaria 9 de Julho, criado em 11 de outubro de 1892, com suas bem cuidadas baias e seu amplo picadeiro, cujo primeiro quartel fora uma pequena dependência junto ao Convento do Carmo.

Num prédio anexo ao BG funcionava o Corpo Musical, criado em 7 de abril de 1857, possuindo ali um grande auditório onde eram realizados os ensaios ou onde eram promovidas reuniões da oficialidade da Corporação. Ainda no chamado “quadrilátero da Luz” viam-se outras edificações com mesma imponência, como a Capelania Militar, os quartéis do Serviço de Subsistência, do Serviço de Material Bélico e o majestoso sobrado da Caixa Beneficente da Força Pública,

este construído no ano de 1905. Do outro lado da avenida, ficava o Quartel General da Força Pública, bem em frente à tradicional Escola Politécnica. O Batalhão de Guardas tinha o mesmo estilo arquitetônico de seus vizinhos porque sua construção datava do mesmo período.

Nessa sua primeira unidade Anjos Couto irá passar todo o período de seu estágio como aspirante aprendendo a ser um oficial sem, contudo, dedicar grande esforço para tanto. Com ele, outros três aspirantes, colegas de turma, também foram classificados e apresentaram-se nessa Unidade, e nesse primeiro ano todos ficariam sob a orientação direta de um oficial-preceptor.

O Batalhão de Guardas era um quartel silencioso como se estivesse dormitando em permanente espera de seu acionamento, ou de que um determinado fato extraordinário ou acontecimento inusitado viesse provocar a mobilização de seus homens. Encarregava-se principalmente de prestar honras militares às autoridades governamentais em cerimônias de posse ou em grandes e oficiais ocasiões solenes, quando se apresentava todo garboso com seu tradicional e pesado uniforme especial, paramentado com barretinas e pompons, túnicas com dragonas douradas, uma grande faixa vermelha envolvendo e atada à cintura deixando caídos à direita do corpo seus pingentes de metal, a calça de mesmo feltro com duas grandes listas laterais vermelhas e as polainas brancas.

Seu efetivo era pequeno, de apenas três companhias, afora a Companhia de Comando, e dava a impressão de que seus integrantes permaneciam enfileirados em gabinetes ou recolhidos nos alojamentos, exceto quando da formatura matinal ou da rendição do serviço de dia que se dava às 12h numa rápida cerimônia militar, finalizada com a prestação de continência ao terreno.

Com aguçada observação crítica, Anjos Couto analisava todos os detalhes do que ocorria a seu redor e no âmbito dessa sua nova Unidade. Eram mínimas suas tarefas e poucas as obrigações atribuídas aos novos aspirantes ali classificados, e isso não só fazia com que restasse vazia uma grande parte dos dias, como também fazia – pelo menos para Anjos Couto – com que a vida nesse quartel beirasse a ociosidade. Apercebeu-se desde logo que ali ele teria tempo de sobra para ler seus livros e escrever longas cartas a Irene e desde logo a isso entregou-se. Fora-lhe disponibilizado um bom quarto em uma das alas do alojamento dos oficiais, no qual havia uma confortável e bem arrumada cama sobre a qual um cobertor dobrado; uma pequena mesa que viria a servir-lhe como escrivaninha; uma cadeira de palhinha e um armário de duas portas no qual ele pode acomodar seus poucos pertences. Viveria ali pelo tempo que o comando determinasse, e sob uma rotina que a seu ver seria tão tediosa e insignificante quanto aquela que vivera na Escola. Acordar bem cedo, fardar-se a toda pressa para evitar um inadmitido atraso e seguir direto para a formatura diária no pátio interno, perfilando-se entre os oficiais para a prestação da continência matinal ao comandante.

O comandante era um cavalariano de bom porte, pele clara e olhos azuis a lembrar um homem nórdico, que preferia isolar-se porque, em seu íntimo, lastimava-se por não lhe ter sido dado o comando do Regimento de Cavalaria, onde servira desde aspirante até sua recente promoção a tenente-coronel. Sem encontrar motivação pessoal que o levasse a dedicar-se ao exercício de fato do comando do Batalhão de Guardas, acabou por delegar a execução de quase todas as suas funções e a própria condução do Batalhão a um austero major seu subcomandante. Mantinha-se durante o tempo

todo do expediente diário recolhido em seu gabinete como se ali tivesse mil coisas a fazer. O gabinete era soturno, com móveis pesados construídos em madeira de lei e remetidos ao tempo do império. Numa das paredes via-se um magnífico relógio, também uma antiguidade, porém com seus ponteiros parados não se sabendo há quanto tempo. Com altas janelas bem cortinadas e mantido um requintado conforto na ala de seus aposentos privativos, retinha ali o comandante que sequer descia ao pátio pelas manhãs para receber da tropa formada a continência que a ele era devida. No pátio interno alinhavam-se as companhias, inclusive a de comando, e uma diminuta fanfarrinha simples, composta por antigos milicianos que se encarregava de dar ritmo à pequena tropa quando do desfile matinal, com batidas em um bumbo e dois surdos, repiques de duas caixinhas e toques de uma corneta.

O major subcomandante era um homem sempre de cara fechada, meio que atarracado, de pouquíssima conversa e difícil relacionamento até com seus próprios oficiais. Mantinha-se distante de todos, como se não devesse imiscuir-se com subordinados. Vaidoso em demasia, importava-se muito com sua aparência e com a correção de seu uniforme, demonstrando querer apresentar-se com uma postura austera à moda dos inacessíveis e cruéis oficiais alemães do Terceiro Reich, impondo rigorosa disciplina e até mesmo exigindo que fosse rigorosamente observada e mantida a regulamentar distância física pelos subalternos que desejassem cumprimentá-lo ou a ele dirigir uma palavra. Quando saía de seu gabinete pela manhã, estacava no corredor, à frente de uma escada de cinco degraus que o levaria ao pátio, e ali fazia um breve ensaio de figura majestosa. Com o queixo levantado, posava como se fosse a autoridade maior do quartel, enquanto passeava seu olhar severo por todo o ambiente à sua frente,

como quem pretendesse fiscalizar um a um dos que estavam em forma à sua espera. Antes de descer a pequena escada, passava ambas as mãos pelo peito de seu sempre impecável uniforme para verificar se estava com todos seus bolsos devidamente abotoados. Iniciava uma descida lenta para a formatura matinal, à maneira de um marechal-de-campo que se prepara para passar seu exército em revista.

O major subcomandante era extremamente pontual e intolerante ao máximo com qualquer atraso de seus subordinados. Quando comparecia a uma reunião de oficiais na qual ainda não estivesse presente um dos oficiais que nela deveria estar, retirava-se dali sob o argumento de era obrigação do subordinado esperar por ele e não ele ter que aguardar a chegada de um subalterno. Depois que se posicionava à frente da tropa formada no pátio, recomendava-se que ninguém mais ali adentrasse para ocupar com atraso seu lugar junto à tropa, fosse por alguns segundos sequer, porque, uma vez iniciada a revista matinal com sua presença, era conveniente que quem estivesse atrasado deixasse de ali comparecer para só depois apresentar-se a ele para cumprimentá-lo e tentar justificar seu atraso por menor que houvesse sido. Mostrar-se atrasado perante a tropa seria uma falta de maior gravidade. Ainda que um praça por ele tivesse sido convocado a comparecer em seu gabinete para lhe dar explicações sobre determinada falta disciplinar cometida ou para justificar pretensões requeridas, tinha ele que aguardar um bom tempo postado de pé junto à porta de seu gabinete até que fosse autorizada sua entrada. E mais: tinha que estar devidamente armado com seu fuzil e inteiramente equipado para que com ele pudesse entrevistar-se. Era como se o praça fosse falar com o comandante supremo de todas as forças armadas. Exercendo de fato o comando do Batalhão, esse major explorava ao máximo seu

poder delegado. Presidia a formatura das manhãs como se fosse esse o mais importante ato do dia. E para ele realmente era. Iniciava o expediente do dia recebendo a continência de sua tropa formada.

Terminada a formatura todos dispersavam-se pelos recantos do quartel ou seguiam rápidos para um café com leite e um pão com manteiga numa cantina interna, nunca acompanhados pelo major porque esse jamais se permitia misturar-se com subalternos, preferindo retornar diretamente do pátio para seu inexpugnável gabinete. Após o café da manhã, cada um saía à procura do que fazer em seus respectivos redutos, ou ficava pelas dependências do quartel buscando de alguma forma preencher o tempo ocioso, ou jogá-lo fora em longas conversas fiadas com quem também não tinha o que fazer.

Duas vezes por semana, nas manhãs das terças e quintas, os oficiais dedicavam-se à prática de esporte na quadra interna do Batalhão, ora formando duas equipes de voleibol, esporte menos apreciado, ora dois times de futebol-de-salão, esse o de maior preferência da maioria, sendo absolutamente proibida pelo major subcomandante a participação de praças nessas equipes, ainda que fosse só para eventualmente completá-las quando insuficiente o número de oficiais presentes.

Personagens interessantes incluíam-se entre aqueles que Anjos Couto viria a conhecer e com quem passaria a conviver nesse Batalhão. Um deles era Jamal Zahrah, capitão-médico, chefe da enfermaria, adepto do fisiculturismo e que, muito embora nunca participasse de esporte coletivo, sempre ficava ao lado da quadra, exibindo-se ao sol, trajando minúscula sunga e fazendo exercícios de resistência progressiva para controlar e desenvolver os músculos de seu corpo. Sabia-se que quando jovem esse capitão-médico colecionara

medalhas em concursos paulista e brasileiro e continuava adotando o fisiculturismo como um estilo de vida. Apesar de não mais apresentar um corpo perfeito como dantes, orgulhava-se do grande volume da massa muscular que possuía, com definição e profundidade, exata proporção entre tronco e membros e simetria entre os segmentos. Excêntrico e narcisista, sempre era convocado para compor comissão encarregada de examinar candidatos a ingresso nas fileiras da Força Pública e, quando nessa função, não raramente fazia públicas e humilhantes considerações sobre o raquitismo de alistandos submetidos a seu exame. O subcomandante não o via com bons olhos e entre eles havia uma pouco disfarçada e recíproca hostilidade.

Outro era o Dr. Walther, um afamado advogado carioca que, por suas tramoias ilícitas e destruição de processos, retirados dos cartórios judiciais por (*depois negados*) emissários seus, chegou a ser considerado no Rio de Janeiro como sendo o segundo “advogado do diabo” – o primeiro teria sido Leopoldo Heitor, nos famosos casos do Tenente Bandeira e o da desaparecida milionária Dana de Teffé. No Batalhão de Guardas, o Dr. Walther cumpria sua decretada prisão em regime especial e a ele estava disponibilizado um dos quartos do alojamento dos oficiais, o que fez com que Anjos Couto viesse a tornar-se um seu vizinho e tê-lo como bom companheiro para conversas interessantes. Dr. Walther tinha livre trânsito pelas dependências internas do quartel e durante o dia desfilava com seus chinelos de couro, camisa com longas barras fora da calça e com seu inseparável cachimbo fumegante, conquistando a amizade e a benquerença de todos que com ele mantinham longas e descontraídas conversas. Seus traços fisionômicos, notadamente seu nariz, davam-lhe uma certa semelhança com Caryl Chessman, o astucioso

bandido prisioneiro de San Quentin, executado em 1960, e quem escreveu diversos livros sobre o corredor da morte. No âmbito do quartel todos mantinham-se convictos de que empreender uma fuga nunca fizera ou faria parte dos planos do Dr. Walther, portanto em torno dele não existia nenhuma preocupação ou necessidade de direta ou aproximada vigi-lância. Seu quarto sempre estava abarrotado de processos porque, mesmo preso, ele continuava atuando através de pre-postos de seu escritório no Rio, do que resultava em signifi-cativos honorários. Bem ao contrário disso, para a Justiça ele interpunha seguidas petições reclamando da penúria pela qual estariam passando tanto ele quanto sua família. Tinha grande conhecimento jurídico na área penal e não se furtava a reunir-se com jovens oficiais que o procuravam para lhe pedir conselhos, quando precisavam elaborar uma defesa escrita em face de notificação, que chegava em envelope fechado com carimbo de “reservado” e que significava que teriam que responder sobre falta disciplinar anotada pelo rigoroso major subcomandante.

O Dr. Walther vangloriava-se de ter bem orientado um sargento do Batalhão de Guardas e evitado sua expulsão das fileiras da Força Pública por ter sido flagrado em estado de completa embriaguez quando em serviço. Como esse sar-gento não fora submetido de imediato a nenhum exame médico que comprovasse seu estado alcoólico, ele reco-mendara a falsa arguição de que não houvera sido ingerida nenhuma gota de álcool e que a condição desse sargento no momento de seu flagrante – *com enjoos, tontura, dificuldade de concentração e vômito* – nada mais era do que o produto de uma forte gemada que ele havia tomado na noite anterior e que provavelmente lhe atacara o fígado. Sua tese acabou vencedora e o sargento sequer chegou a sofrer punição disciplinar.

Com essa e outras, ganhava cada vez mais a confiança dos oficiais que cumpriam serviço de dia, pois quando vinha a saber que uma ou outra dos praças da equipe planejava uma escapada durante a noite, imediatamente alertava o oficial para que ficasse atento sobre isso para que o planejado fato não se desse. Por suas colaborações, ganhava generosas recompensas de alguns oficiais-de-dia que permitiam ou faziam vistas grossas ao fato de sua esposa pernoitar em seu quarto nos finais de semana em que ela o visitava. Nunca o major subcomandante chegou a saber dessas visitas íntimas e jamais teria permitido essa regalia. Se viesse a saber certamente apenaria com severidade o oficial que estava de serviço. Ademais o Dr. Walther era um exímio jogador de xadrez e foi com ele que Anjos Couto aprendeu as primeiras noções desse jogo, passando a saber como movimentar seus peões, cavalos e bispos e como rocar suas torres na defesa do rei.

II

Entre os praças, cada uma delas com seu peculiar temperamento, sua maneira pessoal de ser e de agir, e tendo reações diferentes quando sujeitas a pressões ou submetidas a chamamento de atenção por superior hierárquico, um soldado raso passou a ser conhecido de perto também por Anjos Couto. Era um soldado que se destacava entre todos os que pertenciam ao BG, não pelos méritos pessoais ou profissionais que possuía ou porque fosse ele um referencial de bom militar, subordinado obediente e disciplinado, ou porque detivesse qualidades invulgares que o diferenciavam dos demais. Não! Seu destaque era exatamente por ser ele o exemplo contrário de tudo isso. No quartel todos o conheciam, do comandante ao soldado mais novo, e todos bem sabiam ser ele o autor contumaz e incorrigível dos mais variados tipos de infrações disciplinares – chegar atrasado, faltar ao serviço, não cumprir ordens, ter desleixo com seu uniforme, não cortar regularmente os cabelos, empreender seguidas fugas noturnas quando detido no quartel, frequentar lugares incompatíveis com a classe, deixar de fazer continência a superior hierárquico, ingerir bebida alcoólica quando em serviço, etc. – mantendo-se teimosamente em continuada conduta irregular, da qual resultavam sequenciais ou até mesmo cumuladas apenações disciplinares. As punições que lhe eram impostas faziam com que ele ficasse no mínimo dois terços dos dias de cada mês encarcerado em uma das celas dos porões do BG, onde cumpria severas penalidades de reclusão, ou proibido de deixar as dependências do quartel por ter que cumprir internamente uma e outra pena de detenção.

Era ele o conhecidíssimo soldado Prieto, um homem corpulento, de 1,85m de altura, tendo por volta de uns trinta anos, meio alourado, olhar evasivo e um andar incerto como se nunca previamente definisse o lugar para onde se dirigia. Em contraponto à sua conduta indisciplinada era ele de uma simpatia irradiante, de uma comunicabilidade fácil e precisa, cativando a amizade de seus pares com um sorriso postiço sempre na face quando da comunicação com seus iguais, ainda que suas falas nem sempre fossem revestidas da mais pura verdade. Solícito quando lhe interessava ser, porque sempre visava a angariar alguma vantagem através de seus oferecidos favores, Prieto tornava-se cada vez mais o estimado companheiro de todas as horas a todos que com ele conviviam no Batalhão. Em face dele, nenhuma esquiva ou repulsa por seu comportamento continuamente transgressivo às normas. Chegava até mesmo a ser admirado pelos colegas, que o viam como um sujeito corajoso que não temia tornar-se o alvo preferido de reprimendas e de apenações que se faziam constantes. Viam-no suportar caladamente as punições que lhe eram impostas e tudo o mais que delas derivava, mantendo uma serenidade típica dos inocentes, ainda que continuasse a cometer novas e seguidas faltas como se a próxima fosse a primeira.

Em seus assentamentos estendia-se um alongado registro de penalizações disciplinares aplicadas, o que indicava estar ele, desde há muito, fixado no mau comportamento. Para ele, não fazia a menor diferença sofrer nova punição disciplinar, tanto que em face dela não formulava a menor queixa, não antepunha recurso administrativo, não contestava sua adequação nem demonstrava nenhuma revolta ao se apresentar para cumprir a penalidade aplicada. Aceitava-a sem pestanejar, como se a merecesse e ele próprio a considerasse

necessária e adequada à vista da consciência que tinha quanto à autoria da falta disciplinar cometida. Até mesmo seus superiores por vezes optavam por deixar de registrar ou de comunicar uma ou outra pequena e nova transgressão por ele praticada, por saber que a imposição de mais uma penalidade disciplinar só viria somar-se às tantas outras já aplicadas, sem que de nada lhe valesse. O cometimento de uma nova falta, em serviço ou fora dele, já nem mais surpreendia aqueles que o conheciam de perto, que dela tomavam conhecimento e devessem adotar medida apenativa.

Seu comportamento continuamente faltoso passara a ser visto por muitos como algo que lhe era natural, próprio de sua personalidade, inintencional até, fazendo parte de seu incorrigível costume e tornando dispensável ou inútil a repetição de uma censura. Quando não lhe era imposta a pena de reclusão, o que implicava em ser ele trancafiado numa das frias celas dos porões do Batalhão, apená-lo com simples detenção, nos casos de falta média ou leve, era ter de deixá-lo livre e solto nas dependências internas do quartel, o que a ele oportunizava o cometimento de uma nova falta, pois fatalmente ele empreenderia sua costumeira fuga durante a noite. Essa era uma nova transgressão disciplinar quase sempre pré-anunciada e sabidamente inevitável. Com olhar um pouco zozzo, gestos largos e lentos, com fala mansa e sempre mantendo aquele sorriso postiço na face, entre zombeteiro e irônico, Prieto não se esquivava até mesmo de anunciar ao oficial-de-dia que, durante a noite, iria ausentar-se do quartel por algumas horas para, solteiro que era, levar para um hotel de alta rotatividade das redondezas uma das muitas prostitutas que faziam *trottoir* pelas proximidades do quartel. Era inútil negar-lhe esse pedido, ameaçá-lo com nova prisão ou pretender vigiá-lo de perto para impedir sua escapada. Ou

ele fugia sorrateiramente pelos fundos do quartel sem que ninguém o visse e pudesse retê-lo, ou, calmamente, saía caminhando sem receio algum pelo portão da frente, pelo corpo da guarda, ainda que à vista de todo o mundo, sem que ninguém o detivesse. Só retornaria três ou quatro horas depois, como se nada houvesse acontecido. Como militar, Prieto era tido como um caso perdido.

Vivendo como um “interno” no quartel por passar a maior parte de seus dias na condição de preso ou detido, não raramente Prieto usava de uma espreiteira em seu alojamento para à tardezinha preparar um bom prato de frango ao molho e um gostoso arroz para oferecê-los a um ou a outro aspirante que estivesse nas funções de oficial-de-dia. Inegavelmente o resultado desse preparo era melhor do que o insípido jantar que vinha em marmita fornecido pelo Serviço de Subsistência, porém, se o que era oferecido fosse recebido de bom grado, isso passaria a ser um salvo-conduto ou uma tácita autorização para que ele pudesse deixar o quartel durante a noite, eis que sua oferta nada mais era do que um ardiloso agrado que chegava junto com um disfarçado aviso de que ele iria dar sua costumeira escapadela. Nada vindo do soldado Prieto era gratuito, ainda que espontaneamente oferecido. Todos sabiam disso e conheciam suas artimanhas, embora alguns acabassem por se fazer de desentendidos, quando aceitavam o bom prato por ele oferecido. Mesmo cumprindo uma detenção, era mais do que sabido que ele iria fugir por horas durante a noite e que só retornaria ao quartel porque outro lugar não tinha para dormir.

Cansado de lhe aplicar penalidades disciplinares por suas sucessivas infrações e não tendo obtido o menor sinal de que ele pudesse ser reabilitado, o major subcomandante acabou por considerar Prieto como um soldado irrecuperável

para o serviço, tanto que no mês de maio fez baixar um ofício de convocação instalando um Conselho de Disciplina que visava a excluí-lo das fileiras da Força Pública. Era esse um processo administrativo interno, destinado a julgar a incapacidade de praça integrante das fileiras da corporação que tivesse alcançado a estabilidade funcional, e que não mais fosse digna de continuar na ativa por ter procedido incorretamente no desempenho de cargo, por ter tido conduta irregular, por ter praticado ato que afetou a honra pessoal, o pundonor militar ou o decoro da classe, ou por força do cometimento repetitivo e sequencial de faltas disciplinares que a tornaram incompatível com a função policial-militar. Presidido por um respeitável capitão do Batalhão, formado em Direito e com larga experiência na condução desse tipo de processo, o Conselho de Disciplina que iria julgar Prieto contava também com um primeiro-tenente como seu oficial-relator e um sargento escrivão. Ao arrolado, era assegurado o direito do exercício da ampla defesa e do contraditório, através de um outro oficial da mesma Unidade que fosse por ele indicado para atuar como seu defensor.

Prieto dava-se muito bem com o jovem aspirante Anjos Couto e o respeitava a ponto de nunca ter pretendido criar qualquer embaraço, ocorrência prejudicial ou efetuar fuga noturna enquanto estivesse compondo sua equipe no serviço-de-dia. Dizia que sob seu direto comando ele não só deixaria de cometer suas costumeiras faltas, como atuaria para que companheiros de sua equipe de serviço também se abstivessem de cometê-las. Isso porque recebia de Anjos Couto um tratamento respeitoso, sem preconceitos e sem reservas e porque o considerava como sendo um oficial inteligente e justo. De sorte que foi ele o convidado para atuar como seu defensor, embora Prieto devesse saber de sua pouca

experiência. Assim Anjos Couto foi lançado à frente de uma missão quase impossível: a de defender e buscar a absolvição de um soldado cujos assentamentos acusavam uma extensa lista de infrações disciplinares cometidas, e era considerado como alguém definitivamente irrecuperável para a profissão. Essa tarefa de atuar como oficial-defensor seria, como o foi, a mais significativa das executadas por Anjos Couto em seu curto período de aspirantado.

Preparando-se para isso, Anjos Couto passou a consultar de forma empírica alguns livros de Direito disponibilizados na pouco frequentada biblioteca do Batalhão de Guardas, buscando conhecer todas as normas que dispunham sobre o funcionamento de um Conselho de Disciplina, e quais eram seus requisitos essenciais, cuja ausência ou incorreção de um ou de outro poderia resultar em nulidade processual. Compareceu a todas as sessões do Conselho e acompanhou de perto com detida atenção toda sua instrução, todos os atos nele praticados, como a anexação de documentos ao processo, a oitiva das testemunhas de acusação e as de defesa, o interrogatório do arrolado e, por final, teve vistas ao parecer do oficial-relator que, motivadamente, pediu a sumária exclusão do soldado Prieto, abrindo-se um prazo para que ele apresentasse sua defesa escrita.

Prieto portara-se muito bem durante todo o andamento do processo. Orientado por Anjos Couto, comparecera às sessões aparentando ser um soldado exemplar, sempre muito bem barbeado, cabelos devidamente aparados, uniforme apumado, sentando-se com correção à frente de seus julgadores, evitando movimentar-se desnecessariamente na cadeira, mãos acalmadas sobre os joelhos, olhar seguro e direto nos olhos de seu interrogador e, quando perguntado, respondendo de maneira objetiva e curta sem se alongar em

considerações dispersas, para que de suas respostas não derivassem novos questionamentos. Suas testemunhas de defesa – dois sargentos que com ele concorriam ao serviço de dia – depuseram discorrendo não precisamente sobre suas qualidades profissionais, porque inexistentes, mas sobre valores pessoais como sua bondade interior, sua não agressividade, a boa amizade que sempre cultivou e mantinha com seus companheiros, a ótima interação com seus iguais e dos quais facilmente conquistava a estima e a benquerença e, sobretudo, a não gravidade de seus costumeiros atos infracionais. Sempre sob a orientação de Anjos Couto, essas testemunhas de defesa pretenderam criar a figura de um homem bondoso que, embora como soldado tenha passado a ser contumaz no cometimento de infrações disciplinares, ele nada mais era do que uma vítima das circunstâncias que em torno dele haviam sido criadas e que fizeram dele o alvo preferido de superiores hierárquicos que o queriam ver punido, como se sempre estivesse no cometimento de alguma infração apenável. Segundo a linha de defesa articulada por Anjos Couto, ele passara a ser o produto de uma perdurante implicância de seus superiores, bem como uma vítima da extremada severidade apenativa com que se habituaram a tratá-lo. Quando pequenas faltas eram praticadas por outros soldados, não era raro serem essas simplesmente relevadas ou deixadas às vistas grossas; porém quando ou se cometidas pelo soldado Prieto, elas não recebiam a menor complacência. Teriam que ser comunicadas e por elas ele deveria ser punido.

O jovem aspirante Anjos Couto entregou-se com responsável interesse para o desempenho de seu papel de oficial-defensor, cumprindo rigorosamente todas as formalidades normativas exigidas e passando a compreender que, para ele, era importante conseguir a absolvição de Prieto,

independentemente de considerá-lo como sendo ou não um soldado que devesse ser excluído das fileiras da Força por força de seu mau comportamento. Antes mesmo que o prazo se esgotasse, protocolou sua longa e circunstanciada defesa pedindo, preliminarmente, a nulidade do processo instaurado porque constatara que o ofício de convocação desse Conselho de Disciplina acusara, como transgressão justificadora de sua abertura, uma solta referência de que se tratava de um transgressor habitual como apontado em seus assentamentos, sem especificar, concretamente, uma ou outra delimitada falta disciplinar que motivasse, objetiva e diretamente, a instauração do processo. Ademais, por força de cada uma ou de todas as faltas aludidas no ofício de convocação do Conselho, Prieto já houvera sido penalizado, inclusive tendo cumprido as respectivas penalidades. De sorte que ele não poderia vir a ser responsabilizado nem responder por nenhuma delas uma segunda vez. Conforme reconhecido, essa generalidade inserta no ofício de convocação do Conselho constituía-se numa grave irregularidade administrativa que representava insanável nulidade processual. Essa falha fez com que todo o trabalho desenvolvido acabasse por ser declarado nulo desde sua origem, sem que Prieto viesse a ser excluído nesse procedimento. E assim o foi para o desconforto do capitão-presidente do Conselho.

Intimamente, Anjos Couto orgulhou-se por ter bem desempenhado seu papel e vencido essa primeira etapa, embora não visse nesse seu trabalho uma tarefa concluída, porque sabia que um novo Conselho fatalmente viria a ser instaurado, talvez com os mesmos integrantes, fazendo com que tudo tivesse que ser repetido, o que era mais do que provável, e que no novo processo o soldado Prieto acabaria por ser excluído, a menos que ocorresse nova nulidade evocável.

O comando do Batalhão só teria que aguardar o cometimento de uma nova falta disciplinar para, assentado nela e sem o punir previamente, determinar a abertura de um novo procedimento, e isso era apenas uma questão de tempo, pois com certeza essa nova falta viria logo. Prieto também sabia disso, porque sendo um soldado veterano e acostumado a sofrer enquadramentos em face de suas contínuas transgressões, conhecia muito bem os trâmites regulamentares e as consequências que decorriam de suas infrações, da mesma forma que alguns criminosos contumazes que ficam recolhidos por diversas vezes em presídios acabam aprendendo muito sobre quase tudo do Direito que pode protegê-los a ponto de se julgarem habilitados até mesmo a “orientar” seus advogados sobre qual a melhor medida a ser adotada.

Desde o primeiro encontro que Anjos Couto teve com Prieto após a anulação de seu processo, sem julgamento de mérito, foi notado que nele não havia nenhum visível entusiasmo com o resultado alcançado, quase que a demonstrar que teria sido outra a decisão por ele esperada, ainda que não a tivesse declinado. Demonstrou pouco interesse em saber dos detalhes que Anjos Couto tentou lhe informar sobre a anulação de seu processo ou sobre a inevitável instauração de um novo Conselho tão logo ocorra e venha a ser notificada uma nova falta disciplinar sua. Tampouco se comprometeu a zelar, dali em diante, pela correção de seu comportamento com vistas a impedir ou a retardar a instauração de um novo Conselho. Estava apático a tudo, indiferente e impassível frente ao que poderia lhe acontecer amanhã, porque certo era que para ele seus dias iriam continuar a transcorrer como se nada tivesse ocorrido que pudesse provocar uma mudança em seus hábitos ou alteração em seu comportamento funcional. De maneira bem discreta e nada efusiva Prieto apenas

agradeceu levemente a Anjos Couto pelo trabalho realizado, limitando-se a perguntar se ele poderia voltar a contar com sua defesa caso venha a enfrentar um novo processo. Anjos Couto lhe assegurou que se preciso fosse e se ele ainda pertencesse ao efetivo do Batalhão estaria à disposição para defendê-lo. Isso foi tudo o que disseram um ao outro.

Menos de dois meses depois um novo Conselho de Disciplina foi instaurado com vistas à exclusão desse soldado, sendo composto pelos mesmos integrantes originários e por força de uma nova falta cometida por Prieto. Ele faltara ao serviço de guarda para o qual estava previamente escalado, e dessa feita o ofício de convocação não apresentou erro que aparentemente pudesse ser evocado como uma nulidade. Anjos Couto tornou a ser apresentado como seu oficial-defensor, porém não sem que antes recebesse de Prieto um surpreendente pedido.

– “Seu” aspirante eu tô pensando num outro negócio aqui. Não quero que o senhor anule esse novo processo e eu tenha que responder a outro outra vez. Se o senhor encontrar erro deixa que eles me demitam que depois eu entro na Justiça e aí eu consigo uma reintegração e aí eu recebo meus salários atrasados de volta e, quem sabe?, até uma indenização. Eu conheço um caso assim. Enquanto isso eu vou ficando por aí, fazendo uns biquinhos pra sobreviver, depois eu volto. Deixa que eles errem e me excluam. Quanto mais errarem e me excluïrem melhor vai ser pra mim.

Em sua pouca idade e inexperiência profissional, Anjos Couto surpreendeu-se com a natureza desse pedido, porque jamais poderia ter imaginado seguir pelo caminho só agora referido por Prieto ou ter formulado o menor raciocínio nesse sentido. Pensava em continuar atuando em linha reta porque não era capaz de armar chicanas com procedimentos

que até então desconhecia. Seu objetivo era único e apenas pretendia impedir que Prieto viesse a ser excluído através de um processo que contivesse nulidade insanável e para tanto elaboraria uma defesa bem articulada. Estava seguro de que evocar uma nulidade era de sua obrigação profissional para bem cumprir seu papel de defensor. Nem de longe podia imaginar que outra solução poderia ser mais vantajosa para o processado, mas admitiu que se ele houvesse deixado passar em branco, sem acusar a flagrante nulidade que existiu no primeiro processo, certamente Prieto poderia obter um fácil ganho de causa numa futura ação judicial em que pleiteasse sua reintegração. Demoraria um tempo, mas com certeza ele ganharia a causa e retornaria às fileiras da Força Pública com todos os direitos e vantagens disso decorrentes. Teria sido um inteligente lance de xadrez em que um bispo seria sacrificado para impor o xeque-mate no movimento seguinte. Anjos Couto viu-se obrigado a reconhecer que não teve suficiente malícia no caso, mas explicou-se com a compreensão de que esse outro caminho só poderia ser adotado por expressa manifestação da vontade de Prieto. Até então ele não sabia atuar com artimanhas ou com propósitos ocultos, porque cultuava em demasia a exposição da verdade e achava que ela sempre deveria ser dita ou posta na hora e da forma em que fosse conhecida, sem postergações, sem rodeios e sem nenhuma outra intenção. Era de sua índole expor e trabalhar com a verdade constatada ainda que disso resultasse momentâneas inconveniências. Ao longo de sua permanência como oficial da Força Pública viria a sofrer muitos revezes, exatamente por esse amor extremado à verdade. Não se esquivava de emitir suas opiniões, requeridas ou não. Não sabia mentir e omitir-se não era de seu estilo. Porém, depois que ouviu a manifestação e soube dos propósitos do soldado

Prieto passou a entender que nem toda verdade deve ser imediatamente exposta no exato momento em que ela passa a ser conhecida, podendo ou devendo, às vezes, ser reservada para ser exposta ou dita em oportunidade de maior conveniência. Nem sempre um ganho momentaneamente alcançado de forma açodada, num primeiro lance, significa a obtenção de uma maior ou duradoura vitória. A própria vida mostra isso, ela é composta de etapas distintas que se sucedem, ora compensando antigas perdas, ora cobrando ganhos que antes foram indevidamente alcançados, podendo, inclusive, transformar lastimadas derrotas anteriores em festivas vitórias no futuro, ou vice-versa. Prieto acabava de abrir-lhe os olhos e dar-lhe uma boa lição.

– Está bem, Prieto. Eu entendi. Vamos ver como será desenvolvido esse segundo processo. Vou atuar como você quer. Está bem?

No final de agosto desse mesmo ano, saiu a decisão do segundo Conselho que culminou na exclusão de Prieto das fileiras da Força Pública, a despeito de ter sido apresentada uma bem arrazoada defesa. Nesse segundo processo bem que Anjos Couto poderia ter impugnado diversos atos praticados durante a instrução, mas não o fez, preferindo deixar que nele fossem inseridos erros que, depois, pudessem alimentar os fundamentos de uma futura ação judicial com pedido de reintegração do acusado. A exemplo disso, calou-se, deixando de contestar, quando consentiu que o presidente do Conselho apensasse ao novo processo muitos dos documentos que pertenciam ao processo anterior, embora desse nada pudesse ser aproveitado, uma vez que considerado nulo por inteiro e desde sua origem. Todos os atos teriam que ter sido inteiramente repetidos, mas o presidente pretendeu poupar o tempo não refazendo diversos atos

burocráticos – *principalmente os depoimentos de testemunhas*. Essa medida constituía-se num ato que poderia resultar em nova nulidade processual, até porque deixou de ser observado que as datas desses documentos apensados eram anteriores à data do próprio ofício de convocação do Conselho e que, no relatório final, não foi apresentada nenhuma justificação para esse fato. Contudo, Anjos Couto mudara sua estratégia pelo que silenciou sobre essa irregularidade, o que não teria feito não fosse a observação anterior de Prieto. A partir de então tudo o mais só dependeria da adoção do próximo passo a ser dado pelo próprio arrolado perante a Justiça.

Prieto acabou sendo excluído, desapareceu do quartel e depois disso Anjos Couto nunca mais soube nada sobre ele.

III

As tarefas administrativas internas atribuídas a um aspirante-a-oficial que prestava seus serviços no Batalhão, exce-tuadas as que derivavam das funções de oficial-de-dia, eram poucas ou quase nenhuma em seus rotineiros expedientes, e isso levava Anjos Couto a procurar o que fazer para sentir-se profissionalmente útil, quando não se entregava a si mesmo lendo seus livros ou escrevendo longas cartas à Irene. O Ba-talhão de Guardas era uma Unidade que, pela natureza de sua missão de guarda, permanecia aquietada e ociosa como se em compasso de espera, até que ordem proveniente da chefia do Estado-Maior da Corporação a mobilizasse. Não competia a esse Batalhão a execução de policiamento externo e só excepcionalmente era determinado seu emprego opera-cional, porém em apoio a outras Unidades quando situações especiais assim o reclamavam. Era o caso de reforço a outra unidade no guarnecimento do autódromo de Interlagos por ocasião das grandes corridas que ali eram realizadas, de guar-da do pavilhão do Ibirapuera quando ali eram centralizados os trabalhos de escrutínio dos votos de uma eleição, ou de garantir o isolamento de uma área quando da ocorrência de acontecimento extraordinário ou de catástrofe natural. No mais, o efetivo permanecia recolhido e inativo em seu silen-cioso reduto.

Enquanto isso, e por vezes esporádicas, Anjos Couto recebia ordem para reunir o efetivo de sua Companhia e pro-ceder a um minucioso exame do armamento a ele distribuído. Todos e cada um deveriam realizar uma completa limpeza e lubrificação das metralhadoras INA e dos fuzis deixados sob

suas responsabilidades, preparando-os para um novo período de inatividade. O trabalho iniciava-se pela desmontagem das armas para limpeza de cada uma de suas peças, da câmara e do interior do cano, no qual se introduzia um pano com o auxílio de um cordel até que ele saísse completamente limpo. Usava-se uma escova de pelo para retirar a poeira das corredeiras. Por fim lubrificavam-se essas armas, inclusive o interior dos canos, para só então devolvê-las à reserva. A fiscalização desse serviço corria por conta de Anjos Couto no âmbito de sua Companhia e ele considerava tal medida como sendo um correto zelo pela manutenção do armamento, muito embora a visse como uma futilidade que só servia para ocupar servidores do Estado que despendiam grande parte de seu tempo numa atividade que não fazia a menor diferença e não tinha nenhuma utilidade prática para a população.

Outra atividade que viria a ocupar um bom período de tempo no primeiro semestre desse ano de aspirantado foi o concurso de ordem unida sem comando, idealizado pelo alto Comando da Corporação e que envolveria cerca de doze pelotões de diferentes Batalhões da capital. Houve a movimentação de um grande número de oficiais e praças em demorados e contínuos treinamentos e diversas apresentações, sem que de tudo isso resultasse a menor serventia ou préstimo oferecido à sociedade. Era uma mera e inútil ocupação para efetivos desocupados.

Anjos Couto foi designado como o responsável pela preparação do pelotão do Batalhão de Guardas inscrito nesse concurso, principiando pela escolha dos homens que deveriam compô-lo. Ele o fez considerando primeiramente a altura e o porte físico dos futuros integrantes do pelotão que iria se exhibir e depois testando cada um deles quanto à capacidade de memorização dos movimentos individuais e coletivos

que teriam de ser executados. Criou uma série coreográfica de movimentos variados a ser cumprida em deslocamentos, conversões à direita ou à esquerda, paradas e meias-voltas, contando-se os passos dados e calculando-se o tempo para os cruzamentos ou a intersecção dos grupos em marcha com diferentes posições das armas. Era um exercício livre, sem voz de comando, ou seja, todos os deslocamentos e movimentos de armas teriam que ser executados no tempo certo e de memória pelos componentes do pelotão, utilizando-se de um delimitado espaço no terreno. Os treinamentos, ou ensaios propriamente ditos, eram cansativos e enfadonhos. Tudo tinha que ser cronometricamente calculado no espaço e no tempo, além da exigência da maior correção possível, não só com relação à apresentação e à postura de cada integrante como também e, principalmente, à perfeição e simetria na execução dos movimentos, ao alinhamento e à cobertura dos homens durante seus muitos e variados deslocamentos. Mas, de que iria servir toda essa custosa e dispensável ocupação de policiais militares, que varavam manhãs em repetitivos ensaios nos terrenos planos de fundos de quarteis e que, depois, fariam apresentações no Ginásio do Pacaembu com quase nenhum público a não ser os que pertenciam aos próprios pelotões concorrentes? Que utilidade prática teria esse concurso, fosse para seus diretos participantes, fosse para a sociedade a quem deveriam estar servindo? Que importância teve essa participação para cada um dos soldados escalados, para os oficiais empenhados ou para as Unidades que os patrocinaram?

O pelotão do Batalhão de Guardas, tão seriamente treinado e bem conduzido por Anjos Couto, no estrito cumprimento das ordens que a ele foram dadas, logrou obter um honroso terceiro lugar nesse concurso, mas afinal o que isso significou? Nada. Absolutamente nada!

IV

Nos porões do Batalhão de Guardas havia indevassáveis e frias celas com paredes de pedra e portas com grades de ferro, o que fez com que, no período pós-revolução, esse quartel viesse a servir como um dos presídios para os quais as autoridades federais encaminhavam seus presos políticos. Eram verdadeiras masmorras com pouquíssimo acesso ou presença do sol e aos prisioneiros ali recolhidos não se reservava o direito de saída das celas, nenhum contato com o mundo exterior e nem qualquer tipo de atividade de lazer. Dentro dos cubículos com pouca aeração, predominava um ar pesado com cheiro de mofo, cabendo aos próprios presos a tarefa diária de sua varredura, arrumação e limpeza. Os ali confinados só mantinham algum contato com integrantes do quartel quando pela manhã lhes era levado e servido num pequeno bule uma rala mistura de leite, café e açúcar que na gíria militar era chamada de “caol”, acompanhada de um pequeno pão com um pouco de manteiga, ou quando as refeições lhes eram servidas em marmitas logo após o meio dia e ao final da tarde.

Entre os presos havia empresários, padres e estudantes que ali tinham sido recolhidos por tempo indeterminado, não permitida nenhuma visita – até mesmo porque seus familiares sequer eram noticiados sobre seus paradeiros, e à totalidade deles não era dada a menor informação sobre o motivo que os levara à prisão ou sobre qual era a acusação que sobre eles pendia. A única coisa que no quartel era sabida sobre esses prisioneiros é que eles seriam “perigosos comunistas”, assim considerados por exprimirem através de

palavras ou de atos sua discordância com o regime militar então vigente, tudo o que bastava para “justificar” seu enclausuramento preventivo, antes que viessem a articular qualquer ação contrária ao governo ou pretendessem dar apoio, guarda ou proteção a integrantes de grupos revolucionários de esquerda. Não só eram encarcerados no Batalhão de Guardas como também em outros dispersos e improvisados lugares transformados em presídios, alguns com endereços que só vieram a ser conhecidos anos depois de findo o ciclo dos generais que se sucederam no poder. Permaneceriam presos independentemente da abertura de um devido processo legal, à vista de estar o país vivendo um período em que o regime militar empreendia uma verdadeira caçada a comunistas e a guerrilheiros. Contudo, a responsabilidade do comando do Batalhão de Guardas ficava limitada à guarda e à manutenção desses seus hóspedes não voluntários, nada lhe dizendo respeito quanto às razões que teriam motivado seu encarceramento, sobre seus direitos ou garantias individuais ou sobre o que menos se sabia: quando é que seriam eles libertados.

Anjos Couto iria conviver de perto com alguns desses aprisionados, principalmente quando, por força do exercício das funções de oficial-de-dia ao Batalhão, passava ele a ser o responsável por acompanhar o encarregado de levar até o interior das celas as refeições a eles destinadas. Por vezes, permanecia por algum tempo dentro das masmorras e mantinha com eles uma conversa informal, não se esquivando de ter um cordial relacionamento enquanto com eles estava, porém cuidando de não adentrar, sob nenhuma hipótese, às razões ou motivos pelos quais estariam eles submetidos à prisão ou, menos ainda, sobre quando deveriam ou poderiam ocorrer suas futuras libertações. Aliás, sobre isso era o que menos se sabia.

Uma certa vez levou aos padres ali recolhidos alguns de seus livros por ter se sensibilizado com o fato de não terem eles nenhum entretenimento na solidão de sua minúscula cela. Não raramente recebia de um ou de outro preso suplicantes pedidos no sentido de obter permissão para falar com o comandante, para dele buscar saber qual era a razão de seu encarceramento. Foi isso que lhe fez um grande empresário, dono de conceituada emissora de rádio da capital, que alegava ter sido arrancado de dentro de sua residência, sob a mira de fuzis, quando estava sentado à mesa do jantar com sua família, e que ali permanecia aprisionado há já três semanas sem que ninguém com ele falasse ou tivesse contato com o mundo exterior. Negava ter relação com qualquer grupo revolucionário de esquerda, ter cometido o menor ato contrário ao governo militar ou pretendesse articular o menor enfrentamento contra o sistema político vigente. Dizia desconhecer por completo qual poderia ser a acusação que sobre ele pesava ou que pudesse ter motivado sua prisão. Anjos Couto tinha que se limitar a ouvir semelhantes pedidos ou reclamos sem afiançar que realmente seriam levados ao conhecimento do comandante ou de que poderiam ou não ser atendidos.

Num certo final de tarde, chegaram ao Batalhão dois homens elegantemente trajados, postura de autoridade porque inchados de uma arrogante prepotência, deixando ver que portavam armas na cintura e dizendo que tinham como missão oficial retirar dali os dois padres enclausurados há mais de dois meses. Não traziam nenhum documento que objetivamente os autorizasse a isso, limitando-se tão simplesmente a se identificarem como autoridades policiais, da mesma forma com que se identificavam e era o bastante quando para ali traziam e entregavam um prisioneiro novo. Nessa tarde

Anjos Couto estava de serviço como oficial-de-dia e a ele incumbiu recepcionar, identificar e acompanhar essas autoridades policiais até a cela onde estavam os padres, recebendo a sumária informação de que esses seriam transferidos para dependências do quase desativado Presídio Tiradentes, uma antiga construção próxima ao Batalhão de Guardas. Depois de abrir a porta do cubículo para que dele os padres fossem retirados, Anjos Couto cuidou, discretamente, de recolher dois livros seus que ali se viam por terem sido dados a eles por empréstimo. Pode observar que nos olhos desses prisioneiros desenhava-se um temor interrogativo como o de uma criança assustada que, à frente de desconhecidos e ameaçadores visitantes, sente-se como se estivesse prestes a sofrer uma punição anunciada. Anjos Couto testemunhou serem eles agressivamente algemados ainda dentro da cela como se fossem perigosos meliantes e pudessem representar grave ameaça a si mesmos ou às autoridades que os buscavam.

Era sabido que alguns dos prisioneiros que permaneciam por certo tempo encarcerados em prisões clandestinas e submetidos a constantes torturas – o que nesse particular não era o caso desses padres no Batalhão de Guardas – viriam depois a ser considerados como “fugitivos” ou transformados em personagens cujo destino era desconhecido, vez que seus aprisionadores – se e quando identificados – negavam o fato de que antes teriam eles permanecido sob a custódia do Estado. Sobre outros difundia-se a falsa notícia de que tinham sido “libertados” e que certamente teriam passado a viver na clandestinidade ou deixado o país. Certo era que a verdade não tinha forças para subsistir no lado dos mais fracos. A única perdurante era a verdade proclamada como sendo a oficial. Mães e esposas choravam por eles às escondidas sem terem a mínima ideia do que com eles teria acontecido ou

estaria acontecendo, ou para que lugar não sabido teriam eles sido enviados. Talvez para uma cova rasa de algum cemitério de periferia, perdida dentro da noite sem nome e sem cruz, onde passariam a inexistir pela eternidade como se nunca tivessem existido, ou talvez inoculados por uma programada demência para depois serem deixados à deriva num caminhar sem rumo e sem sentido e num estado de despersonalização no qual o sentimento e a consciência da realidade encontram-se fortemente diminuídos, não mais sabendo quem foram ou quem são e portanto, nem mais sabendo falar de flores apesar de autorizados a viver. A procura por esses “desaparecidos” era estéril e desatinada.

Sobre os padres que foram entregues às autoridades que os buscaram, Anjos Couto cumpriu sua obrigação de comunicar oficialmente ao comando do Batalhão sobre quais foram essas autoridades que dali retiraram esses prisioneiros e os resgataram para, segundo o anunciado, transferi-los para um novo e segredo endereço ou cela de um outro presídio que passaria a ser o deles. Depois disso Anjos Couto nunca mais teve a menor notícia sobre o verdadeiro destino que a eles foi dado.

Algum tempo depois chegou a seu conhecimento que do velho presídio Tiradentes, já com suas úmidas paredes caindo aos pedaços, sistematicamente eram efetuadas uma e outra retiradas de presos de suas celas sempre a título de que estariam eles sendo transferidos para outro presídio (*o que quase sempre era feito na calada da noite*). Quando isso ocorria nada havia a ser comemorado. Pelo contrário, no mais das vezes o fato de algum prisioneiro ser retirado à noite de sua cela sob a alegação de que estaria sendo transferido para outro presídio bem poderia ser a saída da vida para entrar para uma longa lista de “comunistas” que depois seriam encontrados mortos por “atropelamento” nas escuras ruas da Adamastor.

V

Morando no próprio quartel, alimentando-se no mais de seus dias com refeições que lhe eram gratuitamente fornecidas pelo Estado e gastando pouco com pequenas despesas na cantina, alguma compra de roupas, de livros e de ingressos de cinema e teatro, ou com as duas viagens mensais que fazia de trem até Cruz das Almas para estar com Irene, Anjos Couto conseguia economizar boa parte de seu soldo. Para quem antes não tivera nenhum emprego, seu salário era considerado muito bom e ele costumava compará-lo ao de um professor primário para dizer que era muitas vezes maior do que esse. Planejava prosseguir poupando o máximo que pudesse, pois continuava a manter acesas as esperanças de que um dia iria deixar as fileiras da Força Pública para aventurar-se num mundo diferente que fosse o mais aproximado possível daquele que gostaria que fosse o seu. Para tanto, precisaria garantir uma boa reserva.

Seu aspirantado transcorria como um ano de profundas reflexões, tanto sobre a realidade do ambiente que o aquartelava e no qual vivia – teimoso em manter sobre ele um domínio quase paralisante, embora cumprisse nele tão só meio expediente diário – quanto sobre o extraordinário mundo do lá fora, que a seu ver era convidativo e estava aberto para lhe oferecer não só a liberdade de fazer longas e solitárias caminhadas, para encontrar-se e estar consigo mesmo na essência e na inteireza de seu ser, como também, e sobretudo, sobre um mundo que poderia lhe proporcionar oportunidades para o encontro com seu almejado futuro sem peias nem nós que o limitassem. Dois mundos distintos

que também diferenciavam seu estado de espírito. O do interior do quartel pelas manhãs, no qual se encaramujava e seria falso se pretendesse mostrar-se feliz, e o do exterior durante suas longas caminhadas em meio à cidade grande, quando se sentia liberto para existir em toda sua espontaneidade. Enquanto o primeiro continuava a lhe impor algumas amarras que o impediam de se soltar e o retinham sob uma pouco disfarçada vigilância, forçando-o a viver mergulhado dentro de um cotidiano insosso e levando-o a se manter como um crítico em alerta (*porém amordaçado*), o segundo era tido por ele como sendo aquele de onde deveriam provir estímulos para uma solta criatividade, a lhe dar asas à imaginação, a alimentar seus sonhos e a permitir o surgimento das mais belas fantasias em seu livre pensar. Por vezes tinha a impressão de estar como um pêndulo oscilante entre esses dois mundos. Ora absorto em seus devaneios enquanto errava pela cidade em suas perdidas andanças com ar sonhador, ora imerso em pensamentos flutuantes enquanto escrevia longas cartas para Irene no isolado refúgio de seu pequeno quarto no quartel do BG.

Anjos Couto estava plenamente consciente de que ainda perdurava um profundo desencontro entre ele e a aquartelada realidade que o envolvia e, ao mesmo tempo, era sabedor de que a vida que ele queria viver certamente deveria estar no lado de fora, sem muralhas, sem vigias, sem limites e sem horários inapeláveis. Tudo fazia com que suas reflexões assumissem uma complicada configuração. Em seu dia a dia, sopesava com lucidez e com critérios lógicos cada uma das supostas vantagens ou sabidas desvantagens, existentes tanto num quanto noutra lado. Se um dia tiver que se entregar de vez à liberdade convidativa que imaginava existir no lado do lá fora, com certeza irá carecer de esteios necessários para

sustentá-la, porque isso não será uma simples travessura de menino rebelde que intenta escapar dos limites do lar paterno para aventurar-se pelo desconhecido. Não será uma simples e inconsequente escolha de lado. Muito mais do que isso será uma radical mudança de rota que reclamará cuidadoso planejamento, direção e sentido pré-concebidos e parâmetros mediadores que precisarão ser previamente definidos. Talvez a iniciada poupança de parte de seu salário venha a ser a primeira das muitas medidas que se farão necessárias.

Como deixar que continuem a conduzi-lo por caminhos antecipadamente abertos (*não por ele*) e sob formalidades e limitações que tiram dele sua naturalidade, se o mundo que ele quer e a liberdade que anseia estão lá no lado de fora? Via-se sendo lenta e continuamente transformado num ser esquisito como se fosse alguém que devesse estar sob permanente espreita e isso não lhe era nada agradável. Tinha a estranha sensação de que até seus pensamentos pareciam estar sendo impiedosamente patrulhados – não porque fossem diametralmente contrários aos do sistema, mas porque eram inconciliáveis com esse. Competia-lhe fazer aquilo que sempre fora feito, do mesmo jeito de ontem ou de antanho, sem nenhuma inventividade, com criatividade nenhuma, como se nada no hoje ou no amanhã devesse ou pudesse ser executado de forma diferente da que até então se executava. Constatava que vivia seus dias no quartel assistindo sempre à mesma lição repetida à exaustão, uma ordem unida em torno de uma mesmice, um repicar de fábulas sem morais, nenhum pensamento fora da caixa. Uma utilização de homens e de valores resultando numa inutilidade social, plantados em guarda. Desde seu tempo da Escola encabulava por não se identificar com o meio em que estava posto; agora, como aspirante-a-oficial, quanto mais se assenhoreava

de suas atribuições militares menos acreditava na utilidade ou valia que estas poderiam ter e mais temia ser transformado num mero produto desse meio. Recusava-se a abdicar de sua identidade íntima, da exigência do respeito a si próprio, de sua autenticidade, de seus valores e de suas verdades, da essência moral que vai muito além dos bastiões de fortalezas e independentemente das prescrições regulamentares, de seus escrúpulos e da humanidade que é a mais bela das coisas que alguém pode vestir. Repugnava-lhe a violência da qual tomava conhecimento, ainda que à distância, e condenava os horrores cometidos por integrantes de um ou de outro lado do sistema. Sabia que se tratava de uma violência de mão dupla, uma estimulando a evolução física da outra, outra justificando-se pela ocorrência de uma. *(Onde realmente estarão os padres que foram retirados da cela do Batalhão?)*.

Ainda bem que lhe restavam tardes livres, durante as quais ele buscava recompor -se caminhando solto pelas ruelas do centro de sua Adamastor e tendo como propósito voltar a ser o Tuta que sempre quis viver livre de convenções imutáveis que a ele tentavam impor dentro do quartel. Embora estivesse como um militar, ele ainda conseguia pensar como se não o fosse, e isso era por demais importante. Uma espécie de anteparo para sua autoproteção. Conseguia sobre-existir lá fora, imaginando ser nada mais, nada menos do que um anônimo “paisano”, sem preconceitos, com loas à sua integridade para o pleno gozo de uma liberdade de ser. Era o que o fazia sentir-se como sobrevivente e estar inteiro. Lá fora tudo o que tinha à frente eram coisas revogáveis e ele podia mudar a seu bel prazer a direção ou o sentido de seu caminhar, exclusivamente obediente a uma vontade própria que era a única que o comandava. Podia retornar ou não ir mais, interromper ou cancelar sua ida, ensaiar contornos

ou desviar-se de retornos evitáveis, escapar às regras e criar suas próprias normas, para poder dizer bem alto: “não vou por aí!”. Queria poder mandar em si mesmo, ser seu próprio dono e senhor, abrir livremente seus próprios caminhos, como o fazia quando em meio à alta vegetação ciliar que acompanhava o rio Itaguaí em sua longínqua cidade de Cruz das Almas. Em suma, dentro da cidade grande que ele chamava de Adamastor, Anjos Couto era um caminhante solitário, porém livre, que não precisava de companhia nem temia que o tempo lhe escapasse. O tempo era todo seu e ele podia até perdê-lo.

Fartava-se de liberdade como se devesse dela se realimentar antes de seu ainda obrigatório retorno à caserna, submetida a obrigações imperativas. Podia dedicar um momento intimista dentro do Correio central para escrever e postar uma carta para a amada Irene. Podia deixar-se demorar dentro de uma grande livraria da avenida para gulosamente apreciar seus títulos e comprar um ou outro livro. Podia ingressar no fantástico mundo do cinema e entregar-se a uma fantasiosa viagem por horas esquecidas e ao sair reencontrar-se com a luz do ainda dia e com a vida real que a ele se escancarava num repente e o fazia gastar alguns segundos para que a ela pudesse se readaptar. Abria bem os olhos e voltava a observar um mar de pessoas à sua frente, cada qual carregando seus segredos íntimos e caminhando apressadas para seus destinos inconfessados.

Podia dar-se ao luxo de gostar de perder seu tempo, porque não o considerava perdido enquanto o perdia. Reconhecia que também ele não sabia exatamente para onde ir ou porque estaria indo. Porém bastava-lhe estar indo. Que lhe importava para aonde ou por onde ir? Não se destinava a chegar a nenhum específico canto ou ponto. Ia para lugar

nenhum sem pressa e até com pouco interesse de alcançá-lo, à procura de um nada que nem sabia o que era ou se era existente, para um encontro com ninguém que o estivesse esperando, enquanto não precisasse voltar para o lugar de onde veio. Também ele carregava seus segredos e seus inconformismos, mas vestia-se de sua liberdade exatamente como gostava de a ter, agarrando-se a ela como se dela fosse dependente. Ainda que não fosse ao encontro de nada, tudo fazia com que lhe parecesse estar indo para um novo encontro.

VI

Foi numa segunda-feira. em uma dessas descompromissadas andanças pelas tardes de sua cidade aberta que Anjos Couto casualmente encontrou-se com Norberto Magliano, um jovem seu conterrâneo, apenas dois anos mais velho do que ele e que, embora no tempo em que viveram juntos em Cruz das Almas não houvessem sido amigos, eram conhecidos entre si e isso bastou para que ambos demonstrassem notado contentamento ao se reverem depois de anos. A simpatia e a comunicabilidade desse seu conterrâneo ganharam toda a disposição de seu tempo. Foi um feliz momento de reencontro, sendo natural que se perguntassem sobre o que cada um estava fazendo na capital ou quais eram seus projetos futuros. Norberto, que em Cruz das Almas era chamado carinhosamente de *Bertinho*, apressou-se em noticiar-lhe que estava bem empregado em um Banco, o que garantia sua subsistência e lhe permitia continuar frequentando no período noturno um curso de teatro na Escola de Arte Dramática (EAD), mantida por Alfredo Mesquita e então instalada nas salas sombrias do antigo prédio onde atualmente está a Pinacoteca do Estado. Estava no segundo ano de um curso com duração de três.

Anjos Couto animou-se ao saber disso e interessou-se em obter detalhes sobre a EAD, lembrando-se de que, enquanto estudante em Cruz das Almas, Norberto já demonstrava verdadeiro gosto pelo teatro e era dotado de um destacado talento. Tinha participado de uma peça encenada por iniciativa de um professor de Sociologia que estimulava a arte cênica entre seus alunos. O próprio Anjos Couto

também chegara a integrar um grupo de teatro desse professor e iria compor o elenco de uma outra peça, tendo sido tão grande seu entusiasmo em participar da montagem que antecipadamente memorizara por completo todas as suas falas, lastimando-se ao final por não ter ela passado da fase de uma leitura dramática.

Nesse agradável encontro com Norberto Magliano a conversa fluiu animada enquanto o assunto estendia-se sobre teatro. Anjos Couto desfilou perguntas sobre a EAD, como eram os exames de ingresso, quem eram os professores e quais as principais disciplinas ou atividades nela desenvolvidas, recebendo não apenas as informações e orientações devidas sobre tudo isso como também um franco estímulo para que também ele ingressasse nela. Tudo isso antes de saber o que ele fazia na capital. Quando, por sua vez, Anjos Couto lhe contou que depois de ter concluído um curso de formação na Escola de Oficiais da Força Pública tornara-se um aspirante-a-oficial e estava aguardando sua promoção a tenente, pareceu que de repente o entusiasmo da conversa arrefeceu. Despediram-se sem saber como ou quando poderiam se reencontrar.

Em razão desse encontro a tarde desse dia foi se tornando mais leve para Anjos Couto e, quando ele caminhava de volta a seu quartel, passou a sentir a agradável sensação de que trazia em seu íntimo um imaginário personagem bem diferente daquele ao qual vinha sendo obrigatoriamente incorporado. Deu-se conta de que a ele havia sido sinalizada a existência de um novo e atraente caminho, antes por ele não imaginado e nunca antes a ele sugerido, mas que num rompage passava a ser considerado como possível de ser percorrido. Animou-o a ideia de que poderia enveredar, pelo mundo do teatro, do que gostava e com o qual se identificava desde

que assistira, quando estudante secundarista, a peça *Em moeda corrente do país*, de Abílio Pereira de Almeida, encenada numa cidade próxima a Cruz das Almas, com Cacilda Becker e Luís Linhares, e desde que participou de um grupo que tentou a montagem de *O pagador de promessas*, de Dias Gomes, ainda que frustrada tenha sido sua estreia.

Entusiasmou-se com a possibilidade de, no começo do ano seguinte, prestar vestibulares e tentar o ingresso na EAD. Não seria de todo absurdo abdicar, por mais um tempo, da realização de seu propósito inicial de ingresso numa faculdade de Direito ou numa escola de Jornalismo para antes conhecer de perto um curso de teatro já que, a seu pensar, poderia ser algo que o conduziria ao encontro consigo mesmo e quem sabe o aliviasse dos desencontros que vivenciava em seu mundo aquartelado. Ademais, nem precisaria requerer a exoneração imediata das fileiras da Força Pública para poder frequentar esse curso noturno, ainda que pudesse vir a ser forçado a faltar a algumas de suas aulas em decorrência das previsíveis retenções no quartel motivadas por escalas de serviços ou eventuais prontidões. Magliano falara-lhe que mantinha seu emprego no Banco e que frequentava regularmente o curso da EAD e isso também poderia ser feito por ele, prosseguindo na FP para a manutenção de seu soldo e à noite frequentando o curso.

Porém veio-lhe à mente que, caso decidisse por tentar o ingresso na EAD, deveria ter o máximo cuidado para manter isso sob absoluto sigilo porque sabia da existência de grave incompatibilidade entre o que representava a liberdade de expressão típica do mundo do teatro – no qual pode-se pensar alto – e a estreiteza do pensamento dominante nas hostes militares, onde o melhor é refugiar-se no silêncio das opiniões pessoais. Anjos Couto tinha plena consciência de

que sua opção pelo ingresso na EAD, muito embora imediatamente pretendido por acreditar que ele poderia conduzi-lo para o encontro com lugar que melhor o agasalhasse, avizinhava-se incerto quanto ao que lhe poderia render em termos econômicos e arriscado em face de consequências imediatas que poderiam advir pois nele certamente ocorreria a inevitável descoberta de sua condição de militar o que, com certeza, o levaria a sofrer preconceitos de seus pares, dos professores e da própria escola, podendo até vir a ser considerado como um repudiante agente infiltrado. Por outro lado, se decidido a isso inadvertidamente deixando que o comando da Corporação viesse a saber, ainda que depois, de sua condição de aluno de um curso de teatro (*meio então considerado pelos militares como sendo espúrio e altamente subversivo*), inevitavelmente isso provocaria uma suspeição que faria recair sobre ele severas repressões funcionais e até morais por estar inserido entre pessoas cujas atividades, segundo os pensamentos militares predominantes à época, eram consideradas como absolutamente “incompatíveis” com a classe, na acepção mais forte e vulgar desse termo. Certamente contra ele poderiam ser levantadas vozes e haveria reações as mais adversas de radicais e insensíveis que iriam considerar inadmissível que um oficial da Força Pública, em pleno serviço ativo, pudesse imiscuir-se com um pessoal de teatro sabidamente incitante da subversão. Talvez até o forçassem a desvincular-se das fileiras (*o que não seria de todo desastroso*) ou, se nem tanto, registrassem em seu prontuário toda uma série de anotações “reservadas” que se fariam perenes e serviriam para mantê-lo fichado, desqualificando-o de forma a prejudicar o normal prosseguimento de uma eventual (*e até então não pretendida*) carreira militar.

Já com melhor humor, animado pelo encontro que tivera e com a ideia que começava a alimentar e que ganhava

corpo, Anjos Couto retornou a seu quartel bem antes da hora costumeira, a ponto de testemunhar que algumas autoridades entregavam ao oficial-de-dia do Batalhão um novo prisioneiro que ali deveria ser recolhido. Passou pelo corpo da guarda sem cumprimentar nenhum dos soldados ali postados e sem contatar com seu colega aspirante que estava de serviço. Era como se ele não pertencesse àquele grupo, nem fosse ali sua morada, e estivesse tão somente entrando num local público como um passante despercebido que não se preocupa em cumprimentar nenhuma pessoa que com ele cruza ou por ele seja vista.

Enquanto atravessava o pátio para dirigir-se a seu alojamento pôs-se a enumerar um não acabar de pormenores sedutores sobre o que passara a arquitetar: seu ingresso na EAD. Descrescia para si mesmo todo um plano de futuro independentemente de qual poderia vir a ser a decisão nesse sentido. Ao recolher-se a seus aposentos, sentia-se entusiasmado com a recém-nascida ideia de fazer um curso de teatro, porém ainda sem saber ao certo se era isso que decidiria. Imaginou que na EAD poderia ter professores de dicção e de impostação de voz que corrigiriam suas reconhecidas deficiências de articulação no dizer das palavras e retirariam dele a sibilização na pronúncia dos *esses*. Bem ao contrário do que lhe impuseram na Escola de Oficiais, onde e quando era ele obrigado a imobilizar-se enquanto falava porque eram proibidas as expressões corporais (*o que nada mais é do que a imposição de uma direta limitação do poder de comunicação dos subordinados*), quem sabe na EAD aprenderia a expressar-se com todo o seu corpo e sentidos, que é o que faz com que as palavras soem mais críveis e honestas?

Como se estivesse revestido de todas essas mudanças imaginadas chegou com andar seguro em seu quarto na

ala do alojamento dos oficiais. À entrada cruzou com o Dr. Walther, que o cumprimentou sem dele obter resposta, talvez porque nem sequer o tivesse visto.

Tomou de um bloco de papel em seu armário, sentou-se junto à sua pequena mesa e começou a escrever mais uma de suas longas cartas à Irene, uma outra vez pondo nela toda sua liberdade de dizer e de sentir. Embora estando nele, mais por conveniência do que por vocação, abandonou por completo os pensamentos relativos a seu quartel, nem sequer querendo saber de quem se tratava o preso que naquele instante estava sendo conduzido às masmorras subterrâneas. Possivelmente, quando por força de seu próximo serviço-de-dia, tiver que acompanhar a entrega de sua alimentação dentro da cela, irá conhecê-lo de perto e ouvirá dele as mesmas estórias e reclamações comuns a tantos outros com quem já esteve. Nenhum ato criminoso por ele cometido, nenhuma razão plausível para que fosse recolhido preso, nenhuma justiça no ato de seu encarceramento, as restrições e o desrespeito a seus direitos individuais, os pedidos de entrevista com o comandante e tudo o mais. Não era a hora, nem Anjos Couto queria preocupar-se com ninguém quando a única coisa que pretendia era ficar em seu recolhimento íntimo para escrever carta à Irene.

Um facho do sol ainda forte da tarde quente entrava pela janela de seu quarto aquecendo ainda mais o ambiente e estimulando sua inspiração para escrever. Pensou sobre essa sua segunda-feira que estava morrendo e sem se importar ou nem se dar conta de que estaria plagiando o poema *O dia da criação*, de Vinicius de Moraes, escreveu:

*Ontem foi domingo, hoje não é dia. Apenas a certeza de que
as coisas não deixaram de ser.*

*As mãos carregam o mesmo carinho e a presença toma forma
através de um nome e de uma lembrança.*

*Ontem foi domingo, hoje não é dia. Culpa da semana de ape-
nas domingo, dia que existe em função de uma presença, na
semana que existe em função do domingo.*

Ontem foi domingo, hoje não é dia.

*Hoje já não se pode ver quem se ama,
hoje que se torna um dia do passado, o dia não é hoje...*

*(Triste reconhecer que isso é verdade se o momento vai nos
empurrando de encontro à parede e todos os acenos já
foram feitos, todas as mãos já desenharam despedidas, todo
o futuro agora é esperança, porque hoje não é dia).*

Há um retrocesso das vontades, porque ontem foi domingo.

Há um silêncio e uma ausência, porque hoje não é dia.

Há uma incompreensão albeia, porque ontem foi domingo.

Há um esforço em recordar, porque hoje não é dia.

Há uma história e um princípio, porque ontem foi domingo.

Há uma pausa de capítulo, porque hoje não é dia.

Há um amor continuado, porque ontem foi domingo.

Há um solução de criança, porque hoje não é dia.

Há um renascer de esperanças, porque ontem foi domingo.

Há um quarto e um espelho, porque hoje não é dia.

Há um silêncio vermelho, porque ontem foi domingo.

Um relógio marcando o tempo, porque hoje não é dia.

Há a reprise de um momento, porque ontem foi domingo.

Há desatenção aos chamados, porque hoje não é dia.

Há falta de fome e mau olhado, porque ontem foi domingo.

Há uma enorme vontade de não estar, porque hoje não é dia.

Há a esperança da volta, porque ontem foi domingo.

Há uma cadeira de palhinha, porque hoje não é dia,

Há uma voz que não é minha, porque ontem foi domingo.

Há a reprodução de um retrato, porque hoje não é dia.

*Há uma enciclopédia de atos, porque ontem foi domingo.
Há um envelope sem endereço, porque hoje não é dia.
Há um beijo a qualquer preço, porque ontem foi domingo.
Há um cigarro no cinzeiro, porque hoje não é dia.
Há um mundo no aceiro, porque ontem foi domingo.
Há a coragem de luto, porque hoje não é dia.
Há a audácia de um minuto, porque ontem foi domingo.
Há um prisioneiro sem escolta, porque hoje não é dia e
há a esperança da volta porque ontem foi domingo.
Há uma rainha, nem Inês nem Marta, porque hoje não é dia
Há um homem escrevendo carta, porque ontem foi domingo.
Há expectativa de um novo encontro, porque hoje não é dia e
um grande alento de espera, porque ontem foi domingo.*

Ali Anjos Couto permaneceu retraído por um bom tempo até que a noite chegasse e o encontrasse ainda em meio às suas emoções enquanto escrevia. Ao terminá-la, leu e releu sua carta mentalmente dando a cada uma de suas frases soltas o ritmo que a elas pretendia impor e buscando captar delas seu mais profundo e verdadeiro sentido.

Por que não escrevera sobre o encontro com Norberto e a ideia de ingressar na EAD?

SÉTIMO CENÁRIO

*Os jornais de ontem forrando a sala sem susto
e o preto esperando o verde de um novo Garcia Lorca
enquanto um matutino mancheta explosões.
A felicidade comprada a prestações: sem entrada
e sem mais nada.*

*Um aparelho de surdez para o povo,
muito yé-yé-yé, um grande alarido
e os magistrados londrinos ditando de suas tribunas
à moda de um penteado antigo.*

*O latifundiário e a falência da poesia na retina cifrada.
O feijão com louro enganando o feijão,
poemas incompletos em falsa antologia,
mulheres presidentes, Indira, Jacinta, Josefa e Marias
e a bandeira protegida, respeitada, defendida,
americana.*

*O campo sem lírios e sem olhos
para olhar os lírios dos campos.*

*O homem ainda puxado pelo arado
representado menos e mais necessitado,
com um ano de suor e uma semana de festa.*

*O boi recusando o corte e um jacá de caruncho no milho.
Outro aral e sempre a mesma terra.*

I

Era final de ano e no pátio fazia um calor sufocante no qual à aridez juntava-se o sem sentido de alguns policiais militares ociosos que de quando em vez o atravessavam de maneira displicente, sem portar nada nas mãos que justificasse suas andanças desocupadas pelo interior do quartel. Adotavam, sem o saber, a linguagem do meio em que viviam, num estado de impassibilidade, quase que de inconsciência. Caído nesse ambiente o silêncio parecia ser natural embora não o fosse, porque sabidamente imposto pelas autoridades do quartel, enquanto em tudo transparecia que um enfadante marasmo dominava-o e invadia-o por todos os lados. Nas preguiçosas tardes compridas, desenhava-se ali uma placidez a fazer com que os aquartelados recolhessem-se nos casulos de si mesmos para esperar o nada de novo que certamente viria amanhã e para conformar-se com suas indolências.

Acompanhando o pátio interno em suas quatro laterais viam-se os largos e vazios terraços centrais construídos em madeirame e com pisos de granito em tons avermelhados, cuja limpeza ficava aos cuidados de soldados faxineiros que trabalhavam só nisso, sob as ordens severas e diretas do major subcomandante, que os queria ver sempre limpos e reluzentes para dar a “seu” quartel um ar de casa de campo, coisa que nunca conseguira. Chegara a proibir que os coturnos de seus soldados pisassem sobre os granitos avermelhados, que formavam o centro dos corredores, forçando-os a só caminharem pelas laterais onde esses eram cinzas. Quem visse esse pátio e seus terraços assim aquietados em horas de não expediente, num aquartelamento apaziguado e aparentemente

acolhedor, não imaginaria o quão maçante era viver todos os dias do ano em seu interior, algo que para qualquer um não é fácil de se acostumar, desde que não seja adepto à tibieza de espírito. Ser obrigado ao hábito diário de fazer sempre as mesmas coisas, às mesmas horas, do mesmo modo, de forma quase mecânica, era uma rotina enfadonha. Entende-se assim por que razão Anjos Couto fugia dali em todas as suas tardes livres, para caminhar solto pela sua Adamastor, indo encontrar-se consigo mesmo e para escapar de uma apatia que dele queria apoderar-se. Nessas andanças outra coisa não fazia senão pensar em Irene, o coração batendo-lhe com força.

No mês de dezembro ele foi promovido a segundo-tenente e entrou em gozo de seus primeiros trinta dias de férias, viajando em seguida para Cruz das Almas. Pela primeira vez teria um longo tempo para estar e curtir dias de folga em sua cidade natal. Permaneceria lá até o fim da primeira quinzena de janeiro, quando teria que retornar inclusive para a feitura dos exames vestibulares de ingresso na EAD, cuja inscrição antecipara antes de viajar, sem contar a ninguém. Mesmo sem possuir nenhuma razão específica, ocultou também da própria Irene o fato dessa inscrição, temendo receber dela uma franca discordância pela opção que fizera. Estava convicto de que, se antes ela viesse a ser consultada penderia favoravelmente à sua inscrição para os vestibulares da faculdade de Direito, que sempre foi seu sonho primeiro, do qual por enquanto abdicara, e não para o que, por certo, consideraria como sendo uma aventura no mundo do teatro. Contudo, para ele sua decisão não chegara a ser dificultosa e viera sem vacilos, de maneira conscientemente assumida, como se houvesse sido prévia e demoradamente planejada em todos seus detalhes e tivesse ocorrido como o produto natural de muita querença e inabalável certeza, ainda que repentina. Anjos

Couto augurava que, mais do que o curso de Direito ou o de Jornalismo, o de Teatro pudesse estar para ele como a arte através da qual lograsse observar o mundo com maior atenção, percebê-lo mais a fundo, contemplá-lo melhor e não da forma superficial como um distante e desatento expectador o olha, mas com intensidade envolvente, meditativa, inquiridora, a fim de descobrir seu mais profundo e verdadeiro significado. Nenhuma mensagem subliminar surgira ou provera de seu íntimo a ponto de levá-lo à indecisão, a um recuo de sua ideia ou a intuir que devesse “não ir por ali”. Essa questão veio a ser rapidamente resolvida em sua mente, de modo definitivo, de sorte que após o encontro com Norberto Magliano decidira por si só: “vou por aqui”.

Irene acabara de concluir o curso Normal nesse final de ano e desde então começara a pensar em também deixar Cruz das Almas e ir-se embora para a capital para ficar ao lado de Anjos Couto. Nada mais havia que a retivesse ali, e em suas fantasias poderia até pensar em morar debaixo de uma ponte se necessário fosse para ficar com ele. Longe de considerar isso um absurdo, era então o que lhe importava. Em qualquer lugar, desde que venha a estar com Anjos Couto. Poderiam casar-se ainda no primeiro semestre, sua família aprovaria essa união, para que pudessem voar pelos livres céus da Adamastor. Alugariam um pequeno apartamento para ficarem juntinhos e passariam a imaginar que estariam vivendo felizes na romântica *casinha de uma porta só*, que na fantasia de ambos era considerada existente na lua. Para ela isso era tudo o que queria que acontecesse. Preparava-se para falar com ele sobre isso, não exatamente sobre casamento, mas sobre mudar-se para a capital e em sua imaginação romântica fitava continuamente o rosto de Anjos Couto muda de admiração.

De sua parte, Anjos Couto deixava-se ficar solto em sua liberdade original, curtida em Cruz das Almas e nos braços de sua menina de sorriso feliz. Imaginava que certamente o próximo ano irá ser diferente e que em seu retorno estará submetendo-se aos testes para o ingresso na EAD e possivelmente iniciando a frequência de um curso de teatro. Será um novo momento em sua vida, embora, em princípio, deva continuar vivendo aquartelado. Não falava sobre isso com Irene e no encanto dos momentos em que estavam juntos não pensava no amanhã. Ambos viviam apenas o agora em toda a sua intensidade e então era só isso o que lhes importava. Para eles não existia o amanhã até que esse se torne num hoje e venha a ser recebido com a mesma alegria de ontem. São jovens que se entregam a uma felicidade de serem livres para curtirem seus dias por inteiro sem que nenhum compromisso os condicione e sem terem a necessidade de se explicar perante a vida. Era só viver e isso era bom. De mãos dadas e com um amor intenso soltavam-se pelos românticos cantos e recantos de sua pequena Cruz das Almas revisitando seus lagos aquietados, caminhando livres por suas avenidas arborizadas, encantando-se com os remansos do rio Itaguaí e rememorando juntos as muitas estórias vividas ali.

Contudo, pela primeira vez havia entre eles alguma coisa que buscavam ocultar um do outro, ou pelo menos que devesse ser adiado seu conhecimento na espera de um momento mais adequado. Anjos Couto esquivava-se de contar que não efetuara sua inscrição para os vestibulares da faculdade de Direito e que optara por tentar um curso de teatro. Não a consultara antes porque receou receber dela uma reprovação que o forçasse a recuar de seu propósito. Temia que uma reprovação agora pudesse provocar a perda total desse seu próximo ano. De sua parte, Irene reservava-se

de lhe falar diretamente sobre seu desejo de mudar-se para a capital para viver com ele. Também temia que isso viesse a ser recebido como uma imposição e não simplesmente como uma ideia ou vontade sua. Até então não tinham falado em casamento ou em morarem juntos porque antes Irene tinha que completar o ensino médio. Ela não acreditava que pudesse receber de Anjos Couto uma negativa direta, mas tinha dúvidas quanto à conveniência de tratar desse assunto nesse momento. Melhor deixar correrem os dias porque o tempo é que dirá qual o momento certo de as coisas acontecerem. Melhor aguardar os últimos dias de suas férias, quem sabe pedindo para embarcar junto com ele como se um pedido assim fosse de brincadeira.

II

Quando de seu retorno à capital, Anjos Couto surpreendeu-se ao saber que havia sido transferido do Batalhão de Guardas para a Companhia de Guardas do Palácio do Governo, ainda sediada no Palácio dos Campos Elíseos. Nesse final de ano fora o único oficial do Batalhão a sofrer transferência, sem que lhe fosse dado saber por quais razões ela se dera. Não a pedira nem provocara nenhum atrito com o subcomandante que pudesse justificar ou explicar essa sua disponibilização, embora devesse reconhecer que, enquanto aspirante, tivera um comportamento ostensivamente contrário a alguns dos atos administrativos do major subcomandante, que certamente teria lhe causado incômodos porque ele não gostava nem um pouco de se ver contestado, ainda que de forma regulamentar e respeitosa. Anjos Couto não se eximia de encaminhar documentos que questionavam a validade ou o acerto de algumas medidas adotadas pelo major, contestando-as à vista do Regulamento Geral de Administração (RGA), todos eles acolhidos porque procedentes, porém não sem o desagrado de quem tinha que adotar medidas corretivas provocadas por um reles aspirante.

Em 6 de junho houvera participado da formatura de seu Batalhão de Guardas, junto à Assembleia Legislativa, quando foram prestadas as primeiras honras militares ao novo governador que veio a substituir o então governador Adhemar de Barros, cassado pelo governo militar brasileiro. Agora, transferido para a Companhia de Guarda, sediada no antigo Palácio dos Campos Elíseos, ele passaria a servir bem próximo a esse novo governador. Mudou-se para um

apostento dentro do Palácio e passou a viver em um novo ambiente de trabalho, completamente diferente, contatando diariamente com autoridades governamentais e convivendo com civis numa comunicação aberta e receptiva que lhe ofertava dias agradáveis. Julgava-se um privilegiado em suas novas funções, a ponto de esquecer-se de que pensara em deixar as fileiras da Força. Entre outras benesses recebia ali uma alimentação de melhor qualidade. Como comandante da Guarda formada, abateu sua espada e prestou continência individual ao General Castelo Branco, o primeiro dos Presidentes da era revolucionária, quando da primeira visita oficial desse governante ao Estado. Não conseguiu deixar de fazer uma comparação entre a atarracada figura desse General sem pescoço, com a imponente figura do General Charles de Gaulle, a quem também prestara honras militares, então como cadete, quando da primeira vinda ao Brasil desse então presidente francês. Permaneceria nos Campos Elíseos até o próximo governo, quando se mudaria para o Palácio dos Bandeirantes.

Nesse princípio de ano Anjos Couto sentia-se bem melhor com a mudança de seu local de trabalho e por estar envolvido num ambiente civil. Estava bem à vontade para enfrentar os testes aos quais se submeteria na EAD, lembrando que quando de sua inscrição, em dezembro, entregara seu currículo, aditado com informações sobre quais peças teatrais houvera assistido e quais livros tinham sido lidos recentemente. Selecionara um trecho do clássico *Navios Negreiros* de Castro Alves que viria a ser livremente interpretado por ele perante a banca examinadora e entregara cópias de outros três poemas à sua livre escolha – um trecho de *Ode aos Bahianos*, de José Bonifácio de Andrade e Silva, o *Soneto do amigo*, de Vinícius de Moraes, e um trecho do poema

regionalista *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto – para que um deles pudesse ser selecionado pela banca para sua interpretação no exato momento de sua submissão aos testes seletivos. Esses incluíam, ainda, a obrigação de se expressar ou de demonstrar seus pensamentos por meio de mímica: da linguagem corporal através dos movimentos, posturas ou gestos sobre um tema a lhe ser ditado na hora.

Num pequenino teatro montado em uma das salas do antigo prédio onde funcionava a EAD, com não mais que 32 lugares e um diminuto palco, Anjos Couto apresentou-se para os testes à frente de uma banca composta por três examinadores. O pequeno público presente era formado pelos próprios candidatos a uma das vagas para o novo curso de ator, além de alguns alunos veteranos da escola. Ele não estava tenso nem nervoso, sentindo-se bem à vontade, sem nenhum receio ou constrangimento, como se aquele fosse seu lugar e ele devesse estar ali.

Assistiu a apresentação de alguns candidatos que o antecederam, animou-se com o que deveria fazer, sabendo como o faria, excetuada a encenação mímica que seria surpresa, e quando chamado postou-se de pé no centro do palco e, à frente da banca, aguardou receber dela a ordem para começar, primeiramente com a declamação do poema que escolhera desde o ato de sua inscrição: um trecho de *Navios Negreiros*. Anjos Couto concentrou-se. Deixou cair seus braços e ombros, baixou a cabeça olhando para o tablado e iniciou com voz pausada e baixa o dizer dos primeiros versos de Castro Alves – *“Auriverde pendão de minha pátria que a brisa do Brasil beija e balança”* – como quem estivesse recitando uma sentida oração que num crescendo fazia-se elevada em seus tons e ganhava velocidade à medida em que também seu corpo se elevava lentamente até que viesse a encerrar com

um incisivo brado ordenando que os heróis do novo mundo se levantassem: “*Andrada! Arranca esse pendão dos ares! Colombo! Fecha a porta dos teus mares!*”. Naquele pequeno ambiente fez-se um profundo silêncio assim que ele terminou. Notou-se uma rápida troca de olhares entre os componentes da banca sem que nenhum comentário fosse emitido.

Anjos Couto recolheu-se satisfeito, acreditando que se saíra bem nessa sua primeira interpretação e aguardou pela segunda etapa de seus testes, torcendo para que a banca optasse por lhe ordenar o dizer do trecho de *Morte e Vida Severina*, o que não se deu. Escolheram o insípido texto de *Ode aos Babianos*, de José Bonifácio de Andrade e Silva, que ao final vociferava que para ele “*o Brasil não é mais pátria, pois faltou a justiça*”. Ao terminá-lo não se sentiu tão bem como quando do primeiro. Faltou-lhe uma emoção maior que o texto não lhe oportunizara. Nenhuma reação entre os membros da banca, quase que uma fria indiferença. Culpou-se a si mesmo por ter sido ele próprio quem selecionara esse poema. Poderia ter sido outro que contivesse um texto com maior motivação e lhe provocasse maior emoção ao ser dito.

Restava-lhe por final o exercício de mímica e esse iria surpreendê-lo. Podendo utilizar-se apenas de uma simples cadeira colocada no meio do palco, foi lhe determinado que simulasse estar ocupando seu lugar num embarque em avião para seu voo. Nunca entrara antes num avião, nem conhecia de perto seu interior a não ser através de algumas cenas de filmes que assistira. Com calma caminhou dois ou três passos em direção à cadeira, olhando acima como quem estivesse procurando o número de seu assento e ao chegar a ele simulou estar acomodando uma hipotética maleta de mão no bagageiro superior. Sentou-se na cadeira e só se ateu em afivelar seu imaginário cinto de segurança depois de também

simular ter sido observado sobre isso por uma aeromoça que dele teria se aproximado. Aquietou-se ali mantendo um olhar curioso a tudo e a todos a seu redor e continuando a encenar uma ansiedade típica de viajante de primeira jornada até que lhe fosse ordenado parar. Julgou ter se saído de forma pelo menos regular nesse teste, embora nada e ninguém tivesse sinalizado quanto a seu resultado, nem ele próprio tivesse se convencido de que o fizera bem. Retomou seu lugar na plateia e assistiu aos testes dos demais candidatos até que ao final, e nessa mesma noite fossem proclamados os resultados.

Dos 35 candidatos inscritos apenas 14 foram aprovados e acolhidos pela EAD para formarem a nova turma de seu primeiro ano. O curso começaria uma semana depois desses exames de seleção e entre os novos alunos estava Anjos Couto que, naquele mesmo dia ganhou os cumprimentos de Norberto Magliano, que estava presente. Outros nomes passaram a compor a turma os quais viriam a se destacar ao longo do curso e em poucos anos se tornariam grandes estrelas brilhando nos palcos de teatros, nas telas da televisão e no cinema. Vários alunos dessa turma viriam compor em 1969 o elenco do musical *Hair* numa produção de Altair Lima.

Por seu conteúdo programático, o curso na EAD estimulava a dedicação de Anjos Couto e ele entregou-se de corpo e alma a tudo que dela provinha. Dos exercícios para a obtenção de uma correta postura corporal, da respiração abdominal e para a perfeita colocação da voz, às aulas de interpretação e de expressão facial, até os interessantíssimos estudos da história do teatro grego da antiguidade, abordadas as tragédias de Sófocles, Ésquilo e Eurípidés nas quais os heróis lutavam contra um fator transcendental que controla o fluxo dos acontecimentos e que ao final acabam vendo-se sacrificados pelos excessos de suas próprias virtudes. Tudo

isso o cativava e o ligava cada vez mais a essa escola. Como recomendado, fazia prolongadas leituras em voz alta das tramas medievais contidas no livro *O bobo*, romance histórico de Alexandre Herculano, para tanto e não por raras vezes isolando-se no terceiro andar de uma ala ainda em fase de acabamento do Palácio dos Bandeirantes, para onde se mudara em fevereiro no começo do novo governo. Descobrira ali um lugar onde podia estar sozinho e com liberdade para fazer seus exercícios vocais sem ser surpreendido ou incomodado por ninguém. Continuava em suas funções de oficial da Companhia de Guarda, porém priorizando seu curso de teatro.

III

Irene continuava a escrever cartas diárias e nelas passou a ser incluído um constante reclamo por não estar ao lado de Anjos Couto em algum lugar do amanhã, ou trazia uma insinuação de que deveriam ficar juntos no agora pois ela havia completado o curso médio e poderia deixar Cruz das Almas. Fosse onde fosse, era o que mais queria. Soltava sua imaginação e disfarçava-se para dizer que gostaria de morar juntos num ou noutro lugar imaginário desde que estivesse com Anjos Couto. Até no Havaí, quem sabe? Escreveu que lá ou onde quer que seja terá a imensidão de céu e do mar só para eles, vivendo felizes numa casa coberta de folhas de palmeiras que fariam um barulho gostoso quando em noites de chuva. Anjos Couto encantava-se com suas bem articuladas narrativas e por vezes relia alguns trechos de suas cartas por mais de uma vez.

Você aprenderia a apanhar cocos, tecer redes e pescar e eu saberia esperá-lo no quebra-mar quando o sol, preparando-se para dormir, trouxesse você de volta. Poderíamos ter filhos que ninguém se importaria se o tivéssemos ou não e deixaríamos para eles nossa felicidade como herança duradoura, nossa essência, nossas raízes e nossas asas para que com elas eles pudessem voar. A poesia seria simples e nunca teria o tom triste dos favelados porque no Havaí não existem favelas.

Em cada nova carta de Irene chegava um novo e indireto pedido de quem queria deixar Cruz das Almas para entregar-se aos braços do namorado na cidade grande, desejosa de iniciar uma vida a dois como se devesse ser para sempre. Eram pedidos indiretos, que vinham envoltos numa inspirada fantasia de quem bem sabia disfarçá-los, ora embrulhando-os com expressões de lamentos, ora revestindo-os com uma melancólica melodia ou um canto triste de quem procura aconchego. Anjos Couto conseguia identificá-los e os recepcionava sabendo interpretá-los, embora, a princípio, optasse por não respondê-los de forma direta ou objetiva. No íntimo pensava como seria bom ficarem juntos todos os dias e viver para sempre com Irene em sua Adamastor, porém ainda não se sentia capaz de enfrentar essa ideia de frente. Sua incerteza não era sobre o que queria, mas como conseguiria fazê-lo.

A vinda de Irene para a capital faria com que tudo em sua vida tivesse que passar por profunda alteração e isso representaria uma completa transformação de sua atual forma de viver o dia-a-dia e uma acentuada modificação em seu cotidiano, porque teria que deixar de frequentar o curso noturno na EAD que mal começara, teria que deixar de morar no Palácio dos Bandeirantes onde tinha aposentos privativos, teria que alugar um apartamento para começar seus novos tempos, felizes por estarem juntos, mas incertos porque para esses tempos não tinha sido antecipado nenhum necessário planejamento. Teriam que se casar antes porque a família de Irene jamais permitiria sua vinda como uma fugitiva que simplesmente viesse para morar com ele. Julgava não ser esse o momento adequado para o casamento e a construção de uma vida a dois. Seus pensamentos o deixavam confuso porque diversos e conflitantes. O começo de uma nova vida certamente virá a ser o final de muitos dos planos

futuros que por ele vinham sendo lentamente arquitetados, como sua saída das fileiras militares, a busca e o encontro de um novo emprego que venha a sustentá-lo permitindo que continue com o curso de teatro. Não tinha dúvidas de que com o casamento esse curso teria que ser abandonado. Irene não ficaria sozinha durante a noite e teria razão em reclamar sua companhia.

Nesse princípio de ano Anjos Couto vinha se sentindo como se estivesse vivendo seus melhores momentos em face de tudo o que estava acontecendo. Alcançara um encontro consigo mesmo em sua liberdade de ser, ainda que não de forma definitiva. Curtia a agradável sensação de que finalmente podia se dizer independente e completo dentro de sua Adamastor, como sempre quisera ser e estar. Seu atual local de trabalho agradava-lhe por ser bem diferente da rudeza de um quartel e poderia prosseguir mantendo um rígido controle de seus ganhos e gastos o que até então, em apenas um ano, já lhe permitira acumular uma boa poupança. Era sua preparação para que um dia pudesse libertar-se das hostes de um quartel quando essas se fizerem insuportáveis. Não exatamente enquanto estivesse servindo na Companhia de Guarda do Palácio do Governo. Mas um certo dia ou outro, quem sabe?

No começo de fevereiro, Anjos Couto retornou a Cruz das Almas e o reencontro com Irene rapidamente trouxe para a conversa o sério tema de sua mudança para a capital, ainda que não falasse, nem ela nem ele, diretamente sobre futuro casamento. Irene parecia ter pressa em tratar desse assunto como se não mais pudesse nem devesse adiá-lo. Não suportaria permanecer mais um ano inteiro consolando-se tão só com as quinzenais visitas de Anjos Couto, quando não mais existia nenhum razoável motivo para que ela permanecesse

sozinha em Cruz das Almas. Concluíra seu curso médio e estava livre para mudar-se para a capital e ficar ao lado de Anjos Couto em todos os seus minutos. Quem sabe poderia até matricular-se numa faculdade se isso viesse a se tornar possível. Teria que tratar dessa questão sem nenhum receio, reticências, subterfúgios ou esquivas, ainda que o diálogo viesse a fazer-se arrastado pelo seu próprio peso e significância. Não bastavam as insinuações que fizera constar em suas mais recentes cartas, dando a entender, sem o exprimir, que era chegado o momento de uma decisão sobre sua vida e a busca imediata de um novo tempo: ficarem juntos como se devesse ser para sempre. O namoro ultrapassara três anos e acumulara centenas de cartas com quase meio milhão de palavras. Tudo entre eles já houvera sido dito e plenamente compreendido, até mesmo através dos muitos intervalos de silêncio que por vezes os recolhiam e faziam-se mais eloquentes do que com o melhor de seus argumentos. Não só trocavam ideias: muito mais do que isso, Irene e Anjos Couto eram capazes de compartilhar seus próprios pensamentos, tão um só haviam-se tornado.

Esse reencontro tinha algo de muito sério e novo a ser resolvido e, por mais que programassem como ele deveria se dar, nem um nem outro sabia bem como começar o diálogo e como encerrar o assunto. Irene estava inquieta e angustiada. O romantismo inconsequente, que antes os embalava e os levava a fazer imaginários sobrevoos dentro de um mundo de fantasias, agora dava lugar à seriedade de uma questão que os tomava como adultos e os obrigava a enfrentar a crua realidade em que estavam. Não eram mais crianças brincando descuidadas em quintais alheios. Irene estava decidida e insistia com uma ponta de egoísmo embora sem perder a afabilidade.

– Tuta, deixa eu ir embora junto com você. Eu não aguento mais ficar sozinha porque eu não tenho mais nada que fazer aqui. Você terminou seu curso e foi se embora me deixando sozinha, agora é minha vez de ir e nós dois podemos ficar juntos. Não é isso que você também quer? Me leve com você, vai?

– Irene, você sabe que eu também quero ficar com você para sempre, mas isso não é uma coisa que a gente resolve assim de uma hora para outra. Acho que você tem razão em querer e falar sobre isso, mas também acho que nós devemos pensar bastante nisso, nós dois temos que considerar uma série de coisas antes de tomar qualquer decisão sobre ir ou não ir embora. É preciso encontrar um meio, a forma e o momento mais adequado para se fazer isso. Você não acha? Se você tiver que sair daqui e ir-se embora comigo, nós vamos sair juntos, de cabeça erguida sem que você esteja abandonando sua família e sem que eu esteja cometendo qualquer ato que a magoe. Nem eu nem você precisamos fugir de ninguém. Sua família está do nosso lado. Vamos pensar nisso?

– Eu não estou pensando na minha família, estou pensando em mim... Em nós dois. Rebateu Irene.

– Eu entendo, mas não é assim que se deve pensar. Temos que preparar muita coisa antes de você sair daqui. Vamos falar com sua família?

– Falar o quê? Eu sou maior de idade e posso fazer o que eu quero do jeito que eu quiser. Eu não dependo da aprovação de minha família.

– Mas você não precisa enfrentar sua família e, além do mais, se você for comigo você vai depender de mim e para isso eu tenho que me preparar e arrumar um monte de coisas. Nós vamos morar aonde? Temos que dar um tempo para acertar isso antes. Inclusive com o apoio de sua família.

Você não vai fugir de ninguém para ficar comigo. Ninguém tem que sair daqui escondido, insistia Anjos Couto com uma franqueza espantosa e como se quisesse convencê-la absolutamente de todas suas palavras.

– Então como é que eu vou sair?

– Ué, se a gente vai viver juntos devemos nos casar antes. Aí tudo estará acertado. Sem conflito e sem fuga. Não é a maneira mais correta? – exclamou Anjos Couto adocicando um pouco a voz.

Ao ouvir que deveriam se casar Irene deixou-se tomar de uma perplexidade que a emudeceu. Aproximou-se mais de Anjos Couto e demorou-se enquanto o fitava no fundo de seus olhos, como se só então tivesse se dado conta de que ele estava bem próximo a seu rosto. Pela primeira vez a referência a casamento chegava entre eles e num relance trouxe para Irene uma magia surpreendente, que a transportou para um mundo bem diferente e distante daquele em que ela discutia sua saída de Cruz das Almas. Aninhou-se carinhosamente junto ao peito de Anjos Couto e entregou-se a um duradouro e aconchegante silêncio como se com isso estivesse dando a mais efusiva resposta de um sim. Nenhuma outra palavra precisava ser dita. Alcançara o lugar que vinha buscando para se acomodar e passou a antever um tempo em que sempre ansiou viver. Não havia mais dúvidas, nenhuma pergunta a ser formulada, nenhuma resposta a ser aguardada. Não havia mais nenhum pedido a ser feito porque esse era o momento em que tudo parecia estar sendo enfim realizado, quando estavam sendo transpostas todas as fronteiras dos muitos sonhos por ela dantes acalentados. Alçava-se a uma radiante realidade que se fazia mais bonita do que imaginários sobrevoos pela avenida cujas calçadas sempre se mostraram forradas de florezinhas amarelas. Num repente, acontecia o

encontro com tudo o que Irene esperava acontecer, trazendo-lhe o conforto que de há muito vinha sendo reclamado. Deixará Cruz das Almas nos braços de Anjos Couto e seus caminhos serão de uma verdade palpável recheada de paixão.

No final desse dia Irene e Anjos Couto reuniram-se com a avó e com duas de suas tias e noticiaram a intenção de se casarem ainda nesse primeiro semestre e que Irene iria morar com ele na capital. Não era um anúncio de noivado, era o direto anúncio de um casamento que deveria ser celebrado na igreja principal de Cruz das Almas. Na sala pousou um contentamento festivo, com todos confraternizando-se e dispondo-se a fazer de tudo o que fosse necessário para ajudar. Acertou-se, previamente, que o casamento deveria ser realizado no mês de maio desse mesmo ano, ficando os avós e as tias como os responsáveis pela adoção das providências necessárias para tanto: a publicação do edital, a marcação da data na igreja, a confecção e a distribuição dos convites e a recepção a ser oferecida aos convidados.

Dessa vez Anjos Couto retornou à capital, mas não mais deixando uma Irene lamuriante por ficar sozinha em Cruz das Almas já que com ela também ficava a certeza de que logo, logo, estaria partindo com ele. Definitivamente.

IV

Desde que fora transferido do Batalhão de Guardas para os Campos Elíseos, as longas e demoradas caminhadas solitárias que Anjos Couto fazia pela cidade durante suas tardes livres, sempre à procura de momentos e recantos de liberdade para alcançar encontros consigo mesmo, tornaram-se raras – e a partir de sua mudança para o longínquo bairro do Morumbi, quando passou a ocupar aposentos no recém inaugurado Palácio dos Bandeirantes, depois deixaram totalmente de existir. Mesmo distante e com dificuldades para os deslocamentos não chegou a suspender a frequência às aulas noturnas da EAD, porque até então essa era considerada por ele uma coisa muito importante. Contudo, nesse seu último retorno de Cruz das Almas, com o assumido compromisso de casar-se no próximo mês de maio, vieram com ele preocupações que alteraram por completo sua rotina e o forçaram a reprogramar sua vida. Primeiro, não mais deveria ou poderia continuar servindo na Companhia de Guarda do Palácio, embora nessa tivesse encontrado e então vivesse em seu melhor ambiente.

A distância de tudo era um fator da maior inconveniência. Teria que cuidar de obter permuta com algum outro oficial para transferir-se para uma nova Unidade, de preferência retornando ao quadrilátero da Luz, onde tornaria a ficar próximo ao centro e à EAD, ainda que tivesse que voltar à enfadante mesmice de um quartel. Não seria difícil encontrar um interessado nessa permuta, vez que servir no Palácio do Governo representava ter alguns privilégios e até algumas vantagens financeiras, que despertavam grande entusiasmo

nos jovens tenentes. Mesmo assim, isso só veio a ocorrer no final do mês de abril, quase às vésperas de seu casamento com Irene. Só então é que ele se viu transferido para uma Unidade de serviço de trânsito, sediada no grande quartel da avenida Tiradentes, depois de solicitada e obtida a oficial permissão para contrair matrimônio.

Um tanto quanto abatido, Anjos Couto recolhia-se sob a incômoda sensação de que sua volta a um quartel representava retrocesso numa caminhada que até então era pretendida como se devesse ser de forma resoluta, sem voltas, sem hesitação ou vacilos. Incomodava-o a ideia de que estava recuando ou desistindo quando o que ansiava era prosseguir com total domínio sobre seus passos, impulsionado pela sua própria vontade. Não se habituara a retroceder ou a desistir. Tinha a intenção de continuar a ser constante, perseverante, com propósitos firmes, de seguir sempre em frente sem se deixar vencer ou entregar-se a retrocessos. Porém sua volta a um dos batalhões do quadrilátero da Luz a ele se impôs como uma necessidade, sem deixar de ser algo que significava um movimento de regresso, uma ação de retorno no tempo, uma volta a lugar que ficara atrás e isso não lhe era nada apazível, independentemente das novas funções que ali iria exercer. Anjos Couto teve que se submeter a essa necessidade e logo saiu à procura de um imóvel que preferencialmente se situasse na zona norte de sua Adamastor, o mais próximo possível de seu novo local de trabalho.

Encontrado um minúsculo apartamento de um só quarto, finalizou contrato de locação por dois anos, para o que contou com a ajuda de uma senhora que se tornara sua amiga no Palácio e que se dispusera a nele figurar como fiadora. Tudo teria que estar preparado para receber Irene apesar de que, mesmo após o casamento e até mesmo quando

do retorno da viagem de núpcias que fizeram a Campos do Jordão, esse apartamento ainda não tivesse sido dotado de nenhum móvel. Nem uma cama, nem nada. Quando da volta da lua de mel, a primeira noite que Irene e Anjos Couto dormiram ali foi sobre um simples colchão posto no chão da sala, comprado poucas horas antes numa loja das redondezas, sem lençol, sem travesseiros nem cobertor, como se nada mais fosse necessário para aquecer a felicidade de ambos. E no mês de maio desse ano fazia um frio congelante.

Entre olhares curiosos e imaginativos, Irene caminhou pelo pequeno apartamento explorando todos os cantos de seu vazio num silencioso reconhecimento de que o recebia como sendo seu e desde logo pensando como poderia decorar para torná-lo acolhedor. De Anjos Couto emanava uma atmosfera de permanente alegria, a despeito de recolher-se um pouco acanhado como se tivesse incidido numa falta. Irene não lhe cobrava nada. Na verdade, em suas vidas não havia nenhum vazio ou frio, eis que se completavam por si sós e tinham um ao outro como se isso fosse tudo de que necessitavam. Bastavam-se a si mesmos.

O enxoval e seus presentes haviam sido despachados em Cruz das Almas pelo avô de Irene e só viriam a ser recebidos dias depois. Enquanto isso, saíram às compras para adquirir um modesto dormitório, cama de casal com criados articulados e guarda-roupa de três portas, um barato conjunto de sofás forrado de napa, um fogão a gás de quatro bocas, uma geladeira simples, um pequeno tapete e uma mesinha de centro para a sala, além de mandarem instalar rústicas cortinas de juta em duas janelas. Foi tudo o que Anjos Couto pôde fazer com as economias que até então vinha mantendo. A humildade do ambiente que passaria a ser o novo lar do jovem casal era tão grande quanto a solta felicidade que

sentiam por estarem finalmente juntos num cantinho que, a partir de então, podia ser dito como sendo só deles. De que mais carece um casal de jovens apaixonados quando se veem livres para se amarem?

Anjos Couto não tinha mais férias que pudessem ser requeridas e isso limitou sua folga para o casamento e para a viagem de núpcias aos oito dias de gala que lhe foram concedidos. Embarcara numa sexta feira com destino a Cruz das Almas e na tardezinha do dia seguinte lá estava ele em pé junto ao altar principal da igreja matriz de Cruz das Almas, envergando um elegante uniforme azul, alamares dourados, usando luvas brancas, duas medalhas pendentes no peito, com sua espada adamacada e sobraçando um quepe branco à espera da chegada de Irene. A igreja estava inteiramente tomada pelos convidados e ele reconhecia cada um deles enquanto passeava seu olhar pelo interior da nave. Nas primeiras fileiras, bem à sua frente, estavam a avó, a mãe, os tios e tias de Irene, seus pais Coutinho e Ordália, suas irmãs, cunhados e seu irmão Tónico. Foram principalmente essas presenças o que retirou dele a sensação que tivera ao sair da casa de seus pais e ao entrar na igreja: a de que estaria simplesmente cumprindo uma representação da Escola trajando seu uniforme de gala e de que não seria ele um personagem principal na cerimônia. Passara o dia todo na casa de seus pais e sua descontração não lembrava nem um pouco que esse era o dia de seu casamento. Para ele era apenas um dia diferente, com ares de festa e presenças de familiares e amigos que o tornavam especial, porém sem reconhecer que era em torno dele que todos se reuniam. Depois do almoço entregou-se ao sono profundo dos descompromissados e só acordou quando chamado para se aprontar, pouco antes do horário em que deveria estar na igreja.

Não se apressava nem se mostrava ansioso. Era como se toda aquela reunião em família, encontros, cumprimentos e os muitos preparativos para a cerimônia não dissessem respeito diretamente a ele. Sua tranquilidade não combinava nem um pouco com o fato de ser ele o noivo e estar nas horas anteriores a seu casamento. Para ele, era como se tivesse vindo especialmente para buscar Irene, tomá-la para sempre e levá-la para seu mundo íntimo, como pretendido. A cerimônia em si e tudo o mais que a cercava eram considerados como detalhes, aos quais não dava importância e tão pouco se importou com eles, que acabou por esquecer de levar as alianças que só lhe foram entregues, discretamente, quando já em meio à cerimônia. Sua calma quase que o levava a se avizinhar de uma indiferença ou de um alheamento ao que ocorria à sua volta.

Pensava em Irene, não nos detalhes do casamento, tanto que durante a cerimônia comportou-se como se estivesse cumprindo formalidades de um protocolo pré-estabelecido, assim como o fizera em tantas ocasiões em que, trajando esse mesmo uniforme especial, participara de eventos solenes representando a Escola na capital. Agora ele representava a si mesmo, daí sua descontração, e queria que tudo terminasse o mais rapidamente possível para se ver livre e poder voar com Irene para a amplidão de seus novos dias, sem etiquetas ou regras comportamentais pautadas em normas socialmente aceitas. Essa era a única consciência que ele tinha sobre tudo o que ocorria e a certeza de que era isso o que se daria ao término da cerimônia. Ir-se embora com Irene, sem necessidade de palavras para se comunicarem. Amariam o silêncio em seu refúgio íntimo como se nada precisasse ser dito ou de nada mais necessitassem para viver, devendo ser eles próprios os árbitros de seus destinos. Apaixonara-se por Irene desde o

primeiro encontro e agora aguardava por ela não para um simples passeio de mãos dadas pelas ruas quietas de sua Cruz das Almas, mas sim para a grande e interminável aventura de uma vida inteira. Disso ele tinha plena consciência. Amava-a tão loucamente que esquecia de si mesmo, numa paixão que o lançava ao abismo do amanhã sem permitir que antes pensasse sobre o que disso poderia advir. Queria porque queria ficar com Irene para sempre.

Ladeado pelos dois casais seus padrinhos, Anjos Couto lançou um olhar de espera pelo corredor central da igreja por onde Irene deveria aparecer para unir-se a ele. Quando ela adentrou surgindo de braços dados com seu avô, ele sequer conseguiu ouvir os solos de um violino tocado ao fundo do altar pelo pai que não a criou. Momento mágico inesquecível, com ela toda vestida de branco a sugerir estar envolta numa aura de pensamentos bons quando, de longe, ela o avistou junto ao altar. Vestia-se também com seu encantado sorriso de menina feliz irradiando alegria, enquanto caminhava lentamente em sua direção. Anjos Couto a fitou profunda e apaixonadamente e, durante o tempo em que aguardava sua aproximação, deixou-se escapar mentalmente da igreja para uma vez mais voar de mãos dadas com ela sobre a avenida com calçadas forradas de florezinhas amarelas e pelos românticos cantos e recantos de sua Cruz das Almas. Irene estava visivelmente emocionada quando se posicionou a seu lado. Olhava-o com profundo afeto e admiração enquanto o padre José Maria, um seu descontraído amigo dos bons tempos de estudante, falava da importância do casamento construído com base no amor. Enfim estavam selando um belo romance que durante três anos teve todos seus momentos gravados nas centenas de cartas que trocaram entre si. Estavam juntos e dessa vez seria para sempre. Quando da

troca das alianças, puderam entregar-se à fantasia que sempre os inspirou em seus momentos mais românticos, fazendo vir à mente a ideia comum de que a partir de então estariam mudando-se para morar na *casinha de uma porta só*, aquele lugar imaginário onde há um regato cantor, um gatinho que mia o nome e um cachorrinho que por todo o tempo segue um menino e uma menina apaixonados, como se não sentisse fome nem necessitasse de outra coisa a não ser da proximidade com seus donos.

Anjos Couto e Irene disseram sim à vida a dois.

OITAVO CENÁRIO

*Não quero a bandeira dos campos minados,
das falsas estrelas nas noites de frio.
Não quero o brinquedo das armas de guerra,
das trincheiras cavadas no campo vazio.
Eu quero o voo das aves,
o banho de mar,
só quero a certeza de que a natureza vencerá.
Não quero a vitória em combate absurdo
com areia no sangue e óleo nas mãos.
Não quero esta noite vazada de raios
com voo de máquinas, matar meus irmãos.
Eu quero o voo das aves,
o banho de mar.
só quero a certeza de que a natureza vencerá.
Não quero este campo de tantas bandeiras
só quero meu canto de sobreviver.
Não quero essa glória de herói, nem medalhas,
não sou coisa, nem máquina, eu só quero ser.*

I

Na primeira hora da tarde do dia 23 de maio, uma terça-feira, Anjos Couto voltou a entrar no carro oficial do serviço de trânsito, um fusca amarelo tendo um soldado como seu motorista, e retomou o dia-a-dia de sua vida profissional, fazendo demorada ronda pelos bairros da zona sul da capital. Não era uma atividade que contivesse lances curiosos, peripécias atraentes ou que apresentasse grandes novidades a merecer relatório especial no final do serviço. Vez ou outra chegava a ser monótona em seu roteiro, enjoativa até, por força da mesmice das obrigações que o tenente Anjos Couto deveria cumprir, da mesma forma que fizera no serviço anterior e, certamente, do mesmo modo que estará fazendo na ronda do dia seguinte ainda que em novo percurso.

Enquanto percorria sem pressa seu itinerário, detinha fixada atenção em tudo, como se devesse memorizar a ordem com que as coisas lhe apareciam e desfilavam à sua frente. Observava as pessoas que a seu ver eram sempre iguais em um caminhar inseguro, olhando para o chão, embora nem sempre fossem as mesmas. Perguntava-se por que, na maioria, as pessoas andavam de cabeça baixa como se não devessem ser notadas e a ele parecia que evitavam olhar para um carro de polícia como se esse representasse uma ameaça. Talvez receassem que uma repentina e injustificada repressão pudesse advir a qualquer momento e através de qualquer agente da lei, seja ele um simples soldado de trânsito ou um mero guarda de esquina. Era como se nesse tempo a própria vida fosse perigosa e reclamasse cuidado no viver, sem saber quando e de que lado poderia vir o perigo. De lembrar-se

que no início desse ano, em 24 de janeiro, havia sido aprovada no Congresso a encomendada Constituição de 1967, que legalizara e institucionalizara o regime militar de 1964, concentrando no executivo a maior parte do poder de decisão e dando a esse o exclusivo poder de legislar em matéria de segurança e orçamento. Que houvera a ampliação da justiça militar e em 15 de março havia se dado a publicação do Decreto-Lei 314 (LSN) pelo qual foram fixadas penas para os chamados crimes contra a segurança nacional e a ordem política e social. Embora aparentasse existir entre os cidadãos de bem uma suposta paz e tranquilidade que lhes permitiam continuar vivendo com naturalidade, podendo andar de cabeça erguida sem medo de um tropeço, entre eles ainda perdurava aquela incerteza incomodante que os acompanhava e os intranquilizava desde os primórdios da revolução de 1º de abril.

Afora suas obrigações normais de fiscalização das questões relativas ao trânsito e de fazer contatos com os policiais de serviço em seus respectivos postos, durante a ronda Anjos Couto corria os olhos pelas ruas descoloridas e sem graça que conduziam a destinos por elas não indicados. Atentava para as casas geminadas junto às calçadas com seus férreos portões basculantes a indicar o receio de seus moradores quanto à possibilidade de virem a ser invadidas por meliantes. Observava o interior das pequenas e pouco frequentadas casas comerciais que deviam enfasiar seus donos por se verem obrigados a ficar o dia todo numa prolongada e silenciosa espera pela chegada de algum freguês. Contemplava as bancas que exibiam dependuradas de seu lado de fora as primeiras páginas de jornais diários alardeando notícias e atraindo alguns passantes que interrompiam a caminhada para engolir suas manchetes de maneira apressada. Apreciava

um ou outro prédio de esquina que ensaiava uma imponência que não detinha, mas que decerto deveria servir como ponto de referência para um endereço procurado, e não deixava de atentar para as avenidas e ruas maiores com semáforos em seus cruzamentos, com faixas de pedestres nem sempre utilizadas pelos indisciplinados transeuntes que as atravessavam. De quando em vez, uma ou outra esporádica ocorrência de trânsito – pequenas batidas de carros – reclamava sua intervenção ou exigia dele um registro policial. De outras vezes problemas de sinalização em grandes cruzamentos o levavam a estacionar seu carro oficial e a fazer uso do rádio para acionar reforço ou pedir socorro pontual. Quanto mais intervinha aqui e ali, atendendo às solicitações do público ou fiscalizando o que julgava ser algo suspeito, como por exemplo um carro mal estacionado com mais de um elemento em seu interior ou outro supostamente abandonado porque visto em ronda anterior no mesmo lugar, mais útil sentia-se na execução de seu serviço, apesar de que para ele a ronda não passasse de um rotineiro passeio de carro.

Estivera afastado do serviço por longos onze dias, embora a ele parecesse que esse tempo tinha sido bem menor porque não vivia nenhuma vontade de retornar tão cedo ao quartel. Mas a partir de sua volta havia uma situação bem diferente. Agora ele era um homem casado e tinha Irene à sua espera, sabedora da hora certa de sua volta à casa. Ao final da jornada ou ao término de seu expediente, Anjos Couto não mais se via à frente de um vazio sufocante que reclamava suas andanças solitárias em busca de preenchimento. Agora ele tinha um lugar para onde deveria voltar e sabia que lá havia alguém esperando por ele. Consultava as horas repetidas vezes ansiando que o tempo de serviço passasse logo, para retornar à casa e poder enroscar-se nos braços de

Irene, esquecer de tudo o que vira e ouvira durante seu turno de serviço e, sem nenhuma formalidade, deixar-se existir por inteiro nos poucos metros quadrados de seu minúsculo apartamento sem se preocupar com o que poderia estar acontecendo com o mundo lá fora.

Anjos Couto encontrou Irene a lhe dar boas vindas com seu sorriso, feliz como se o reencontro fosse após meses de ausência e quando despiu seu fardamento ele o fez como se dele quisesse se desfazer o mais rápido possível para transformar-se num outro alguém: em sua pessoa real. Como se tivesse deixado a última cena e devesse, de forma atabalhoada, retirar a maquiagem porque não mais teria que voltar ao palco. Era exatamente isso o que acontecia. Anjos Couto reencontrava-se consigo mesmo, deixando de ser o tenente que era para retomar o papel que mais o estimulava na vida: ser o Tuta ao lado de Irene, livre em seu pequenino mundo, na companhia de quem lhe bastava. Antes de sua chegada, Irene ficava sozinha em seu pequenino apartamento e a todo minuto ia e vinha da minúscula lavanderia de onde podia observar a rua pela qual ele deveria passar, ansiosa na espera pelo seu retorno. Agora entusiasmava-se com sua chegada e estava feliz como uma criança que recebe um inesperado presente. Depois de onze dias juntos, a saudade que sentia derivava de apenas poucas horas de separação, mas era como se proviesse de um longo tempo, a ponto de levá-la à angústia de uma espera. Nada ou ninguém mais poderá separá-los nem por um dia sequer. Eram um só e tudo do que precisavam era estarem juntos naquele apartamento que tinha só uma porta de entrada e que os fazia lembrar de sua *casinha de uma porta só*. Estavam num mundo que sempre imaginaram, da forma como queriam e tinham todos os motivos para se amarem perdidamente.

– Eu não vou deixar você sair mais daqui – sentenciou Irene sorrindo.

– Tá bom. Eu não vou sair mais. Vou ficar aqui com você – concordou Anjos Couto enquanto a ela se enlaçava.

O casamento impôs a Anjos Couto a desistência do curso na EAD como uma decorrência natural e já esperada, pois a continuidade de sua frequência implicaria em ausentar-se de casa e deixar Irene sozinha no apartamento por dois períodos do dia, ou seja, durante toda a tarde emendada com mais uma boa parte da noite. Principalmente nos primeiros tempos de casamento isso era coisa impensável, não exatamente pelo curso em si, que então já tinha sido aceito por Irene, mas pelo fato de que ela não iria gostar nem um pouco de ser deixada sozinha por tão longo tempo. Bem provável que o mesmo ocorresse se o curso noturno a frequentar fosse o da faculdade de Direito. Por mais que houvesse entre eles uma afinidade maior e o amor fosse intenso, Irene não conhecia a capital e temia aventurar-se ainda que em pequenas saídas solitárias. O tempo de espera pela chegada de Anjos Couto quando muito era preenchido por arrumações menores de seu pequeno apartamento, a preparação do jantar para quando ele chegasse ou a silenciosa leitura de um bom livro que a levava a viajar sem sair dali. Era uma espera monótona sem chegar a ser enfastiante. Irene sabia a hora exata em que Anjos Couto deveria chegar e confortava-se com a certeza de que logo estariam novamente juntos.

II

No segundo semestre desse ano Anjos Couto buscou inscrever-se para frequentar cursos patrocinados pela Corporação, desde que pudessem atender pelo menos em parte a seu interesse. Matriculou-se num curso rápido de *Ambientação à Plataforma*, patrocinado pela Corporação e ministrado por professores franceses, tendo a oportunidade de aprender novas técnicas de oratória, postura em tablado e de adquirir conhecimentos sobre o manejo de câmeras e de mesa de controle de televisão. Já no final do ano inscreveu-se para os vestibulares do curso de instrutor na Escola de Educação Física da Força Pública (EEF) – a mais antiga do Brasil – porém nesse caso seu propósito era outro, bem diferente. O que visava não era sua aprovação, tampouco havia interesse maior de frequentar esse curso, mesmo porque não tinha nenhuma afinidade com práticas desportivas nem lhe atraía seu currículo.

O que motivava sua inscrição era provocar sua reprovação nos exames médicos, sabidamente muito mais rigorosos do que aqueles aos quais se submetera para o ingresso na Escola de Oficiais. Acreditava que, ao ser submetido a esses novos exames, certamente iria ser detectado ser ele portador da doença de Chagas e esse diagnóstico não só impediria seu ingresso no curso como também, e em decorrência, serviria de fundamento irresponsável num futuro pedido de aposentaria antecipada com a patente que detinha, conforme lei que à época versava sobre incapacitação física definitiva de integrante de forças militares. Era uma atitude premeditada, com objetivo definido, uma estratégia e tanto, porque

uma vez tendo alcançado estabilidade no serviço público, ele não mais poderia ser sumariamente excluído das fileiras da Força Pública e, se reprovado por questão de saúde, poderia ter sua aposentadoria antecipada levando consigo a patente adquirida e os vencimentos integrais de um tenente. Estava confiante de que isso viria a ocorrer, que seria reprovado nos exames vestibulares, vez que tendo ele uma doença que lhe afetava o coração não poderia ser submetido ao esforço dos pesados trabalhos físicos que lhe seriam impostos ao longo do curso.

Mas uma outra vez nada se deu como por ele esperado. Findos os exames médicos, laboratoriais, de capacitação física e escritos, lá estava ele como um candidato aprovado e prestes a iniciar um curso que teria a duração de ano e meio sob intensa atividade física. Restava-lhe reavaliar as circunstâncias do momento. Abdicar do curso e prosseguir com as rondas de trânsito no período da tarde ou matricular-se nele e estar em sala de aula por todo o período da manhã. Optou pela segunda hipótese e dela não viria a se arrepender. Afinal, descobriria ali algumas matérias que ganharam seu interesse, como *História da Educação Física*, *Ginástica de Solo* e *Recreação*.

Pouco tempo depois da conclusão desse curso e de ter seu diploma de professor de Educação Física reconhecido e validado pelo MEC, veio a ser escolhido pelo comando da EEF para nela servir especificamente como professor das matérias de *História da Educação Física* e de *Estrutura do Ensino de 1º e 2º graus*. O ambiente na Escola passou a ser-lhe agradável em parte de seu contexto, o que o estimulou a iniciar um profundo estudo sobre a Educação Física ao longo dos tempos para reescrever a apostila de *História*, nela existente então de uma forma simplória e incompleta. Reencontrou-se consigo mesmo num longo e demorado estudo sobre a Educação,

visitando as sociedades primitivas da Índia e da China, demorando-se na viagem pelos homéricos tempos da antiguidade grega, a educação dos efebos, a histórica cidade de Élis e a sagrada cidade de Olímpia, delimitada pelos rios Alfeo e Cladeo, onde, segundo Baudelaire, “tudo é ordem, beleza, luz e voluptuosidade” e que jamais chegou a ser violentada por legiões armadas nos choques intestinos da Grécia. Discorreu sobre os espondróforos, os arautos da paz que percorriam a pé todo o território grego anunciando o início da trégua sagrada que se impunha um mês antes da abertura dos imortais jogos olímpicos da antiguidade e que suspendiam todas as batalhas a serem iniciadas ou já em curso, além de proibir o porte de armas em toda a Grécia enquanto perdurassem os jogos. Decifrou os significados desportivo, político e religioso de cada uma de suas provas, a corrida de estádio, o pancrácio, o pentatlo, o pugilato, os saltos e a corrida de bigas. Buscou reconstruir Olímpia com seus deuses, seus templos sagrados e as estátuas de seus triastas, a coroa de louros entregue aos vencedores dos jogos, o senado olímpico, a nudez dos atletas e as imutáveis regras dos jogos que perduraram por mais de treze séculos sem sofrerem nenhuma alteração. Mergulhou depois na história da Roma antiga, suas termas, seus jogos e seus gladiadores. Seguiu para encontrar-se com os cavaleiros medievais em seus torneios e justas, antes mais como divertimentos senhoriais do que práticas desportivas, espetáculos circenses onde a pompa e a luxúria mais valiam que a arte de bem cavalgar ou a aspiração de uma vitória sobre si mesmo. A educação dos escudeiros, seguindo até alcançar os primeiros tratados de educação física com a formalização de seus primeiros métodos.

Foi uma longa viagem no tempo pelos caminhos da Educação, resultando numa volumosa apostila que, uma vez pronta, quase veio a ser destruída pelo próprio autor em

face do que a ele se pretendeu impor. Da parte do comando da EEF suspeitou-se de que a farta bibliografia utilizada para sua composição teria incluído autores e educadores de esquerda e que a adoção dessa apostila pela EEF dependeria de ser ela submetida a uma prévia censura a ser feita pelo Quartel General. Anjos Couto revoltou-se e não se sujeitou a isso, preferindo destruir os originais a submetê-los ao crivo de quem sabidamente não detinha conhecimentos históricos melhores do que os dele. Criou-se um impasse na Escola mas, felizmente, acabou por ser reconhecida a possibilidade de adoção dessa apostila, sem prévia censura, e com a continuada docência de Anjos Couto nessa disciplina.

O tempo em que Anjos Couto permaneceu como membro efetivo do corpo docente da EEF lentamente passou a ser-lhe apazível. Sentia-se bem em sala de aula e com o registro de seu diploma junto ao MEC ingressou como professor no ensino público, o que veio a lhe assegurar uma significativa melhora em seu orçamento familiar. Algo positivo e indispensável, porque recentemente havia adquirido sua casa própria com financiamento público, porém negativo à medida que passou a trabalhar pela manhã na EEF e nos dois períodos subsequentes lecionando em escolas públicas do Estado, o que pelos anos seguintes o impediria de tentar seu ingresso numa faculdade de Direito, já que não mais podia abdicar da existência de uma complementação a seu orçamento.

Irene ingressara como professora em uma escola primária, obtendo mais um aporte salarial que veio ao dele se somar. Algum tempo depois, ela obteria um cargo gerencial com significativa remuneração numa grande empresa multinacional e nos anos seguintes a vida do casal escorreria sem maiores dificuldades.

III

Anote-se que a permanência em sala do então tenente Anjos Couto, ministrando quatro aulas pela manhã no quartel em que servia e à tarde e à noite no pátio das escolas públicas nas quais era um professor de educação física – temporariamente contratado – cumprindo sobrejornada de mais oito aulas diárias, significava que ele tinha de ouvir semanalmente cento e trinta e oito sinais sonoros de início e de término de aulas e que para seus vários deslocamentos era forçado a tomar dez ônibus urbanos por dia. Deixava sua casa por volta das seis horas da manhã e a ela só retornava quando já era passada a meia noite. Sua juventude era a única que podia explicar ter ele resistência física para torná-lo capaz de suportar tão severo regime ao longo dos próximos dois anos.

Deixando a EEF, foi transferido para outro quartel-escola, no qual funcionavam cursos de formação e de aperfeiçoamento de sargentos, de adaptação dos oriundos da extinta Guarda Civil de São Paulo que a partir de abril de 1970 foi integrada à Força Pública, formando a atual Polícia Militar do Estado, e onde também funcionou o primeiro curso de formação de soldados policiais femininos. Anjos Couto passou a ser o encarregado de ministrar para aqueles primeiros cursos as aulas de *Guerra Contra-Revolucionária* e para esse último, as aulas de *Serviço Social*, sabendo-se que, nesse caso em particular, teve que fazê-lo independentemente de ser consultado se tinha ou não interesse ou habilitação para tanto. Frente à missão que lhe foi compulsoriamente imposta, apressou-se em adquirir o livro *História do Serviço Social*, de Balbina Ottoni Vieira e era com esse que ele se preparava para essas aulas.

De outra parte, embora tenha trazido de seu curso na Escola de Oficiais algumas noções básicas sobre *Guerra Contra-Revolucionária*, cuidava de se preparar melhor para bem entender como eram as doutrinas marxista e maoísta, o comunismo como um todo, a doutrina ideológica dos países socialistas, bem como as táticas que esquerdistas usavam para desencadear ações de guerrilha rural e urbana que vinham sendo disseminadas na América Latina e difundidas principalmente por Cuba. Precisava entendê-las bem e melhor para adequar seus ensinamentos em sentido contrário. Para tanto, lia Karl Marx e Fredrich Engels, detendo consigo até mesmo as anotações do guerrilheiro “Che” Guevara que vieram a lhe cair às mãos, tanto quanto algumas publicações de Régis Debray, um jornalista e escritor francês marxista que se tornara amigo de Fidel Castro e que narrou, nos anos 1960, as aventuras revolucionárias de “Che” Guevara, nas entranhas da Bolívia. Contudo, esses seus livros deveriam ser mantidos cuidadosamente ocultos no alojamento, porque muito embora por ele fossem considerados e tidos como simples material didático, portanto estivesse justificada a necessidade de sua leitura para esse fim, estar de posse deles poderia representar possuir perigoso material subversivo que o comprometeria se viesse a ser com ele descoberto, a despeito de ser ele um militar, pois tanto nas hostes da então Força Pública quanto nas das forças armadas identificavam-se muitos esquerdistas revolucionários. A repressão também voltou-se contra os militares. O capitão Carlos Lamarca, desertor das fileiras do exército, foi o mais expressivo deles quando se transformou num guerrilheiro e tornou-se um dos líderes da luta armada contra a ditadura militar.

Anjos Couto jamais entendeu ou aceitou a brutal contradição que havia entre o que ele tinha que ensinar a seus

alunos em sala de aula, sobre a identificação das ideias comunistas e sobre as táticas e a forma de atuação das guerrilhas urbana e rural, e o extremado cuidado que deveria ter por guardar consigo literatura que versava sobre tais assuntos como meios necessários para reconhecê-las. Tacitamente era sabido ser proibido ler livros que poderiam ser considerados de esquerda ou subversivos e, por conseguinte, tornava-se expressamente proibido guardar consigo qualquer literatura que tratasse de guerra revolucionária. Essa enorme contradição só era explicável porque à época o país vivia o auge da repressão governamental e a população estava sob o implacável jugo do AI-5. Tudo deveria ficar limitado aos monótonos manuais editados pela Biblioteca do Exército.

Por obrigação profissional e seriedade docente, Anjos Couto tinha que saber ou estar bem informado sobre o que dizia respeito à disciplina que ministrava a seus alunos, mas ao mesmo tempo tinha que manter às ocultas suas fontes de consulta. Consciente de que estava correndo risco, Anjos Couto apoiava-se na convicção íntima de que não estava sendo infiel à sua corporação, nem estaria se omitindo perante suas responsabilidades, mas deveria tomar cuidado não só com o que poderia ser encontrado com ele, como também, e sobretudo, com o que livremente poderiam pensar sobre o que ele estaria pensando. Esse era o risco maior. Muitos viriam a ser catalogados como subversivos, terroristas ou inimigos do governo não pelo que realmente eram ou pelo que faziam, mas pelo que agentes ou autoridades do governo militar pensavam que eles estivessem pensando. Um *grande-irmão* estava à solta, permanecia em cada esquina e por todos os cantos numa espreita silenciosa enquanto o *dedo-durismo* começava a entrar em voga. Professores universitários, notadamente da área de Humanas, viam-se caçados e cassados quando não

apenas ameaçados de serem denunciados porque estariam tendo pensamentos comunistas, tentando fazer parte de grupos ativistas de esquerda ou pregando a seus alunos ideias consideradas como sendo subversivas. Eram presos ou simplesmente destituídos de suas cátedras. Juizes e até ministros de tribunais viriam a ser compulsoriamente aposentados. Até militares de altas patentes também viriam a ser presos e torturados. O que dizer sobre os pequenos burgueses indefesos e sem nenhum amparo?

A OBAN, terrível Operação Bandeirantes, começava a engatinhar e a ganhar corpo com a convocação de integrantes da PM, delegados e escrivães da Polícia Civil. Representava a polícia política e para ela eram encaminhados todos os presos tidos como suspeitos de atividades subversivas ou considerados como terroristas. Anjos Couto e um seu colega de turma, ainda tenentes, chegaram a ser consultados por um superior se lhes interessaria servirem na OBAN. Anjos Couto descartou de plano essa possibilidade porque sabia de que tipo de organização se tratava. Seu colega aquiesceu e bem logo seguiu para a base dessa Operação, que ficava na Rua Tutoia, próxima ao Quartel General do II Exército, nela permanecendo por vários anos. A violência do terrorismo assombrava a todos e a resposta do sistema não era menos bestial. Sem demora, policiais civis e militares, com apoio financeiro de alguns empresários, formaram grupo de extermínio de suspeitos de pertencerem a organizações da extrema esquerda e que seriam os responsáveis por atentados a bombas, assassinatos seletivos e inúmeros assaltos a bancos, numa luta armada que visava à derrubada do regime e a implantação de uma ditadura do proletariado no Brasil.

Os chamados “esquadrões da morte” proliferaram em diversos Estados.

V

Nunca tendo abdicado do sonho de ingressar na universidade, Anjos Couto inscreveu-se e prestou o vestibular na FUVEST quando já eram passados mais de dez anos desde o término de seu Curso Normal e desde que deixara Cruz das Almas. Então como capitão, conseguiu ser aprovado em primeira chamada para a tão sonhada Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, da USP, vendo iniciar-se a partir daí uma nova e diferente etapa em sua vida. Ao ingressar como aluno no majestoso prédio do largo de São Francisco veio-lhe à mente toda uma mais que centenária história que ali repousava e ainda pulsa. Deslumbrou-se com os maravilhosos vitrais em suas escadarias, com o imponente mobiliário de suas salas e de seus salões, com os magníficos quadros de óleo sobre tela retratando seus inesquecíveis professores, e imaginou quantos grandes personagens da política, da literatura, da poesia e das ciências jurídicas passaram por ali, talvez tomados pela mesma emoção que então o dominava. Sentiu que ainda havia nos ares de seus corredores e em seu pátio interno uma fervilhante vida que era um convite aberto para a busca do saber.

Deixou-se soltar num passeio íntimo pelos seus cantos como se neles ainda pudesse ouvir poemas de Álvares de Azevedo, de Castro Alves e de Fagundes Varella, românticos imortalizados em placas de mármore que encimam o portal de entrada da Faculdade. Lembrou-se de que foi a partir dessas arcadas que eclodiram grandes movimentos políticos da história do Brasil, com Joaquim Nabuco, Pimenta Bueno e Perdígão Malheiro quando do abolicionismo e com

Prudente de Moraes, Campos Salles e Bernardino de Campos quando do movimento republicano. Foi dessa Faculdade que emergiram nove Presidentes da República, vários governadores, prefeitos e outras expoentes figuras políticas da história nacional. E agora, como sempre sonhara, Anjos Couto estava chegando ali, na respeitável Academia do Largo de São Francisco, abraçando uma enorme vontade de estudar.

Já em seu primeiro ano apercebeu-se de que tinha sido insipiente o estudo de Direito que antes tivera na Escola de Oficiais. Entusiasmou-se tanto que passou a visualizar uma nova saída através dos caminhos que antes lhe foram sugeridos por seu último comandante da Escola, aquele que lhe dissera que muitos oficiais da Polícia Militar prestavam concursos para juiz de direito ou promotor público. Essa, desde logo, passou a ser sua nova meta e para tanto iria esmerar-se nos estudos para formar-se com louvor, prestar um concurso e deixar a vida militar. Esse seu entusiasmo fez com que nos dois primeiros anos ele se houvesse de forma brilhante.

Porém, uma outra vez nem tudo iria transcorrer como por ele pretendido. Sua frequência e dedicação ao curso vieram a ser truncadas por força de sua transferência para a Casa Militar de um novo governo. Lembrou-se de que no primeiro mês do ano de 1975, quando ainda era tenente e prestava seus serviços na Escola de Educação Física, foi ele pessoalmente convidado para compor uma equipe de segurança do então novo governador nomeado pelo Planalto, tendo se esquivado de aceitar aquele convite sob o argumento de que não conhecia o então nomeado governador e que não havia votado nele. Agora era ele novamente convidado a ser um dos oficiais Ajudantes-de-Ordens de um novo governador que, a exemplo de seu antecessor, também não havia sido eleito pelo voto direto e também para ele era

um desconhecido. Porém, as vantagens financeiras que sabidamente decorreriam da assunção dessa nova função eram um aceno quase que irresistível ao jovem capitão, considerado também o fato de que ele havia deixado de lecionar no ensino público estadual e que seu orçamento estava limitado ao soldo mensal que percebia.

Dessa feita, foi estimulado a aceitar sua transferência sem imaginar, de antemão, que tal aceite iria desviá-lo de seu sonho principal, prejudicando em muito a excelência de seu pretendido curso de Direito. Contínuas e demoradas viagens, inclusive internacionais, plantões sucessivos e outras missões que o afastavam da capital tornaram-se fatores de impedimento à sua regular frequência na faculdade. Enfim, estava fazendo o curso que sempre quis, na faculdade que sonhara, mas estava forçado a fazê-lo de uma forma como jamais desejou. A partir do terceiro ano, viu-se transformado num “aluno turista”, com baixa frequência às aulas e seguidas ausências em dias de provas, o que o levava a ficar em dependência em várias disciplinas, acabando por forçá-lo a requerer o trancamento de sua matrícula para não perder de todo seu curso.

Tempos difíceis vieram a impor-lhe uma submissão pessoal e direta (*por vezes extremamente desagradável*) às ordens de um arrogante e tirânico Governador do Estado, cuja suportaçãõ somente se explicava pela necessidade que Anjos Couto tinha de preservar a vantagem financeira que derivava de sua permanência nas funções que passara a exercer. De início e pela primeira vez, sentiu-se como se um empregado fosse, sem instância superior à qual pudesse recorrer ou apresentar seus reclamos. Era um executor ou um mero agente transmissor das ordens governamentais, sem direito a ter opinião própria ou a emitir parecer sobre coisas as mais mezinhas, como se não lhe fosse permitido pensar ou

estivesse ele proibido de saber. A cada serviço que cumpria ao lado do governador aumentava em muito a necessidade de demonstrar que ele não era um simples boneco de ventríloquo e sim alguém que era capaz de falar muito mais do que o costumeiro e obrigatório *sim senhor*. Algum tempo depois, quando esse governador lançou-se em campanha política e o levou consigo, Anjos Couto assumiu, por livre iniciativa e sem nenhuma contestação, o comando de comícios em praças públicas, percorrendo centenas e centenas de municípios do interior do Estado, numa oportunidade em que pode demonstrar a seu chefe que ele era capaz de pensar e de falar muito bem tendo um microfone na mão.

Ganhou um respeito, embora silencioso, e um reconhecimento, embora não expressamente manifestado. A partir de então, por vezes era chamado a opinar sobre o conteúdo de textos destinados à propaganda política, sendo permitida e acatada proposição de alterações corretivas para sua melhor adequação. Tudo, porém, sob um glacial distanciamento pessoal que o incomodava em muito. Posteriormente foi levado a acompanhar o então eleito deputado federal, transferindo-se para Brasília, vinculando-se ao Ministério da Justiça e alojando-se na confortável casa que pertencia à escritora Diná Silveira de Queirós, com seus vistosos móveis rústicos e suas paredes totalmente tomadas por estantes abarrotadas de livros. Entre esses viam-se muitos exemplares de seus grandes romances e contos, como *A Muralha*, *As noites do Morro do Encanto*, *Os Invasores* e *Verão dos Infêis*. Ali Anjos Couto permaneceria até a realização da última eleição indireta para presidente da república.

Seu curso de Direito havia sido prejudicado e só viria a ser concluído após seu retorno aos quartéis, então como major. Tudo do que precisava era da sobrevivência do Tuta.

Depois de cinco anos afastado das fileiras e de ter trabalhado sob um rigoroso e diferente regime, o estar de volta à vida castrense significou encontrar um mundo que já era seu conhecido, mas que por ele passava a ser visto de uma maneira muito diferente. Deu-se conta de que, nos quartéis, o cumprimento de obrigações dava-se num ritmo por demais lento, sobrava tempo para a execução de missões internas, em sua maioria de coisas simples, e a responsabilidade por atrasos costumeiros era pouco cobrada além de serem cabíveis deslavadas desculpas justificadoras. Lá fora, ele havia vivido num mundo onde tudo se dava de uma forma muito rápida e com mudanças repentinas.

Aprendera a cumprir prazos de minutos, não de dias ou de horas, jamais tendo a possibilidade de explicar-se sobre eventual impedimento ou atraso. Toda a pressão sobre ele exercida havia lhe ensinado que era capaz de executar missões no exíguo tempo que lhe era dado e que sua postergação seria um ato de esquiva ou a clara demonstração de incapacidade. Tudo tinha que ser cumprido num prazo que, embora fosse inicialmente considerado como sendo um absurdo, que jamais poderia ser observado por não ser possível executar a missão dada em tempo tão exíguo, esse era mais do que o bastante para a execução do que fora determinado. Quando o via cumprido até mesmo antes de findar aquele curto prazo, reconhecia que não só tudo era possível como, principalmente, que ele tivera a capacidade de cumpri-lo. Talvez essa tenha sido não a única, mas a maior lição que herdara daquele período.

De volta aos quartéis como oficial superior, suas exigências quanto ao cumprimento de ordens eram maiores e a concessão dos costumeiros pedidos de *prorrogação de prazo* dependia da verificação do que antes tinha sido feito no

transcurso do prazo normal, sendo que, no mais das vezes, verificava-se que pouco ou nada havia sido feito antes. Era o comportamento de costume, deixar para fazer depois o que poderia ser feito agora e isso não mais poderia ser aceito por Anjos Couto.

VI

Com seu regresso à ativa e tendo que prosseguir integrando as fileiras militares até completar o tempo de serviço para alcançar seu direito à passagem para a reserva, o que mais lhe importava era zelar pela sobrevivência de Tuta enquanto se mantinha como Anjos Couto. Vivia-se o período antecedente ao da promulgação da Constituição de 1988 e todas as atenções estavam voltadas para a Comissão Provisória de Estudos Constitucionais, a denominada Comissão Afonso Arinos, composta por um grupo de notáveis juristas e estudiosos das mais diversas áreas e sob a presidência de Afonso Arinos de Melo Franco. Foi um período altamente produtivo para Anjos Couto, embora pouco tempo depois tenha vindo a ser abertamente perseguido por questões políticas, sendo evocado o fato de ter servido a um governador que então caíra em desgraça. Não importava à Corporação reconhecer nenhum de seus méritos ou a validade de seus feitos passados. O fato de ter pertencido à Casa Militar de um governador e de tê-lo acompanhado até Brasília quando de sua fracassada campanha presidencial em eleição indireta, manchou seu currículo a despeito de ser mais do que sabido que ele simplesmente cumprira ordens.

Começou Anjos Couto então a sofrer um lento e progressivo processo de degradação. Os novos comandantes mediam com palmo sobre o mapa do Estado para localizar a mais distante das Unidades para onde ele deveria ser transferido e confinado. Sua promoção futura era postergada e seguidamente via-se ultrapassado por muitos que tinham suas classificações inferiores no Almanaque dos Oficiais. Só

lhe restava aguardar que seu tempo de serviço lhe permitisse uma imediata passagem para a reserva, o que só veio a se dar quando alcançados 29 anos e 3 meses de serviço e a esse tempo ter sido incorporado os 9 meses em que serviu ao exército no Tiro de Guerra da cidade de Cruz das Almas.

Finalmente, sem nenhum impedimento que dessa vez o obstasse, deixou as fileiras da Polícia Militar exatamente quando nela se viram completados trinta anos de serviços prestados, passando em seguida a dedicar-se à advocacia e vindo a se identificar completamente com essa nova profissão. Estava livre para ser o que sempre quis e Adamastor o acolhia de braços abertos. A grande cidade tornava-se seu novo quintal e neste, Tuta voltava a ser ele mesmo em toda sua inteireza.

Tuta sobreviveu até o final dos tempos de Anjos Couto. Ao deixar de ser militar, saiu com a convicção de que, apesar de tudo, vencera uma longa e penosa batalha. Estava ileso sem ter se deixado transformar, podendo se dar ao luxo de manter seu queixo erguido como se espiasse o mundo bem à sua frente para ser o primeiro a saber das coisas, a exemplo do que fazia seu inesquecível avô Izidoro Couto, o fundador do vilarejo Santo Antônio. Voltava-se para suas próprias origens, soltando-se num livre sobrevoos pelos campos do encantado sítio de Inhaúma; para novamente sentir a pureza reinante no aquietado patrimônio de Itaiporã; para sondar os mistérios possivelmente ainda existentes nas matas que beiram os rios Caimbé e Itaguaí; para revisitar os românticos cantos e recantos de sua Cruz das Almas; para reviver todos os sonhos que sempre tivera com sua Irene, a menina de sorriso feliz, e para poder estar mais de perto de seus filhos, que já aprendiam a domar sozinhos os sobressaltos da vida. O tempo lhe branqueara os cabelos, mas lhe preservara forças para que ele

continuasse a abrir seus próprios caminhos no reinício de um começo que jamais fora esquecido. Era o retorno a si mesmo. Vestia-se de um orgulho pessoal por tudo o que fizera e pela sua superação pessoal, reservada uma coragem mais do que bastante para enfrentar e vencer novas batalhas que poderão advir.

Não mais tendo que escrever cartas diárias a uma amada que era distante e que então passara a ser sua metade sempre presente, quem sabe um dia ele poderá dedicar parte de seu tempo para escrever sobre a longa jornada de sua vida? Iniciaria com a narrativa sobre seus avós, que numa manhã de quinta feira, 13 de maio de 1926, saíram de Santo Antônio num carro de boi para vencer, num andar sonolento, as seis léguas que o separavam de Cruz das Almas; prosseguiria contando sobre seus pais e a difícil constituição da família de Coutinho a partir de um paupérrimo ranchinho encravado numa desolada invernada, até alcançar a maravilha que ele conseguiu transformar em sua Inhaúma; continuaria escrevendo sobre ele mesmo, o Tuta menino e adolescente que em suas andanças solitárias descobria todo o encanto do mundo de Cruz das Almas, onde iniciou seu eterno romance com Irene, e finalizaria com a narrativa de sua não programada, porém vencida, trajetória militar.



Benedito Celso de Souza é paulista nascido em Santa Cruz do Rio Pardo, em 1943. Formou-se pela Universidade de São Paulo e exerce a advocacia há 25 anos. Antes integrou a Polícia Militar do Estado de São Paulo, dela se reformando em 1993 no posto de Coronel PM. Humanista e amante da literatura, desde cedo escreveu crônicas e poemas. Em 1986 publicou um ensaio sobre a Polícia Militar no campo do Direito Constitucional (*A Polícia Militar na Constituição*, Ed. Universitária de Direito). Publicou, pela Editora Pontocom, os dois primeiros volumes da trilogia que se encerra com **Adamastor: Inhaúma** (2015) e **Tuta** (2017).

No terceiro de sua trilogia de inspiração autobiográfica, Benedito Celso retoma o relato das experiências de Tuliano Anjos Couto, o Tuta, cuja infância e adolescência foram narradas nos volumes anteriores, **Inhaúma** e **Tuta**. Nesse volume final, o agora cadete Anjos Couto busca, não sem percalços, alcançar os sonhos surgidos ainda nos tempos do sítio em Inhaúma, e ampliados na adolescência em Cruz das Almas. Levado muitas vezes pelas circunstâncias a caminhos não imaginados, o narrador relata casos curiosos e experiências marcantes do período passado na Escola de Oficiais da Força Pública e dos primeiros anos como oficial a serviço do estado, vividos justamente quando as nuvens escuras do golpe e da ditadura militar de 1964 obscureceram os céus da cidade grande, chamada de **Adamastor** pelo cadete Anjos Couto.